

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Ricardo Correia Marcondes

SEDUZIDOS PELO PROGRESSO
IDEOLOGIA, COTIDIANO E PODER: A NITRO QUÍMICA EM SÃO MIGUEL
PAULISTA (1953 – 1957)

MESTRADO EM HISTÓRIA

SÃO PAULO

2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Ricardo Correia Marcondes

SEDUZIDOS PELO PROGRESSO
IDEOLOGIA, COTIDIANO E PODER: A NITRO QUÍMICA EM SÃO MIGUEL
PAULISTA (1953 – 1957)

MESTRADO EM HISTÓRIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História, sob a orientação da Prof^a Dr^a Yvone Dias Avelino.

SÃO PAULO

2009

COMISSÃO JULGADORA

Agradecimentos

Para muitas pessoas, este é simplesmente mais um de diversos outros trabalhos que são finalizados e entregues para a obtenção de um título, mas para mim, ele representa uma verdadeira conquista.

Gostaria primeiramente de agradecer à CAPES/PUC-SP a possibilidade de uma bolsa de estudos para a realização dessa pesquisa.

Aos meus professores Antônio Pedro Tota, Antônio Rago Filho, Estefânia K.C. Fraga, Fernando Torres Londoño, Vera Lúcia Vieira, Yara Aun Khoury e Maria Aparecida de Paula Rago pelas aulas, pelas informações e pela paciência em me ajudar nos momentos de dificuldades.

Agradeço muito ao amigo Nataniél Dal Moro, que considero um professor, que sempre me ajudou. Também à Betinha, pelas preciosas informações sobre o curso. Aos amigos Silvana, Danilo (revisor), Susy, Jussaramar, Joana D'Arc, entre outros.

Agradeço muito à Lilia (Maria Auxiliadora Dias Guzzo Decca), pela simplicidade e delicadeza ao ler o meu texto na disciplina de Pesquisa Histórica. Foi graças a essa ajuda que o terceiro capítulo conseguiu nascer.

E por fim, com muito carinho, à querida Profa. Dra. Yvone Dias Avelino, que aceitou ser a minha nova orientadora na metade do último semestre de curso, e em tão pouco tempo fez o milagre que eu tanto esperei, tanto com o trabalho, como também com a minha saúde. Graças a essa pessoa consegui descobrir o significado das palavras humildade e respeito. Muito obrigado por tudo professora, nunca esquecerei.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar os mecanismos ideológicos de dominação que foram criados e vivenciados cotidianamente através das relações de trabalho e de lazer entre o empregado e o empregador da fábrica Nitro Química Brasileira (1953-57) estendendo-se ao bairro de São Miguel Paulista.

No intuito de entendermos melhor esse percurso histórico, se fez necessário o aprofundamento nas relações políticas e econômicas dos diretores da empresa com os representantes do poder da época, como Getúlio Vargas; com a religiosidade, com a política assistencialista, com a construção do espírito harmonioso fabril, com a reprodução da educação moral e cívica, com os esportes praticados dentro do Clube de Regatas, enfim, estratégias que tentaram organizar uma construção ideal de “Família Nitrina”. Com as necessidades de muitos operários e moradores sendo saciadas pelo sonho do progresso e da civilização moderna à construção utópica de uma nova nação que representava o desenvolvimento burguês-industrial, a propaganda foi um dos instrumentos de poder à manutenção ideológica dos diretores da empresa através do Nitro Jornal e suas várias linguagens utilizadas.

O controle ideológico sofreu as consequências do próprio domínio com o passar dos anos e sua má preparação dos chefes e dos seus operários, do maquinário velho e ultrapassado, dos baixos salários, das explosões e dos vários acidentes, enfim, a realidade cotidiana começou a quebrar a fantasia de crescimento rápido pela exploração vivenciada, ocasionando assim uma luta de classes, tanto no sentido material como também no sentido cultural.

Palavras-Chave:

Ideologia; Poder; Cotidiano; Propaganda; Década de 50.

Abstract

This work has as objective to analyze the ideological mechanisms of domination that had been created and lived deeply daily through the relations of work and leisure between the employee and the employer of the Nitro Química Brasileira (1953-57) extending it to the quarter of São Miguel Paulista.

To understand this passage better historical, it made necessary the deepening in the relations politics and economics of the directors of the company with the representatives of the power of this time, as Getúlio Vargas; with the religiosity, with the welfare policy, the construction of the harmonious spirit manufacturer, with the reproduction of the moral and civic education, with the practiced sports inside of the Regattas's Club, at last, strategies that had tried to organize an ideal construction of "Nitrina Family". With the necessities of many laborers and inhabitants being satisfied by the dream of the progress and the modern civilization to the utopian construction of a new nation that represented the development bourgeois-industrial, the propaganda was one of the instruments of being able to the ideological maintenance of the directors of the company through the Nitro Periodical and its some used languages.

The ideological control suffered the consequences of the proper domain with passing of the years and its me the preparation of the heads and its laborers, of the old and exceeded machinery, the low wages, the explosions and some accidents, at last, the daily reality started to break the fancy of fast growth for the lived deeply exploration, thus causing a fight of classrooms, as much in the material direction as well as in the cultural direction.

Key-Words:

Ideology; Power; Daily; Propaganda; 50's Decade.

Aos meus pais:
Armando Marcondes dos Reis e
Rosineide Correia Marcondes

Muito obrigado por terem me ensinado a crescer

(...) Quando José Ermírio de Moraes, Eduardo Sabino de Oliveira e eu, tratávamos da escolha do local onde instalar a fábrica. São Miguel surgiu como um sonho do passado. A velha igreja evocava os tempos coloniais do Brasil, a luta contra índios. A vila tinha adormecido com o cansaço dos séculos que por ela passaram. Na planície que vai a Itaim, ainda se encontravam trincheiras que os jesuítas tinham construído para se defenderem dos índios. A paisagem era calma, envolvendo as poucas casas existentes e algumas chácaras de repouso. O sino quando bimbilhava tinha o som da saudade de tempos idos. São Miguel vivia na história do São Paulo antigo, divorciado do progresso do São Paulo novo! E os fundadores da Nitro Química sonharam, então, com a localização da fábrica em São Miguel, transformar essa vila em um centro cheio de vida e atividade, onde se trabalhasse pelo progresso do Brasil e onde uma população dinâmica, encontrando conforto e meios de subsistência, mostrasse que São Miguel não era só o passado, mas também uma célula viva do São Paulo de hoje. Êste sonho também se realizou e nenhum prazer eu sinto maior do que, quando atravesso as ruas em São Miguel, verificar as casas novas que se espalharam, o movimento contínuo, o ritmo de atividades, o trabalho da sua população que fizeram de S. Miguel uma grande oficina do progresso dos nossos dias.

Horácio Láfer

E' necessário que o país evolua para o capitalismo sadio e progressista em que todos possam participar de todas as atividades industriais, ainda que com parcelas pequenas, e assim chegarmos a perfeição (...).

Eduardo Sabino de Oliveira

“Há um quadro de Klee que se chama Ângelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da História deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso.”

Walter Benjamin

Sumário

Introdução.....	11
 Capítulo 1 – A ideologia vivenciada no cotidiano político	
1.1 – São Miguel Paulista a todo o vapor: a modernização e a industrialização.....	18
1.2 – A Nitro Química Brasileira e a relação com Vargas.....	31
1.3 – O progressivismo e o desenvolvimentismo na década de 50.....	51
 Capítulo 2 – A Liberdade Controlada: a educação, a moral e a fé caminhando com o progresso	
2.1 – A Ordem do Progresso: uma nova educação para outra realidade.....	70
2.2 – O Centro Cívico São Miguel Paulista na construção de um herói.....	80
2.3 – O padre e a vigilância moral da sociedade.....	90
2.4 – A Ideologia nos momentos de lazer: o Clube de Regatas Nitro Química.....	102
 Capítulo 3 – Experiências em novas Experiências: as consequências da exploração	
3.1 – A Modernidade e o Trabalho: as dificuldades do progresso.....	115
3.2 – Uma luta cultural entre a modernidade industrial e os “velhos” costumes dos trabalhadores.....	127
3.3 – Operários x Patrões: a luta social por melhores condições de vida.....	146
 Considerações Finais.....	 161
 Fontes.....	 164
 Bibliografia.....	 169
 Anexos.....	 175

Introdução

Basta caminhar pelas ruas do bairro de São Miguel Paulista para observarmos com sensibilidade a sua imensidão e, logo perceber que em tudo com o que nos deparamos ali possui História, e todos aqueles personagens reais que caminham cotidianamente, com um pouco menos de pressa, representam mais do que simples “velhos”, mas sim, foram os agentes da construção do percurso que fazemos.

O título deste trabalho, “*Seduzidos pelo Progresso. Ideologia, Cotidiano e Poder: A Nitro Química em São Miguel Paulista (1953-1957)*”, tem como **objetivo principal analisar os mecanismos ideológicos de dominação nas relações cotidianas de trabalho e de lazer criados pelos dirigentes da fábrica Nitro Química Brasileira para o controle de seus empregados e moradores do bairro de São Miguel Paulista.**

A chaminé da fábrica ainda continua estática diante dos vários anos que se passaram, mas as pessoas que viram a sua construção estão vivas e ativas para contar o que foi São Miguel Paulista e suas transformações, que compuseram esse presente não muito valorizado, muitas vezes esquecido, ou mesmo silenciado.

Ao conversar com esses “velhos”¹ é que confrontamos a mentalidade estática de uma parte da sociedade atual com os acontecimentos do passado, e que verificamos o quanto somos pequenos, após simplesmente ouvir todo esse passado sendo relatado pela memória destes agentes, fazendo-nos desta forma entender o chão que nós próprios pisamos. É aí que percebemos que a História está muito além de qualquer tipo de classe social ou hegemonia, justamente porque é através dela que podemos ter a nítida percepção de que todos nós somos seres humanos iguais, e que *todo povo tem História*² *justamente por ser o agente de sua própria construção no tempo e no espaço.*

As trajetórias de vida de muitos moradores se igualam em muitos pontos, como o motivo que fez com que saíssem da terra onde moravam para vir à cidade grande. As respostas muitas vezes foram as mesmas: *eu vim em busca do progresso.*

Pesquisar a cidade é encontrar-se numa encruzilhada com múltiplas possibilidades, onde o palco de representações se amplia na experiência humana. A cidade se apresenta ao historiador como uma rede de encontros, relações sociais e possibilidades de pesquisa, nas

¹ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, s.d. pp. 37-39.

² HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.185-192.

diversas temporalidades que a transformação do espaço físico e das mentalidades humanas propiciam.³

Por isso, enquanto as propagandas nas décadas de 30 a 60 mostravam a cidade idealizada na perspectiva de um sonho a ser conquistado, ocultando a verdadeira realidade que iriam enfrentar em um território sem nenhuma estrutura para acomodá-los e servi-los dignamente como trabalhadores, a idealização e o sonho de crescimento impulsionaram muitos corações migrantes a abraçarem esse progresso, mas não com aquele olhar capitalista do lucro como fim, do desenvolvimento industrial e do nacionalismo, mas, simplesmente, por uma oportunidade de emprego e de crescimento.

Era impossível fazer uma pesquisa fechada, voltada apenas para dentro dos muros da fábrica, pois a grande maioria da mão-de-obra operária que compunha o chão da produção morava na área periférica da região, que se urbanizou gradualmente, pelas várias ondas migratórias que chegavam para realizar o mesmo sonho, de ter o próprio cantinho de vida, mas na realidade, era ideologia como fantasia do real, em muitos casos.

Segundo Marilena Chaui, a *“ideologia é um ideário histórico, social e político que oculta a realidade para assegurar e manter a exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política”*.⁴

Desta maneira, o tempo se torna algo petrificado para a sociedade de sua própria existência temporal, de suas próprias vontades e de sua autonomia para a transformação da própria realidade. *“A Ideologia”, complementa a autora, “forma específica do imaginário social moderno, é a maneira necessária pela qual os agentes sociais representam para si mesmos o aparecer social, econômico e político, de tal sorte que essa aparência (que não devemos simplesmente tomar como sinônimo de ilusão ou falsidade), por ser o modo imediato e abstrato de manifestação do processo histórico, é o ocultamento ou a dissimulação do real.”*⁵

A exploração do trabalho fabril e as mortes que aconteciam freqüentemente em acidentes e explosões passaram a ser “sentidas” e propagadas como um ato de amor ao crescimento e ao desenvolvimento do bairro e do país. Ali, não existiam empregados, pois todos estavam unidos, como se fosse uma verdadeira *“família nitrina”*⁶, onde a relação

³ AVELINO, Yvone Dias. Uma Universidade Católica em São Paulo (1946-1984). In: *Polifonias da Cidade*. São Paulo: D’Escrever Editora, 2009. p. 292.

⁴ CHAUI, Marilena. O que é ideologia. São Paulo: Brasiliense, 2006. p. 07.

⁵ Idem. *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 15.

⁶ FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. Uma das empresas mais felizes do Brasil. In: *Trabalhadores e Cidadãos. Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50*. São Paulo: Annablume, 1997. pp. 47-52.

interna de trabalho compunha uma “classe universal”, mas voltada totalmente aos interesses do capital.

Para Thompson, a verdadeira classe surge como um fenômeno histórico que unifica as experiências, como algo que ocorre efetivamente nas relações humanas. A sociedade possui um movimento próprio em autofazer-se ao longo da história. A consciência de classe, segundo o autor, é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais.⁷

Mas a racionalidade capitalista se utiliza de todas as formas possíveis para peneirar a cultura social e a sua liberdade para aculturá-los por métodos educacionais e pedagógicos próprios do poder ao mercado, criando, assim, novos costumes e ritmos à reprodução cotidiana de vida e de trabalho perante a sociedade.

A cultura do proletariado está em constante conflito com o mundo imaginário, sustentado pela ideologia capitalista, levando-nos constantemente à percepção de uma verdadeira luta de classes, entre a hegemonia racional burguesa e a cultura do proletariado.

A educação tem como função transmitir a tradição e os costumes à sociedade, mas, segundo Thompson, ao analisar a sociedade industrial inglesa no século XVIII, o que poderia ser um campo para mudança e disputa, uma arena na qual interesses opostos apresentavam reivindicações conflitantes⁸, acabou sofrendo as conseqüências do domínio ideológico de seus governantes.

O poder ideológico se faz amigo, convidando o indivíduo à realização de algo grandioso, motivando-o aos caminhos dos desejos e dos sonhos a qualquer preço. O que vale simplesmente é a satisfação imediata de algo, sem pensar em suas conseqüências futuras.

A propaganda⁹ se faz globalmente no sistema capitalista, e a sua função é a de formar idéias e convicções, orientando todos a um comportamento ideal de ser humano e de sociedade organizada e homogênea.

⁷ THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. I. A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. pp. 09-14.

⁸ Idem. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. pp. 13-24.

⁹ Se a propaganda é realizada de uma classe social para outra que tem interesses diversos, a simples difusão da ideologia já não é suficiente para gerar adesão. Nesse caso, o grupo emissor, antes de difundir suas idéias, elabora-as para que se adaptem às condições dos receptores, criando a impressão de que atendem a seus interesses. Mas a verdade é que as idéias contêm apenas os objetivos do emissor, e a impressão contrária só é possível se, ao se reportar para a realidade, as mensagens ocultem ou deformem alguns de seus aspectos. Nesse caso, convencidos de que as propostas atendem às suas necessidades, os receptores não tem razão para discordar delas. A elaboração, dessa forma, esconde quais os interesses reais existentes por trás da ideologia, ao mesmo tempo em que oculta a realidade vivida pelos receptores, para que esses não possam formular outras idéias que melhor correspondam à sua posição. Neste caso, a propaganda não tem mais o caráter de conscientização, mas

O capital se torna frágil quando alguém consegue perceber como ele se constitui, e é constituído para manter-se como poder pela sociedade que a incorpora como uma necessidade. Assim, segundo Mészáros, a necessidade de um exame crítico dos estratagemas da ideologia dominante – em geral desenvolvidos nos produtos aparentemente impenetráveis de geradores de fumaça institucionalmente bem lubrificados – nunca foi tão grande quanto em nossos dias. As apostas estão se tornando cada vez mais altas, pois os antigos instrumentos para tratar algumas de nossas dificuldades – ainda que fossem limitados, mesmo no passado – estão ainda sistematicamente abalados e destruídos pela força inexorável do Estado, em nome do interesse na perpetuação do domínio do capital, com a ajuda da conformidade ideológica e política duramente imposta. Os sinais dessa tendência para a garantia de uniformidade exigida pela necessidade do capital de impor o Estado de ideologia única são muito perigosos. A desejada uniformidade deve ser imposta por todos os meios, até mesmo pelos potencialmente – e, dadas às novas guerras imperialistas, já não só potencialmente – mais violentos.¹⁰

Com isso, podemos perceber que a realidade fantasiosa em que vivemos se faz pela satisfação ilusória das necessidades através da mercadoria, ignorando por completo o valor do ser humano pelo próprio ser humano.¹¹

Este trabalho pretende analisar a relação ideológica no cotidiano de trabalho e de lazer entre os operários com os seus patrões da fábrica Nitro Química Brasileira, como também as relações entre esses patrões com a Igreja, com o comércio e o Estado, objetivando controlar suas necessidades administrativas de poder.

Essa relação corporativista do poder industrial, estruturada desde a política varguista até o nacional-desenvolvimentismo da década de 50, se manteve ativa e alerta para a manutenção objetiva da subjetividade da população trabalhadora, utilizando-se assim de festas, dos Clubes, das Missas Campais, do assistencialismo e da educação moral e cívica para *seduzir* o trabalhador ao prazer do mundo moderno e ao seu ritmo progressista.

O discurso empresarial e carismático dos diretores da fábrica juntos ao padre da região compôs uma “política solidária e pacífica de viver em conjunto e em plena harmonia com a sociedade”. Era esse o ideal propagado pelos meios ideológicos e educacionais desses poderes, a mostrar uma realidade nova e moderna pelo desenvolvimento industrial, pela forte

de mistificação, manipulação e engano. Ver em: GARCIA, Nelson Jahr. *O que é propaganda ideológica*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 30.

¹⁰ MÉSZÁROS, István. *O Poder da Ideologia*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. pp. 13-14.

¹¹ MARX, Karl. O fetichismo da mercadoria: seu segredo. In: *O Capital: crítica da economia política. Livro1. O processo de produção capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s.d. pp. 79-93.

urbanização e pela ampla característica nacionalista que se consolidava desde Getúlio Vargas até o presidente JK.

Como fonte principal para a análise desse discurso empresarial pesquisamos no Laboratório de Documentação (LabDoc), da Universidade Cruzeiro do Sul, a coleção completa dos informativos internos da fábrica Nitro Química Brasileira, denominados *Nitro Jornal*¹², que foram meios impressos e distribuídos gratuitamente aos funcionários internos, num total de 51 exemplares.

Através desses informativos nos foi possível analisar um pouco do que era a realidade do bairro de São Miguel Paulista, pois neles podemos perceber a fábrica constantemente tentando envolver o cidadão trabalhador/morador aos bons costumes cívicos, morais e pedagógicos voltados ao trabalho técnico industrial e civilizado. Essas fontes revelaram muito sobre os contatos políticos e administrativos que esses diretores possuíam na década de 50, tanto no sentido nacional como também internacional.

Essa fonte foi construída e publicada mensalmente pelos diretores da empresa, que também tinham como apoio o Padre Aleixo Monteiro Mafra e muitos comerciantes, que participavam e contribuíam com os eventos sociais assistencialistas que foram colocados em suas páginas. O Nitro Jornal não foi simplesmente um meio de contato entre o empregador e o empregado, mas foi como um verdadeiro reflexo dessa conjuntura social, religiosa, educacional, operária e produtiva industrial entre o ano de 1953 até o ano de 1957.

Esses jornais demonstraram após várias leituras e releituras o poder contido nas relações sociais envolvidas em diversos meios de comunicação e relacionamento, a fim de mostrar o seu poder através de várias linguagens, a informação que eles queriam que fosse a verdadeira, a definitiva e a universal a ser seguida por todos os trabalhadores da fábrica e suas famílias, que moravam no subúrbio, ao redor, composto com o passar dos anos com as várias migrações que aconteceram.

Uma outra fonte muito utilizada para a constituição desse trabalho foram as entrevistas oferecidas pelos moradores do bairro e alguns dos trabalhadores da fábrica, que vivenciaram esses anos de trabalho, dor e esperança, onde colocaram suas vidas em um mundo completamente diferente da que tinham quando moravam em áreas rurais, mas vieram para tentar sobreviver próximos a uma caldeira de produção química.

¹² Os dois primeiros números se chamaram apenas **Jornal**, mas a partir do nº 03 começaram a ser denominados por **Nitro Jornal**. Esse informativo foi um meio direto de comunicação, editado pelos diretores da fábrica aos seus funcionários, e trazia como assuntos a vida política e cotidiana da Nitro Química e do bairro de São Miguel Paulista.

Essas entrevistas foram coletadas também no LabDoc e foram feitas pelos alunos da mesma Universidade, do curso de História, relacionados principalmente à disciplina de História Oral. Justamente por serem muito boas, foram utilizadas nesta pesquisa.

Como complemento dessas entrevistas, acabamos realizando algumas outras também no bairro do Limoeiro, em São Miguel Paulista, para sentir de perto a força do passado em palavras e expressões.

Com essas fontes, podemos perceber a riqueza que existe na “arte de ouvir e aprender” com aqueles que, na maioria das vezes, são vistos pela sociedade como ignorantes, mas dentro de si carregam uma grande bagagem de experiências vivenciadas que, ao serem relatadas, fazem de nós seres diplomados em simples aprendizes daqueles que têm muito a ensinar, sendo alguns deles analfabetos.

Em muitos depoimentos podemos constatar a reprodução ideológica do passado ainda contida no presente cotidiano de muitos deles, o que caracteriza a cristalização da propaganda da época, contida em suas vidas até hoje, como a honra, o civismo, a moralidade, a fé e os bons costumes.

Também foram utilizadas como simples complementos ilustrativos algumas imagens e charges dos jornais, apenas com o objetivo de demonstrar as várias linguagens utilizadas para atingir o público leitor da fábrica. Muitos deles eram analfabetos, por isso a necessidade de formas diferentes para se passar a mesma mensagem.

Como complemento político e social da realidade citadina da década de 50, pesquisamos o jornal *O Estado de São Paulo*, para melhor complementar a realidade do momento. Esse jornal foi estudado no *Arquivo do Estado de São Paulo* e demonstrou uma grande similaridade em linguagem e postura com os jornais da fábrica Nitro Química Brasileira.

Após observarmos a realidade trazida pelas fontes e compará-las, alguns questionamentos foram se reduzindo, e a clareza assumiu as referentes questões feitas anteriormente. Com isso, muitas das problematizações parecem-nos ter sido resolvidas pela pesquisa.

No *Capítulo 1* analisaremos a base política e econômica da construção da fábrica Nitro Química e da chegada dos migrantes, mineiros e nordestinos, ao bairro de São Miguel Paulista, dos anos 30 até a década de 50. São observadas as táticas da sedução, a ponto de fazerem com que muitas pessoas procurassem o progresso na cidade grande e se decepcionassem depois, pois com isso viram e sentiram uma realidade oposta da que havia sido propagada, sonhada e acreditada.

A educação, a moral cívica, a fé e o lazer serão analisados no *capítulo 2*. Demonstramos que a preocupação dos representantes da fábrica em manter um conjunto social único e harmônico de funcionários e moradores estava além dos muros da indústria. Para isso, a ideologia devia se apresentar viva de diversas maneiras no cotidiano do bairro de São Miguel Paulista.

Por fim, no *Capítulo 3*, a luta cultural se fez em luta de classes por melhores salários e condições de vida operária. As participações do comunismo e do sindicalismo foram uma força para compor a imagem dos trabalhadores contra os dirigentes da fábrica, do Estado e da polícia. Dentro desta realidade não há culpas, e muito menos culpados. As razões se justificam pela exigência de um sistema que aparentava ser “uma grande oficina de progresso”. Por isso, esse capítulo mostrará simplesmente as suas conseqüências.

Capítulo 1

A ideologia vivenciada no cotidiano político

(...) desejamos ser o espelho da grande família nitrina, afim de patentear a todos o esplendor de suas realizações, tanto no terreno material quanto no âmbito do espírito e do coração.

José de Moraes Leme

Redator do Nitro Jornal

1.1 – São Miguel Paulista a todo o vapor: a modernização e a industrialização

O mundo no século XIX passou por transformações rápidas e rígidas perante as novas necessidades burguesas ao controle do capital. Por isso, a produção industrial fez criar uma nova ordem de trabalho voltada, logicamente, ao lucro do empresário.

Os países mais desenvolvidos estruturaram uma postura imperialista de comando dessa nova conjuntura, que forçou todos os outros países capitalistas, mas sub-desenvolvidos, a seguirem aos novos passos dessa ordem imposta, pois, na verdade, esses países coloniais nunca deixaram de ser controlados, devida à necessidade e dependência da mão-de-obra e da matéria-prima à construção da mercadoria e do mercado consumidor.¹

O Brasil foi só um dos diversos outros países ligado a esse jogo de produção e dominação. Essa posição imperialista ficou mais nítida a partir do final desse século, com a abolição da escravidão, com a chegada dos imigrantes, com o desenvolvimento tardio industrial e a construção de uma nova organização interna, a fim de seguir os novos passos da nova modernidade², ou seja, a ditadura republicana como uma forma de governo capaz de impor as ordens desse ao alcance do novo progresso.

Esse novo tipo de governo tinha por sua vez a finalidade de romper os quadros conservadores da Monarquia à imposição da industrialização e à busca da eletricidade, que tinha como um dos grandes objetivos a movimentação ferroviária para o escoamento da produção interna, neste período, principalmente o café.³

¹ HOBBSAWM, Eric J. A Revolução Centenária. In: *A Era dos Impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. pp. 29-56.

² SALLES, Iraci Galvão. A Política a Caminho da Civilização. In: *Trabalho, Progresso e a Sociedade Civilizada*. São Paulo: Hucitec, 1986. pp. 33-53.

³ PRADO JÚNIOR, Caio. Apogeu de um Sistema. In: *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1961. pp. 213-222

O poder hegemônico interno no nosso país era altamente dependente do poder externo para as suas realizações industriais e comerciais, interesses esses colocados sempre como “gerais da nação”, mas que na verdade, eram interesses altamente privados.⁴

Essa estrutura político-econômica nasceu principalmente da relação entre duas oligarquias no país, justamente os Estados que possuíam a maior parte da produção cafeeira: São Paulo e Minas Gerais, que controlaram o país até o ano de 1930.

Com a República “proclamada”, muitos imigrantes entraram no país como força de trabalho assalariada, não apenas em territórios imensos, onde prosperou a produção do café, como aconteceu no oeste paulista principalmente, mas, também em territórios próximos ao centro urbano e industrial de São Paulo, isso sem contar a periferia, onde predominava a existência do trabalho rural e das olarias, que pertenciam às famílias de portugueses e japoneses voltadas ao abastecimento desse centro, que estava em contínuo crescimento.

O centro, desta forma, começou a se desenvolver através das fábricas e de seus operários, que na sua maioria era de imigrantes e, também, dos filhos desses imigrantes. Por isso, São Paulo foi vista como uma “cidade estrangeira”.⁵ A expansão territorial e a variedade de construções e da população, entremeada de paulistanos, paulistas, brasileiros de vários territórios, fizeram surgir novos bairros no início do Século XX.⁶

Por isso, com o crescimento e o desenvolvimento da capital, as áreas suburbanas produziam a matéria-prima necessária para a construção das casas e das fábricas desse centro, daí a presença das olarias que escoavam a produção de tijolos através do rio Tietê, também por ser um meio mais barato de transporte.⁷

Um outro meio, os trilhos do trem, cortavam a cidade no sentido sudeste-noroeste, marcando de certa forma os vetores do seu crescimento. Nas partes baixas (mais para a Zona Leste), a cidade se expandiu dando origem a bairros industriais e operários (Brás, Belém, Belenzinho), abrigando precariamente uma massa de imigrantes, operários e despossuídos. Já nas zonas oeste e sul, buscando áreas mais altas, a elite foi ocupando bairros com infraestrutura, como Higienópolis, atingindo os altos da Avenida Paulista. A elite erguia palacetes,

⁴ FAUSTO, Boris. Expansão do Café e Política Cafeeira. In: *III. O Brasil Republicano. 1. Estrutura de Poder e Economia (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. pp. 193-248. Ver também: MARTINS, José de Souza. *O Poder do Atraso: ensaios de sociologia da história lenta*. São Paulo: HUCITEC, 1999.

⁵ DECCA, Maria Auxiliadora Dias Guzzo. *A Vida Fora das Fábricas: cotidiano operário em São Paulo – 1927-1934*. Campinas, SP: Unicamp. Dissertação de Mestrado, 1983. p. 03.

⁶ AVELINO, Yvone Dias. Uma Universidade Católica em São Paulo (1946-1984). In: *Polifonias da Cidade*. São Paulo: D’Escrever Editora, 2009. p. 295.

⁷ BOMTEMPI, Sylvio. *O Bairro de São Miguel Paulista*. São Paulo: Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, 1970. p. 156.

réplicas de construções européias; criavam-se novos loteamentos; os velhos casarões de taipas eram demolidos. Surgia uma nova cidade.⁸

Os bairros operários começaram a aparecer junto com a sua nova feição de urbanidade e modernidade, que surgiu de forma rápida devido ao desenvolvimento econômico cafeeiro e industrial da oligárquica na República Velha.⁹ Um exemplo desse crescimento industrial junto ao desenvolvimento do mercado cafeeiro se deu com as companhias de sacaria como a Companhia Santista de Tecelagem no litoral paulistano.¹⁰

O *Progresso* nacional estava ficando mais visível e estampado na bandeira nacional pelas mãos daqueles que a criaram pela *Ordem*¹¹, mas em 1929 a Crise da Bolsa de Nova Iorque conseguiu estabelecer uma desordem econômica mundial. O Brasil produzia, mas não tinha para quem vender, pois o mundo estava parado. Os empresários sofreram com a grande produção e a baixa venda, criando assim um verdadeiro caos interno.

Como consequência disso no cenário político do país, foi imposta em 1930 uma “revolução”, ou melhor, a ditadura de Getúlio Vargas. Esse acontecimento foi uma representação política moldada pelo discurso ideológico que se fez como um *fato histórico* reproduzido pela memória social e acadêmica, o que trouxe a sua legitimação silenciada e vivenciada pelo cotidiano.¹²

A política varguista tinha como um dos grandes objetivos a introdução de um novo tipo de industrialização voltada ao *progresso nacional*, por isso novos territórios foram loteados e novos trabalhadores foram sendo buscados em uma grande quantidade para atingir esse novo ritmo de trabalho e sua eficiência na produção.

São Paulo estava se modernizando com novas máquinas e técnicas objetivando a construção de uma estrutura mais específica para acompanhar o capitalismo mundial, mas perante a visão externa dos países mais desenvolvidos ainda éramos vistos como um país tardio e dependente, além de estarmos utilizando maquinários velhos e ultrapassados que eles já tinham usado.

Como o centro da cidade já possuía uma concentração de indústrias e operários muito grande, políticos e empresários se uniram para estudarem novas possibilidades de produção

⁸ MATOS, Maria Izilda S. de. A Cidade Que Mais Cresce no Mundo. In: São Paulo: uma nova história. São Paulo: CIEE, pp. 61-62.

⁹ DECCA, Maria Auxiliadora Dias Guzzo. *Op. Cit.* p. 04.

¹⁰ MATOS, Maria Izilda de. *Trama e Poder: a trajetória e a polêmica em torno das indústrias de sacaria para o café*. Brasília: SESI-DN, 1994. pp. 33-70.

¹¹ CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. pp. 35-54.

¹² DE DECCA, Edgar. *1930: o silêncio dos vencidos. Memória, história e revolução*. São Paulo: Brasiliense, 2004. pp. 15-28.

em territórios estratégicos mais distantes, e um desses locais foi a escolha do bairro de São Miguel Paulista, localizado na Zona Leste da Capital, que vivia em um ritmo lento de trabalho executado através da agricultura, mas também rápido por apresentar algumas olarias que ficavam próximas às margens do rio Tietê.

A simplicidade do cotidiano miguelense que estava voltado para a subsistência sofreu uma rápida transformação devido à influência política e econômica do centro paulistano, assim uma forte mudança começou a surgir no início da década de 30 após a “revolução” que mudou drasticamente o sentido da política nacional pela nova ditadura imposta¹³ e suas outras propostas voltadas a um maior crescimento e desenvolvimento industrial guiadas por Vargas.

Foi justamente sobre esse bairro que o presidente conversou com dois grandes empresários na época, José Ermírio de Moraes e Horácio Láfer, e em 1935 resolveram juntos (re)construir uma fábrica de produção química que foi chamada *Nitro Química Brasileira* e a construção de vilas operárias para se aproveitar tudo o que a paisagem geográfica suburbana pudesse oferecer ao raciocínio burguês objetivando o lucro.

José Ermírio de Moraes¹⁴ foi o Diretor Superintendente da fábrica Nitro Química. Estudou no Colorado School Of Mines nos Estados Unidos, o que lhe garantiu uma forte relação política e econômica com alguns empresários do país e graduando-se como engenheiro de Minas em 1921. Essa racionalização de mercado trouxe a sua participação na Votorantim e na primeira diretoria da CIESP em 1928¹⁵.

José Ermírio, por sua vez, possuiu um representante político na Câmara Federal, *Horácio Láfer*, que além de político representando São Paulo na década de 30, também foi empresário industrial e possuía uma indústria de celulose junto à sua família no Paraná conhecida por *Klabin, Irmãos e Cia*.

Láfer¹⁶, por sua vez, representou o pensamento das classes conservadoras de São Paulo com a “reformulação” da Constituição em 1934. O Deputado Federal fez presente às ambições industriais paulistanas através de seus discursos que priorizava a ordem prática, o

¹³ NASCIMENTO, Benedicto Heloiz. *A Ordem Nacionalista Brasileira*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2002. pp. 31-42.

¹⁴ RAGO, Maria Aparecida de Paula. *A Práxis Política de José Ermírio de Moraes: nacionalismo sem nacionalistas*. Campinas, SP: Unicamp. Tese de Doutorado. 2004. pp. 63-67.

¹⁵ A CIESP (Centro Industrial do Estado de São Paulo) foi criada em março de 1928 por expressivos representantes do setor industrial do país como, por exemplo, o Conde Matarazzo. Posteriormente, com a legislação sindical imposta por Vargas, através do decreto 19.770 de março de 1931, que regulava a relação entre trabalhadores e produtores, tem-se a criação da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo em 16 de maio de 1931. Em 1939, adotou-se a denominação CIESP-FIESP.

¹⁶ FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Trabalhadores e Cidadãos. Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50*. São Paulo: Annablume, 1997. p. 25.

equilíbrio do orçamento financeiro e a consciência “ética” da administração nacional. Com essa reputação política discursou perante a Câmara:

Gostamos, portanto, nesse decurso de tempo, aproximadamente e repartindo o total pelos anos assinalados, 20% anualmente mais do que arrecadamos. Nesse caminho precisaremos, cada 5 anos, dobrar a arrecadação sob pena de, em cada período igual, aumentarmos a nossa dívida interna em 60% mais ou menos. Ninguém deve pensar, porém, que êsse aumento seja possível, para um povo que, se está certo (...) já paga em impostos um oitavo da sua renda, mais do que o norte-americano, portanto. Resta, pois, a risonha perspectiva, continuando nos velhos erros de ver as nossas dívidas atingirem cifras assustadoras... E não é só: uma comparação, desde logo, se impõe. Enquanto o argentino deve, internamente, cêrca de 54% e, no exterior, 46%, o Brasil deve ao estrangeiro 67% e ao nacional 33%. Êste cálculo está baseado em elementos financeiros do ano de 1931, excluída a dívida consolidada. Ora, dever aos seus filhos é, para qualquer país, um encargo; deve ao credor estrangeiro, um grande perigo que se transforma, fàcilmente, numa possível ameaça. Cobrir deficits com empréstimos estrangeiros é acorrentar, cada vez mais, ao problema cambial um provável equilíbrio orçamentário.¹⁷

Com essa série de dívidas e grande dependência do mercado externo, o Brasil de Getúlio Vargas necessitava de empreendimentos financeiros e industriais para reagir contra esses empréstimos, por isso essa união entre o presidente e esses empresários, além de outros em outras regiões, se fizeram necessárias, também por José Ermírio ter participação e conhecimento dentro do mercado norte-americano.¹⁸

Com a Crise da Bolsa de Valores em 29, muitas fábricas faliram como, por exemplo, a Tubize Chatillon Corporation que ficava na Virgínia, e era uma das fabricantes do fio raio Chardonnet e outros produtos químicos nos Estados Unidos. A união dos poderes do Estado brasileiro com os seus empresários unindo-se aos norte-americanos fez com que essa fábrica falida viesse ao bairro de São Miguel Paulista aos pedaços, sendo construída entre os anos de 1935 a 1937.

A memória de alguns trabalhadores da época revelou a proximidade que tiveram com esse acontecimento por terem crescido junto com o desenvolvimento da empresa e do bairro, além de uma ligação direta com o empregador José Ermírio desde a sua fundação, isso concretizou um processo criado pelas relações políticas do período e a sua importância para o

¹⁷ SILVA, Hélio. 1934 – *A Constituinte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. pp. 198-199.

¹⁸ FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Op. Cit.* pp. 23-28.

trabalhador em ver-se desenvolver junto à fábrica e poder fazer parte do *progresso* do país daquele momento, como demonstrou Augusto Caldini:

A Nitro Química começou em 34... 33 ... 34, o Moraes comprou essa fábrica, esteve nos Estados Unidos, e começou a montar aqui em São Miguel e com essa fábrica trouxe todo o pessoal de Sorocaba. (...) Lá em Votorantim, onde tem a fábrica de cimento, a Votorantim é do sogro dele, o meu pai era barbeiro do sogro dele, depois passou a ser barbeiro dele, então ele gostava do meu pai e trouxe o meu pai pra cá. (...) E aí foi que São Miguel começou a crescer (...).¹⁹

São Miguel Paulista não foi escolhida por acaso para a construção da fábrica, mas por possuir uma geografia perfeita para a sua instalação, como a proximidade do rio Tietê, que era essencial para a absorção da água, e para o despejo dos dejetos industriais, os terrenos, que eram muito baratos se comparados aos do centro da cidade, linha ferroviária próxima e uma linha de ônibus que ligava São Miguel ao bairro da Penha. Com essa estrutura, as vilas aos poucos começaram a aparecer:

Basta caminhar algumas dezenas de metros, além desse núcleo de velharias, para que uma outra “cidade” apareça aos nossos olhos. São os bairros novos, de traçado preestabelecido, com suas habitações em estilo moderno, uma vida ativa, que se patenteia no elevado número de casas comerciais e no movimento das ruas. Não longe da estação, está a *Vila Nitro-Química*, que é prolongada, em direção ao sul, pela *Vila Americana*, do outro lado da via-férrea. Já na várzea do Tietê, encontra-se a chamada *Cidade Nitro-Química*, destinada à população operária e continuada, para leste, pelo *Parque Paulistano*, ainda em formação. Na várzea do Itaquera, ao longo da Rodovia São Paulo-Rio, outras “vilas” operárias também existem: a *Cidade Nitrooperária*, a *Vila Curuçá*. Todos são núcleos de formação recente, resultantes da instalação ali dos estabelecimentos da “Companhia Nitro-Química Brasileira”.²⁰

Além da questão dos terrenos baratos no bairro, também se propiciava no local uma ferrovia²¹, que ligava o subúrbio ao centro urbano da cidade. Assim, começava a nascer a *moderna* região de São Miguel Paulista. O advento da via férrea na região foi logo atravessado: desde 1875, pelos trens da antiga “Companhia de São Paulo e Rio de Janeiro”, hoje a antiga *Estrada de Ferro Central do Brasil*, atual CPTM, que passava por Itaquera e

¹⁹ Depoimento de Augusto Caldini concedida ao LabDoc – Unicsul.

²⁰ AZEVEDO, Aroldo de. *Subúrbios Orientais de São Paulo*. Tese de concurso à cadeira de Geografia do Brasil (XXV^a) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1945. p. 133

²¹ Idem. *Op. Cit.* p. 57.

Poá, com destino a Mogi das Cruzes. Iniciada a era do automóvel, a *Rodovia São Paulo – Rio* também aproveitou a mesma via natural, passando por São Miguel (1920). Em época mais próxima, o vale do Tietê também foi aproveitado, sendo construída a chamada Variante da “Central do Brasil” (1932), que serve São Miguel e Itaquaquetuba.

A fábrica, de 1935 até 1939, funcionou produzindo o fio sintético *raiom*, também conhecido por “*Seda do Pobre*” e o ácido sulfúrico, além de outros produtos químicos como éter, soda cáustica e ácido nítrico.

O trabalho da mão-de-obra inicialmente foi realizado pelos mais de sessenta americanos que vieram junto com os *pedaços* da fábrica com a finalidade de montar, construir e produzir, daí o nome de um dos bairros, conhecido por *Vila Americana*, local exclusivo onde moravam esses imigrantes.

Horácio Láfer construiu um discurso que refletiu todo o seu entusiasmo, para demonstrar através de palavras sutis aos seus funcionários e operários da empresa na década de 50 a “emoção desse passado glorioso”, isso através do boletim interno da fábrica, que foi distribuído gratuitamente aos funcionários, *Nitro Jornal*²², que passava a imagem de luta e de perseverança que tiveram os diretores para a construção desse grande “patrimônio nacional” ao benefício de toda a “Nação Brasileira” rumo ao desenvolvimento moderno e industrial do país construído pelo poder do “Destino”:

Para finalizar por hoje, mais uma esperança que se confirmou. Com a vinda da fábrica mais de sessenta técnicos, funcionários e operários vieram dos Estados Unidos. Diziam-nos que o trabalho era tão complicado, que no Brasil não encontraríamos gente com a competência para executar os serviços. Moraes, Sabino, Kiehl e eu tínhamos a convicção contrária. Confiávamos na competência e dedicação da nossa gente. Era só mostrar o caminho desconhecido entre nós, e em pouco tempo os nossos técnicos e operários trabalhariam tão bem quanto em qualquer País. Êste sonho também se realizou. Os que vieram voltaram e a nossa gente conduziu a indústria à vitória e mantém hoje o seu alto padrão de produção.

Eis como, meus amigos, o Destino, ajudado pelos homens, levantou a Nitro Química e iniciou a nova fase de progresso em São Miguel.

Os sonhos se realizam quando há esforço, dedicação, espírito de sacrifício e confiança. Esta é a moral da história, que óra contei aos meus amigos de São Miguel através deste jornal que eu sempre leio quando, afastado pelo dever de tantas funções que me tem

²² As tiragens do *Nitro Jornal* foram altamente variáveis com o tempo, assim a média em 1953 foi de 1.500 exemplares, já em 1954 variava de 2.500 à 3.000, em 1955 de 2.800 à 3.200, em 1956 ficou em 3.100, e, finalmente, em 1957 em 3.100. Esses jornais foram veiculados entre janeiro de 1953 a julho de 1957, por isso, esse veículo de propaganda institucional interno tinha como público-alvo todos os funcionários da fábrica que compunham em grande parte também os moradores do bairro de São Miguel.

cabido na vida, procuro “manter as saudades” do lugar que me deu alguns cabelos brancos é verdade mas tanta alegria que está para sempre no meu coração.²³

O sonho da fábrica Nitro Química foi construído entre os anos de 1935 a 1937. Até 1939 a produção do tecido raiom e dos produtos químicos já estava sendo realizada sob a direção de alguns chefes americanos, que possuíam a técnica e o conhecimento da produção.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, os chefes americanos voltaram ao seu país, deixando um grande prejuízo para a produção fabril, que foi a necessidade de mão-de-obra. Isso obrigou os empresários da Nitro Química junto ao Governo à construção de uma estratégia discursiva para atrair novos trabalhadores ao caminho do *sonho* de *crescimento* e de *progresso* na cidade grande de São Paulo. Desta forma, a fábrica foi obrigada, devido ao poder da propaganda, a ser fundada ideologicamente, já em funcionamento, e isso aconteceu em 27 de abril de 1940, com o auxílio de Getúlio Vargas, que esteve presente em São Miguel, como demonstrou o jornal *O Estado de São Paulo*:

Só tenho motivos para felicitar-me pelo auxílio inicial que o governo do país pôde, avisadamente, prestar para a instalação desta fábrica. O que acabo de verificar pessoalmente ultrapassou a minha expectativa. Os produtos aqui fabricados são úteis não só a defesa militar do Brasil, como à defesa de sua economia. Mas, a obra realizada não é tudo. A potencialidade, a capacidade de expansão de que estais dotados é ainda uma promessa maior. Apresento-vos, por isso, as minhas calorosas felicitações e desejo declarar que os momentos dedicados a esta visita foram bem aproveitados, deixando-me grata e forte impressão.²⁴

A propaganda discursiva deu uma grande *potencialidade de expansão* da mensagem e da imagem produzidas, trazendo assim conseqüências imediatas ao desenvolvimento do local. O discurso foi passado ao país inteiro, principalmente através das ondas sonoras das rádios e escutado pelos desempregados e necessitados que estivessem buscando simplesmente a sua sobrevivência. A linguagem *sedutora* em crescer rápido pelo progresso industrial envolveu o povo ainda mais, com a utilização da imagem do presidente, que serviu como um poderoso atrativo para virem a São Paulo trabalhar e “crescer”.²⁵

²³ LAFER, Horácio. Sonhos Que Se Realizam. In: *Nitro Jornal*, nº 16, abril de 1954, p. 01.

²⁴ Apud. FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Op. Cit.* p. 24.

²⁵ LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas: Papirus, 1986. pp. 40-42. Ver também: TOTA, Antonio Pedro. *A Locomotiva no Ar: rádio e modernidade em São Paulo 1924-1934*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/PW, 1990.

Pensando nesta articulação imagética à sustentação do poder como um meio de controle “sutil” através da informação e da comunicação²⁶, a imagem de Getúlio Vargas começou a ser construída em seus primeiros anos de Governo. Já em 1931, foi criado o Departamento Oficial de Publicidade²⁷, com a finalidade de criar e desenvolver uma imagem que o povo necessitasse ver, ouvir e seguir. Mas o instrumento principal do Governo foi o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), criado em 1939, no Estado Novo, no mesmo ano do início da Segunda Guerra Mundial. Idéias persuasivas foram passadas a fim de envolver as pessoas a se inserirem a uma nova realidade que o poder queria que fosse vivenciada e obedecida.

O DIP exerceu amplas funções, utilizando a aproximação do social pelo cinema, pelo rádio, pelo teatro, pela imprensa, pela literatura e pela política. No esforço por sanear as mentes e calar os inimigos do regime, proibiu-se a entrada no país de publicações “nocivas aos interesses brasileiros”, agiu-se junto à imprensa estrangeira, no sentido de evitar que fossem divulgadas informações “nocivas ao crédito e à cultura do país”.²⁸

Assim, com esse poder persuasivo, uma forte migração de nordestinos e mineiros começara a vir, os empresários da fábrica conseguiram conquistar boa parte do espaço territorial do bairro, e a maioria desses migrantes entraram imediatamente na Nitro Química Brasileira como mão-de-obra no chão da produção.

O culto à modernidade, construído pelos meios de comunicação, seduziu muitos trabalhadores à absorção de um novo local e meio de sobrevivência, mas também do “espírito nacionalista de progresso”. Só pelo fato de muitos estarem em São Paulo já significava uma grande conquista em suas vidas. Ocorriam migrações advindas de diversos Estados do país, o crescimento suburbano intensificou-se entre as décadas de 40 e 50, o que fez com que o simples bairro se “congestionasse”²⁹ com o passar dos anos. Isso devido à população que chegava ao bairro objetivando a fábrica na busca do emprego e da moradia tão propagada no período.

²⁶ Informação não é um dado, mas uma produção que decorre da capacidade de inferir, da e sobre a realidade, novos conhecimentos suficientes para provocar aprendizado e mudança de comportamento. Inferência, aprendizado e mudança de comportamento são os fatores que caracterizam uma informação. Espaço de informação é aquele ambiente físico, social, econômico e cultural que agasalha um tipo de comportamento decorrente de um modo de vida, de um modo de produção. Esses comportamentos revelam-se através de uma linguagem que tem como signos usos e hábitos. Ver em: FERRARA, Lucrecia D’Alessio. *Olhar Periférico*. São Paulo: Edusp, 1999. p. 151.

²⁷ FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia da Letras, 2006. p. 115.

²⁸ Idem. *Op. Cit.* p. 116.

²⁹ BOMTEMPI, Sylvio. *Op. Cit.* p. 167.

Com o congestionamento local devido à grande quantidade de migrantes não especializados com máquinas e com o ritmo rápido da rotina industrial, muitos acabaram sofrendo para conseguir seus lugares onde morar, justamente porque essas pessoas que vieram do campo direto para a cidade de São Paulo sofreram com o preço dos loteamentos, somente os mais privilegiados possuíram casa própria nas cidades fabris.

Um desses trabalhadores que veio a São Paulo, Dionísio do Nascimento, contou um pouco dos caminhos e dificuldades que passou para chegar até a cidade grande:

“Nóis veio” pela Rio-Bahia que era Getúlio Vargas que tava abrindo a estrada. Essa estrada Rio-Bahia quem abriu foi Getúlio. Aqueles homens na estrada abrindo serra, fazendo a ponte, aí a migração vinha, quem não tinha dinheiro ia até Belo Horizonte, pois “tavam” esperando lá o carro da migração pra trazer o trabalhador pra cá, pra “catar” serviço e aqui pedindo gente pra trabalhar na roça, pra tocar a indústria, pra quem quisesse fazer qualquer serviço aqui em São Paulo.³⁰

Como complemento dessa memória, a migrante Maria das Graças Cancian relatou que essas ondas migratórias foram muito intensas justamente por causa da fábrica Nitro Química, mas também outras, ocasionando um inchaço populacional decorrente do êxodo rural:

Isso é verdade, por conta da Nitro Química é que houve muitas migrações, eu por exemplo vim, nós viemos de Minas Gerais, como outros, mas a maioria veio do Nordeste, a maioria é nordestina. E... apesar que nordestino chega ainda, até hoje chega, mesmo não existindo mais a Nitro, mas aquele tempo foi um êxodo porque é... você tinha emprego garantido, era certo, e uma vida melhor, porque a vida que eles viviam e vivem lá não tem condições. Então a maioria de São Miguel é nordestina, então praticamente é, como São Miguel é periferia, então eu acho que São Miguel não tem nem mais muito onde crescer, a impressão que eu tenho é que já cresceu até onde tinha de ser. (...).³¹

A expressão usada pela moradora “*São Miguel é nordestina*” foi muito utilizada na década de 50, era uma linguagem cotidiana em denominar São Miguel Paulista como “*Bahia Nova*”, pois a grande maioria dos migrantes veio do Nordeste junto com a sua cultura e suas tradições locais. Mas aqui também percebemos um tom de preconceito criado pelos paulistanos ao generalizar todos os nordestinos como baianos, sendo que na verdade vieram de diversos Estados do Nordeste.

³⁰ Entrevista concedida ao autor por Dionísio do Nascimento em 17 de janeiro de 2008.

³¹ Depoimento de Maria das Graças Cancian concedida ao LabDoc – Unicsul.

Em entrevista, o migrante pernambucano Antônio Batista Neto complementou um pouco mais sobre o motivo e o meio que usou para chegar à cidade de São Paulo em 1954:

Para melhorar de situação. Vim sozinho, oito dias de viagem. Aí eu vim num micro-ônibus, não vim num caminhão pau-de-arara não. A maioria dos conhecidos e do pessoal vêm de caminhão pau-de-arara, isso aí não é brincadeira não rapaz. O pau-de-arara eles pegam um caminhão e fazem um estrago nele de ponta a ponta e o banquinho é um pau, e você vai ter que sentar naquele pau. Eu conheço colegas, bastante gente que veio de lá pra cá de pau-de-arara, aquelas madeiras amarradas de um lado para o outro assim, pro cara sentar ele bota um forro, um lençol pra você agüentar, e os primeiros que vieram demoraram doze dias para chegar até aqui. Eu passei oito dias, mas eu já vim de ônibus e custei pra chegar aqui. Muitas vezes, sem conhecer nada, e sem possibilidade, sem dinheiro, “nóis” dormia aonde o caminhão parava na estrada mesmo, aliás, eu não vim de caminhão eu vim de ônibus, aonde o ônibus parava “nóis” dormia ali mesmo dentro do ônibus. Muitas vezes eu ia dormir embaixo do ônibus ou em cima.³²

Os migrantes não deixavam suas casas por simples aventura, mas a condição econômica não mostrava outras maneiras alternativas de sobrevivência para a maioria. As terras nordestinas, em muitas regiões, foram burocraticamente tomadas por muitos fazendeiros e pelo Estado para a produção de mercadorias, como por exemplo, o cacau. Muitos desses trabalhadores percorreram antes várias partes do próprio Nordeste para tentar encontrar uma oportunidade de trabalho, antes de vir ao Sudeste para chegarem até a fábrica³³, como aconteceu com Aloízio Vieira dos Santos, que contou um pouco sobre a causa de sua vinda à cidade:

Necessidade. Porque eu era agricultor, trabalhava na roça e não colhia, e lá a gente era uma família grande e não podia estudar. E a situação do agricultor no Brasil sempre foi muito ruim, muita dificuldade, muita necessidade. Então as famílias que foram adquirindo alguma condição de “sair fora” da agricultura e vir pra cidade, eles vinham. Mas a procura de uma melhora econômica e foi por isso que nós viemos pra São Paulo.³⁴

Chegaram com a simples missão de trabalhar para sobreviver e tentar construir a vida, mas outros, além de trabalhar, se comoveram com a imensidão do *progresso* proporcionado pela imagem propagada da fábrica, e pela sua política assistencialista interna, que lhes

³² Entrevista concedida ao autor por Antônio Batista Neto em 14 de janeiro de 2008.

³³ VIANA, Myrna Therezinha Rego. *São Miguel Paulista. O chão dos Desterrados. (Um estudo de migração e de urbanização)*. São Paulo. 1982.

³⁴ Depoimento de Aloízio Vieira dos Santos concedida ao LabDoc – Unicsul.

proporcionara o mínimo de bem-estar dessa nova realidade que buscavam vivenciar, Assim disse o ex-funcionário Luiz Gerônimo sobre o impacto que a potência da indústria causou em seu coração:

A Nitro Química para começar, foi a primeira indústria que eu pude contemplar sua potência, logo que cheguei aqui naquele dia 13/07/53, eu chegando na portaria desta firma. Eu havia chegado do Norte, naquele dia e fui esperar, esse cunhado meu, aonde eu fui morar na casa dele, que não era meu cunhado ainda, esperava ele de frente a firma. Então naquele tempo a Nitro Química, uma grande potência no bairro de São Miguel Paulista, eu nunca tinha visto tanta gente quando deu 17:00 horas que era o horário do povo sair a avenida de perto da firma de ponta a ponta de gente que saia de dentro da indústria aqui em São Miguel Paulista e por empregar tanta gente e fiquei balanceado, o meu coração já pedia pra que eu fizesse qualquer coisa pra trabalhar.³⁵

A convivência cotidiana trazida pela memória através da oralidade³⁶ trouxe os efeitos da propaganda criada pelos patrões da fábrica e pela ideologia do Estado getulista. Foi através desse relacionamento direto que o funcionário/morador expressou a aceitação dessa nova realidade, ou seja, o contato direto entre o patrão e o funcionário fez ocultar a hierarquia pela aparência de uma nova vida. Um exemplo disso foi a relação entre os empregados nordestinos com José Ermírio de Moraes, que se identificavam justamente porque Moraes era pernambucano de nascimento, tornando-se símbolo de *progresso* e de crescimento para “qualquer migrante” que tivesse força de vontade para trabalhar e vencer como ele fez.

A propaganda³⁷ conseguiu envolver ideologicamente muitos migrantes através das palavras, das imagens, da afeição e da retórica institucional, o que garantiu à empresa uma

³⁵ Depoimento de Luiz Gerônimo Ferreira concedida ao LabDoc – Unicsul.

³⁶ A fonte oral possui um poder que vai além de um simples relato dos acontecimentos históricos passado, pois ela pode ser encarada como um evento em si mesmo, submetido a uma análise independente que permita recuperar não apenas os aspectos materiais do sucedido como também a atitude do narrador em relação aos eventos, a sua subjetividade, a sua imaginação e ao seu desejo, que cada indivíduo investe em sua relação com a história. Ver em: PORTELLI, Alessandro. Sonhos Ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC/SP, 1993, nº 10, p. 41.

³⁷ Segundo Nelson Jahr Garcia, a propaganda ideológica envolve um processo complexo, com termos e fases distintas. O “emissor”, grupo que pretende promover a difusão de determinadas idéias, ao visar outros com interesses diversos, realiza a “elaboração” de sua ideologia para que as idéias nela contidas pareçam corresponder àqueles interesses. Feito isso, procede um trabalho de “codificação”, pelo qual transforma as idéias em mensagens que atraíam a atenção e sejam facilmente compreensíveis e memorizáveis. Através do “controle ideológico” o emissor manipula todas as formas de produção e difusão de idéias, garantindo a exclusividade na emissão das suas próprias. Procura, dessa forma, evitar a possibilidade de que os receptores venham a receber, ou mesmo produzir, outra ideologia que os oriente contra os interesses do emissor. A partir daí as mensagens são emitidas através da “difusão”, que procura atingir o mais rapidamente possível um maior número de pessoas. Ver: *O que é propaganda ideológica*. São Paulo: brasiliense, 1990. pp. 28-29.

relação cooptativa³⁸ sobre o comportamento cotidiano do trabalhador nitrino, diante a função determinada de disciplina na linha de produção, além de acalantar o sonho do crescimento pessoal, objetivando o progresso individual em crescer. A vivência na cultura industrial fez mudar o comportamento e a mentalidade de muitos operários, adaptando-os ao novo ritmo de trabalho e aos benefícios oferecidos pela empresa. O ex-funcionário Amauri da Cunha relatou com saudades os tempos de glória da fábrica na década de 50:

Acabou. Ah! Aquilo era toda seção funcionava, tinha muitos funcionários, em todo setor tinha muita gente, tinha até sessão do transporte que era dela, hoje não existe mais nada, bem dizer a Nitro acabou, né? Acabaram com ela e ela era uma firma muito boa. Dava assistência médica, dava restaurante, cooperativa, acabou... tinha tudo.³⁹

A hierarquia se fez oculta e indireta nas relações de trabalho ao se naturalizar com uma outra aparência no cotidiano. No caso da Nitro Química, a afeição do empregador no trabalho com o seu funcionário criou um “laço de amizade”, a ponto de se sentirem como uma verdadeira “*Família Nitrina*”⁴⁰, anulando qualquer imagem de perigo ou insatisfação no trabalho. Ao menos, foi essa a tentativa estratégica dos diretores em construir uma família unida e produtiva. A ideologia fez do patrão um simples amigo do trabalhador, por também mostrar-se como um trabalhador. Desta forma, o progresso institucional foi construído em conjunto, voltado não só à fábrica e ao local, mas ao *Progresso* de todo o país, assim como “ajudou” o morador do bairro, Cícero Antônio:

Ajudei no progresso, eu junto com... aqui tem o nome da turma que me ajudou a fazer São Miguel (...) A Nitro Química, família Moraes e uma... um membro da revolução de São Miguel. Família Moraes foi a grandeza de São Miguel quase total, e com essa indústria aí, essa indústria aí era do presidente Vargas, também era Vargas era acionista dessa indústria aí. E veio a Família Moraes pra essa, essa indústria, aí pegou o nordestino. Vim pra cá e morar em São Miguel e construí casa e a grandeza de São Miguel. Construindo casas, mas pra valer e foi

³⁸ A cooptação tem transparência nos discursos demagógicos e cheios de promessas dos representantes ao povo. VIEIRA, Vera Lúcia. *Cooptação e Resistência: um estudo sobre o movimento dos trabalhadores em São Paulo de 1945 a 1950*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica. Dissertação de Mestrado. 1989. p. 144

³⁹ Depoimento de Amauri da Cunha concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁴⁰ A ideologia corporativa criava a sensação de Paz Social e Harmonia interna para inviabilizar a tentativa de luta de classes como estava acontecendo no período em algumas fábricas com greves, manifestações sindicais e comunistas. A linguagem interna visava a construção de uma linha de cooperação no trabalho para um melhor desenvolvimento ao progresso produtivo. Ver: FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. Uma das Empresas Mais Felizes do Mundo. In.: *Trabalhadores e Cidadãos*. pp. 47-78.

muitos mil operários moderados aí nessa Nitro Química, por isso a grandeza de São Miguel foi total quase todo, quase todo total, foi a família...⁴¹

A ideologia proporcionou ao trabalhador a sensação de trabalhar não simplesmente para a sua sobrevivência, mas vivenciando algo além, que o fez sentir-se parte importante no processo do crescimento nacional. O progresso foi sentido através das transformações do local, como observou Francisco José Bizaco, ao relatar sobre o desenvolvimento de São Miguel:

Ah, melhorou o bairro, teve mais progresso né? (...) O progresso veio e melhorou (...) o desenvolvimento de São Miguel, melhorou muito né. Porque a população aumentou. E muito comércio, abriu muito comércio.⁴²

São Miguel Paulista conseguiu crescer e se desenvolver seguindo o ritmo de cidade através da indústria e da migração, mas uma coisa na mente desses trabalhadores e moradores sempre esteve presente, que foi a satisfação em poder trabalhar e melhorar suas condições de vida, mesmo que fossem mínimas.

1.2 – A Nitro Química Brasileira e a relação com Vargas

O poder de Getúlio Vargas com a ditadura do Estado Novo, que foi implantado em 1937, permanecendo até 1945, se articulou a um verdadeiro autoritarismo, devido a consolidação de uma política *Corporativista* e *Burocrática*, ou seja, o presidente tinha em suas mãos a administração do Estado.

Esse esforço de centralização político-administrativa pelo qual se manteve a autonomia do Estado getulista se manifestou através da montagem de um complexo quadro jurídico, que estabeleceu novos padrões de governo e criou os mecanismos necessários para dar viabilidade à interferência do Estado nos diferentes setores da realidade social. Certos componentes eram básicos no regime implantado – como a ampliação dos poderes do chefe Executivo Federal, que foi garantida pela Constituição de 1937, as normas regulamentadoras das relações entre o governo central e os Estados, restringindo a autonomia dos Executivos estaduais, os instrumentos de intervenção na economia, os meios de controle da vida política,

⁴¹ Depoimento de Cícero Antônio Pereira concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁴² Depoimento de Francisco José Bizaco concedida ao LabDoc – Unicsul.

bem como a estrutura corporativa dos mecanismos de inserção dos diferentes grupos, aí incluídos os trabalhadores urbanos, no sistema político.⁴³

O Estado Novo dependia de diversos poderes para a sua sustentação enquanto poder, como o militar, o educacional, o moral e a propaganda. Getúlio representava uma liderança, mas havia um conjunto de relações político-econômico-ideológicas que sustentava a sua imagem e o seu planejamento.

A visão de um Estado que cumpre necessárias tarefas para uma sociedade ainda incapaz de efetivá-las – ator principal que escampa o conjunto do espaço social – vem ao encontro da auto-imagem propagada pelo Estado Novo, anunciadora da construção de uma identidade societária e da auto-proclamação de ser agente capaz de intervir no fluxo histórico e estancar as tensões da luta de classes.⁴⁴

Com essa centralização administrativa, a política getulista tinha como finalidade fazer da imagem *estadonovista* a constituição não somente de um povo obediente, disciplinado, religioso e harmonioso, mas algo além, com a utilização da propaganda como arma ideológica do Estado, em uma grande família patriótica e unida pelo amor, sacralizado à política a que servem, trabalham e idolatram cotidianamente.⁴⁵

O Estado Novo se fez forte através da burocracia e pela lógica administrativa de controle dos vários poderes que antes pertenciam à República Velha agro-exportadora, até a década de 30. Desta forma, a industrialização surgiu como um grande símbolo desse novo progresso e do desenvolvimento nacional, principalmente mais à frente, com o passar dos anos e suas novas relações internas e externas construídas.

Vargas investiu diretamente na industrialização, mas também na modernização agrícola, pois o país ainda não tinha base suficiente para se dedicar exclusivamente à produção fabril. Uma das grandes preocupações do presidente com a idéia de Nacionalismo foi justamente articular a produção nacional à sua autonomia enquanto Estado, tentando assim

⁴³ DINIZ, Eli. O Estado Novo: estrutura de poder, relações de classes. In: *O Brasil Republicano. 3. Sociedade e Política (1930 – 1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 79.

⁴⁴ LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas: Papirus, 1986. p. 20.

⁴⁵ Segundo Nelson Jahr Garcia, uma tática muito empregada é a de construir a imagem de um único líder, responsável por todas as medidas, único detentor do poder. Enquanto a população acreditar nele não percebe que são os verdadeiros privilegiados que se encontram por trás das decisões. Além disso, há sempre a possibilidade de se substituir um líder por outro, em épocas de crise econômica ou política, convencendo a população de que o substituto poderá solucionar todos os problemas. São os chamados líderes carismáticos, homens que parecem possuir dotes e atributos excepcionais. A propaganda cuida de propalar insistentemente e repetidamente as qualidades daquele que dirige. Gênio, político, inteligente, hábil, de inesgotável memória, e superior a todos os demais, a ele deve caber o exercício pleno do poder. Mas não bastam as qualidades excepcionais; os líderes só são seguidos se forem capazes de compreender a condição de seus liderados. A propaganda cuida deste aspecto também, apresentando-o como popular, simples, acessível e, portanto, capaz de compreender melhor que ninguém os problemas da maioria. Ver em: *O que é propaganda ideológica*. São Paulo: Brasiliense, 1990. pp. 39-40.

ao máximo se desvincular dos poderes internacionais, além também de aproximar o poder Estadual com o Federal. Como uma das bases de organização, foi criada a legislação trabalhista, objetivando evitar a luta de classes através dos benefícios oferecidos, garantindo a forma da unidade nacional-corporativista de política.⁴⁶

Getúlio obteve a hegemonia executiva do poder político-nacional durante alguns anos, mas as Forças Armadas tinham um papel decisivo para a sua sustentação, isso até a metade da década de 40, principalmente no período de pós-Segunda Guerra Mundial⁴⁷. O pacto político-econômico entre Vargas e Roosevelt fez com que as Forças Armadas e industriais se organizassem para a concretização da participação brasileira na guerra ao lado dos EUA.

Como representação desse momento, o migrante e operário nitrino Benedito Leone Nicodemus esclareceu o desespero dos “chefes de Estado” na busca de novos soldados, sem ao menos prepará-los à função que iriam exercer:

Eu me lembro quando foram pegar a gente lá no interior da Bahia, eu era garoto ainda, iam buscar a turma lá para brigar na guerra lá na Itália em 1941 ou 1942, pois a guerra durou até 45. (...) A polícia ia montada a cavalo, pois naquele tempo nem carro ia lá onde eu morava, recolhia aquela rapaziada toda, meu pai me escondeu na mata, eu fiquei lá por oito dias com mais uns tios meu, porque os que eles pegavam eles pegavam e levavam direto. Eles falavam: você pode se arrumar que você vai viajar “com nós” e levava. Ia aquela turma toda a pé e a polícia montada a cavalo, levava para a cidade mais próxima e de lá já vinha aqui pra São Paulo, entre Minas e São Paulo, pra levar o povo lá pra guerra sem saber nada.⁴⁸

Assim como aconteceu com os soldados, as indústrias do país também tinham que rapidamente se adaptarem às necessidades exigidas nesse novo momento da conjuntura mundial, como aconteceu com a Companhia Nitro Química Brasileira.

No auge da produção de raiom, as Forças Armadas exigiram que essa fosse reduzida, e que a fábrica produzisse novas matérias-primas como a pólvora, abrindo assim um setor específico para a produção do TNT (Trinitrotolueno), para a fabricação de explosivos. O setor tinha uma produção de cinco toneladas diárias do produto voltada ao Exército, em Piquete (SP). Arcando com a possível perda de espaço num mercado sedento pelo fio sintético, a Nitro atendeu a exigência e cumpriu as metas estabelecidas.

⁴⁶ MUNAKATA, Kazumi. *A Legislação no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1984. pp. 62-82. Ver também: GOMES, Ângela Maria de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

⁴⁷ FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso...* p. 89.

⁴⁸ Entrevista concedida ao autor por Benedito Leone Nicodemus em 15 de janeiro de 2008.

A Segunda Guerra Mundial proporcionou vultosos lucros para a Nitro Química, devido à venda dos seus produtos químicos e explosivos, o que ajudou na compra de novos maquinários, necessários para a realização de uma maior produção e crescimento da empresa. Com isso, novos setores, como o TNT, começaram a aparecer e a ocupar outros espaços no bairro. Assim relatou Augusto Caldini:

Teve uma fábrica lá no Tietê, lá em baixo, que na época da guerra fazia matéria-prima para as Forças Armadas. Lá no Tietê, não tem a ponte do Tietê? Era a fábrica mais antiga da região.⁴⁹

A Nitro foi uma das maiores fábricas brasileiras de seu tempo e possuía um intrincado processo de produção, com mais de 60 departamentos e uma extensa linha de produtos. Entretanto, não tinha necessidade de um grande número de operários qualificados para funcionar. Diversos setores da companhia, de fato, prescindiam de trabalho qualificado. No dia-a-dia, para garantir a produção, eram necessários alguns engenheiros e trabalhadores especializados, em conjunto com um número maior que havia “aprendido na prática”, e mais um grande contingente de operários e operárias com pouca instrução.⁵⁰

O inchaço populacional do bairro e a mão-de-obra sem especialização fez com que os administradores da Nitro perdessem o controle da imensidão do seu crescimento. O operário não tinha um instrutor ou chefe de setor eficiente para instruí-los eficazmente onde iriam trabalhar, assim os novos operários aprendiam a se “virar” no cotidiano fabril. Com essa estratégia institucional, as trágicas consequências foram sentidas diariamente, tanto pelos trabalhadores internos, como também pelos moradores ao redor do parque industrial nitrino.

Logicamente que os acidentes aconteciam frequentemente no trabalho, desde situações mais simples como escorregar no chão até explosões internas, como mostrou Júlio de Souza Nery, que foram ouvidas e sentidas por todo o bairro de São Miguel Paulista:

Olha, acontecimento mesmo assim foi muitos amigos que a gente perdeu ali dentro foi quando explodiu a fábrica de pólvora, isso abalou São Miguel. Os amigos que a gente perdeu ali dentro foi a maior tragédia, uma ocasião também existiu, porém, um o engenheiro químico vinha vindo do almoço, e vinha lá uma parte do esgoto e a turma desceu para ver lá o que estava acontecendo e com aquele gás era o

⁴⁹ Depoimento de Augusto Caldini concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁵⁰ FONTES, Paulo. Migração Nordestina e Experiências Operárias. São Miguel Paulista nos anos 50. In: *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. p. 376.

sulfureto, morreu mais ou menos uns quatro ou cinco e esse engenheiro, afobado coitado, tinha acabado de almoçar e desceu lá e morreu também, esse foi também pra nós lá dentro, agora o que abalou mesmo São Miguel foi o problema da Trotil.⁵¹

Desde 1943 a fábrica possuía a CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes), objetivando a prevenção de acidentes. Outro meio encontrado para diminuir esses acontecimentos trágicos foi informar mensalmente sobre os perigos que circulavam o cotidiano da fábrica através do boletim interno *Nitro Jornal* que possuía partes específicas de alertas e explicações do funcionamento dos setores, expressos tanto em textos quanto em imagens e charges. Foram linguagens estratégicas informativas variadas para tentar suprir a irresponsabilidade de alguns chefes em não mostrar e ensinar, às vezes também por não saber, adequadamente os empregados em como trabalhar sem correr riscos.

As experiências do campo trazidas pelos migrantes entravam em confronto com a aprendizagem de uma nova realidade completamente diferente no espaço urbano. Ao chegar à cidade, a necessidade de sobrevivência falava mais alto, a ponto de muitos arriscarem as próprias vidas ao trabalhar com maquinários nunca antes vistos, assim o homem se fazia um simples apêndice da máquina.

O estranhamento cultural do homem com o seu próprio meio de trabalho⁵² foi sendo absorvido aos poucos pelo novo ritmo de vida, até mesmo da morte, assim relatou novamente Júlio de Souza Nery sobre os acidentes de uma explosão que aconteceu no setor de TNT e a repercussão da mídia:

A sim... foi uma coisa muito importante para São Miguel, mas só que naquela época a imprensa era muito fraca e até jornalista que veio para poder tirar não pôde, foi impedido de entrar lá dentro, porque existiu uma coisa muito horrível, era pessoa sem cabeça, sem braço, foi atirada pelos ares justamente eu não estava, eu trabalhava nesta época lá, mas como falei anteriormente estava fui fazer alistamento militar, eu ouvi pelo rádio, mas saiu nos jornais, assim a Nitro Química foi pelos ares, mas não a Nitro Química, foi uma seção que pertencia à Nitro Química e foi somente na época da guerra que eles faziam pólvora, mandava as munições para guerra, mas aí acabou e os jornais saíam essas coisinhas assim, mas não tinha televisão, não existia TV naquela época, só existia rádio, foi esse um acontecimento em São Miguel.⁵³

⁵¹ Depoimento de Júlio de Souza Nery concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁵² MARX, Karl. Trabalho estranhado e propriedade privada. In: *A Dialética do Trabalho: escritos de Marx e Engels*. São Paulo: Expressão Popular, 2004. pp. 173-195.

⁵³ Depoimento de Júlio de Souza Nery concedida ao LabDoc – Unicsul.

O poder interno de organização e ensinamento estava nas mãos dos chefes dos setores específicos da fábrica. Eles eram quem decidia sobre a maior parte da vida profissional dos operários. Promoções, demissões, punições e transferências eram determinadas basicamente a partir da sua opinião. Entretanto, esse poder das chefias era frequentemente percebido pelos trabalhadores como discriminatório e injusto.⁵⁴

A morte foi sentida e “naturalizada” por todos os trabalhadores e moradores no bairro como algo rotineiro. Já eram educados, segundo a moradora Laís Haydeé, desde pequenos a aceitar as consequências que o *Progresso* trazia ao cotidiano. Todos já estavam acostumados por estarem condicionados com a realidade, simplesmente pelos barulhos e apitos proporcionados diariamente pela fábrica:

(...) Então começou a população aumentar, aumentar, aumentar, a Nitro também aumentou bastante, porque tinha a Nitro e tinha aquela uma outra fábrica deles que ficava do outro lado do Tietê, que eu não lembro o nome, mas era da Nitro (...). Essa fábrica ela explodiu. Como teve umas explosões nela e eu acho que uns quarenta, uns trinta anos, trinta e cinco anos atrás, que eu lembro (...) quando deu aquelas explosões, aí depois fecharam ela, ficou só a Nitro e a Nitro era pequena e agora é enorme, não sei agora, mas ela fazia de tudo, tanto que quando eu era criança que eu tava na escola era assim: tem os horários de apito né? A fábrica não sei agora e pra entrar pra sair pra e quando ela toca três toques rapidinho e fora do horário, as professoras mandavam a gente rezar porque tinha acontecido um acidente e todo o povo corria lá pra ajudar. É quando eu tava no quarto ano, isso em 42, eu não sei.⁵⁵

A partir de 1942 devido às consequências da Segunda Guerra Mundial, com o desequilíbrio e a estagnação econômica cafeeira e cambial⁵⁶, os discursos e os comportamentos políticos foram se alterando de acordo com a realidade mundial que estava se apresentando com ao término da Segunda Guerra Mundial, concretizada através da bipartição político-ideológica⁵⁷ com a Guerra Fria entre os poderes capitalista e socialista.

A política de Getúlio sofreu uma notável queda a ponto de ser deposto em 45, principalmente com a ligação das Forças Armadas ao liberalismo, poder esse que antes o sustentava no controle do Brasil. Também nas ruas várias manifestações sindicais e estudantis se mostraram cotidianamente a favor dessa transformação de comportamento político naquele

⁵⁴ FONTES, Paulo. *Comunidade Operária ...* p. 104.

⁵⁵ Depoimento de Laís Haydeé Romano Assunção concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁵⁶ FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. pp. 286-301.

⁵⁷ HOBBSAWM, Eric. Guerra Fria. In: *Era dos Extremos. O breve século XX 1914 – 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. pp. 223-252

instante como a UNE (União Nacional dos Estudantes) que representava uma das vozes antinazista para a construção da “Redemocratização” no cenário político.⁵⁸

Nessa transformação, novas representações políticas fizeram com que aparecessem novos grupos, posições e mentalidades, dentre elas a formação da UDN (União Democrática Nacional) demonstrando o seu oposicionismo varguista.

Getúlio foi forçado pela realidade político-econômica imposta pelo novo governo e as manifestações sociais a oficializar uma abertura democrática à Nação. O tempo correu e o presidente precisava retomar o seu lugar, tendo como objetivo voltar ao poder através dos votos, se dispondo até mesmo a conceder liberdade a participação política comunista pela Anistia. Dessa vez, as estratégias de sustentação no poder não deram muito certas e Vargas caiu de vez.

A influência norte-americana teve efeito na manipulação dessa mobilização social e ideológica em busca de uma nova democracia com programas de industrialização administrados pelo Estado.⁵⁹ Assim, ficou mais visível a entrada do ex-Ministro da Guerra do Estado Novo como o presidente do Brasil entre 1946-50: General Eurico Gaspar Dutra, que representava o partido oligárquico pelo PSD (Partido Social Democrático).

O governo Dutra tentou organizar um sistema de hegemonia política da burguesia, por esse motivo em 1947 ocorreu a estruturalização da “Democracia Liberal” e uma remontagem do aparelho estatal burocrático pela nova Constituição, isso em nome dos princípios liberais, criaram-se novas condições favoráveis à entrada e saída do capital estrangeiro.⁶⁰

Vargas ao reassumir o governo, compreendeu os “efeitos econômicos e ideológicos” causados pelo liberalismo no governo Dutra com a ligação direta entre os empresários e o mercado externo, mas a sua conduta política no início da década de 50 fez com que algumas vozes se levantassem contra ele, responsabilizando-o pelas crises que o país estava passando como, por exemplo, a comentada pelo *Diretor Administrativo* da Companhia Nitro Química Brasileira *Marcello Milliet Kiehl* através do jornal interno da fábrica veiculado aos operários:

Nosso país está passando uma das fases mais difíceis e decisivas da sua história econômica.

Chegamos ao maior deficit até hoje atingido nas trocas de mercadorias: em 1950 e 51, compramos de outros países 14 bilhões de cruzeiros a mais que vendemos.

⁵⁸ ALMEIDA JUNIOR, Antonio Mendes de. Do Declínio do Estado Novo ao Suicídio de Getulio Vargas. In.: *O Brasil Republicano. 3. Sociedade e Política (1930 – 1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. pp. 227-233.

⁵⁹ SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. pp. 64-71.

⁶⁰ IANNI, Octávio. *Estado e Planejamento Econômico no Brasil (1930-1970)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. pp. 81-82.

Internamente, apesar dos esforços do Ministério da Fazenda para equilibrar o orçamento da nação (o que conseguiu pela primeira vez em muitos anos) e para diminuir a inflação não foi conseguido sustar a contínua elevação do custo de vida.

Esse desequilíbrio foi causado principalmente:

1) – Pela necessidade de maiores compras de materiais para atender ao enorme desenvolvimento industrial que o Brasil está tendo; para modernizar seu parque antiquado e construções de novas indústrias; para equipar seu sistema de transportes rodoviário e ferroviário, gravemente atingido pelas restrições impostas pela última guerra.

2) – Pela grande facilidade e abuso com que em 1951 e começo de 52 eram dadas licenças para importar artigos supérfluos e de luxo.

3) – Pela perda de mercados externos de várias mercadorias cujos preços não podiam competir com o de outras nações que produziam mais baratos ou de melhor qualidade; assim a exportação do algodão baixou de 83%, o cacau de 60%, enfim, de um modo geral, a não ser o café, as outras mercadorias baixaram em média de 50%!, isto é, aproximadamente, 6 bilhões de cruzeiros a menos em 1952 que o ano anterior!! (sem contar com mercados que já perdemos em anos anteriores como a laranja, borracha, etc.).⁶¹

O intervencionismo hegemônico americano deixou contrastes na conjuntura econômica brasileira e da América Latina.⁶² O país passou a importar mais do que exportar, gerando assim um déficit cambial da moeda brasileira, daí o desespero de muitos empresários.

A linguagem utilizada por alguns personagens da imprensa esteve muito próxima a usada pela UDN anti-getulista veiculada no período, e de alguns empresários como os da fábrica Nitro Química, assim o jornal *O Estado de São Paulo* nas décadas de governo do presidente Getúlio Vargas criticou-o ferozmente sobre a situação econômica e social do país que estavam passando:

O café é que dá ao Brasil a quase totalidade das cambiais que garante a existência da nossa importação. O café, portanto, é ainda o maior sustentáculo da nossa economia. Paradoxalmente, porém, a lavoura cafeeira é a que mais sofre com a política financeira do País e o produtor de café vive em constante sobressalto, sempre intranquilo, porque a sua situação econômica depende de uma série de fatores e de circunstâncias que sofrem as consequências nocivas de uma orientação governamental insegura, que gira ao saber de contingências ocasionais.⁶³

⁶¹ KIEHL, Marcello Milliet. Aceitemos a Luta. In: *Nitro Jornal*, nº 02, fevereiro de 1953, p. 01.

⁶² BETHELL, Leslie e IAN, Roxborough (Orgs). *A América Latina: entre a Segunda Guerra mundial e a Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. pp. 17-61.

⁶³ O Estado de São Paulo, 26 de janeiro de 1954, p. 03.

Com essa dificuldade econômica, o discurso empresarial de Kiehl colocou em questão o esforço e a dedicação do Ministro da Fazenda representado pelo industrial *Horácio Lafer*, que tinha como apoio *João Neves da Fontoura* como Ministro das Relações Exteriores.

Esse Láfer foi aquele mesmo Deputado Federal da década de 30, mas que no início da década de 50 ganhou apoio de Getúlio Vargas para ser o seu Ministro da Fazenda devido a necessidade do presidente em ter uma união empresarial direta. Vargas também precisava de alguém de sua confiança para organizar o seu governo novamente, mas dentro das novas estratégias liberais específicas para acompanhar as transformações liberais do período.

Vargas tinha uma estreita ligação com os norte-americanos, esperando financiamentos ao desenvolvimento industrial-nacional. Essa relação se fez aproximar pela *Comissão Mista Brasil-EUA* ⁶⁴ que servia para facilitar os investimentos privados externos, desde que associados aos capitais nacionais e a adoção de uma política cambial flexível no seu primeiro ano de Governo. Láfer se aproveitou dessa relação e foi um dos idealizadores do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) objetivando o desenvolvimento industrial do país.

Nesse cenário político-econômico algumas propostas de governo foram formuladas objetivando a continuidade dos empresários liberais no poder, com isso novos planos foram feitos com o intuito de mantê-los fortes diante a imagem de Vargas, como o *Plano Láfer*, que foi o *Plano Nacional de Reparelhamento Econômico* anunciado em 1951 como um plano quinquenal de investimentos em indústrias de base, transporte, energia, frigoríficos e modernização da agricultura. Para a realização dos investimentos previstos nesse programa o Congresso Nacional aprovou o Plano que seria administrado pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico (BNDE) em 1952. ⁶⁵

Com o objetivo de realizar as operações que tinham como finalidade o desenvolvimento da economia nacional, o Banco propõe “financiar a realização de obras, projetos ou programas que objetivassem a instalação, reaparelhamento ou ampliação de: I – sistemas de transportes e portos; II – sistemas de energia elétrica; III – indústrias básicas e de agricultura; IV – armazéns, silos, matadouros e frigoríficos; V – outros setores definidos em lei.” ⁶⁶ Com isso, o crédito foi fundamental para a realização desse reaparelhamento com a

⁶⁴ ALMEIDA JUNIOR, Antonio Mendes de. *Op. Cit.* pp. 249-250.

⁶⁵ IANNI, Octávio. *Op. Cit.* p. 117.

⁶⁶ Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, Legislação. Trecho retirado de: IANNI, Octávio. *Estado e Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 42. Ver também em: FONSECA, Pedro César Dutra. *Vargas: o capitalismo em construção*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

compra de maquinaria e equipamentos estrangeiros novos para seguirem o nível de produção mundial dos países mais desenvolvidos.

Visando essa política, o empresário nitrino Kiehl continuou seu argumento contra o governo de Getúlio Vargas devido às fortes restrições à realização plena do financiamento às importações:

O Governo está tomando medidas drásticas (...) para restringir ao máximo as importações, principalmente, do que é considerado supérfluo e mesmo muita coisa essencial, tendo conseguido nos últimos meses de 52 um equilíbrio, mas praticamente não diminuiu as dívidas atrasadas.

Maiores restrições que as atuais seriam contraproducentes, pois iriam entravar o ritmo de produção industrial, transporte e mesmo a lavoura, diminuindo ainda mais as fontes produtoras, poderia abalar a paz social, e, em última análise, diminuiria as possibilidades de exportação, agravando ainda mais o desequilíbrio.

Essas medidas entretanto, não são suficientes para vencer a atual crise. Outras de maior alcance estão se processando, promovidas em grande parte por industriais, homens de grande visão, arrojo e patriotismo e outra parte pelo Governo.⁶⁷

Como o Ministro da Fazenda representava o poder industrial e empresarial do país, ficou evidente que o discurso envolveu uma forte crítica ao governo e a defesa de alguns homens “mais preparados” em visão e patriotismo para acompanhar o ritmo da nova realidade sócio-econômica brasileira, como José Ermírio de Moraes, por exemplo.

O presidente acabou tendo a sua imagem questionada diante o público como um governante incompetente e responsável por todas as catástrofes ocorridas no âmbito político e econômico. Muitos jornais, tanto os de circulação interna na Fábrica Nitro Química, como também alguns de alta circulação pela cidade de São Paulo, apoiavam a mesma postura justamente por terem os mesmos objetivos e ideologias liberais, como foi a postura d'O Estado de São Paulo:

Elevam-se os preços das coisas essenciais a existência do povo. Cresceu o do pão, parece que vi crescer o do açúcar; o de carros se esguerá fatalmente a menos que se obrigue o povo a ser vegetariano. A desordem de idéias e de atos de encarregados de velar pelas boas condições de vida acentua-las de hora em hora. Sentem-se a falta de direção governamental em tudo quanto diz respeito à defesa dos direitos populares. O governo é o que menos entende de produção e distribuição das mercadorias que necessitamos. Se perguntassem se o Sr. Presidente da República que é que a exa. Pretende fazer para conter a elevação dos preços e, exa., se

⁶⁷ KIEHL, Marcello Milliet. *Op.Cit.*

quisesse ser franco, responderia que não sabe. E não sabe realmente. Nunca se viu, à frente do governo, incompetência assinalada.⁶⁸

A linguagem liberal⁶⁹ dos jornais da cidade tentou envolver o público e “informá-lo” sobre as transformações criadas pela modernização da conjuntura atuante na década de 50, daí a necessidade em conscientizá-los, ideologicamente, do desenvolvimento político e social presente no cotidiano em que vivenciavam os trabalhadores de todas as fábricas, como também os moradores dos bairros suburbanos, como São Miguel Paulista, isso para reproduzirem o mesmo pensamento e postura da ideologia propagada. Com um ufanismo patriótico de desenvolvimento o *Diretor Técnico* da Companhia Nitro Química, Eduardo Sabino de Oliveira, mostrou emotivamente através de suas palavras um clima de evolução proporcionada pelo crescimento industrial:

A indústria evoluiu nestes últimos 100 anos, de uma maneira prodigiosa, e evoluiu tanto na técnica como na sua feição social.

A incrível perfeição a que chegaram os métodos de trabalho, permitiu produção de centenas ou milhares de vezes mais altas para o mesmo esforço humano.

As descobertas no ramo da química, metalurgia, eletricidade, etc..., abriram tais possibilidades que faz com que o homem de hoje, mesmo o mais humilde, tenha a seu dispor meios com que os poderosos de outras éras nunca poderiam sonhar.

Hoje um homem do campo ou um operário das cidades pode salvar a vida de seu filho com aplicações de penicilina ou tantos outros novos tratamentos hoje acessíveis ao grande público.

Há poucos anos atrás o mais poderoso rei não teria meios para salvar a vida de seu filho em igual situação.

Hoje as classes menos protegidas podem se divertir nos cinemas, jogos de futebol ou praticar esportes, diversões estas que seus antepassados não só desconheciam e cujo equivalente jamais poderiam obter senão a um preço só acessível aos ricos da época.

A evolução do conceito de indústria também foi considerável. No fim do século passado ou mesmo no começo dêste, a indústria era um meio de vida ou de enriquecimento, do

⁶⁸ O Estado de São Paulo, 01 de janeiro de 1954, p. 03.

⁶⁹ A linguagem contribui com a construção de visões alienadas de mundo que nascem e apóiam-se nas inversões objetivas do mundo social. O consenso ideológico e a naturalização da exploração surgem e se alicerçam na vigência e solidez objetivas das relações sociais de expropriação. A força das interpretações apologéticas produzidas pelos intelectuais orgânicos do capital nasce da consciência objetiva e histórica das relações sociais de dominação. In: CARBONI, Florence e MAESTRI, Mario. *A Linguagem Escravizada: língua, história, poder e luta de classes*. São Paulo: Expressão Popular, 2003. p. 10.

industrial que a explorava. A indústria não tinha fundamento social, pois que ignoravam o interesse dos empregados, só visava o lucro do proletário.⁷⁰

Com esse mito⁷¹ de evolução, o discurso envolveu os leitores a sentirem e a (re)produzirem cotidianamente o sentimento de progresso nacional daquele momento, não apenas como um simples ato de sobrevivência, mas também de crescimento e desenvolvimento de si mesmos em ter o privilégio de aproveitar o que nunca nenhum outro trabalhador conseguiu alcançar antes.

A propaganda institucional foi se difundindo na vivência cotidiana dos trabalhadores e moradores do bairro, isso fez com que muitos operários que vieram sozinhos para “desfrutar” desse ideal moderno ligassem ou enviassem cartas para a família no Nordeste, e outras partes do Brasil e do mundo, com a finalidade de trazê-los à cidade para fazerem parte dessa nova vida, assim demonstrou a moradora do bairro Elizia Moreira Cardoso:

E aí em 1952, esse meu, esse Artur, meu irmão que mora aqui, adotivo, ele mandou buscar a mãe dele, minha tia e eu “pra aqui”. Aí ele mandou buscar nós duas, nós viemos, chegamos aqui, fomos morar lá na antiga rua Quatro, hoje onde é o mercadão de São Miguel, ali chamava rua Quatro né? Então ele tinha uma pensão.⁷²

A motivação desenvolvida e pensada pelo *Progresso* empresarial-citadino começou a criar alguns problemas contra ele mesmo, isso no sentido da urbanização, com o surgimento massivo de muitos loteamentos⁷³ em um processo que estruturou o bairro de São Miguel no formato desorganizado em que se encontrava.

As famílias começaram a chegar e a procurar o seu “cantinho” para morar. A Nitro Química tinha um forte diferencial de muitas indústrias do período que era a facilidade em ser admitido para trabalhar. O emprego era algo fácil de conquistar, por isso muitas famílias procuraram São Miguel Paulista, como relatou a moradora Maria das Graças Cancian:

⁷⁰ OLIVEIRA, Eduardo Sabino de. *As Nossas Responsabilidades*. In: *Nitro Jornal*, nº 01, janeiro de 1953, p. 01

⁷¹ Ao falarmos em *mito*, segundo Marilena Chauí, nós o tomamos não apenas no sentido etimológico de narração pública de feitos lendários da comunidade (isto é, no sentido grego da palavra *mythos*), mas também no sentido antropológico, no qual essa narrativa é a solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade. Ver em: Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Perseu Abramo, 2007. p. 09.

⁷² Depoimento de Elizia Moreira Cardoso concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁷³ CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A Política dos Outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 65.

É, a minha família veio porque precisava que todos trabalhassem. Eu tenho muitos irmãos, nós somos em onze filhos e então na cidadezinha onde eu nasci não tinha condições, a mamãe não via, meus pais não viam perspectiva de emprego, de trabalho pra todos os filhos, então de início a gente viria para Santo André, que Santo André também já foi, já iniciava as indústrias e a gente vinha pra Santo André, tanto que eu tenho um tio que veio e toda a família mora lá em Santo André, mas por conta da Nitro Química a gente resolveu vir pra São Miguel.⁷⁴

Uma coisa interessante foi perceber que a imagem e a informação não possuem fronteiras, podendo assim ultrapassar até o oceano Atlântico. Uma carta enviada a Portugal contendo alguns objetivos como dinheiro e esperança⁷⁵ fizeram com que famílias na década de 50 mudassem de país para morarem e trabalharem em São Miguel:

É nós viemos porque a situação financeira não era tão boa em Portugal, meu pai na esperança de ganhar algum dinheiro no Brasil, porque o Brasil tinha uma fama que se ganhava dinheiro, então nós viemos para cá porque um tio da gente tinha comércio já em São Miguel, já trabalhou por aqui, porque ele veio rapaz pra São Miguel e aí eles tiveram granja, tiveram conchas de areia e ele mandou uma carta de chamada e nós viemos, porque ele mandou uma carta de chamada.⁷⁶

A facilidade para entrar na fábrica, segundo o morador Sebastião Adriano Mesquita, era tão grande que em muitos casos não precisavam nem de documentos para trabalhar, o que dificultaria para o trabalhador receber algum benefício em casos de acidentes que era algo corriqueiro lá dentro dos muros da empresa:

Já ia direto. Não precisava de documento, não precisava nada. Já entrava lá, e entrava direto. Também morria direto! (...) Não dava nem notícia quando morria lá. Porque entrava sem documento, sem nada, e já ia trabalhar.⁷⁷

⁷⁴ Depoimento de Maria das Graças Cancian concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁷⁵ Segundo o historiador Paulo Fontes, o emprego, salários mais elevados, direitos trabalhistas, maior infraestrutura hospitalar e educacional compunham um cenário deveras atrativo. Paulatinamente, ganhava fôlego a imagem de que a vida em São Paulo seria “mais fácil”. Ver em FONTES, Paulo. *Comunidade Operária, Migração Nordestina e Lutas Sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)*. p. 45.

⁷⁶ Depoimento de Maria Fernanda dos Santos Gomes concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁷⁷ Depoimento de Sebastião Adriano Mesquita concedida ao LabDoc – Unicsul.

Amauri da Cunha continuou com a mesma questão da facilidade de entrar na fábrica e a não-necessidade de documentos para trabalhar. A necessidade era tão grande que a própria fábrica mandava buscar os migrantes nordestinos através dos paus-de-arara:

Cê vê que a vida ficou um pouco... nem se compara nada que naquela época num tinha desemprego, chegava em São Miguel e a Nitro Química pegava o laço e laçava e levava pra dentro, pegava aquele povo que num sabe lê, num sabia, pichava o dedo qualquer coisa... era boa, era uma época muito boa em vista de hoje era ótimo né? Porque houve um tempo que ela buscava no Norte de caminhão gente pra trabalhar. (...) Buscava de caminhão no Nordeste pra trabalhar aqui (...) por que não tinha mão-de-obra, não tinha gente. (...) Buscava pra trabalhar.⁷⁸

Uma vez contratados, comentou o historiador Paulo Fontes, aos trabalhadores recém-admitidos cabia a nem simples tarefa de aprender o trabalho. Para a direção da empresa isso significava, na maior parte das vezes, transformar ex-trabalhadores rurais em operários fabris. Durante os anos 50, apenas 20% de seus funcionários tinham alguma experiência anterior de trabalho no setor industrial.⁷⁹

O objetivo da moradia fácil foi na realidade só um sonho para a maioria, pois as moradias internas nos bairros operários já tinham proprietários certos e estratégicos para a produção e administração fabril. A especulação imobiliária tomou conta dos loteamentos do bairro proporcionando a realização de casas próprias apenas para alguns trabalhadores especializados, já a grande maioria da mão-de-obra morava de aluguel:

Pros empregados, mais isso foi no começo aqueles empregados mais classificados, chefe né? Não era assim fácil, não era todo mundo que morava naquele conjunto. Eram as pessoas encarregado, chefe, esse pessoal aí... contra-mestre, aquele pessoal mais (...) classificado da companhia, não dava habitação pra ninguém.⁸⁰

A distribuição interna dos loteamentos da fábrica acabou ficando com os principais funcionários àqueles mais graduados em suas funções desempenhadas, enquanto os operários da mão-de-obra se viravam em aluguéis, casas de amigos, de familiares ou mesmo de mutirões coletivos nos finais de semana com os “puxadinhos”.

⁷⁸ Depoimento de Amauri da Cunha concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁷⁹ FONTES, Paulo. *Op. Cit.* pp. 100-101.

⁸⁰ Depoimento de Amauri da Cunha concedida ao LabDoc – Unicsul.

Aos poucos, o sonho de crescimento rápido dos trabalhadores começou a sofrer com as fortes consequências da verdadeira realidade desenvolvimentista e modernista da década de 50. Também os empresários se preocupavam cada vez mais em criar alternativas para evitar revoltas internas, daí a utilização constante dos jornais em tentar informá-los sempre que às consequências do sonho não realizado pertencia a incapacidade do governo, mas não dos industriais.

O governo Vargas trouxe fortes consequências negativas ao desenvolvimento e a essa tentativa da autonomia industrial burguesa ao poder, o que gerou revoltas entre alguns empresários do período, isso em relação a certas desigualdades burocráticas na fiscalização do país pelas leis, conforme colocou Paulo Amaral Palmeira (Diretor do Nitro Jornal e Chefe dos Serviços Sociais) a sua insatisfação demonstrada através do jornal aos operários da fábrica com a finalidade de envolvê-los também contra esse governo:

Ao nos referirmos entretanto à Legislação Social da época sentimo-nos na obrigação de fazer uma ressalva, para protestar contra os próprios órgãos fiscalizativos governamentais, que, não exercem uma atuação eficiente junto a algumas indústrias no sentido de fazê-las cumprir os preceitos mínimos da Legislação Social e nem mesmo dos Textos da Consolidação das Leis Trabalhistas, na preservação dos direitos do trabalhador. E, mais condenável é a atitude de certos grandes industriais que menosprezando essas leis, não as cumprem e relegam ainda a segundo plano o bem estar de seus empregados, não oferecendo-lhes o mínimo conforto e nem assegurando-lhes o direito humano de viver que foi dado pelo Creador. Mas não estacionemos muito junto a esse descalábrio, voltemos as vistas para aqueles que cômicos de seus deveres de humanidade muito têm feito para a preservação da raça e elevação moral do trabalhador e assim estamos próximos do industrial que não só cumpre a Legislação Social como também executa medidas outras acima daquelas exigidas por Lei. Esses industriais de larga visão têm a seu favor não só a gratidão daqueles que consigo labutam, como também a esperança de verem um Brasil cada vez maior.

Dizer aqui dos benefícios que traz o Serviço Social ampliado, numa indústria seria quase desnecessário, pois a produção está em paralelo com o bem estar do trabalhador e daí a vantagem usufruída pelo industrial esclarecido.⁸¹

O discurso trouxe a elevação da imagem da fábrica perante o trabalhador em ser ativa em suas ações sociais, diferindo-se desta forma de outras empresas que não cumpriam a mesma função. Palmeira expressou o respeito às leis e ao operário em cumpri-las eficazmente para a preservação da raça e a elevação moral do trabalhador. Mas aqui ele esqueceu de citar a

⁸¹ PALMEIRA, Paulo Amaral. A Função Social junto a Industrial. In: *Nitro Jornal*, nº 06, junho de 1953, p. 01.

que tipo de trabalhador ele estava se referindo, pois os acidentados mais pobres não conseguiam seus direitos, justamente por nem terem a carteira de trabalho, como disse o ex-operário Sebastião Adriano Mesquita anteriormente.

Na mesma direção de crítica contra o presidente, a imprensa divulgava cotidianamente imagens e mensagens que atacavam de forma direta e agressiva o governo, representando um desespero político, social e econômico do país em 1954:

Há em todo o mundo indisfarçável inquietação diante dos problemas sociais e políticos da hora presente. Todos temem o futuro, por não poderem desvendá-los, e as soluções propostas não encontram eco no consenso dos povos. Nota-se grande desorientação mesmo entre as “elites”, que se mostram perplexas em face da nossa civilização em mudança. O remédio, é evidente, depende do comportamento individual e coletivo, o que exige que cada um de nós pense com serenidade, aceite os fatos e procure com isenção de ânimo enfrentá-los dentro de um quadro moral.

O rearmamento moral, é instituição que procura aclamar os espíritos a fim de que no torvelinhos das competições de grupos, Indivíduos, de forças políticas, de falsas promessas, possam encaminhar os homens por si, para um mundo melhor. Nesse sentido, acaba de ser traduzido o interessante trabalho – “E agora aonde iremos?” (Where do we go from here?) – e que é “um guia simples para compreendermos o mundo em que vivemos, as molas que os movem e o que se deve fazer por ele.”⁸²

Em 1953⁸³ ocorreu o agravamento da balança comercial em relação a exportação. Vargas assumiu uma reformulação política do seu governo retirando Lacerda e colocando Oswaldo Aranha como o seu novo Ministro da Fazenda e João Goulart como o novo Ministro do Trabalho.

Devido a algumas reformulações do governo e a sua crescente crise cambial e de crédito, manifestações grevistas no centro de São Paulo nas áreas fabris se tornaram constantes, como a famosa Greve dos 300 mil na busca de melhores condições de vida e maiores salários.

A imagem dessas manifestações invadiram também as áreas periféricas como São Miguel. No interior da fábrica Nitro Química Brasileira foram impressos mensalmente os jornais contra Vargas e a sua política pelos diretores, mas esse meio foi apenas uma das estratégias usadas pela administração para acalmar os seus trabalhadores a fim de envolvê-los

⁸² O Estado de São Paulo, 05 de janeiro de 1954, p. 12.

⁸³ FONSECA, Pedro César Dutra. *Op. Cit.* p. 393.

à ideologia da fábrica, assim como tentou o *Presidente do Círculo Operário de São Miguel Paulista em 1953*, Salo Loebmann:

Não devemos entretanto esperar simplesmente, como assistentes, que esse milagre se opere. Ao contrário, temos muito que fazer e lutar.

Serão anos de esforços e sacrifícios antes que esse programa seja realizado.

Precisamos reconquistar os mercados externos, para isso devemos produzir mais e de forma mais racional, a fim de baixar o custo e podermos enfrentar a concorrência de outras nações. É preciso evitar o êxodo do trabalhador rural, dando-lhe maior assistência e proteção; precisamos melhorar e coordenar os transportes para não onerar o custo das mercadorias.

(...)

Sòmente uma ação conjunta do governo, das associações de classe produtoras, no sentido de que, com a colaboração de todos nós. Desde o homem do campo, operários, mestres, oficiais, engenheiros, industriais, etc., firmemente resolvidos a aumentar a produção, a reduzir o custo das utilidades, a fazer economia, especialmente de artigos importados e essenciais, é que venceremos essa batalha que se delinea.

Sòmente assim, seremos capaz de atravessar esses poucos anos que nos separam da vergonha de sermos um país “sub-desenvolvido” para o orgulho de virmos a ser uma das grandes potências mundiais.⁸⁴

Esse veículo tinha como finalidade atrair os funcionários e moradores à ideologia nitrina contra Getúlio Vargas culpando-o, desta forma, por todas as catástrofes que estava acontecendo na cidade e no país. Assim, os diretores buscavam formas variadas para tentar se fazer de vítimas do governo por estarem sofrendo as consequências da crise “assim como os seus operários”.

O Brasil acumulava uma enorme dívida externa referente ao déficit cambial e a não obtenção de mais crédito. Os industriais, como Salo Loebmann da Nitro Química, sentiram o perigo dessa crise e tiveram soluções práticas para a criação de novos valores para o crescimento nacional:

As dificuldades que se apresentam atualmente no panorama econômico do país e que são causadas pela desvalorização contínua da nossa moeda tanto no mercado interno como no estrangeiro, com o seu reflexo altamente prejudicial para a nossa vida diária, provam que a simples industrialização do país não é suficiente para levantar o nível de vida da coletividade.

Podia-se supôr que industrialisação signifique criação de valores reais, significa produção de bens de consumo, aumenta a oferta destes bens e facilita portanto a cada um a

⁸⁴ OLIVEIRA, Dr. Eduardo Sabino de. *Op. Cit.* p. 01.

aquisição destes bens em escala crescente. Realmente, uma economia sã é caracterizada por aumento cada vez maior da produção e paralelamente aumento do consumo destes bens, mantendo desta maneira o equilíbrio entre produção e consumo.⁸⁵

A política de Getúlio Vargas inviabilizou uma melhor relação com os Estados Unidos, principalmente após a nomeação de João Goulart como Ministro do Trabalho, que trouxe um maior afastamento do conservadorismo político para uma melhor relação com o PTB e os sindicatos ao centralismo estatal, começando pela tentativa de aumento de 100% do salário-mínimo pelo Ministro Jango.⁸⁶

A questão do Petróleo, símbolo do desenvolvimento estatal varguista em seu segundo mandato, foi criticado pela burguesia industrial e pelos militares que ansiavam a queda do presidente para obterem um maior controle político e uma sociedade mais “consciente” dos valores modernos liberais, com isso complementou Loebmann a luta pela moralização dos costumes e uma nova posição educacional para saber votar no candidato certo:

Um nacionalismo acanhado já ultrapassado em todos os países civilizados, deu para a solução do problema do petróleo, a <<Petrobrás>>, que pelo seus atuais estatutos não permite colaboração de capitais estrangeiros.

Em outras palavras: o petróleo continua sendo nosso, porém embaixo da terra.

(...)

Para tudo isso é preciso, em primeiro lugar, que todos nos unamos numa campanha de moralização de costumes, de fortalecimento do caráter e educação geral, começando pelos que estão em cima...

Compete, pois, ao povo saber eleger seus representantes. O voto é a única e grande arma que temos, e nem sempre a usamos com o devido bom senso... Cada eleição e cada legislatura, que seja uma nova lição para todos nós. Que aproveitemos essas lições e que erremos cada vez menos, é o que esperamos... e parece que de fato estamos errando um pouquinho menos...⁸⁷

Vargas impôs uma ideologia nacional-desenvolvimentista envolvendo as idéias de autonomia do Estado, ferindo assim as propostas e ligações externas dos liberais da burguesia industrial representada por diversos meios, um deles foi a UDN do jornalista Carlos Lacerda.⁸⁸

⁸⁵ LOEBMANN, Salo. Para Onde Caminhamos? In: *Nitro Jornal*, nº 07, julho de 1953, p. 01.

⁸⁶ SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* pp. 163-167.

⁸⁷ LOEBMANN, Salo. *Ibidem*.

⁸⁸ FONSECA, Pedro César Dutra. *Op. Cit.* pp. 428-454.

O Estado de São Paulo vinculava notícias contra o governo de Getúlio Vargas freqüentemente, a fim de colocar o público leitor contra o governo, principalmente após o atentado contra o jornalista que ficou conhecido como o “crime da rua Toneleiros”:

Essa garantia de impunidade à que se justifica a acusação ora formulada contra o sr. Presidente da República. De tudo quanto vai mal e péssimo no Brasil, após a sua ascensão ao governo, quer no terreno da moralidade publica quer no terreno das violências pessoais, a responsabilidade é exclusivamente de s. exa. Se s. exe. não manda espancar nem matar os seus adversários, outros, para lhe serem agradáveis, se encarregam desta missão. S. exa. não praticará os crimes mas tirará deles os melhores proveitos. E´ essa a razão que não podemos admiti-lo entre os bons servidores do País.⁸⁹

O descontentamento chegou até aos quartéis militares que ficaram irritados pela falta de equipamento moderno, tornando-se também contrários ao governo Vargas, isso segundo um manifesto escrito por Golbery do Couto e Silva onde demonstrava a insatisfação da situação em geral.⁹⁰

A política de Getúlio com o apoio da classe trabalhadora produziu poucos resultados diante do incisivo manifesto dos coronéis e da campanha udenista, assim a forte persuasão do presidente que tanto lhe garantiu o poder em vida, mesmo sentindo a queda, fez valer através da morte pela Carta-Testamento, manipulando o setor psicológico popular contra seus oponentes, principalmente Carlos Lacerda.⁹¹

O choque da morte do presidente em 24 de agosto de 1954 atingiu o país como um todo, incluindo o bairro de São Miguel Paulista. Foi perguntado para Miguel Augusto, morador, qual foi o acontecimento que mais ficou marcado na vida dele, e ele respondeu:

Marcou na minha vida...? Foi quando eu tava em 54, foi que mataram Getúlio Vargas... eu tava trabalhando... pra colocar as lâmpadas aqui na Igreja, eu soube da notícia... é a única coisa que me marcou.⁹²

Percebemos como as notícias foram distorcidas a ponto de fazer com que algumas pessoas ainda hoje se manifestem da forma como foram divulgadas e manipuladas as notícias no cotidiano vivenciado no passado, a ponto de criarem sensações como fúria, mágoa, tristeza, pânico e revolta pela morte de um governante que se fazia representante da classe

⁸⁹ O Estado de São Paulo, 07 de janeiro de 1954, p. 03.

⁹⁰ ALMEIDA JUNIOR, Antonio Mendes de. *Op. Cit.* pp. 249-255.

⁹¹ SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* pp. 173-180.

⁹² Depoimento de Miguel Augusto concedida ao LabDoc – Unicsul.

trabalhadora. Vargas construiu com a Carta-Testamento uma estratégia de comoção e reorganização social contra aqueles políticos e empresários que o odiava.⁹³ Com isso, completou o migrante José Amaro sobre a sua chegada ao bairro em 54:

Olha é até um fato engraçado, cheguei em São Miguel Paulista no dia que mataram Getúlio Vargas, e foi até me chamou atenção porque eu vi polícia pra todos os lados, parecia assim uma coisa que segundo comentaram era o fim do mundo porque tinha morrido naquele dia a maior liderança que o país pudesse já ter conhecido, segundo comentários e aquelas vozes sempre... aquelas vozes de algumas pessoas gritando Viva! Getúlio Vargas! Viva! Getúlio Vargas, não acredito que esse homem morreu, quem matou? Será que eu posso pegar esse assassino? Então a gente ouvia esses comentários em todas as esquinas em todas as reuniões, embora os policiais não interferia naqueles comentários, naquelas manifestações, naqueles sentimentos daqueles povos, mas foi interessante, então cheguei no dia 24 de agosto de 1954, cheguei aqui em São Miguel Paulista.⁹⁴

O udenista Carlos Lacerda nas páginas do jornal *Tribuna da Imprensa* se fazia presente na condução social contra Vargas, mas com o suicídio do presidente, ele foi obrigado a exilar-se do país tamanha a comoção sacralizada⁹⁵ através da imagem do presidente representada pela Carta-Testamento. A sensibilidade das palavras escritas por Vargas conduzidas perante a sociedade compôs um corpo social em luta pelos velhos ideais em uma ideologia reorganizando pela comoção.

As pessoas ainda guardam em suas memórias os detalhes do fato ocorrido naquele momento histórico expressando-as da forma mais sensível possível, a ponto de ainda sentirem a dor e o desespero do líder nacional que sempre amaram. Com isso, e sem perceberem, acabaram reproduzindo tanto as emoções moldadas como também as palavras expostas do momento.⁹⁶

⁹³ Como demonstrou Garcia, a propaganda adquire um papel de instrumento de conscientização, permitindo a cada um dos envolvidos compreender melhor o contexto que cerca e orientar sua ação em sentido adequado ao seu próprio desenvolvimento. Além disso, a propaganda se transforma em instrumento de união da classe social em torno de metas comuns, permitindo que ela se torne mais organizada e que suas ações sejam mais coerentes. Impede-se que os indivíduos e grupos caminhem em sentidos diversos, o que acabaria por obrigá-los a retornar ao ponto de partida e recomeçar o trabalho. Ver em Garcia, Nelson Jahr. *Op. Cit.* p. 82.

⁹⁴ Depoimento de José Amaro Sobrinho concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁹⁵ Getúlio Vargas com o Estado Novo conseguiu construir uma ideologia estatal altamente eficiente voltada ao controle social pela sua autoridade paternal. Da pátria foi feita uma família e da sociedade um único corpo ativo e guiado pelas propostas legislativas, políticas e teológicas do Estado. Conferir: LENHARO, Alcir. *Op. Cit.*

⁹⁶ PORTELLI, Alessandro. O Massacre de Civitella Val di Chiana. In: *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001. pp. 103-130.

1.3 – O Progressivismo e o Desenvolvimentismo na década de 50

Com a entrada do presidente Café Filho, novos horizontes começaram a ser abertos para a burguesia industrial e as forças armadas que unidos construíram novos acordos num sistema de cooperação articulada que tinha por fim a reconstrução da autonomia do poder através do Estado, antes administrado particularmente por Vargas, assim mostrou o professor Lucas Nogueira através das páginas do jornal O Estado de São Paulo no período:

Apelo ao povo para que respeite a decisão adotada, prestigie as Forças Armadas e o novo chefe da nação. Acima de tudo, que cada cidadão paulista seja um soldado da ordem e trabalhe para tranquilidade do Estado. Vivemos momentos dramáticos da vida nacional, sendo necessário, por isso, ter sempre presente a exata consciência da responsabilidade no cumprimento do dever.⁹⁷

Novos estudos vinham sendo tomados e realizados objetivando o crescimento e o desenvolvimento nacional-burguês, um deles foi a importância da CEPAL para a ideologia industrial, principalmente após a saída de Café Filho e a entrada governamental do presidente JK.

Já em 1948 começou a funcionar em Santiago, no Chile, a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), sob a indiferença da maioria dos governos dos países latino-americanos e a hostilidade dos empresários e do governo dos Estados Unidos.⁹⁸ Vargas, por sua vez, encontrou uma oportunidade e utilidade na reelaboração das concepções latino-americanas tradicionais sobre o crescimento e desenvolvimento econômico. Assim, abriram as portas para a discussão a propósito do Planejamento Econômico e sua Planificação por parte do Governo.⁹⁹

Um dos representantes da CEPAL foi Celso Furtado que diante tamanhas proporções da conjuntura econômica nacional e internacional viu a teoria se desfazer perante a realidade dizendo *“que foi necessário esperar pelos anos 50 para, com a criação do BNDE, armar-se o Estado dos meios financeiros para promover uma verdadeira política de industrialização. Em contrapartida, o Brasil dispunha, à diferença do Chile, de um mercado interno de dimensão considerável. O simples protecionismo, subproduto do colapso da capacidade para importar durante a depressão mundial e o período de guerra, fora suficiente para que a capacidade*

⁹⁷ Este trecho citado está na Nota dos Sindicatos Paulistas escrita pelo professor Lucas Nogueira Garcez, referindo-se a queda de Getúlio Vargas e a ascensão ao poder do novo Presidente da República Café Filho. In.: O Estado de São Paulo, 25 de janeiro de 1954, p. 10.

⁹⁸ IANNI, Octávio. *Op. Cit.* pp. 111-131.

⁹⁹ FONSECA, Pedro César Dutra. *Op. Cit.* pp. 409-413.

*produtiva viesse a ser utilizada intensivamente em indústrias como a têxtil, o que estimulou o espírito empresarial e valorizou a incipiente pesquisa tecnológica.”*¹⁰⁰

O Plano Lafer partiu dessa mentalidade para organizar-se dentro do aspecto industrial como sinônimo de desenvolvimento através do capital e da tecnologia. Assim, o BNDE e a CEPAL em 1953 uniram técnicos, economistas e estudiosos para realizar um diagnóstico global sobre a economia do País e propor um programa de desenvolvimento. Como consequência desses acordos foi formado o Grupo Misto BNDE-CEPAL entre 1953 e 1955.¹⁰¹

Várias reuniões e congressos foram realizados neste período visando o desenvolvimento, o crescimento produtivo e tecnológico para a construção do “Progresso Nacional” tão discutido e planejado. Entre um desses encontros e discussões esteve o Chefe do Departamento de Controle Técnico e Custos da Nitro Química, Benjamin Solitrenick, que se expôs no XI Congresso Brasileiro de Química com outros representantes políticos e industriais:

As atividades do Congresso dividir-se-ão em quatro categorias distintas: Simpósios, Reuniões das Divisões Científicas, Conferências e Visitas. Dos três Simpósios programados, sob os títulos “Métodos especiais de Química Analítica”, “Aplicações atuais da Química Orgânica” e “Matérias Primas básicas para a Indústria Química”, ressalta em interesse, para uma estrutura industrial como a nossa, êste último tópico, cuja Presidência será preenchida pelo Dr. José Ermírio de Moraes. Os temas a serem expostos, todos de momentoso interesse e por autoridades de elevada reputação técnica versarão sobre “Nitrogênio”, “Soda Cáustica”, “Enxofre” e “Celulose”, respectivamente pelos Drs. Eduardo Sabino de Oliveira, desta Companhia; Mario da Silva Pinto, da Carteira de Exportação e Importação do Banco do Brasil; Giscolo F. Dacorso, da Companhia Siderúrgica Nacional e Ludwig Rys, da Indústria Klabin do Paraná de Celulose S. A. Os demais simpósios para escolha de seus temas e pelo renome de seus expositores, serão, indubitavelmente do mais alto aproveitamento.¹⁰²

As conferências trouxeram novos apoios e estudos para o desenvolvimento tão buscado pela racionalidade empresarial trazendo à discussão não apenas representantes da América, mas também alguns europeus ligados ao setor químico:

¹⁰⁰ FURTADO, Celso. *A Fantasia Organizada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 105.

¹⁰¹ FONSECA, Pedro César Dutra. *Op. Cit.* p. 409.

¹⁰² SOLITRENICK, Benjamin. XI Congresso Brasileiro de Química. In: *Nitro Jornal*, nº 19, julho de 1954, p. 01.

As conferências realizadas pelos Professores Chagas Filho, do Departamento Nacional de Pesquisas, Richard Klar, da Alemanha, Dick e Kolthoff, dos Estados Unidos e Krumholz, da Universidade de São Paulo, expuseram temas de ordem científica, técnica e econômica, atraindo um auditório atento que soube aproveitar bem a oportunidade de ouvir essas notabilidades de reputação internacional.¹⁰³

O ex-Ministro da Fazenda de Getúlio Vargas, Horácio Láfer, garantiu a sua participação no Congresso discutindo a importância do enxofre para a produção industrial como matéria-prima essencial ao consumo da humanidade, sendo considerado por ele o “pão da indústria”:

O ultimo tópico deste simposio versou sobre “Enxofre”, matéria prima essencial e que foi chamada, com rara felicidade pelo Dr. Horacio Lafer de “pão da indústria”. De fato o enxofre, e seu derivado imediato o ácido sulfúrico, influi direta ou indiretamente em todos os bens de consumo da humanidade, sendo o seu consumo per capita um índice de grau de adiantamento de um povo. O expositor deste tema foi o Dr. Giscalo F. Dacorso, da Cia. Siderúrgica Nacional, perfeitamente autorizado a expo-lo, pois foi membro integrante da Comissão de Estudos de Enxofre, nomeada em 1952 pelo então Ministro da Fazenda, Dr. Horácio Lafer, numa evidente demonstração de sua visão e compreensão dos magnos problemas da nacionalidade, pois o Brasil é forçado atualmente a importar a totalidade de suas necessidades de enxofre, que montam a mais de uma centena de milhares de toneladas por ano.¹⁰⁴

Os EUA representados pelo presidente Eisenhower não estavam satisfeitos com o Governo Vargas, principalmente nas questões do petróleo e dos preços do café. O próprio Láfer se utilizou das palavras em discurso para colocar em público a sua insatisfação com o governo e poder conquistar o ouvinte a uma nova consciência da realidade econômica, mostrando meios de como resolvê-la, demonstrando “competência” em pleno ano de eleições onde se candidatou para Deputado Federal novamente e foi (re)eleito como representante de São Paulo:

Não podemos paralisar nem a produção nem os investimentos porque, com o crescimento da nossa população, estaremos preparando a asfixia futuro da vida do povo brasileiro.

O crédito deve servir a produção e à sua circulação e não à stockagem, especulação ou açambarcamentos. Providências aconselháveis de cerceamento do credito devem para onde

¹⁰³ Idem. O que foi o XI Congresso Brasileiro de Química. In: *Nitro Jornal*, nº 20, agosto de 1954, p. 01.

¹⁰⁴ Idem. *Op. Cit.* p. 02

prejudicarem a produção que o consumo anuo do povo exige. Para preparar o surto da produção é indispensável, porém, retomar as negociações para completar o acordo que em Washington assinei e promover assim o reequipamento das estradas de ferro, portos, eletricidade, silos e armazéns.¹⁰⁵

Continuando com um discurso liberal-progressista, utilizando as páginas do jornal interno da fábrica, Láfer esclareceu a importância da indústria e, principalmente, o poder econômico que teve o café para a economia brasileira, representando ser o principal produto de exportação para a regulação cambial e a independência do Estado brasileiro:

O café e a indústria são fatores inflacionários? Estou convencido do contrário e explicarei porque. É o café que fornece a maior parte das nossas divisas e estas permitem a importação de bens que necessitamos. Sem estas divisas não poderíamos importar e com a falta os preços subiriam mais. Logo o café é elemento deflacionário. O seu financiamento, se feito com emissões, só é inflacionário quando estas emissões não forem reconhecidas dentro do ano agrícola. Quanto à indústria, se ela não existisse, teríamos que importar tudo e como não temos divisas, haveria falta de tudo e os preços seriam astronômicos. Café e indústria são garantias de independência econômica brasileira e fatores deflacionários.¹⁰⁶

Como complemento do discurso de Láfer perante os trabalhadores mais “politizados” da fábrica Nitro Química, Loebmann mostrou a importância da exportação nacional como elemento fundamental de avanço ao desenvolvimento industrial, criticando assim o mercado brasileiro por estar estático diante as novas e velozes expectativas de crescimento:

<<Exportar ou morrer>>, foi sempre o lema da política de países adiantados. O mesmo lema dava ser o nosso. O governo federal tomou ultimamente várias medidas para estimular e facilitar a exportação. Temos, no entanto, a impressão que as nossas classes produtoras não corresponderam até agora ao apelo do governo federal, continuando preferindo o cômodo mercado interno, ao difícil mas, para nossa sobrevivência econômica indispensável esforço de exportação. Continuando, pois a queda das nossas exportações e conseqüentemente das vendas cambiais, teremos que reduzir no estrangeiro as compras de artigos essenciais para a nossa produção e fracassaremos na luta entre a nossa subprodução.¹⁰⁷

Esse desespero burguês deveu-se à grande importância do café para a economia e sua regularidade cambial, além das relações comerciais com os EUA que era o maior importador

¹⁰⁵ LAFER, Horácio. A situação-econômica financeira do Brasil. In: *Nitro Jornal*, nº 24, dezembro de 1954, p. 14.

¹⁰⁶ Idem. *Op.Cit.* pp. 14-15.

¹⁰⁷ LOEBMANN, Dr. Salo. Super-produção e Sub-produção. In: *Nitro Jornal*, nº 27, março de 1955, p. 02.

da matéria. O café representava $\frac{3}{4}$ do total das exportações brasileiras, principalmente no período em que os discursos foram escritos na década de 50.¹⁰⁸

Por isso, a produção química foi essencial para a sobrevivência da fábrica e de seus representantes que fizeram parte dessa hegemonia local, nacional e internacional. Um conjunto de relações construído e mantido pela ação e planejamento político-econômico tratando o público como um bem particular dividido entre a necessidade de alguns poderosos.

São Miguel Paulista, assim como em todos os cantos onde se mostrou o capitalismo industrial, sofreu com a influência dessa conjuntura que foi visível e sensível cotidianamente. Desta forma a “política” nacional-desenvolvimentista¹⁰⁹ também fez parte da realidade dos trabalhadores da fábrica e dos moradores do bairro.

Os administradores da Nitro mantiveram relações políticas com os representantes dos poderes Estadual e Municipal da cidade de São Paulo, o que lhes garantiu uma segurança na disciplina popular e na condução de seus sonhos por melhorias e transformações, assim como demonstrou a moradora Maria das Graças:

(...) Com relação a vida política, infelizmente São Miguel tem um vereador que foi, entrou pra política, até com o apoio da Nitro Química (...) o pessoal deu esse apoio, apoio que eu digo assim dos mantenedores, dos donos, dos empresários mesmo, acho que até pra São Miguel, na verdade ele deve ter trazido, mas eu acho que poderia ter trazido muito mais, por exemplo: ele está até hoje na política, até hoje ele é vereador. E São Miguel parece que parou no tempo. A Nitro Química acabando, já acabou, é, muitas casas da Nitro Química onde eu morei foram vendidas né. Então São Miguel parece que não progrediu mais, parou. (...) ¹¹⁰

A política foi absorvida pelo trabalhador através do que ela tinha para oferecer em benefícios e em troca dos votos nas eleições. Não há uma preocupação por parte desses políticos em resolver concretamente os problemas da localidade, pois a resolução seria a construção de sua própria inutilidade enquanto político.

¹⁰⁸ MALAN, Pedro. Relações Econômicas Internacionais do Brasil (1945 – 1964). In: *O Brasil Republicano. 4. Economia e Cultura (1930 – 1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p 80. Ver também: FURTADO, Celso. *Análise do Modelo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1982.

¹⁰⁹ A política institucional limita o ser humano e o seu poder de transformação da própria realidade pelas relações sociais em “politicagens” que fazem inverter o valor do trabalhador e a sua atividade política em um simples participante ouvinte e distante das políticas ideológicas ao seu redor. Dentro desta lógica social, o único meio de participação burocrática dos cidadãos se dá através do voto, ocultando assim o verdadeiro poder contido na sociedade. MAAR, Wolfgang Leo. *O que é política*. São Paulo: Brasiliense, 2006 pp. 07-27.

¹¹⁰ Depoimento de Maria das Graças Cancian concedida ao LabDoc – Unicsul.

O *Progresso* foi absorvido como uma coisa boa por muitos moradores por estarem um pouco melhor de vida do que antes, isso devido algumas facilidades assistencialistas que os envolveu.

Alguns políticos famosos vieram à São Miguel Paulista e discursaram benfeitorias à comunidade, como fez Adhemar de Barros segundo a moradora do bairro Elvira Souza de Alcântara:

Tinha o Adhemar de Barros. Adhemar de Barros era um político que vinha fazer ... fazer ... comício aqui. Ele prometia o “mundo e o fundo”. Era o Adhemar de Barros. (...) Ele nunca veio fazer nada, nunca vi.¹¹¹

Também outro político muito influente no período foi Jânio Quadros¹¹², rival de Adhemar de Barros, assim disse Lais Haydeé que ele conseguiu “se destacar” perante muitos eleitores, até mesmo persuadia os que não gostavam muito dele por pertencerem a um outro partido:

A sim... mas eu só me lembro quando começou foi o Jânio Quadros viu, foi a época quando ele começou pra ser, acho que vereador se eu não me engano, foi a primeira vez que ele fez aquele carnaval com a vassoura dele lá, aí eu votei nele, aí assim, aí foi que eu comecei a entender do negócio de política, porque eu nunca me preocupei (...) mas aí ele vinha e olha ele arrastava gente dos outros eu não me lembro não, que eu era mais acostumada com ele e com o Adhemar de Barros, o velho né? Também esse eu lembro dele vir, fazer, falar de hospital dessas coisas aí, e eu não era assim de convivência assim, porque eu tinha muito filho pra criar né? Não dava, tudo pequenininho. Não tinha como.¹¹³

Grande parte das análises sobre a política paulistana no período entre 1945 e 1964 tem se destacado pelo carisma à capacidade de manipulação das lideranças dos partidos políticos às suas relações com a sociedade. No entanto, sem menosprezar tais fatores, é preciso destacar que essa perspectiva tem negligenciado o decisivo papel desempenhado por uma rede de contatos local articulado e estabelecidos nos bairros suburbanos e, de modo geral, constituídos antes da emergência de líderes “do povo” como Adhemar de Barros ou Jânio Quadros. Foi

¹¹¹ Depoimento de Elvira Souza de Alcântara concedida ao LabDoc – Unicsul.

¹¹² José Ermírio de Moraes teve uma ligação direta com a candidatura de Jânio Quadros ao Governo de São Paulo e se consolidou com as contribuições do grupo Votorantim no financiamento da sua campanha para a Presidência. Ver em: RAGO, Maria Aparecida de Paula. *Op. Cit.* p. 118.

¹¹³ Depoimento de Lais Haydeé Romano Assunção concedida ao LabDoc – Unicsul.

essa teia de organizações locais que, no cotidiano dos bairros suburbanos, muitas vezes deu a forma e o conteúdo a essas lideranças que então se constituíam. E, nos períodos eleitorais, era acionada uma rede de comunicações eleitoreiras que desencadeavam e forneciam o suporte para suas campanhas nos bairros por onde passavam.¹¹⁴

O PSP do representante paulistano Adhemar de Barros ficou muito forte na memória¹¹⁵ de muitos moradores em São Miguel Paulista, isso devido a sua concepção ideológica e partidária que vinculava as propostas de benefícios aos eleitores. O contato pessoal era uma arma fundamental para a conquista do eleitorado, assim ganhava a eleição aquele que mais conquistasse o público, isso indiferente de partido, mesmo porque a maioria das pessoas queria saber das propostas para votar:

Em São Miguel mesmo eu não lembro qual eram as pessoas, qual as pessoas que representava os partidos de esquerda, no momento eu não lembro. Eu sei que existiu o PSP do famoso Adhemar de Barros, votei em Adhemar de Barros também, votei em Jânio Quadros pra governador e assim por diante e continuo votando até hoje, eu gosto de votar. (...) Só que é difícil você acertar, é difícil você acertar num político que tenha moral, aquele civismo e amor porque os políticos de hoje só têm interesses pessoais. (...) Eu achava mais sinceridade neles do que nos políticos de hoje, os políticos de hoje são... prometem muito e não fazem nada. É mais a mídia, a mídia é que orienta eles pra eles falar aquelas bobagens e eles falam e terminam ganhando eleições, só que eles não olha pra o eleitorado que elege eles. (...) ¹¹⁶

O voto foi consequência da conquista do político perante a sociedade ao conseguir motivar a ação do outro em acompanhá-lo fielmente até o ato de votar, para isso estratégias diversas foram realizadas como, por exemplo, segundo o morador José Bizaco, os famosos comícios e os shows que tanto empolgavam o público eleitor:

¹¹⁴ FONTES, Paulo e DUARTE, Adriano. *O Populismo Visto da Periferia: adhemarismo e janismo nos bairros da Mooca e São Miguel Paulista, 1947 – 1953*. Texto retirado da internet: <http://lanic.utexas.edu/project/etext/llil/vrp/fontes.pdf> p. 01.

¹¹⁵ A sociedade proletária não possui uma identidade política, mas usufrui daquilo que está ao seu alcance. Mas, segundo Richard Hoggart, de uma maneira geral, a maior parte dos membros das classes proletárias é apolítica e não manifesta preocupações de ordem metafísica. Estão convencidos de que não são essas as coisas mais importantes da vida. Por vezes dão a sua opinião sobre assuntos de caráter geral – religião, política, etc. – mas essas opiniões consistem geralmente numa série de frases feitas, repetidas de uma forma mecânica e transmitidas pela tradição oral e tais frases exprimem generalizações, preconceitos e meias-verdades, que se revestem de uma forma epigramática e assim ascendem à categoria de máximas. Ver em: *As Utilizações da Cultura.1. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*. Lisboa: Editorial Presença, 1973. p. 124.

¹¹⁶ Depoimento de Francisco José Bizaco concedida ao LabDoc – Unicsul.

Com interesse de ver o político, ah eu quero ver o político fulano de tal pra ver como é ele e o que ele vai prometer pra nós, existia isso. E tinha bastante freqüentadores nos shows que eles faziam nas praças, os comícios como a gente falava.¹¹⁷

São Miguel, assim como em todo o país, estava aos poucos se preparando para a entrada de um novo governante nacional que iria mudar radicalmente a sua estrutura, justamente num período de eleições para a mudança de deputados, prefeitos e governadores deu-se também a eleição para a troca presidencial e sua nova conduta política da nação, desta forma nasceu a imagem de JK.

O Governo de Juscelino Kubitschek foi representado pela forte política *desenvolvimentista*, tendo como princípios básicos o transporte e a energia. Para isso JK adotou o seu *Plano Nacional de Desenvolvimento* unindo o capital estrangeiro com os investimentos privados do país.

O presidente tinha um plano que foi consolidar o seu sonho de progresso de crescimento e desenvolvimento rápido do país, fazendo de suas idéias verdadeiras metas que deveriam ser implantadas rapidamente ao nível industrial europeu, daí o seu objetivo de fazer 50 anos de trabalho em apenas 5 de governo.

Abriram novas perspectivas ao mercado nacional, principalmente com a proposta desenvolvimentista industrial, como a automobilística. Assim, o Brasil complementou a economia primária basicamente agrário-exportador com uma maior diversidade industrial em alguns pontos do país, desta forma abrindo um forte espaço para as grandes empresas estrangeiras.

O Estado apareceu como o articulador da economia interna e externa. A especificidade política do Estado brasileiro, no que se refere aos seus liames com os setores produtivos, está em que os empresários de tais setores mantêm *dependência* das ações do Estado. Não constituindo formas sólidas de articulação ao nível da sociedade civil pelas quais pudessem veicular suas demandas, os setores empresariais têm necessidade de um acesso mais direto ao Estado, do qual dependem e dentro do qual são incapazes de estabelecer uma hegemonia efetiva de classe ou fração de classe.¹¹⁸

O governo Café Filho foi considerado fraco e “transitório” representando a aliança política PSD-PTB, partidos esses antes ligados a Getúlio Vargas, por isso para o novo

¹¹⁷ Idem.

¹¹⁸ MARANHÃO, Ricardo. O Estado e a Política no Brasil (1954 – 1964). In.: O Brasil Republicano. 3. Sociedade e Política (1930 – 1964). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 261.

Ministério foram chamados alguns personagens que compuseram a UDN que era um partido antigetulista e liberal.

Como o novo Ministro da Fazenda, Eugênio Gudin sofreu ferrenhas críticas dos industriais e empresários, além dos cafeicultores e agricultores, devido a dependência dos créditos do Estado, mas o Ministro usava o dinheiro para áreas “mais prioritárias”. Com isso surgiu um verdadeiro conflito de interesses tendo como consequência a (re)articulação da SUMOC.

A Superintendência da Moeda e do Crédito (SUMOC)¹¹⁹ em 1953 realizou uma reforma cambial, destinada a melhorar a capacidade de exportação de produtos brasileiros, além de garantir prioridade para as importações de bens essenciais. A Instrução 70, da SUMOC, que instaurou essa reforma que vigorou nos anos 1953-57.¹²⁰

Em janeiro de 1954, a SUMOC mostrava ter uma essencial importância para as importações vinculadas à ordem técnica de produção:

Rio, 3 “Estado” – Pelo telefone – O Sr. Níbio Feltran que dirige internamente a Sumoc, revelou a imprensa que será expedido aviso tornando público o novo esquema elaborado pela comissão de aplicação e financiamento estrangeiros registráveis para apresentação de proposta de operações dessa natureza sob a forma de conjuntos de aparelhamentos destinados à indústria ou outros setores de produção prevista na legislação em vigor.

Entre os quesitos a serem atendidos pelos interessados salientaram-se os que dizem respeito às características principais da proposta, aos produtos a serem fabricados e descrição ampla de suas propriedades e características, organização e filiação de empreendimento, garantia de ordem técnica e financeira, período de instalação total e etapas de realização; meios de produção, estimativa de custo unitário de cada produto, descrição sumário do processo técnico e produtivo dentro do possível; balança cambial de empreendimento e finalmente aparelhamento a ser importado e adquirido no País. São exigíveis ainda plantas das instalações, catálogos, fotografias, comprovantes e cópia de contrato social e de fabricação.¹²¹

A SUMOC (re)surgiu devido a necessidade de créditos da burguesia industrial, por isso, o Governo de Juscelino Kubitschek iria ter que reparar algumas arestas dentro desse cenário nacional-desenvolvimentista para acompanhar o ritmo do novo Progresso mundial e

¹¹⁹ A SUMOC, criada em 2 de fevereiro de 1945, ao fim do primeiro Governo Vargas, não foi utilizada para evitar o desbarateamento de divisas. Entretanto, esse órgão foi criado com as seguintes finalidades, entre outras: autorizar a compra e venda de ouro e cambiais; orientar a política de câmbio e operações bancárias, em geral. Ver em: FONSECA, Pedro César Dutra. Op. Cit. p. 262.

¹²⁰ IANNI, Octávio. Op. Cit. p. 118.

¹²¹ O Estado de São Paulo, 04 de janeiro de 1954, p. 01.

da expansão dos negócios ditados pela Ordem da Globalização. Dentro desta realidade apresentada, um dos diretores do Círculo Operário São Miguel, Álvaro Ragaini, complementou a necessidade do crédito para o novo governo e a indústria:

(...) O govêrno do Sr. Juscelino Kubitschek de Oliveira precisará dar a primeira prova de decisão inabalável, dentro de muito pouco tempo.

E' indispensável que se diga que essa primeira providência da Sumoc fez reagir favoravelmente todos aqueles que honestamente trabalham pra o engrandecimento do país. Um grande crédito de confiança foi aberto ao govêrno federal, por essa razão.

A desvalorização de nossa moeda, iniciada em 1942 quando da mudança do padrão <<mil réis>> para o atual cruzeiro, tem dado causa a uma série interminável de estudos que pretendem, de um e outra forma, localizar o mal, ou os males, indicando os mais variados remédios.

A nosso vêr, a par das indispensáveis medidas de contensão das emissões de papel moeda, limitando-as à justa expansão dos negócios do país, uma política cambial, orçamentos públicos equilibrados, aumento de produtividade agrícola e industrial, solução ao problema do petróleo, deverá o Sr. Juscelino Kubitschek fazer grandes modificações na vida econômica nacional, nos setores administrativos diretamente relacionados com nossas atividades econômicas.¹²²

Não adiantava apenas ter o dinheiro em mãos com a utilização da SUMOC, mas o novo governo junto com os empresários industriais deveria saber acompanhar as novas necessidades do país perante a moderna conjuntura estabelecida no momento como, por exemplo, um novo maquinário industrial e trabalhadores treinados a seguirem essas novas transformações exigidas pelo ritmo de produção e eficiência da conjuntura mundial.

As máquinas se desenvolveram mais rápido do que os próprios homens, para isso a necessidade de acompanhar esse desenvolvimento através de novos programas de Educação e de Saúde que foram extremamente necessários para a produção industrial foi visto pelos empresários como algo urgente para que seus funcionários acompanhassem adequadamente esse novo ritmo de vida e de trabalho, assim complementa Ragaini:

Chamamos aqui a atenção de nossos leitores: além das medidas acima, paralelamente deveriam ser adotadas as sugeridas adiante, no título Comércio Exterior. As modificações eram introduzidas pela Sumoc poderão ser consideradas paliativas que atenderão às circunstâncias atuais; porém, não às futuras.

¹²² RAGAINI, Álvaro. Conjuntura Econômica-Social do Brasil. In: *Nitro Jornal*, nº 39, março de 1956, p. 01.

As dificuldades de transportes contribuem com uma grande parcela os custos de produção e o custo de vida em si.

A nossa rede ferroviária, com exceção feita às instalações da Cia. Paulista e quicá da Santos-Jundiaí, é extremamente deficiente e incompleta. Vários tipos de bitolas agravam as condições técnicas e econômicas da rede ferroviária nacional, si é que se pode dar tal nome ao amontoado de ferrovias brasileiras), tornando alto o custo do transporte ferroviário que encontra no caminhão um seríssimo competidor.

E como as necessidades de transportes avultam, o caminhão é dia a dia mais procurado, concorrendo para delapidar mais, a nossa balança internacional, com a compra de combustíveis.

No que diz respeito a baixa produtividade do operariado brasileiro, a falta de instrução adequada, aliada ao seu perene mau estado físico e a falta de um amparo social amplo, fazem com que nossa mão de obra se torne cara em relação àquilo que consegue produzir.

As escolas primárias, os centros de saúde e de puericultura, bem como as escolas técnicas médias e superiores precisam de um programa especial do Ministério da Educação e Saúde.¹²³

Por esses motivos, uma nova educação (técnica) para um novo *Progresso* (industrial) deveria ser articulada com urgência para oferecer uma nova qualificação aos operários, tornando-os competentes para realizarem a produção dentro das normas da tecnologia, da segurança e do novo ritmo pedido pelo mercado. José Ermírio de Moraes¹²⁴ foi um exemplo dessa desenvoltura burguesa em saber racionalmente analisar o seu espaço e ver o que tinha que ser transformado de acordo com os seus interesses:

Devemos aprender que é somente enfrentando os fatos que poderemos planejar o nosso futuro. Aqueles que o irão construir são os que reconhecem e orientam o presente; e os orientadores de hoje não podem ser aqueles que desejam viver num comodismo alarmante e irresponsável, querendo viver melhores dias a custa do sacrificio dos que lutam pelo bem comum.

Não é só nas grandes cidades que se vive. Lembrando-nos dos nossos antepassados, que lutaram com ardor, dedicação e coragem para começar o que hoje possuímos – sem fruírem a técnica e os recursos que atualmente existem – devemos seguir-lhes o exemplo, - desenvolvendo, por nossa vez, as vastas regiões conhecidas e desconhecidas, dando ensejo ao aparecimento de futuros grandes centros industriais comerciais e agrícolas.

¹²³ Idem. Ibidem.

¹²⁴ Para José Ermírio de Moraes, sua concepção de nação confunde-se com a construção da autonomia nacional, autonomia cujo pressuposto era a existência de setores-chave amparados pelo Estado e de um planejamento econômico pautada pela racionalidade e pela defesa de sua independência. Ver em: RAGO, Maria Aparecida de Paula. *Op. Cit.* p. 121.

Embora pareça exagerado, o homem que ocupa um cargo de responsabilidade, deve saber que o mesmo, a não ser em circunstâncias muito especiais, tem prioridade total sobre o seu tempo, o que, certamente, servirá de orientação para os seus auxiliares enfrentarem os múltiplos problemas da vida cotidiana.¹²⁵

O discurso de Ermírio de Moraes¹²⁶ tentou mostrar a construção de uma nova dinâmica industrial imposta pela nova realidade através da necessidade que tinham com a produção, isso para seguir os passos dos países mais desenvolvidos. Suas palavras tentaram envolver o leitor a buscar no passado as glórias até ali foram conquistadas pelo país fazendo criar um clima de motivação ao trabalho segundo as novas ordens da política global.

O Brasil possuía maquinários e técnicas produtivas altamente ultrapassadas, daí a busca de uma modernização do cenário nacional, tanto no sentido da industrialização como também em novos acordos internacionais buscando sempre alargar o mercado.

Kubitschek escolheu como símbolo desse Progresso a construção da nova capital nacional (Brasília), com isso tentava motivar e gerar um senso de confiança entre os próprios brasileiros, além de fugir das perturbações sociais do Rio de Janeiro. Era tanto um presidente eleito por sua reduzida minoria em busca do alargamento de seu suporte político, quanto um líder ambicioso tentando assegurar o seu lugar na história, tomando a liderança do caminho à industrialização do Brasil.¹²⁷ Mesmo sendo criticado por algumas pessoas no período, JK argumentou a sobre a necessidade da mudança da Capital para o centro, além de ser um símbolo da “nova era” da política nacional:

Quero abordar, agora, meus patrícios, o problema da mudança da Capital para Brasília. Conheço as críticas aos trabalhos que vêm sendo feitas pelo meu governo para transformar em realidade a determinação da Constituição, de transferir a capital para o interior do País. Não sou o inventor de Brasília, mas no meu espírito arraigou a convicção de que chegou a hora, obedecendo ao que manda a nossa Lei Magma, de praticarmos um ato

¹²⁵ Dr. José Ermírio de Moraes. “O Homem do Ano de 1956” In: *Nitro Jornal*, nº 48, fevereiro de 1957, p. 02.

¹²⁶ Desta forma o discurso burguês, segundo Marilena Chauí, é legislador, ético e pedagógico. Tratava-se de um discurso proferido do alto e que, graças a transcendência conferida às idéias, nomeava o real, possuía critérios para distinguir o necessário e o contingente, a natureza e a cultura, a civilização e a barbárie, o normal e o patológico, o lícito e o proibido, o bem e o mal, o verdadeiro e o falso: punha ordem no mundo e ensinava. Fazia das instituições como Pátria, Família, Empresa, Escola, Estado (sempre escrito com maiúsculas), valores e reinos fundados de fato e de direito. por essa via, o discurso nomeava os detentores legítimos da autoridade: o pai, o professor, o patrão, o governante, e, conseqüentemente, deixava explícita a figura dos subordinados e a legitimidade da subordinação. Emitia conhecimentos sobre história em termos de progresso e continuidade, oferecendo, com isto, um conjunto de referenciais seguros fixados no passado e cuja obra era continuada pelo presente e acabada pelo futuro. Era o discurso da tradição e dos moços, isto é, o discurso que se endereçava a ouvintes diferenciados por geração e unificados pela unidade da tarefa herdada. In: CHAUI, Marilena. *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 22.

¹²⁷ SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.*, p. 208.

renovador, um ato político, criador, um ato que, impulsionado pelo crescimento nacional a que acabo de me referir, virá prover a fundação de uma nova era para a nossa Pátria. (...) ¹²⁸

Alguns empresários envolvidos nessa conjuntura político-econômica deram apoio a essa posição do presidente, como fez o diretor Ragaini da Nitro Química:

Ao início de um novo período governamental é justo que se aspire para o nosso País, uma melhoria sensível nas condições econômico-sociais.

Os êrros cometidos pelos govêrnos passados deveriam servir como experiência, fornecendo dados para a solução dos problemas que o novo govêrno deve enfrentar.

Comentaremos neste número de “Nitro Jornal” alguns dos mais cruciantes assuntos que afligem o Brasil nesta altura.

Não temos, nem de leve, a pretensão de tentar influir na orientação de nossos governantes. Longe disso, o nosso objetivo é o de apresentar questões com as quais diàriamente o País se embate.

Sabemos, perfeitamente, que os problemas do Brasil, cuja solução é exigida do novo govêrno, são tremendamente variados e complexos, e exigirão, por isso mesmo, grande quantidade de bom senso, tato, dedicação e, acima de tudo, decisão inabalável.

Depois dos acontecimentos que tumultuaram por várias vêzes nos últimos anos, a vida da nação, o Brasil precisa urgentemente , de um clima de paz e de tranqüilidade, para que o trabalho fecundo de sua população se traduza na criação de riquezas e no bem estar da coletividade.

Preciso será para que tal objetivo seja alcançado, que as lutas políticas por cargos e situações; as questões pessoais e por vêzes partidárias, dêem lugar a debates superiores nos quais os interêsses da Nação e da coletividade sejam sinão os únicos, os principais.

O aumento da produção, a expansão das relações comerciais internas e externas, a expansão material e cultural devem predominar para o engrandecimento do país.

O nosso país tem diante de si um período decisivo em sua história. O futuro da pátria está na dependência direta daquilo que fomos capazes de realizar. Jamais como hoje, o destino do país esteve em nossas próprias mãos.

Comecemos pois, nosso comentário pelo setor que mais extritamente nos interessa. O da Indústria. ¹²⁹

Esse fenômeno político-ideológico chamado *desenvolvimentismo* nasceu através do Programa de Metas (1956-1960) que se desencadeou em uma ampla campanha de formação e orientação da opinião pública, de modo a criarem-se as “expectativas e disposições” coletivas

¹²⁸ O Estado de São Paulo, 01 de janeiro de 1957, p. 12.

¹²⁹ RAGAINI, Álvaro. *Op. Cit.*

para a realização do esforço nacional destinado a implantar a indústria de base. Associa-se o progresso material com o bem-estar coletivo, poupança, investimentos produtivos e elevação geral do nível de vida. Identifica-se o desenvolvimento com a industrialização, a modernização e a maquinização. Nessa corrente de acontecimentos e interpretações do presente e do futuro da sociedade nacional, o aparelho estatal é posto a serviço da industrialização, para que se realizasse em cinco anos uma tarefa de cinquenta.¹³⁰

O Plano de Metas foi uma adaptação moderna do que foi o Grupo Misto BNDE-CEPAL em sua atuação governamental.¹³¹ O Plano de Metas foi estruturado como o principal instrumento de política econômica do governo. Dentre os seus objetivos mais gerais, destacavam-se os seguintes: a) abolir os pontos de estrangulamento da economia, por meio de investimentos infra-estruturais, a cargo do Estado, pois que esses investimentos não atrairiam o setor privado; b) expandir a indústria de base, como a automobilística, indústria pesada e de material elétrico pesado, estimulando investimentos privados nacionais e estrangeiros.¹³²

Desta forma, pretendeu eliminar os pontos de estrangulamento que asfixiavam a economia, visando dar a esta um forte impulso capaz de assegurar o seu subsequente crescimento auto-sustentado. Seria preciso alcançar, nos setores estratégicos, os níveis mínimos de produção requeridos para a satisfação do consumo previsíveis.¹³³

A popularização dos eletrodomésticos, especialmente da televisão, e a emergência de uma versão brasileira da “civilização do automóvel” – fazendo-se aqui uma analogia com o que ocorreria com os Estados Unidos nas década de 1930 e 1940 -, contribuíram para dar aos brasileiros a idéia de identificação dos anos de Juscelino Kubitschek como a era de prosperidade – “os anos dourados” -, marcada pela vivência no país de um surto de desenvolvimento sem precedentes, que as vezes real, as vezes imaginariamente colocava o Brasil em pé de igualdade em relação às nações industrializadas do Ocidente.¹³⁴

A inspiração cultural-consumista norte americana se fez presente no Brasil (American Way of Life), assim como também as indústrias européias se fizeram construindo fábricas no território nacional, isso iria diminuir custos para a política de JK, por isso a publicidade se fez presente no cotidiano da população para sutilmente seduzi-los as mercadorias modernas do novo mundo que estavam aparecendo:

¹³⁰ IANNI, Octávio. *Estado e Capitalismo*. pp. 98-99.

¹³¹ Idem. Op. Cit. p. 14.

¹³² Idem. *Estado e Planejamento Econômico no Brasil*. p. 153.

¹³³ ZAUITH, Chamissi. *Desenvolvimento Econômico e Mudança Social no Governo Juscelino Kubitschek*. São Paulo: Pontifícia Universidade de São Paulo, 1978. Dissertação de Mestrado. p. 51

¹³⁴ AGGIO, Alberto; BARBOSA, Agnaldo de Souza e COELHO, Hercília Mara Facuri. *Política e Sociedade no Brasil (1930-1964)*. São Paulo: Annablume, 2002. p. 122.

Prosseguindo firmemente na realização de um grande destino.

Os dois fatos econômicos ocorridos no Brasil são: o bandeirismo de ontem, que dilatou as nossas fronteiras e o surto industrial do presente, que protegerá o país no plano internacional.

Palmilhando – brasileira como sempre – os caminhos que já desbravou, e mantendo-se na continuidade do programa que se impôs, desde a sua fundação, em 1945, a Cia. INDUSTRIAL E COMERCIAL BRASMOTOR orgulha-se da sua posição de vanguarda no cenário do desenvolvimento industrial da Nação, alcançada ao criar este novo padrão de qualidade e refinamento na fabricação de refrigeradores domésticos – BRASTEMP – **O que há de melhor.**

Consciente dos seus deveres, para com o público consumidor brasileiro, cogita, com relação a 1957, de grandes planos de ampliação de sua indústria de aparelhos domésticos, de modo a melhor integrar-se no esforço nacional, em benefício do progresso econômico, do conforto e do bem-estar social do povo brasileiro.

Cia. Industrial e Comercial BRASMOTOR

São Bernardo do Campo – S.P.¹³⁵

A política *Nacional-Desenvolvimentista* de JK prometia avanços por financiamentos nunca antes visto com investimentos privados e estrangeiros. O Brasil tinha que crescer e modernizar-se para tentar se igualar com as grandes potências, por isso a indústria deveria também se adequar ao sistema tecnocrata que representava o progresso em produção:¹³⁶

Uma análise preliminar da evolução das atividades industriais no ano que ontem terminou demonstra que a sua ascensão continua. Em verdade o prosseguimento da industrialização alicerçou-se no poder aquisitivo externo e interno da moeda. As receitas cambiais provenientes da exportação permitiram a aquisição de todas as matérias-primas necessárias ao funcionamento do parque fabril, mas não foram suficientes para ampliar e modernizar em grau desejável, as instalações, falha que foi compensada em parte pela entrada de capitais estrangeiros. Esse movimento intensificou-se graças aos seguintes fatores: 1) a instabilidade política do Velho Mundo; 2) as amplas perspectivas que, a longo prazo, oferece o mercado interno; 3) os efeitos da Instrução nº 113, que favorece os capitalistas estrangeiros em detrimento dos nacionais e das empresas “naturalizadas”.¹³⁷

A direção da fábrica Nitro Química tomou partido dessa política na construção de novas fábricas pertencentes ao domínio de Ermírio de Moraes para se adequar a essa nova

¹³⁵ O Estado de São Paulo, 01 de janeiro de 1957, p. 03.

¹³⁶ SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. pp. 203-230.

¹³⁷ O Estado de São Paulo, 01 de janeiro de 1957, p. 04.

realidade mundial. O crescimento industrial fez com que criassem uma preocupação maior: a importância pela educação técnica voltada ao “crescimento da nação” e sua nova organização no trabalho industrial:

Já é tempo das nossas escolas técnicas atingirem o máximo das suas matrículas, provendo os diversos ramos das profissões com gente competente e especializada.

Precisamos angariar fundos entre os que podem prestar sua colaboração – e nisto posso afirmar que há muito milhares – para criar bolsas de estudos e, assim, dar uma oportunidade àqueles que têm vontade de aprender, e que não possuem meios financeiros para poderem contribuir com o nosso programa de salvação nacional.

Já é tempo, igualmente, de fazermos o juramento solene de que utilizaremos o nosso tempo, a nossa inteligência e a nossa capacidade de trabalho na direção construtiva de uma nação que precisa resolver, dentro de um curto prazo, inúmeros problemas de maior importância.

Precisamos também acabar com a ilusão de que o prestígio de uma nação é obtido por discursos coloridos, por conferências internacionais ou práticas semelhantes. A fortuna e a posição econômica equilibrada de um povo reside fundamentalmente, na educação e saúde dos seus filhos e no seu trabalho eficiente e tecnicamente organizado.

Isso demonstra que temos que levar uma vida de sacrifícios e vivê-la condignamente. Só assim poderemos ter a certeza que estamos dando tudo, ao nosso alcance, para a consolidação de um país excepcionalmente rico em matérias-primas, imensamente grande em território todo aproveitável e com uma população que já ultrapassa a casa dos 60 milhões de habitantes.¹³⁸

Antes mesmo do Plano de Metas, os empresários da Nitro Química se uniram em forma de cooperação para fazer “evoluir” o cenário produtivo nacional. Entre uma dessas “evoluções” particulares está a Rilsan Brasileira S/A que foi construída em Osasco. Assim, com muito orgulho e satisfação, discursou em público o diretor Antônio Gonçalves sobre o potencial fabril nacional em fazer nascer uma nova indústria:

Para nós que, apesar de modestos colaboradores de uma das maiores indústrias de Química pesada da América do Sul, somos daqueles que acreditam piamente na evolução e capacidade realizadora do parque manufatureiro paulista e brasileiro, foi sem dúvida com grande júbilo que comparecemos no passado dia 10 de Abril, ao vizinho município de Osasco a fim de lá participarmos da cerimônia alusiva a cobertura do primeiro pavimento de uma nova

¹³⁸ Dr. José Ermírio de Moraes. *Op. Cit.*

Fábrica que surge e que sob o nome de **RILSAN BRASILEIRA S/A.**, será um novo coração a pulsar em solo pátrio, contribuindo para o nosso progresso e independência econômica.¹³⁹

O coração realmente pulsou, mas não como deveria ter pulsado segundo seus planejamentos. A fabricação do nylon tinha como matéria-prima o óleo da mamona e o clima local proporcionava uma grande quantidade dessa matéria-prima e por isso já ansiavam pelo lucro de milhões de dólares antes mesmo de abrirem a fábrica:

A Rilsan Brasileira S.A., foi incorporada em 1951 pela Cia. Nitro Química Brasileira, assinalando assim mais um passo dado no setor industrial pelo grupo: Nitro, Klabin, Votorantin e tem uma area construída de 60 mil metros quadrados e deverá estar em funcionamento no próximo mês de Setembro. O seu programa de fabricação consiste no fio NYLON, do qual o consumo nacional atual vai além de 4.000.000 de dólares, não sendo maior pelas dificuldades de importação e mesmo preço de custo. A margem dessa produção teremos sub-produtos como: glicerina, ácido sebácico e três notáveis plastificantes, que são hoje totalmente importados e cujo custo onera a balança comercial brasileira em cerca de 2.000.000 de dolares por ano e são aplicados em larga escala como mistura: com plásticos, borracha e tintas; sendo considerados pelos americanos superiores aos de suas industrias, isso por serem derivados de óleo de rícino.¹⁴⁰

O coração pulsou de tanta felicidade que ocasionou um ataque cardíaco pelo fiasco que foi essa fábrica, comentou o historiador Paulo Fontes que *“o projeto entrou em crise. Rapidamente, a tecnologia utilizada tornou-se obsoleta e, se o óleo de mamona era de fácil aquisição, o mesmo não podia ser dito de outros componentes necessários a produção como o brumo.”*¹⁴¹

Em 1955, um outro empreendimento foi idealizado e mostrado pelo boletim interno da fábrica, demonstrando sempre a visão do lucro e do crescimento em dimensão global a partir de uma nova matéria-prima que foi o alumínio, decorrente do seu crescimento em consumo devido a rápida urbanização que estava acontecendo no país e no mundo incentivando uma frenética cultura consumista na década de 50:

O NITRO JORNAL não poderia estar ausente quando tôda a imprensa nacional saúda a inauguração a 4 de junho p.p. da usina metalúrgica da Companhia Brasileira de Alumínio.

¹³⁹ SILVA, Antonio Gonçalves da. Avante, Brasil. In: *Nitro Jornal*, nº 17, maio de 1954, p. 01.

¹⁴⁰ Trilhando o Caminho do Progresso... In: *Nitro Jornal*, nº 27, março de 1955, p. 06.

¹⁴¹ FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Op. Cit.* p. 45.

Seguindo de perto nossa norma, não nos entusiasma apenas uma vitória do Dr. José Ermírio de Moraes. Isto poderá constituir uma satisfação para seus amigos que, por numerosos que sejam, nada representam em face do interesse de 50 milhões de brasileiros que justamente devem se alegrar com esta vitória.

A implantação da indústria de alumínio no Brasil é tão importante e representa uma conquista tão valiosa, que os interesses pessoais e mesmo os interesses de grupo que nos ligam à C.B.A.¹⁴² desaparecem em face do interesse nacional.

O uso do alumínio no mundo moderno cresce rapidamente e mais especialmente nos últimos anos, incentivado pelas necessidades de guerra. Naturalmente no caso do alumínio deu-se o mesmo que se verifica em relação a tantos outros produtos; os meios quase ilimitados postos em ação no campo de pesquisas, reequipamento etc, fez em anos aquilo que em regime de paz levaria muitos decênios.

(...)

A produção mundial de alumínio está nas mãos de muitos poucos grupos industriais, que detém a exploração desta rendosa indústria. Embora não estejam financeiramente ligados, estes grupos agem em comum acordo para evitar lutas que só prejuízos poderiam acarretar, pois que nenhum deles é suficientemente poderoso nem suficientemente dotado de condições naturais (minas de matéria prima; bauxita; força elétrica; mercado próximo) para sufocar o seu competidor.¹⁴³

Mesmo diante de tanto prestígio e crescimento, o essencial ainda não fora alcançado: o trabalhador industrial. Não adiantava ter um mundo maquinário se as mãos que as fazem funcionar estão travadas pela cultura que trouxeram, por não saberem adequadamente manipular as máquinas e obedecer a regras que fugiam ao seu cotidiano de vida e de lazer. A desobediência a ordem expressava diariamente a luta de classes dentro e fora da fábrica.

A educação para José Ermírio de Moraes foi um fator essencial para os seus negócios, daí sua política fabril altamente assistencialista e paternalista para consolidar uma “Família Nitrina” e solidária, visando evitar principalmente os prejuízos e desacordos com os seus empregados:

Precisamos concretizar, essencialmente, a industrialização das nossas matérias-primas, para que estas sirvam de base sem onus exagerados, para a nossa emancipação econômica. Precisamos educar os nossos filhos dentro de uma vida bem mentada de forma a não criar exageros tão comuns em nossos meios, onde o indivíduo, que tem toda possibilidade de ser um

¹⁴² Indústria italiana do período do governo de Mussolini conhecida como *Montecatini*. A indústria falida e seus operários técnicos vieram ao Brasil para trabalhar devido a técnica que já possuíam.

¹⁴³ Oliveira, Eduardo Sabino de. Perseverança e Patriotismo ... In: *Nitro Jornal*, nº 31, julho de 1955, p. 01.

grande cooperador e criador de nossas riquezas, torna-se um irresponsavel pela facilidade de vida que encontra na fantasia que lhe proporcionam os seus pais e seus amigos.¹⁴⁴

A motivação no trabalho e a disciplina moral e cívica foram desenvolvidas em conjunto entre a Igreja, o comércio e a Indústria na década de 50 para o desenvolvimento na produção industrial e para a reprodução rotineira de valores e costumes dos moradores do bairro, mas esse planejamento de condução da força de trabalho não conseguiu atingir o seu objetivo na realidade, pois mesmo no silêncio a luta de classes está presente e se manifestou culturalmente a cada dia e cada vez mais forte com o tempo. Devido a essa pressão contra a ideologia pregada pelos grandes homens como os diretores da fábrica, outras formas de poder foram buscadas para conter alguma reivindicação do trabalhador/morador no chão do cotidiano miguелense.

¹⁴⁴ José Ermírio de Moraes. “O Homem do Ano de 1956”. *Op.Cit.* pp. 01-02

Capítulo 2

A Liberdade Controlada: a educação, a moral e a fé caminhando com o progresso

Para melhor falarmos do grande valor que ha função social junto a indústria, precisaríamos voltar às vistas aos tempos primitivos, na era da pedra lascada ou na do bronze, então, ao fazermos a comparação, verificarmos o quão evoluímos na esfera social ou melhor, na legislação social, o qual apesar de não acompanhar o desenvolvimento industrial também não ficou em grau muito retrogrado. Assim podemos observar que apesar de existir alguns socialistas que pedem a ociosidade como um ideal humano, verificamos que isso é contraproducente; a ociosidade leva um povo a extinção. Em vista disso não deve haver pais que queiram dar aos seus filhos uma vida ociosa e excessivamente confortável, pois o trabalho é uma necessidade orgânica e humana. Mas, devemos nos lembrar que, se para uma máquina existe um limite de estafa, limite êsse que não deve ultrapassar, seria absurdo que ao homem não se deva aplicar o mesmo critério. A capacidade de trabalho do homem, depende de seu desenvolvimento muscular, do exercício prático, da vontade, além de outros fatores, tais como o clima, o ambiente, a raça e a educação.

Paulo Amaral Palmeira

Diretor do Nitro Jornal

2.1 – A Ordem do Progresso: uma nova educação para outra realidade

O discurso ideológico traz em sua linguagem a necessidade de atingir todos os corações e sentimentos daqueles que se deixam envolver na mensagem veiculada em público. Isso traz a sensação de participação do trabalhador em estar “contribuindo” para o *progresso* e o *desenvolvimento* da empresa e do país.

Dentro desta lógica, os empresários e os diretores da fábrica *Nitro Química Brasileira* tiveram a “sensibilidade” em tentar atrair e envolver os trabalhadores e os moradores do bairro de São Miguel Paulista utilizando várias estratégias de persuasão no cotidiano como as campanhas políticas, as assistencialistas e as educacionais.

Dentro da fábrica os 51 exemplares do *Nitro Jornal* possuíam vários fins, um deles foi ajudar a sustentar a fantasia de “nação” através da participação do trabalhador na construção

do desenvolvimento histórico do país à glória do Progresso moderno simbolizado pela bandeira nacional¹:

Sob a égide da bandeira Nacional vive hoje, como viveu no Brasil-Colônia e no Brasil-Império, um povo laborioso e bom, que acredita na paz e na fraternidade. Preside a nossa Bandeira os destinos de uma Nação voltada para o Trabalho e para o Progresso, tendo se coberto de glórias no passado como se cobrirá de glórias no futuro.²

Sob a sutileza das palavras, o trabalhador sentia a sua utilidade, tanto local como também histórica, e percebia que a sua tarefa não significava um simples ato de sobrevivência, mas também por estar contribuindo com algo maior como desenvolvimento do próprio país.

Os textos que circulavam internamente tinham a finalidade de informar o trabalhador sobre as novidades e acontecimentos da realidade político-industrial, para isso várias linguagens foram colocadas justamente para atingir diversos públicos leitores do espaço fabril. O jornal como veículo informativo só tinha utilidade se fosse um meio de uso cotidiano entre essas pessoas que ao ler admiravam e sonhavam sobre a grandiosidade do local onde trabalhavam.

A percepção como controle da experiência urbana surge como aquela dimensão da linguagem responsável pelo desenvolvimento da capacidade de apreender o cotidiano da cidade e extrair, daí, os elementos capazes de estimular a ação, o comportamento e a intervenção sobre ela. Aprendizado e mudança de comportamento são os fatores que caracterizam apreensão e produção de informação, percepção enfim.³

A voz do discurso empresarial soa de maneira dócil e atraente para camuflar seu interesse político, ideológico e econômico. O conflito capital x trabalho aparenta resumir-se na maior parte das vezes às queixas individuais e a propaganda passa a chamar a atenção muito mais pelo seu caráter estético/criativo para manter uma relação com o receptor da mensagem.⁴

¹ A bandeira e o hino nacional possuem uma simbologia para a legitimação de um novo regime em um novo tempo. Com a introdução da República no século XIX esses símbolos se tornaram fundamentais para a concretização simbólica no imaginário social. Ver em: CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas...* p. 109-128.

² *Nitro Jornal*, nº 23, novembro de 1954, p.05.

³ FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. *Olhar Periférico: informação, linguagem e percepção ambiental*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. p.107.

⁴ PICCARDI, Tatiana. *A Construção do Sentido em Textos Empresariais Institucionais: confronto de vozes e ideologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo – USP/SP, 1999. p. 09.

A fábrica Nitro Química incorporou muito bem essa política em seu discurso interno com a criação de um ambiente fraterno, harmonioso e paternal com a constituição de uma “*Família Nitrina*”. Essa política interna tinha como base ideológica a centralização do poder empresarial e a homogeneidade cultural operária contra as manifestações contrárias às regras e à moral impostas.

Essa política surgiu de uma necessidade própria para a utilização de mecanismos estratégicos de divertimento, de assistencialismo, de educação e de fé para melhor “acomodar” a todos os trabalhadores na (sobre)vivência no local e evitar conturbações, assim demonstrou uma das moradoras do bairro Elízia Moreira sobre a vida cotidiana em São Miguel Paulista:

Era diferente, era muito bom, era tudo gente, era muita gente na Nitro, nessa Nitro Química trabalhava, quase todo mundo que morava em São Miguel trabalhava na Nitro Química, era muito bom naquela época, era tudo gente amiga, gente direita, não tinha essas coisas que tem hoje, droga, não existia nada disso né? Então era muito bom, então fui, posso dizer que criada ali.⁵

Em uma comunidade tão fortemente marcada pela presença de uma fábrica como São Miguel entre os anos de 30 a 60, foi previsível que a divisão no local de trabalho entre chefes, técnicos especializados e de operários tivesse repercussão na vida cotidiana do bairro. A face mais visível dessas distinções expressava-se com relativa clareza nos locais de moradia dos trabalhadores nas diversas vilas e localidades da região,⁶ ao conviver e dividir as experiências nas relações de trabalho.

São Miguel Paulista sofreu um grande inchaço populacional pelas migrações nordestinas e mineiras, principalmente, que continuaram e isso fez com que o bairro não comportasse estruturalmente em moradias bem estruturadas para todos os habitantes, a solução foi a construção de “puxadinhos” aonde em um mesmo terreno várias casas foram construídas para assegurar moradia para toda a família.

Mas a propaganda que persuadiu uma parte da sociedade local para o trabalho e para a urbanização do bairro, sofreu fortemente as consequências do próprio progresso industrial pregado. Eles, os diretores da fábrica, não conseguiram articular rigidamente a política que tanto queriam para construir e comover os operários ao trabalho silenciado e disciplinado.

⁵ Depoimento de Elízia Moreira Cardoso concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁶ FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Comunidade Operária, Migração Nordestina e Lutas Sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)*. p.237.

Para isso utilizavam-se como um meio educacional-pedagógico o jornal interno para relembrar a postura fabril de trabalho e de sua organização contra o comodismo e a indisciplina cultural trazida pelos migrantes, criticando desta forma os seus costumes:

E' costume entre nós, pobres seres humanos, sofismar por meio de muitos malabarismos e imprevistos, desperdiçando assim bastante energia vital, afim de obter a prolongação indefinida dêsse comodismo muito brasileiro que manda deixar como está para ver como fica... Gastam-se energia, tempo e dinheiro para que tudo fique nesse mesmo marasmo cômodo, nesse <<chove não molha>> de: <<p'ra que pensar?...>>, <<p'ra que reagir...>>, <<p'ra que trabalhar?>>.

E, entoadado em tôdas as notas e em todas as latitudes, em clara demonstração de entorpecimento, que muitas vezes é errôneamente preguiça, êsse <<p'ra que>> perdura em fatos e se perpetua na raça. Dizem alguns que o brasileiro é preguiçoso, o que não é verdade, porquanto tôdas as vezes que êle se dispõe e levar a têrmo um empreendimento, êle é concluído e coroado de êxito. O que realmente existe entre nós são vícios de educação e disciplina, são doenças provenientes da falta de conhecimentos, pois grande é o número de analfabetos entre nós; de falta de alimentação suficiente e farta, pois é imenso êste Brasil, onde <<plantando, dá>>, mas... Entretanto, o que mais nos entristece é a falta de disciplina física, moral e intelectual, pois cada um faz o que bem entende, o que quer e o de que gosta, visando apenas sua satisfação individual, sem se importar, muitas vezes, que tal o qual ato possa prejudicar alhures; seu desejo, seu apetite satisfeito, embora lhe dê impressão de bem alimentado, não corresponde a realidade do indivíduo estar mal nutrido, e, por isso, mal humorado! E' errado comer somente o de que se gosta e, infelizmente, confundirmos desordem com liberdade. Queremos ter todos os direitos, sem cumprir nossos deveres. Somos um povo que ainda temos muito que aprender.⁷

A cultura do campo trazida para a cidade fabril praticamente do “dia para a noite” foi completamente diferente e oposta àquela ditada pelo ritmo da produção capitalista do período desenvolvimentista da década de 50. Os trabalhadores tinham autonomia e o controle próprio de trabalho em suas terras, articulando desta forma o tempo e o esforço de acordo com o seu conhecimento e experiência de vida pela cultura e tradição local, contradizendo a ordem moderna da cidade.

Muitos dos jovens trouxeram a liberdade de poder ser crianças e brincar a vontade, até mesmo em locais perigosos. Eles não enxergavam regras, como entrar em áreas proibidas, desta forma, relembra Maria Fernanda dos Santos Gomes, que os acidentes aconteciam frequentemente nestas brincadeiras:

⁷ SOUZA, Emília Soares de. Para Quê? In: *Nitro Jornal*, nº 26, fevereiro de 1955, p.11.

Era atrás da Nitro Química, era uma lagoa muito bonita, onde o pessoal tirava a areia, eles tiravam a areia e faziam, é escoravam o barranco para ele não vir desbarrancando, e depois mais tarde chovia e a lagoa se enchia mais e aí o pessoal ia nadar lá, e nadando mergulhavam e ficavam presos, porque eles escoravam com madeiras e arame farpado, e aí morriam muito jovem na lagoa verde, mas era porque era uma lagoa atrativa, ela era linda, sabe, eles aterraram para fazer esse projeto da SABESP que tem aí embaixo, eles aterraram tudo.⁸

O discurso empresarial se comprometia a trazer os funcionários a encararem o “ritmo produtivo” contra a ociosidade. Esse apelo tinha como princípio demonstrar a vitalidade e a longevidade da vida através do trabalho contínuo. Para isso, o “tempo do relógio” deveria ser praticamente cultuado, respeitado e seguido rigorosamente pela sociedade e contradizer a essa regra, além de ser um grande desperdício de forças, seria também um grande motivo para a velhice precoce e a perda da beleza dos corpos:

A preocupação de parecer mais jovens e ocultar a própria idade, que se manifesta, às vezes, também nos homens, leva frequentemente as mulheres à prática dos mais variados estratagemas. Mas, iludem-se os que procuram iludir os outros recorrendo aos artifícios dos institutos de beleza.

Os efeitos da ação inexorável dos anos, no entanto, podem ser retardados mediante cuidados especiais com a saúde, hábitos morigerados de vida, exames médicos periódicos, tratamento rigoroso aos menores indícios de enfermidades, alimentação adequada e a prática sistemática de demorados exercícios físicos.

(...)

O desleixo consigo mesmo e o são mais positivas e comprometedoras manifestações de velhice. E alheamento das coisas circundantes como a ociosidade conduz naturalmente a êsses estados de despreocupação, as pessoas mais idosas, quando afastadas de seus deveres profissionais, devem fugir à ociosidade, procurando afazeres que preencham os longos períodos de lazer, despertando novas curiosidades. Descobrir novas distrações não é tarefa difícil desde que elas venham satisfazer certos pendores e inclinações naturais, anteriormente sopitados por uma sempre alegada falta de tempo. Muitos se fizeram escritores, músicos, pintores ou se tornaram notáveis exercendo algum ofício que não era o que de fato tôda a vida lhes garantiu a subsistência, e em cuja prática chegaram a demonstrar as mais pronunciadas aptidões, além de alcançarem o desejado rejuvenescimento espiritual.⁹

⁸ Depoimento de Maria Fernanda dos Santos Gomes concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁹ Página Feminina In: *Nitro Jornal*, nº 38, fevereiro de 1956, p.05.

O tempo é um agente precioso para a disciplina do trabalhador no trabalho, como também para a produção em seguir a sua quantidade certa ao ser produzido diariamente. *O relógio é um instrumento regulador das ações e das emoções do ser no mundo capitalista.* Tudo possui hora marcada. Esse recurso foi utilizado desde que o capitalismo industrial começou a aparecer na história mundial, o que aconteceu no século XVIII com a Revolução Industrial.

É bem conhecido que a mediação do tempo está comumente relacionada com os processos familiares no ciclo do trabalho ou das tarefas domésticas.¹⁰ O ciclo do relógio demonstrava o crescimento industrial e o progresso nacional através da produção, desta forma o batimento do instrumento está sempre no ritmo do batimento dos corações dos funcionários que pela própria natureza já estavam induzidos ao trabalho contínuo e forçado.

Assim complementou o ex-funcionário da empresa Amauri da Cunha sobre a exploração do tempo na relação entre o proletário e a burguesia utilizando a força da linguagem para expressar a fuga do pessoal nas horas de folga:

É, era sábado porque a gente que trabalhava na Nitro não tinha esse direito também de ‘as veis’ sábado e domingo vir pra festa porque... porque você trabalhava em três horários. (...) Cada seis semanas cê folgava um sábado e um domingo, mas tinha aquele pessoal que trabalhava das sete as quatro, aí cê podia ir pras festas. Aquele pessoal que trabalhava três horários era tudo setor de produção mais a nível, tinha mais setor de produção do que setor fixo, então o pessoal de três horários só folgava depois de sete semanas, só folgava um final de semana, não era folga direta não, mas na folguinha que tinha o pessoal todo saia.¹¹

Mas mesmo dentro desse progresso desenvolvimentista na década de 50, o poder do relógio não conseguiu penetrar completamente na estrutura da cultura do campo que as pessoas traziam consigo do lugar de origem. Algumas pessoas, como a moradora Elvira de Souza Alcântara, estavam quase que totalmente adversas a essa realidade moderna e consumista, utilizando-se da tradição que aprendeu em sua terra para a sua sobrevivência na cidade:

Eu cozinhava no carvão. Comprava carvão e fazia lá no fogareiro. Gente lá do norte sabe se ‘virá’ né ? Tinha um fogareiro assim... A gente fazia... punha o carvão lá dentro e fazia um fogãozinho lá e cozinhava lá. Feijão com jabá. Cansei de cozinhar foi muito. Era difícil a

¹⁰ THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.267 – 304.

¹¹ Depoimento de Amauri da Cunha concedida ao LabDoc – Unicsul.

coisa heim ? Nós ia cortá aquelas ‘taboa’ lá. Não tinha o que fazer mesmo. Ia cortá’ aquelas ‘taboa’, trazia pra secá tudo esticadinha. Secava, depois eu fazia... Eu sei fazê, cumê. Negócio lá que fazia esteira. Fazia, fazia aquelas esteirona pra por no quintal pras crianças deitá e ‘brincá’.¹²

A memória de Elvira se concretizou através da linguagem que expressou a sua cultura educacional demonstrando, desta forma, a condição de vida e de sobrevivência do local específico de onde nasceu. Muitos moradores conservaram a tradição rural¹³ em território industrial, assim como aconteceu em São Miguel.

Além do tempo, uma comunidade operária também depende de uma família que esteja acoplada ao mesmo ritmo de trabalho e de vida proporcionados pela realidade fabril. Essa preocupação institucional estava muito evidente também com a educação dos filhos dos operários, eles que seriam mais tarde os novos funcionários da empresa, para isso deveriam ser fortes e já estarem preparados ao trabalho. Uma das recomendações educacionais da instituição é fazer os pais tomarem cuidado com o mimo e a criação de um ser frágil:

O excesso de mimo é sempre prejudicial. São inúmeros os exemplos de filhos mimados que nada conseguiram na vida. Fazendo todas as vontades e atendendo a todos os caprichos das crianças, os pais criam personalidades fracas, incapazes de enfrentar com decisão a luta pela vida. Eduque seu filho para a vida evitando o excesso de mimo. Contribua para a formação sadia da sua personalidade.

- Qualquer vida plenamente vivida é uma vida cheia de riscos. Aquêlê que levantar cercas para evitar riscos acaba se abrindo da própria vida.¹⁴

O objetivo institucional era de fazer reproduzir o grau de alienação¹⁵ na educação para que servissem apenas para trabalhar e para obedecer. Os trabalhadores já educavam os seus

¹² Depoimento de Elvira Souza de Alcântara concedida ao LabDoc – Unicsul.

¹³ A vida do proletariado é parte de uma cultura muito marcada, a qual, nalguns aspectos pode ser considerada tão formal e estilizada como aquela que é atribuída às classes superiores. O proletariado seria incapaz de respeitar a etiqueta de um jantar de sete pratos; mas o homem da alta burguesia seria igualmente incapaz de respeitar a etiqueta das classes proletárias e, na maneira como conversasse (não só no assunto da conversa, ou no vocabulário empregado, mas ainda no ritmo imprimido a essa conversa), na maneira como movesse as mãos e os pés, mandasse bebidas ou tentasse oferecê-las, revelaria indubitavelmente que não era aquele o seu meio. Ver em: HOGGART, Richard. *As Utilizações da Cultura*. 1. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Editorial Presença, 1973. p.40.

¹⁴ DAVIS, Kenneth S. Educando para a vida. In: *Jornal*, nº 02, fevereiro de 1953, p.04.

¹⁵ Num primeiro momento, o fenômeno da alienação parece transcorrer na esfera da consciência e, portanto, no modo pelo qual os sujeitos representam as relações sociais tais como lhes aparecem, sendo-lhes impossível reconhecerem-se nos objetos sociais produzidos por sua própria ação. Neste nível, fala-se em “falsa consciência”. Contudo, desde que passemos da noção de falso para a de ilusão necessária à reprodução de uma ordem social determinada, o conceito de alienação vai gradativamente perdendo sua conotação imediatamente subjetiva, para emergir como determinação objetiva da vida social no modo de produção capitalista, apoderando-

filhos a seguirem os seus passos por também terem sido educados à determinada realidade, como demonstrou a memória da moradora Elvira de Souza Alcântara ao relatar sobre a sua infância e as suas conseqüências em sua vida:

Não tive infância não... Minha vida era trabalhar. Meu pai... meu pai era muito rígido né ? Ninguém ia em baile, nem em festa, porque ele não deixava. Quando ele morreu eu não tinha aqueles costumes mais de... de andar atrás das coisas, de bailinho, essas coisas... Minha vida foi trabalhar. É tanto que quando ele morreu fiquei trabalhando, trabalhando, de lá eu vim pra cá, pronto. Já casei e comecei a criar filho.¹⁶

Segundo a visão institucional as crianças brincavam além dos limites por eles impostos através das regras morais do local e muitos pais mantinham uma relação direta com a família ainda dentro das tradições vivenciadas de onde migraram. Esse conflito cultural de tempo e de disciplina compunha uma luta de classes de maneira indireta, mas foi sentida pelos diretores da fábrica por não alcançarem o nível exato de perfeição moral que esperavam dos trabalhadores na educação dos seus filhos para induzindo-los ao trabalho.

A Nitro Química Brasileira, assim como a maioria das outras fábricas na década de 50, estava produzindo com base em metodologias industriais de décadas passadas como, por exemplo, o fordismo e o taylorismo, na condução da organização e do ritmo na produção.

Com a evolução dos sistemas de comércio e de todo o aparato tecnológico, vieram as exigências de precisão nos prazos e na qualidade dos produtos (com a competição por novos mercados se alastrando para além das necessidades locais), de modo que o conhecimento envolvido no âmbito da produção passou a ser assumido como prioridade estratégica pelos capitalistas empregadores.¹⁷ A evolução técnica envolveu cada vez mais o mundo bipartido ideologicamente pela Guerra Fria a ponto de conquistar mercados pela concorrência e pela sempre atualização tecnológica e pedagógica, como demonstraram os diretores da Nitro Química através de alguns textos por eles colocados no jornal:

se tanto da cultura dominante quanto da dominada, pois ainda que seu conteúdo e finalidade sejam diversos nos dois casos, sua *forma* é idêntica em ambos. Os movimentos das relações sociais geram para os sujeitos a impossibilidade de alcançar o universal através do particular, levando-os a criar uma universalidade abstrata que não passa pela mediação do particular, mas por sua dissimulação e contra ele. A sociedade (e, portanto, as classes sociais) encontra-se impossibilitada de relacionar-se consigo mesma, a não ser recusando aquilo que ela própria não cessa de repô, isto é, a particularização extrema de suas divisões internas. Este movimento denomina-se alienação. Verificar em: CHAUI, Marilena. *Cultura e Democracia...* p. 72-73.

¹⁶ Depoimento de Elvira Souza de Alcântara concedida ao LabDoc – Unicsul.

¹⁷ PINTO, Geraldo Augusto. *A Organização do Trabalho no Século 20: taylorismo, fordismo e toyotismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p.20.

Lemos recentemente uma palestra do vice-presidente da Texas Company, Sr. H. W. Dodge, onde encontramos alguns conceitos originais sobre o fator tempo na vida das pessoas. Em noventa por cento dos casos – diz ele – as pessoas que alegam a falta de tempo não apresentam argumentos razoáveis. “Dispomos de mais tempo do que qualquer outra coisa na vida. Todo o momento em que estamos de mais tempo em que estamos despertos constitui um potencial de realizações”. E diz que, muitas vezes, devíamos confessar que determinado trabalho deixou de ser realizado não porque houvesse falta de tempo, mas porque preferimos executar primeiro outro, adiando o que era menos do nosso agrado. Estaria aí a razão da nossa maneira de justificar “muita falta de tempo”

É que, no desempenho das nossas funções, somos impelidos, contrariamente, por uma força moral – o dever, e por uma tendência muito humana – a comodidade. E, em muitos casos, o impulso desta última é superior ao da primeira. Um meio de refrear essa inclinação é assumirmos um estado de espírito com relação aos nossos deveres, procurando cumprí-los prontamente, sem considerar o quanto nos deveriam ser agradáveis ou desagradáveis. Tomando essa atitude, será mais fácil fazer uma seleção das nossas tarefas, estabelecendo um método correto e no qual se deve considerar o tempo necessário para o desempenho de cada serviço. (...)¹⁸

A escola para a ideologia liberal tem como missão preparar o aluno a enfrentar desde cedo a realidade futura que irá construir através do trabalho, por isso a função da pedagogia interna acaba sendo a de organizar e homogeneizar gostos e comportamentos a seguirem as necessidades exigidas pelo mercado. Com isso, o Presidente do Clube de Regatas Nitro Química Armando Righetti tinha a intenção de fazer das salas de aula um criadouro de mão-de-obra à continuidade do cotidiano estabelecido no local:

A escola conserva ainda hoje a estrutura geral que o positivismo lhe imprimiu: primário, o ensino do concreto; grau médio ou secundário, ensino do abstrato; e o grau superior, ensino das profissões liberais, acompanhando o ensino ao desenvolvimento harmônico dos fenômenos fisiológicos e intelectuais. Segundo a Sociologia, a função principal da escola, como de toda educação, é integrar a geração imatura na sociedade em que vai viver. Acontece, entretanto, que a escola é apenas uma das fontes educacionais, em existência com os demais fatores educativos, o lar doméstico, a Igreja, o recreio, o esporte, o clube, o cinema, o rádio, a leitura do livro e da revista. À escola cabe especialmente a educação formal, isto é, o ensino das disciplinas intelectuais essenciais para cada grau.¹⁹

A integração educacional se deu em conjunto entre a fábrica e o Estado na condução pedagógica das crianças do bairro de São Miguel Paulista. Como relatou a moradora da Vila

¹⁸ *Nitro Jornal*, nº 38, fevereiro de 1956, p.14.

¹⁹ RIGHETTI, Armando C. Educação Moral e Cívica. In: *Nitro Jornal*, nº 42, julho e agosto de 1956, p.01.

Nitro Química Maria das Graças Cancian, a fábrica possuía uma participação direta na escola, a ponto de fornecer a merenda como um ato de amor e atenção ao próximo:

Ah! Eu tenho lembranças boas, foi uma infância muito boa, estudei em uma escola... o meu grupo escolar foi feito na... quer dizer, eu morava na Vila Nitro Química, porque a Nitro Química fornecia a moradia para os empregados. E eu morava na vila e a gente estudava na rua, na escola subsidiada pela Nitro Química, era escola do Estado, do governo, porém no prédio a merenda era tudo fornecida pela Nitro e eu estudei nessa escola, essa escola muito boa, que hoje em dia não tem uma escola particular como foi a escola que eu fiz, o meu grupo escolar. Tinha apenas quatro salas de aula, muito grande, muito bem estruturada e o prédio existe até hoje.²⁰

Uma outra aluna, Laís Haydeé, que estudou no mesmo período relatou sobre a mesma merenda oferecida pela Nitro Química aos alunos da escola:

Não, eu não tenho colégio, só grupo escolar. Só fiz grupo escolar, e a gente estudava ali, a professora chamava Silvia Latema, era uma senhora, todo mundo estudava juntos, assim as pessoas mais melhor de situação do que a gente também tudo na mesma escola, e na hora do recreio a Nitro Química mandava pra gente um copo de leite e um pedaço de pão pra todas as crianças que estudavam na escola.²¹

Muitos jovens ainda acompanhavam as suas tradições e experiências de vida rural, com isso a assimilação fácil da nova realidade pretendida pelo poder local não foi alcançada com privilégio, justamente por considerar a liberdade de brincar como uma imoralidade e uma comodidade que devia ser reparada:

Conclamamos todos os homens de bem apelamos a tóda autoridade constituída, para que convoque educadores, psicólogos, estudiosos de moral de sociologia, sacerdotes, políticos honestos, praticistas, médicos, a fim de, em mesa redonda encontrarem, porque não encontrar, e principalmente porque precisamos encontrar urgentemente, o meio adequado e capaz de salvar a juventude de preservar-lhe os sentimentos altruísta e bons.²²

Esse desespero fabril em consolidar ou “salvar” a juventude que estava se perdendo ficou mais nítido devido a liberdade que possuíam os funcionários após o horário de trabalho

²⁰ Depoimento de Maria das Graças Cancian concedida ao LabDoc – Unicsul.

²¹ Depoimento de Laís Haydeé Romano Assunção concedida ao LabDoc – Unicsul.

²² RIGHETTI, Armando C. Ibidem. p.02.

cumprido, ou seja, muitos tinham meios de diversão completamente oposta ao ditado pela moralidade local, como por exemplo fazia o funcionário Josué Pereira da Silva e seus companheiros ao receber o seu dinheiro na saída do seu trabalho:

Em primeiro lugar uma coisa que eu gostava muito de fazer depois que eu trabalhava era por o dinheiro no bolso, daí por diante eu saía fazendo aquelas farras, tomava cerveja bastante barato e quando não aquecia mais o estômago abria a cerveja de terno e gravata e jogava na cabeça e me molhava todinho de cerveja, essa era a maior farra que eu fazia na época, eu e os companheiros que me acompanhavam.²³

O esforço fabril em tentar organizar e disciplinar a sociedade nitrina foi muito grande, mas sentiram na prática cotidiana que a luta para essa conquista era muito forte, justamente por terem esquecido que dentro dos funcionários existiam valores, costumes, tradições e visões muito diferentes da realidade que pretendiam construir. Enquanto para o empresário o dinheiro significava a vida, para muitos empregados isso apenas representava um meio material para sobreviver e se divertir.

2.2 – O Centro Cívico São Miguel Paulista na construção de um herói

A República brasileira após ter sido “proclamada” precisava de um mito para se assegurar ideologicamente perante a sociedade e como consequência disso devia concretizá-lo como a imagem de um herói nacional, como aconteceu com a de Tiradentes.

Heróis são símbolos poderosos, encarnações de idéias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. Não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico. Em alguns, os heróis surgiram quase espontaneamente das lutas que precederam a nova ordem das coisas. Em outros, de menor profundidade popular, foi necessário maior esforço na escolha e na promoção da figura do herói.²⁴

Nas escolas, o ensino moral e cívico fazia parte das aulas dos jovens que aprendiam as datas mais importantes do calendário nacional. Também foram muito observados os grandes nomes e heróis que ajudaram a construir a história da nação, fazendo dessa forma a aula uma

²³ Depoimento de Josué Pereira da Silva concedida ao LabDoc – Unicsul.

²⁴ CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas...* p.55.

estratégia propagandística do Estado em fazer renovar a sua imagem e seus valores políticos e ideológicos perante as gerações que passavam, assim se preocupou o Estado Novo.

A educação²⁵ foi um instrumento fundamental para os planos culturais dessa política do Estado Novo e ela estava sendo focalizada em vários aspectos e entre eles a necessidade do *ensino profissional* e de *moral e civismo*. A primeira justificava-se pela necessidade de preparar para o trabalho, qualificar a mão-de-obra e aumentar a produtividade – entendidos como verdadeiro pré-requisito para o aumento de salários e melhor distribuição da riqueza. A segunda revestia-se de forte cunho ideológico, como despertar a juventude para o nacionalismo e para o amor à Pátria, revivendo os valores de tradição, de família e de religião.²⁶

Essa política pós-Getúlio foi dada a sua continuidade dentro dos novos valores modernos da década de 50 com o ideal de nacional-desenvolvimentismo. Esta foi justamente a década em que o seu ex-Ministro da Fazenda, *Horácio Lafer*, foi retirado do cargo. Os industriais tinham uma necessidade urgente em ter os seus representantes no Congresso e no Senado para poderem assegurar os seus poderes no cenário político.

Não por menos em 1954, ano de eleições para Deputado Federal, o bairro de São Miguel Paulista foi motivado a “entrar no clima de eleição”, e esse clima foi construído pela fábrica Nitro Química de várias formas, dentre elas os **Jogos Desportivos “Dr. Horácio Lafer”**, disputados no Clube de Regatas Nitro Química e envolveu quase todo o bairro, não por menos o título **Avante, Brasil** que foi escrito pelo secretário de redação do Nitro Jornal, Antônio Gonçalves da Silva, para complementar a emoção desse momento nitrino:

De qualquer modo a Cia. Nitro Química Brasileira, por intermédio de sua administração, o Clube de Regatas Nitro Química, por meio de sua Diretoria, a Comissão Organizadora dos Jogos Desportivos “Dr. Horácio Lafer”, propriamente dito, deseja agradecer a todos que deles participaram, agradecimentos êsses extensivos a população de São Miguel que acompanhou os festejos desde as primeiras horas até a noite dêsse tão memorável dia 25 de Abril de 1954, dia em que foram realizados os JOGOS DESPORTIVOS “DR.HORÁCIO LAFER”, com uma saudação amiga a pessoa eminente precursor de nossa indústria e tão renomado político.²⁷

²⁵ CUNHA, Célio da. *Educação e Autoritarismo no Estado Novo*. São Paulo: Cortez, 1989. p.45-62.

²⁶ FONSECA, Pedro César Dutra. *Op. Cit.* p.300-301.

²⁷ SILVA, Antonio Gonçalves da. *Avante, Brasil*. In: *Nitro Jornal*, nº 17, maio de 1954, p.04.

Como um grande auxílio para essa jornada de conquista de votos e das mentes populares, a educação *moral e cívica*²⁸ foi fundamental para corporificar a população a absorver o ritmo de luta e de mudanças no país, colocando desta forma Horácio Láfer como o novo herói (ou um novo Tiradentes?) para a realização desses feitos prometidos ao bairro e caminhando pelas ruas junto aos seus eleitores *sem* “distância hierárquica” alguma.

Os jovens se tornaram fonte de preocupação aos diretores, assim, aquela *distância política* desses eleitores tinham culpados pelo desleixo social apresentado, o público se tornou uma forte preocupação para ao poder privado, como relatou o diretor Armando Righetti que foi o Presidente do Centro Cívico São Miguel Paulista:

E´ bastante embaraçoso fazer afirmação em torno da moralidade e civismo da juventude, em nossa época, em que a geração adulta, com honradas exceções não prima pelo exemplo. Não é, nem de longe, nossa intenção recriminar jovens ou adultos; não é nossa intenção criticar.

Constatamos apenas um fato, fato que não nos honra do nosso afastamento dos verdadeiros conceitos de valores, nós todos, jovens e velhos.

E, si o panorama moral e cívico de nossa juventude não oferece a promessa, ao menos, de estabilidade e aperfeiçoamento, é porque a geração adulta descuidou da formação conveniente da infância e da mocidade.²⁹

O privado não reduz ou nega o espaço público, mas é o espaço da publicidade da posse e do poder, um reconhecimento público do valor privado, ou seja, o máximo de publicidade pelo máximo de privacidade. O apelo à intimidade da vida privada é suporte e garantia da ordem pública, os códigos de conduta da vida pública passam a ser definidos pelos padrões da vida privada: público e privado não se distinguem.³⁰

Como um meio estratégico e pedagógico de trazer a juventude mineira e nordestina ao clima político-industrial da cidade de São Paulo foi criado e desenvolvido o *Centro Cívico de São Miguel Paulista* com a finalidade de instruí-los à participação das eleições guiada pelo

²⁸ A escola em princípio, tem o objetivo de orientar o desenvolvimento dos alunos, ao mesmo tempo que fornece as informações e fórmulas práticas que lhes permitirão integrar-se ao meio. Nesse processo, acabam por receber o conteúdo da ideologia aceita por seus professores ou imposta pelos administradores escolares. Aprendem as normas de disciplina que devem cumprir e os conhecimentos que os levarão a integrar-se na sociedade, observando o estritos limites definidos pela ideologia dominante. São condicionados a respeitar hierarquias e obedecer os superiores, aprendem qual é o “seu lugar” e o papel que devem exercer. Há, inclusive, as matérias e disciplinas criadas e programadas com o fito exclusivo de transmitir determinadas ideologias de forma direta. É o caso de cursos como os de “Educação Moral”, “Prática de Civismo” etc. Ver em: GARCIA, Nelson Jahr. *Op. Cit.* p. 80-81.

²⁹ RIGHETTI, Armando C. *Educação Moral e Cívica*. .In: *Nitro Jornal*, nº 42, julho e agosto de 1956, p.01.

³⁰ FERRARA, Lucrécia D´Aléssio. *Ibidem*. p.120.

sentimento pátrio de mudança, crescimento e transformação do local e do país, daí a importância da educação para a manipulação do poder:

O CENTRO CIVICO DE SÃO MIGUEL PAULISTA, constitui-se em entidade civil, sem finalidade lucrativa, com os seguintes objetivos:

- a) proporcionar aos moradores do distrito de São Miguel Paulista meios para coordenar os esforços conjuntos de todos os movimentos benéficos a coletividade;
- b) procurar esclarecer o eleitorado na Indicação de candidatos aos cargos públicos eletivos, que pelas suas ligações a São Miguel Paulista e pela sua personalidade, capacidade, procedimento público e privado, sejam merecedores de ocupar posições para benefício do Município, do Estado e da Nação;
- c) manter completo serviço de alistamento eleitoral;
- d) incrementar tôdas as atividades cívicas para o maior desenvolvimento de São Miguel; propugnar pela melhoria cultural do povo de São Miguel Paulista, mantendo cursos de alfabetização, etc...
- e) procurar cooperar, de maneira adequada, com os poderes públicos, no sentido de acelerar e ampliar os melhoramentos que esta localidade carece;
- f) proporcionar Assistência Social aos moradores necessitados de São Miguel Paulista, influenciando ao máximo a ampliação de facilidades públicas nêsse setor; procurar ampliar as oportunidades de colocação e avanço econômico pelo progresso das organizações industriais, agrícolas e comerciais aqui sediadas.

A Direção do CENTRO CIVICO DE SÃO MIGUEL PAULISTA será exercida por um Conselho Deliberativo e por um Conselho Executivo, eleitos para o primeiro exercício por aclamação.³¹

O bairro de São Miguel tinha ainda na década de 50 uma característica rural em que aos poucos começava a ser construído de uma forma desorganizada a sua urbanização, isso devido as fortes migrações que não paravam de acontecer. Esse bairro periférico possuía muitas necessidades estruturais como água, esgoto e luz, mas os bairros pertencentes à fábrica já possuíam uma infra-estrutura mais adequada aos seus habitantes, justamente por serem trabalhadores mais especializados em suas funções.

As propostas organizadas pelo Centro Cívico São Miguel Paulista envolveu, principalmente, as melhorias para as condições de vida dos moradores desse bairro e justamente essas necessidades e que fazia crescer cada vez mais a esperança. Conforme relatou Amauri da Cunha que foi operário da Nitro Química na década de 50, ele mostrou um pouco mais dessa realidade estrutural do bairro:

³¹ *Nitro Jornal*, nº 17, maio de 1954, p.11.

Não! São Miguel não tinha energia elétrica não. (...) Não existia energia naquela época e asfalto não existia. São Miguel era uma coisinha né ? Não tinha, não existia nada. São Miguel só tinha um jipe, a polícia e três policiais. Três policiais tinham naquela época. Era um jipe velho, um carro, um sargento e dois ou três soldados.³²

O mesmo Amauri complementou dizendo sobre a situação das ruas em dias de chuva na região miguelense, demonstrando que o progresso estava um pouco distante do alcançado pelo centro urbano da capital:

E quando, e quando a gente estava de chuva ocê levava um sapato pra calçar lá na Nitro, lá perto do Clube ou você se estrepava. Tinha que arregaçar as calças até o joelho. (...) É! Ou você ia de bota, qualquer coisa até lá, ou levava dois sapatos. Um pra calçar lá pra poder ir trabalhar, pegar condução porque não tinha ônibus, não existia ônibus pra cidade. Existia ônibus pra Penha, o “poeirinha” daqueles rebaixado que passou na novela aquelas jardineira.³³

Mesmo os moradores vivendo em uma contradição, as comemorações moral e cívica continuaram em 1954, mas devido ao suicídio do presidente Vargas alguns encontros foram transferidos para outros meses, como aconteceu em um encontro marcado em agosto que foi transferido estrategicamente para o dia 7 de setembro, ano da “Independência” do Brasil, para as comemorações e homenagens aos operários representados como os “*construtores da grandeza*” motivados pelos discursos e complementados com chopp e salgadinhos:

(...) Finalizando a parte oratória sob aplausos gerais ouvimos o Dr, Horácio para em brilhantes palavras fazer uma explanação da situação atual do Brasil. Disse S.S. inicialmente da perda que sofreu a Pátria com a morte do Presidente Getulio Vargas de quem fóra Ministro das Finanças, episódio lamentável na vida de um homem público. Frizou ainda haver o Centro Cívico associado (...) ao luto oficial, paralizando a inauguração de suas sub-sédes até aquela data e cancelando as festividades programadas para o dia 7 de Setembro.

Externou ainda a satisfação ao ver naquela Vila o simbolo do progresso e da evolução do povo brasileiro, ali simbolizado na centena de residências construídas, e quase todas de propriedade dos próprios trabalhadores de nossa terra e que são os verdadeiros construtores da nossa grandeza. Suas palavras bem timbradas tiveram a melhor acolhida por parte da enorme assistência que ali se imprimia e que o aplaudiu deliradamente. A esta altura foi servido <<Chopp>> e salgadinhos a todos. (...).³⁴

³² Depoimento de Amauri da Cunha concedida ao LabDoc – Unicsul.

³³ Idem. Ibidem.

³⁴ *Nitro Jornal*, nº 22, outubro de 1954, p.10.

Interessante foi o *Nitro Jornal* ter editado no mês seguinte informações precisas à construção homogênea do sentimento de voto. O espírito verdeamarelismo³⁵ apareceu encarnado no “herói miguelense” Horácio Láfer, como o símbolo do futuro e a necessidade de todos à modernidade, daí a utilização da propaganda ideológica na persuasão social em simbolizar a sua imagem com a do Progresso e transformação local:

- a) – S. Miguel precisa de homens que estejam ligados ao trabalho de S. Miguel permanentemente e não só em épocas de eleições;
 - b) – foi HORACIO LAFER como um dos fundadores da Nitro Química que trouxe o progresso desta zona, conhecedor que é dos seus problemas e que por isso pode auxiliar a resolve-los;
 - c) – foi um dos maiores estimuladores de tôdas as obras de assistência social e de melhoria das condições de vida de S. Miguel;
 - d) – foi um dos maiores ministros que o Brasil teve na sua história, lutando pelos interesses do povo;
 - e) – facilitou o progresso da indústria e criou oportunidades de trabalho para o operariado, pois só na sua gestão deu à São Paulo mais de cinco bilhões de cruzeiros em novas máquinas e fábricas;
 - f) – porque combatendo a corrupção e a desonestidade, como homem público entrou com mãos limpas em todos os cargos e dêles saiu com mãos limpas;
- Não sòmente o Brasil precisa de HORACIO LAFER mas também S. Miguel e o seu povo.³⁶

Por toda parte e em todos os momentos foram propagadas as idéias que interferiram nas opiniões e escolhas das pessoas no bairro. Desse modo, foram levadas a agirem de uma maneira que foi quase que imposta subjetivamente, mas que pareceu por elas escolhida livremente, acabaram os eleitores sendo envolvidos a pensar e agir de acordo com o que o discurso e a sua estratégia pretendia.³⁷

O índice de modernização é legível nos processos acumulativos e interativos: a mobilização de recursos, o desenvolvimento das forças produtivas e aumento da produtividade, a necessidade de expansão econômica pela ampliação do mercado consumidor, a tecnologia da comunicação de massa que unifica a informação e sua seleção no impacto da

³⁵ CHAUI, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. p.31-45.

³⁶ Idem. *Op. Cit.* p. 10.

³⁷ GARCIA, Nelson Jahr. *Op. Cit.* p.12-13.

quantidade e da rapidez, submetem as aspirações individuais e seus hábitos e padrões que se mimetizam em todas as habitações e constituem o valor que as unifica.³⁸

Mesmo com tanto discurso, o bairro possuía graves necessidades para a sobrevivência dos moradores, principalmente para àqueles que estavam chegando. Um dos únicos transportes “rápidos” que existia na região e ligava bairro-centro foi o trem, mas não existia uma estrutura eficiente para a sua utilização. As promessas faziam parte desse jogo político aonde às necessidades foram trocadas pelos votos em um acordo assistencialista e temporário.

A via férrea dependia apenas de uma linha de ida e de volta que continuou em funcionamento até o início da década de 60, com isso o risco de acontecer uma tragédia poderia acontecer em qualquer momento, e foi o que aconteceu e muito chocou a moradora Elvira Souza de Alcântara que acompanhou de perto o terrível desastre:

O trem que tinha aqui. A única condução que tinha de São Miguel pra cidade. Pra outras era a única condução que tinha. E essa trem, ele descarrilhou, bateu, não sei... Daqui do Itaim pra cá. ‘Ai meu Deus’, uma coisa horrível. (...) Foi um desastre! ‘Meu Pai do céu’, só via correndo gente, e correndo gente. Diz que ficava aquele monte de gente assim tudo morto assim. Esse povo ia lá, via e corria. Mas foi uma coisa terrível, terrível. Depois de uns três dias eu passei de trem, na mesma linha aí, eu vi aqueles ‘capim’ tudo amassado, amassado. Parece que derramou um caminhão de sangue assim... Aquela enxurrada. Digo: ‘meu Pai do céu!’... Mas eu fiquei tão impressionada com aquilo, mas ‘diz’ que morreu gente, gente, muita gente.³⁹

Amauri da Cunha complementou a situação ao explicar o modo como funcionavam esses trens no cotidiano do transporte público e o acidente:

Bateu de frente com outros dois trens, foi quando começou esse trem elétrico. Já tava funcionando só que não tinha a linha duplicada, era uma linha só pra correr aí, um chegava na estação tinha que esperar o outro pra poder... e soltava o trem. Pra fazer o cruzamento nessa estação eles soltavam o que ia daqui pra lá, e o nosso aí vinha da cidade lotado, bateu de frente. Foi uma coisa horrorosa. Foi feia, foi horrível aquilo lá, nunca vi tanta gente empilhado assim. (...) Foram muitas pessoas porque o vagão inteiro em cima do outro, ele abriu e ali era assim. É igual funciona hoje o metrô, o trem era a mesma coisa do metrô de manhã, era super-lotado, cê não podia nem levantar os braços nem abaixar.⁴⁰

³⁸ FERRARA, Lucrécia D’Aléssio. *Op. Cit.* p.122.

³⁹ Depoimento de Elvira Souza de Alcântara concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁴⁰ Depoimento de Amauri da Cunha concedida ao LabDoc – Unicsul.

O bombardeio de imagens e de mensagens políticas para a solução dos problemas foram cada vez mais visíveis em qualquer canto do bairro unido pelo mesmo ideal de ver a população em primeiro plano desse momento através das urnas, pelo menos este foi o plano persuasivo a ser alcançado pelo Centro Cívico São Miguel que tinha como missão re-colocar o seu representante Láfer no poder através de uma certa intimidade social-educativa:

Ao observar o desenvolvimento das atividades do Centro Cívico de São Miguel Paulista, fortalece-se a convicção de seus fundadores que as organizações dêse gênero constituem, depois do voto, a mais segura arma de uma população na defesa ou no incremento dos interesses de uma coletividade. Com efeito, que é um Centro Cívico si não uma reunião de homens interessados nas coisas e destinos de uma comunidade, e que pela sub-divisão cada vez maior das funções orientadoras e fiscalizadoras, podem, chamando a si algumas atribuições das autoridades eleitas, levar às mesmas, os resumos dos maiores anseios ou das mais imediatas necessidades da coletividade que representam. Pode um Centro Cívico por meio de seus Conselhos, comissões e sub-comissões, congregar indivíduos de interesse nas cousas públicas, selecionando-os mesmo conforme suas melhores aptidões que agirão como verdadeiros fiscais ou advogados do eleitorado desde o núcleo central de uma localidade, até às suas esferas periféricas mais longínquas. Que é, por exemplo, o Centro Cívico de São Miguel, si não a nossa personalização como entidade jurídica com direitos de exprimir em nome da população, junto aos Poderes Públicos, tudo aquilo que São Miguel requer e necessita ter.

Estamos vendo que, com a colaboração de todos, pessoas, firmas e indústrias de São Miguel, está se desenvolvendo um trabalho sadio e construtor, e que a população de São Miguel tem no C.C.S.M. um ponto de referência, uma proteção àquele sagrado direito democrático de fazer-se ouvir pelas autoridades eleitas depois de dar-lhe o voto de eleição.⁴¹

Após uma forte e cotidiana presença da propaganda, o líder Horácio Láfer apareceu perante seus eleitores como o novo Deputado Federal em outubro de 1954, ou seja, o ser supremo conseguiu voltar ao trono novamente:

Na tarde do dia 23-10-54, o Tribunal Regional Eleitoral fez a proclamação oficial dos candidatos a cargos eletivos do Estado e Deputado Federal.

Assim sendo, fomos encontrar na relação de Deputados Federais, o nome do Dr. Horácio Lafer, que registrado sob a legenda política do PSD-PR obteve esplêndida vitória com 31.717 votos.

Creador da admiração pública que é, conseguiu assim o Dr. Lafer a sua eleição para aquele alto cargo político do país, por intermédio do qual será a partir de agora, representante do povo, naquilo que lhe diga interesse.

⁴¹ Nitro Jornal, nº 22, outubro de 1954, p.10.

Está de parabens o povo de São Paulo e mais ainda de São Miguel, por ter como representante na Câmara Federal, um homem da têmpera dêsse político, que pelo seu passado, já demonstrou o muito que se pode fazer ao povo e à nação, aquele que, ao par da desenvoltura intelectual, visa ampla, isenção de ânimos, tem o caráter reto, inabalável no seu desejo de mais e mais servir a pátria e à sua gente.⁴²

A educação moral e cívica e a sua prática pedagógica no cotidiano social serviram como um instrumento político e ideológico de persuasão ao seguimento de algo proposto em troca da esperança de crescimento e do assistencialismo. O voto dos moradores de São Miguel não representava simplesmente um ato político, mas a fantasia em depositar a esperança em uma transformação local que tanta necessidade tinha para viver.

Uma das práticas assistencialistas no cotidiano foi assegurar o voto dos trabalhadores internos da fábrica com a criação da Cooperativa da Nitro Química que introduzia o direito aos seus funcionários de adquirir alimentos, como comentou Amauri da Cunha, na compra com “tickets” oferecidos pela fábrica:

É, e quando eu me casei a Nitro Química tinha uma cooperativa, era a cooperativa da Nitro Química. A Nitro Química dava tudo, então a gente comprava, parceiro comprava na cooperativa da Nitro Química, ali tinha de tudo. (...) Descontava em folha, ela dava o vale assim de papel assim, uma espécie, esses talõezinhos assim de refinha. Uma folha de dez, uma folha de cinco. (...) E pra compra na cooperativa, aí você ia lá, comprava cinco, comprava vinte, comprava cinqüenta. (...) É, ali ele gastava de acordo com que ele ia precisando, ele ia comprando depois, destacava, o cara do balcão destacava aquela... aqueles ‘tikets’ que precisava e ocê ia... aquele resto cê ia lá outra vez né ? ‘Mais’ lá tinha de tudo, tinha roupa, tinha tudo. Lá era cooperativa completa, tudo que você precisava existia lá. Calçado, arroz, tudo, tudo, tudo,tudo, tudo que você necessitava a cooperativa tinha, era completa.⁴³

O próprio funcionário que vivia com um salário mínimo complementou a fala ao relatar os dias de se fazer as compras e a organização do local:

Porque ali era só pra atender só os empregados né ? Só o pessoal da Nitro Química mesmo. Era horrorosa lá viu ? Pra comprar. Pô, seis mil pessoas. Seis mil pessoas pra uma cooperativa, chegava sábado e domingo... É chegava o fim de semana era triste pra você... Ficava lotado de gente pra comprar, era ruim, era nessa parte era um pouco difícil só que as

⁴² *Nitro Jornal*, nº 23, novembro de 1954, p.13.

⁴³ Depoimento de Amauri da Cunha concedida ao LabDoc – Unicsul.

coisas era mais barata, a vida era outra, porque já pensou “cê” ganhar um salário mínimo, pagar aluguel, se manter, família e prestação e tudo num salário mínimo ?⁴⁴

A Nitro Química conseguiu absorver o monopólio do comércio local e a administração da vida financeira dos seus trabalhadores. Todo tipo de compra estava sendo controlado burocraticamente pelo cotidiano administrativo fabril:

(...) então o giro financeiro de São Miguel girava assim em torno da fábrica, girava tudo em torno dela né ? Quer dizer que ela segurava o rojão de tudo aqui viu. Todo comércio, toda parte aí ela que segurava. Tinha um Clube, aí tinha um Clube aqui embaixo que aí quase tudo era dela só funcionou São Miguel por causa da Nitro Química, agora ela acabou mas São Miguel ficou.⁴⁵

A fábrica tinha uma participação direta no consumo local também por ter relações diretas com os comércios da região por estarem juntos dentro de uma mesma política de harmonia e segurança nos negócios como, por exemplo, a compra na farmácia:

É, e só tinha as duas mais a Drogaluz é que na época que existia que imperava que vendia a prazo pra descontar na Nitro. Tinha uns turcos aí, cê comprava, descontava na Nitro, mandava fazer terno, comprava relógio... (...) aquela loja do turco, ali era quase tudo de turco aqui em São Miguel, tinha uns turquinho aí. Eles vendiam a prazo pro pessoal da Nitro, tinha um conceito né ? Então vendia pra você se você trabalhava na Nitro ele vendia, se você não trabalhasse era sem chance. Já ia descontado na folha.⁴⁶

A fábrica possuía uma ligação direta com os grandes comerciantes do local que faziam parte também nas campanhas assistencialistas, muitas mercadorias que foram doadas em dias festivos por eles, além de terem ligação direta com o Centro Cívico São Miguel. Foi uma verdadeira organização moral e de costumes a fim de normalizar a consciência dos trabalhadores e dos moradores ao caminho certo do voto e da glorificação dos grandes feitos históricos, cultuando desde a sala de aula os grandes heróis.

Esses imigrantes, como os turcos, por exemplo, que participavam da vida econômica e política do bairro junto a Nitro Química, ajudavam a conduzir a vida cotidiana do comércio.

⁴⁴ Idem. Ibidem.

⁴⁵ Idem. Ibidem.

⁴⁶ Idem. Ibidem.

Não existiam muitas lojas no local, por isso certo monopólio eles construíram justamente pela falta de opções dos moradores para adquirir suas mercadorias, como os móveis e as roupas:

Tinha um, tinha uns comércios duns turcos de casa de móveis, na rua Salvador Medeiros que é a rua da estação sabe ? Ali perto onde pega o trem. Ali tinha uns comércios de loja de roupas e móveis dos turcos. Tinha o Miguelão e outros, e outros, tudo turco.⁴⁷

São Miguel Paulista estava estruturado e organizado, isso segundo o planejamento institucional, pelos diretores da fábrica e pelo comércio a seguirem civilizadamente os caminhos do progresso e da moral nacional, mas na verdade para esses moradores e trabalhadores o que interessava mesmo foram as coisas úteis que poderiam aproveitar como as festas, os tickets, entre outras coisas que necessitavam para o seu cotidiano.

2.3 – O padre e a vigilância moral da sociedade

A Igreja Católica foi diminuída do cenário político durante a República Oligárquica do café-com-leite, mas com a Revolução de 30 ela acabou sendo reintegrada novamente ao poder junto ao Estado com o Cardeal Dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro com a política do presidente Getúlio Vargas.

Essa ligação foi uma necessidade eclesiástica em poder acompanhar melhor a realidade social, política e econômica, ou seja, do mesmo modo que as elites dirigentes do país se subordinam às ideologias dominantes na Europa e nos Estados Unidos, ao liberalismo ou ao positivismo, assim a Igreja vai seguir um caminho paralelo, na sua reforma. Se as elites se tornam “estrangeiras” na sua cultura, também a Igreja, fazendo vir da Europa uma centena e meia de congregações e ordens religiosas masculinas e femininas, num curto período de trinta anos, vai se europeizar e romanizar, tornando-se estranha à religião luso-brasileira, até então praticada pelo povo e veiculada pela própria Igreja.⁴⁸

No período de 1930, o Rio Grande do Sul nas regiões de colonização alemã e italiana foi que a Igreja Católica se fez absoluta na sociedade civil, com diversos sacerdotes, com redes de cooperativas de crédito, produção e consumo entre os colonos, uma sólida classe de pequenos proprietários, pequenos industriais e comerciantes inteiramente ligados à Igreja, uma rede de escolas, colégios e hospitais que não encontravam concorrente nem mesmo no

⁴⁷ Depoimento de Cícero Antônio Pereira concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁴⁸ BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930; O Estado Novo e a Redemocratização. In: *O Brasil Republicano. 4. Economia e Cultura (1930 – 1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p.279.

Estado, jornais e boletins e finalmente laços bastante importantes de militares e políticos com a Igreja.⁴⁹

Por isso, essa “união” começou a ter efeito já em 16 de julho de 1930, ano em que o Papa Pio XI, a pedido do episcopado brasileiro, declarou Nossa Senhora Aparecida padroeira do Brasil,⁵⁰ até então, o padroeiro⁵¹ era São Pedro de Alcântara por força do nome do primeiro e do segundo imperador no século XIX.

Uma outra reforma que aconteceu também a partir de 1930 foi o surgimento do *Movimento Circulista*, que tinha como proposta criada pela Igreja Católica de organizar o movimento operário como se fosse um verdadeiro sindicato.⁵²

Com esse movimento circulista⁵³ colocado em quase todas as áreas fabris do país, foi trazido o pensamento conservador do Governo e a postura anticomunista, se fazendo aproximar mais dos trabalhadores para a consolidação da nova ordem social republicana. O circulismo não nasceria distante do Estado brasileiro, pelo contrário, complementaria o poder estatal com a criação em 1931 do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio se dedicando ao assistencialismo, a orientação religiosa do povo e ao anticomunismo.

Outro ponto comum foi a consideração da propriedade privada como um direito natural sobre as coisas, pois os homens, diferenciando-se dos demais animais pelo uso da razão e da inteligência, não desejariam apenas o *uso* mas também a *posse* do mundo que lhe é exterior. Dessa forma, possuir bens faria parte da natureza do próprio homem, com suas indústrias e instituições, estabelecesse a propriedade particular, para que o ser humano fizesse dela uma extensão do próprio corpo, com que glorifica a Deus. Considera-se ainda o

⁴⁹ Idem. p.275.

⁵⁰ DIAS, Romualdo. *Imagens de Ordem: a doutrina católica sobre autoridade no Brasil (1922-1933)*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. – (Prismas). p.129-130.

⁵¹ Independente dos detalhes de sua iconografia, a imagem passa a ser definida pelo seu uso e pelas expectativas depositadas na intervenção do santo. Ela pode estar significando proteção, agradecimento, referencial de identidade, etc. Presente no cotidiano do devoto, a imagem aponta para a existência de um vínculo, de uma memória, que bem pode ser a obtenção de uma graça ou a lembrança de alguém morto. Estas variadas significações exigem muitas vezes que a imagem adquira denotação através de um texto, que, no caso dos santinhos de papel, pode ser a oração ao santo ou as circunstâncias da impressão, como nas estampas de falecimento. Ver em: TORRES-LONDONO, Fernando. Imaginária e Devoções no Catolicismo Brasileiro. In: *Projeto História*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, 2000. n° 21. p.261.

⁵² O movimento circulista no Brasil baseava as suas ações nos fundamentos filosóficos e teológicos da chamada Doutrina Social da Igreja Católica. Oficialmente essa doutrina iniciou-se com a encíclica *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII, de 15 de maio de 1891 sobre a questão operária. Ver em: ZAMPIERI, Wilson João e IMAMURA, Avelar Cezar. *Padre Aleixo Monteiro Mafra: o pastor de almas de São Miguel Paulista*. São Paulo: Universidade Cruzeiro do Sul, 2000. p. 77.

⁵³ Em 1937, quando foi constituída a Confederação Nacional dos Círculos Operários, o movimento já contava com trinta e quatro Círculos organizados e cerca de 31.000 membros, em cinco estados brasileiros. Ver em: SOUZA MARTINS, Heloísa Helena Teixeira de. *Igreja e Movimento Operário no ABC: 1954-1974*. São Paulo: HUCITEC; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1994. p. 86.

patrimônio de um homem como o prolongamento de sua vida, aquilo que ele constrói para deixar para sua família; assim, a propriedade é sagrada.⁵⁴

A doutrina circulista é muito simples e de muito fácil absorção. Suas bases foram sistematizadas num documento intitulado *Manual dos Círculos Operários*, cuja primeira edição data de 1948.⁵⁵ Mas antes mesmo da criação desse documento existiam vários Centros Operários Católicos espalhados pela cidade de São Paulo.

Dois anos antes desta data surgiu o Círculo Operário São Miguel Paulista, que tinha como um dos principais poderes organizadores a Igreja, e a finalidade atrair as mulheres para a realização de cursos como os de Corte e Costura e o de Arte Culinária para que ocupassem melhor o tempo, mesmo aquelas que trabalhavam nas máquinas de tecelagem dentro da fábrica Nitro Química.

No dia 2 de março de 1941 a população de São Miguel Paulista viu chegar a praça Campos Sales onde se localizava a Igreja Matriz um padre de batina, de feição enérgica e austera, aparentando ser uma pessoa madura. O seu nome era Aleixo Monteiro Mafra e vinha acompanhado de sua família. Ele vinha tomar posse da sua paróquia e conhecer o seu “rebanho”.⁵⁶

Esse Círculo, por sua vez, teve veiculação nas páginas do *Nitro Jornal* aos operários intitulado como *Página Circulista*, tendo como presidente Pedro Redoschi que foi um aliado direto da diretoria e ligado ao Padre Aleixo que já conhecia bem a sociedade miguelense, além de ter uma grande influência entre as famílias:

Realizaram-se com todo o brilhantismo, no dia 7 de fevereiro ultimo, as solenidades comemorativas da entrega dos diplomas às alunas que concluíram os cursos de Corte e Costura, Arte Culinária e Curso Popular, mantidos pelo Círculo Operário São Miguel.

As 8 horas foi resada missa de ação de graças, na matriz local, sendo celebrante o revmo. vigário, padre Aleixo Monteiro Mafra.

A's 20 horas, na sede do Clube de Regatas Nitro Química, teve lugar a sessão solene, grandemente concorrida, e que se realizou sob a presidência do Sr. Pedro Redoschi, presidente do Círculo Operário, o qual se abriu a sessão, começou fazendo um retrospecto do que foi São Miguel Paulista no passado e do que é atualmente, fazendo ressaltar o papel que, nessa evolução, coube à Cia. Nitro Química Brasileira, comandada pelos srs. Drs. José Ermírio de Moraes, Marcelo Milliet Kiehl e Eduardo Sabino de Oliveira; além desses, eram também

⁵⁴ FARIAS, Damião Duque de. Em Defesa da Ordem: aspectos da práxis conservadora católica no Meio Operário em São Paulo (1930-1945). São Paulo: HUCITEC, 1998. p. 167-184.

⁵⁵ STEIN, Leila de Menezes. *Trabalhismo, Círculos Operários e Política: a construção do sindicato de trabalhadores agrícolas no Brasil (1954 a 1964)*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008. p.176-181.

⁵⁶ ZAMPIERI, Wilson João e IMAMURA, Avelar Cezar. *Op. Cit.* p. 34.

homenageados da noite o sr. Antonio D´Almeida D´Eça, cujos relevantes serviços ao Circulo foram salientados pelo orador, estendendo-se também sobre os benefícios que distribuem os cursos mantidos por essa sociedade, permitindo aos filhos de seus associados desenvolverem seus conhecimentos, assim conseguindo elementos para melhorarem seu padrão de vida.⁵⁷

O Círculo Operário São Miguel Paulista (COSMP) tinha uma estrutura política que contava com a união da Igreja com os trabalhadores da Nitro e os seus diretores em atividades assistencialistas que atingia a todos no bairro, possuía também eleições anualmente para recompor a administração dos eventos empregada no local.

Também tinha como objetivo ser um complemento cultural e educacional religioso, em Educação Moral e Cívica e ao assistencialismo social que envolvia tanto os moradores como também a manutenção da harmonia interna dentro da fábrica, além de ter uma grande preocupação em relação a conduta dos jovens:

O C.O.S.M., fundado a 24 de Janeiro de 1946 nesta localidade teve como primeira Diretoria, os Snrs. Rafael Gonçalves Fuentes Filho, Presidente; Avelino Assis Cardoso, Vice-Presidente; José Ferraz de Oliveira e Silva Filho, Secretário; Waldey José de Oliveira, Segundo Secretário; Benedito Pires Eustachio, Primeiro Tesoureiro; Julio José de França, Segundo Tesoureiro e Revmo. Padre Aleixo Monteiro Mafra, Assistente Ecclesiastico e, tem por objetivo coordenar a atividade de seus associados dentro de uma organização forte e perfeita, para os seguintes fins:

1 – Prestar-lhes todo o gênero de benefícios e defesa a saber:

a) – Cultura moral, intelectual, social e física, pela fundação ou adesão de escolas, pela realização de conferências, pela sã imprensa, pelo rádio, cinema educativo, teatro, esportes, escotismo, etc...

b) – Proteção social, por uma assistência carinhosa e eficiente nas oficinas, escolas e lares, advogando os interesses legítimos da classe.

c) – Auxílio Jurídico, médico, farmacêutico, dentário e material, pelas várias formas de beneficência e mútuo socorro.

2 – Colaborar com o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, consoante o decreto-lei n. 7.164, de 12 de Maio de 1941, e em entendimento com as entidades circunistas hierarquicamente superiores, visando a realização, progressiva do programa de ação – com respeito à legislação social contido na 2ª parte do Manual do Círculo Operário.

3 – Fundar e incentivar a fundação de cooperativas ou armazéns circunistas, bem como favorecer a sindicalização das classes.

⁵⁷ Nitro Jornal, nº 03, março de 1953, p.04.

4 – Promover à formação de Núcleos do Círculo e a sub-divisão em zonas e, igualmente, a formação de grupos nas Fábricas, oficinas e estabelecimentos em geral bem como de centros da Juventude Operária Católica.

5 – Restaurar a paz no mundo do trabalho, pelo respeito aos direitos recíprocos e pelo restabelecimento de relações harmoniosas entre operários e patrões.⁵⁸

A educação moral e cívica foi uma das estratégias político- nacional que tinha como objetivo a vigilância dos velhos costumes através de sua reprodução social. O padre, por sua vez, foi um grande vigia⁵⁹ nas propriedades dos moradores de São Miguel para verificar a forma como viviam e se comportavam perante as regras e as doutrinas que deveriam ser seguidas no cotidiano.

Essa instituição também aparecia como um Sindicato Alternativo aos trabalhadores associados, evitando assim maiores contatos com os sindicatos representativos dos químicos e futuras tentativas de aproximação à ideologia comunista tão propagada no período da década de 50, tentando evitar assim conturbações grevistas contra essa ordem “estruturada”.

A ordem mantinha o equilíbrio e a harmonia social, isso tanto no trabalho quanto na convivência cotidiana no bairro, repudiando assim qualquer tipo de violência contra a naturalidade de trabalho imposta pelo domínio do capital:

Para coordenar êstes ideais, o Círculo apoia-se nos seguintes princípios, adotados com bases firmes e inabaláveis:

- 1 – A doutrina moral do Evangelho de Cristo, Código divino e inegalável de justiça, respeito mútuo, amor e harmonia entre os homens.
- 2 – A orientação sociológica contida nas encíclicas: - “Rerum Novarum” de Leão XLII, “Quadragesimo Anno”, de Pio XI e outros documentos pontifícios.
- 3 – Repudio a luta sistemática e violenta de classes.
- 4 – A fórmula de Tiniolo: “O Trabalho cada vez mais dominante, a natureza cada vez mais dominada, o capital cada vez mais proporcionado.
- 5 – A necessidade de intervenção moderada do Estado na questão social no sentido de controlar e regular o justo salário, a justa produção e o justo preço.
- 6 – Conservar-se acima e fóra da política partidária.⁶⁰

Com essa posição eclesiástica dentro da realidade político-social a que está atrelada, esses ideais estão colaborando com o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e

⁵⁸ *Nitro Jornal*, nº 05, maio de 1953, p.04.

⁵⁹ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

⁶⁰ Idem. *Ibidem*.

comportando-se como um *Sindicato apartidário* aos interesses “pacíficos” dos poderosos da indústria. A naturalização da realidade fez com que muitos operários não tivessem motivos para reclamar, mas apenas seguir o destino imposto pelo poder.

Essa posição alternativa tinha como objetivo evitar as manifestações que aconteceram frequentemente em São Paulo entre as décadas de 40 e, principalmente, na de 50, para afastar as fortes manifestações comunistas em troca de festas e benefícios conduzidos pela política assistencialista eclesiástica e nitrina. Conforme disse a ex-funcionária da fábrica Elízia Moreira Cardoso que trabalhou no setor têxtil, esse sindicato não dava tanto espaço assim para quem não trabalhasse lá dentro:

Sempre com o grupo, é uma gente que estudava no Círculo Operário, eles, eles chamavam Círculo Operário, porque lá era o sindicato né? E a turma que estudava lá naquela escola de Corte e Costura era tudo operário da Nitro Química. Aquela época trabalhava nessa Nitro Química aí sete mil pessoas, se imagina como São Miguel era assim, tudo gente trabalhava, sete mil pessoas trabalhavam naquela época entre 1959, 60, 58, por aí, essa data aí.⁶¹

A proposta para a consolidação dessa “sociedade circulista” ainda continuava a ser expressa também pelo *Nitro Jornal*, com a finalidade de deixar bem claro os direitos dos sócios, mas principalmente os seus deveres de associados em cooperar para desenvolver o espírito circulista de paz e produção no trabalho:

São deveres dos sócios:

- Cultivar as virtudes que dignificam sua classe; assiduidade ao trabalho, espírito de ordem, sobriedade, economia, etc...
- Respeitar e fazer respeitar os estatutos e os varios regulamentos do C.O. adaptando-se ao espírito circulista.
- Acatar as ordens legitimamente dadas pela Diretoria do Círculo e da Comissão Executiva do Núcleo a que pertencer.
- Guardar os domingos, dias santificados e festas nacionais, quando possível.
- Pagar dentro do prazo determinado a mensalidade e as contribuições do departamento e seções, em que se houverem inscrito.
- Prestar o seu concurso para maior florescimento do Círculo e informar a administração qualquer ocorrência que possa vir prejudicar os interesses e o bom nome do Círculo.⁶²

⁶¹ Depoimento de Elízia Moreira Cardoso concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁶² *Nitro Jornal*, nº 07, julho de 1953, p.05.

O Estado possuía uma séria deficiência no campo da assistência social, assim, o circulismo agia exatamente nestes setores “deixados a descoberto”. Contudo, se aqui estava a possibilidade de seu vertiginoso crescimento, talvez estivessem também as perspectivas de seu declínio, à medida que o Estado Nacional “cumprisse” a sua tarefa. A Igreja Católica, atuando através do movimento circulista e de acordo com os objetivos da Ação Católica Brasileira, desejando restaurar a sociedade por meio da doutrina cristã, queria também exercer no operariado maior influência, combatendo outras concepções ideológicas, notadamente o comunismo, mantendo sob controle o campo religioso e, com isso, legitimando-se perante as classes dominantes.⁶³

Esse controle ideológico estava também atrelado ao poder empresarial com o da Igreja com o objetivo de assegurarem a ordem social através da manipulação da subjetividade do operário em vigilância constante até mesmo nas horas de lazer. O medo de sofrer algum tipo de punição foi constante, tanto no chão da fábrica como no chão das ruas do bairro, em quebrar de algum tipo de regra ou mandamento que desrespeitasse a origem social implantada pelo poder que se mantém através da racionalidade no controle do outro.⁶⁴

A Igreja não estava somente representada pelo Círculo Operário, sendo ele voltado principalmente aos trabalhadores da Nitro Química, mas ela estava universalmente nos corações das pessoas cristãs de todo o bairro localizado na praça Campos Sales⁶⁵ que envolvia o centro das relações cotidianas das pessoas.

A praça não era simplesmente um ponto específico para se rezar na capela, mas também para se encontrarem uns com os outros, principalmente os jovens que se preocupavam muito com o visual da moda para poderem conseguir uma “paquerinha”, o que poderia ser mais tarde a concretização de um casamento, como bem esclareceu a moradora Lais Haydeé:

A moda assim de roupa ? Era tudo simples, pra baixo do joelho quatro dedos, manga comprida, a gente também só passeava pra ir na Igreja, procissão, só essas coisas assim. E depois que eu casei também não viajei por que naquele tempo não era moda viajar, eu não,

⁶³ FARIAS, Damião Duque de. *Op. Cit.* p. 211.

⁶⁴ FOUCAULT, Michel. *Op Cit*, p.09-29.

⁶⁵ São Miguel Paulista, segundo Bomtempi, foi fundado em 1560 pelo Padre José de Anchieta. Neste local vivia uma aldeia de índios fortes e guerreiros chamada *Aldeia de Ururay*. Com a aculturação católica no período colonial a imagem desses índios foi representada pela do Arcanjo guerreiro São Miguel, daí o surgimento de um novo nome para a região: *São Miguel de Ururay*. Com a República Velha a praça aonde se localiza a *Igreja Velha* ou a *Igreja dos Índios* passou a ser denominada politicamente por Campos Sales. Ver: BOMTEMPI, Sylvio. *Origens Históricas de São Miguel Paulista*. São Paulo: Unicsul, 2000.

também era pobre né? Não tinha pra onde ir mesmo. A gente, quando muito, minhas colegas que casavam, junto, que tinham mais dinheiro, ia pra Aparecida do Norte, só isso.⁶⁶

O espaço da praça, muitas das vezes, foi utilizado como ponto de encontro pelos casais para poderem namorar ao ar livre. Serenatas cantadas, beijos e abraços⁶⁷ eram vistos com olhos de imoralidade pelo sacerdote que pregava pelos bons costumes e criticava aquela juventude que se perdia a cada dia, isso segundo os costumes pregados. Ali na frente da praça observando esses acontecimentos, mas trancada em casa por ter um pai muito rigoroso, Maria Fernanda dos Santos Gomes revelou algumas de suas lembranças da época sobre o bairro trazido pela sua memória daqueles momentos:

É... a lembrança de São Miguel é das festas, é nas praças aí, na Praça de São Miguel, é quando tava fazendo a Igreja, eu não saía e ficava em casa ouvindo o Padre reclamar que o pessoal estava namorando atrás da Igreja, quebrando as telhas e aí ofereciam música, tinha os parquinhos que eles ofereciam música, um oferecia música pro outro e eu estava sempre em casa ouvindo, não saía, meu pai não deixava.⁶⁸

A relação cotidiana na sociedade jovem de São Miguel Paulista começava aos poucos a demonstrar algumas quebras de costumes e regras contra o conservadorismo de alguns pais e da Igreja. Os jovens nesse tempo estavam demonstrando através das atitudes e de novos gostos um comportamento diferente, complementado pela moda trazida pela mídia da época, como as rádios e a televisão.

Uma outra moradora do bairro, Maria das Graças Cancian, falou sobre a postura do padre perante os jovens e a sua influência moral perante a sociedade miguelense:

Agora quanto a religião era, olha, na minha lembrança era o Padre Aleixo, esse padre que todo mundo respeitava muito porque era um senhor, um velhinho, e muito bravo, e a gente tinha que ir as Missas, e a gente tinha que prestar atenção, não podia ir de roupa curta porque ele brigava, ele era uma gracinha e então ele comandava muito a vida do pessoal de São Miguel.⁶⁹

⁶⁶ Depoimento de Lais Haydeé Romano Assunção concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁶⁷ DEL PRIORE, Mary. Anos 30, 40 e 50. In: *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 282-289.

⁶⁸ Depoimento de Maria Fernanda dos Santos Gomes concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁶⁹ Depoimento de Maria das Graças Cancian concedida ao LabDoc – Unicsul.

Uma parte da população tinha a imagem do padre em suas vidas como um ser comum que compartilhava vários momentos importantes recuperado pela memória de muitos moradores, como relatou Elízia Moreira Cardoso sobre a imagem do seu casamento e da construção da Igreja Nova devido ao grande aumento populacional na década de 50:

Aí nós se casamos na igrejainha dos índios lá né? (...) Casamos lá, Padre Aleixo fez o casamento. (...) O Padre Aleixo fez o casamento e tiramos foto no Cine Lapenna. (...) Nossa, muito bom amigo né? Muito bom, trabalhava muito, pra construir aquela Igreja, foi ele que começou né? Só que depois ele ficou doente, não deu pra ele terminar nem chegar na metade, mas foi ele que iniciou ne? A construção da Igreja tudo, alicerce tudo, foi ele que fez.⁷⁰

A Igreja possuía um papel chave no cotidiano social justamente porque a grande maioria da população migrante era católica. Por isso, vários meios para integrá-los a moralidade cristã foram proporcionados, dentre eles as procissões em datas específicas que fazia com que os moradores passassem de casa em casa nas vilas para rezar o terço, mas Maria Fernanda dos Santos Gomes foi clara e direta em dizer que para ela e para muita gente a festa mesmo era após o terço rezado onde os comes e bebes envolvia todos em uma grande festa:

Antigamente tinha as procissões nas vilas, eles visavam os terços nas casas, tinha aquele terço, saia a procissão é que ia ser rezado outro terço na outra casa na semana seguinte, então incentiva os jovens a participar desse terço que no final desse terço tinha comes e bebes, então todo mundo ia, era um divertimento.⁷¹

O ritual das procissões, com a presença dos fiéis nas ruas e a passagem pelas casas dos devotos, exigia necessariamente maior participação das pessoas que a missa dominical, naquele período ainda se rezava em latim e era celebrada com o padre de costas para o público. Além disso, o caráter lúdico e muitas vezes festivo das procissões era bastante atraente para os moradores, particularmente para as crianças.

Mas São Miguel mesmo tendo a maioria de sua população católica também tinha espaço para outros tipos de religiões que conviviam juntos como o protestantismo, a umbanda e o candomblé. Um dos moradores que pertencia a Igreja Batista, Aloízio Vieira dos Santos,

⁷⁰ Depoimento de Elízia Moreira Cardoso concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁷¹ Depoimento de Maria Fernanda dos Santos Gomes concedida ao LabDoc – Unicsul.

relembrou de alguns desses momentos do invocado padre em um duelo retórico com um pastor em plena praça Campos Sales no centro urbano do bairro:

O Padre Aleixo era... ele era muito conhecido. Ele comandava essa região toda. Ele pegava tudo isso aqui, era como se ele fosse um cardeal aqui em São Miguel. Ele comandava tudo aí né. (...) Eu lembro dele. Era um senhor... um velhão, forte, alto, brigava muito com o pastor Mário Valadão que era pastor de um lado e ele de outro. É da Igreja Batista, primeira de São Miguel. (...) É Batista, a primeira Batista de São Miguel. Então eles eram muito eloqüentes no discurso certo? Eles ligavam o microfone lá e o outro ligava de cá (...) de conflito religioso.⁷²

Apesar da imensa maioria de católicos migrantes que compunham o bairro, poucos freqüentavam a Igreja ou encontravam-se sob a direta influência dos preceitos religiosos e de suas regras. É evidente, de um lado, que em momentos importantes das vidas dos moradores, como batismos e casamentos, ou ainda em momentos lúdicos, como festas e procissões, a religião e a Igreja faziam-se presentes. Para muitos migrantes, entretanto, a vinda para a cidade significava um claro enfraquecimento da influência da Igreja e da figura do padre sobre sua vida cotidiana.⁷³

O padre se utilizava também das páginas do *Nitro Jornal* para se comunicar com os leitores e fiéis da fábrica objetivando seduzir os sentimentos católicos à doutrina e a obediência em comunidade. Mensagens voltadas às mulheres, às mães e às crianças foram circuladas para incorporá-las ao modelo ideal de educação entre a família, a sociedade e a Igreja, como ele se refere neste texto ao explicar o gosto da maternidade:

Dizem que Nossa Senhora enxuga a fronte da mãe que acaba de ter um filho, e parece ser assim; pois, tendo sofrido, às vezes, o máximo que pode sofrer, esquece, logo tudo, para contemplar, extasiada, a criança que será desde então a razão de sua vida.

O gosto de ser mãe excede em muito, as angústias da maternidade. A princípio o bebê é admirado como um ente frágil, pequenino, que inspira desvelos e cuidados; é algo que agrada à vista, que distrai, é quasi como um brinquedo. É uma festa para os olhos, ver as faces rosadas e sadias, as mãozinhas, os pés pequeninos, quando balbucia sozinho, quando boceja sonolento ou quasi sorri aos agrados que recebe; um enlevo, na vida da mãe, empolgada pela maternidade.

⁷² Depoimento de Aloízio Vieira dos Santos concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁷³ FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Op. Cit.* p.205.

Mas se a criança adoecer, tudo muda; vem o pavor de perder aquele ente, que nem sequer sabe onde dizer onde lhe doe e seguem-se as vigílias ao pé do berço, em longos cismares, em que tudo lá fora desaparece para ceder lugar às doridas preocupações maternas.

Aos primeiros sinais de melhora é como se rompesse a alvorada de um novo dia, como se tivesse nascido um novo sol.

E depois vêm os primeiros dentinhos, as primeiras palavras, os primeiros passos e tudo é festa, porque o filho para a mãe é a mais robusta, a mais bonita, a mais inteligente de todas as crianças que existem.

São estas as glórias da maternidade.

O amor materno é uma razão profunda no importante papel, que lhe é dado na educação. Amar e fazer-se amar pela criança, será sempre o grande motivo de progresso, nessa tarefa que exige muito de abnegação e sacrifício. “Tudo que sou devo à minha mãe, dizia o grande Santo Agostinho; ela não deu somente a vida corporal; transmitiu-me, também, a vida da alma”. São Bernardo, homem belo e de espírito fulgurante, sempre rodeado pelas ilusões de uma vida mundana, assevera que um pensamento irresistível o impede de precipitar-se na perdição; o pensamento de sua mãe.⁷⁴

Através desse veículo interno a fé também foi muito propagada através das palavras e, também, das imagens, isso com a finalidade de envolver e comover o público leitor à reflexão das datas religiosas ou mesmo dos erros que cometiam os trabalhadores todos os dias. Por isso, a imagem infantil foi muito usada nas páginas dos jornais, criando um clima intenso de sensibilidade aos seus pais para que prestassem mais atenção no cotidiano em suas tarefas:



...que nenhum acidente aconteça a meu pai.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna.

Ano III. São Paulo, Junho de 1955. Nº30. p. 11.

⁷⁴ MAFRA, Pe. Aleixo Monteiro. Para o Dia das Mães. In: *Nitro Jornal*, nº 17, maio de 1954, p. 08.

O padre se manifestava nos jornais da fábrica em datas comemorativas como a páscoa, o natal, entre outras, para garantir através das palavras o espírito festivo e religioso que envolvia todos os trabalhadores àqueles momentos de amor e confraternização através da caridade:

A exemplo dos anos anteriores, o C.O.S.M. patrocinará este ano mais um Natal das Crianças pobres de São Miguel Paulista. Para tanto a Diretoria já está programando a execução de dois “Shows”, em benefício dessa nobre campanha, e desde já apela para os corações generosos que sempre prestaram seu apoio à estas iniciativas para minorar o sofrimento e dar um pouco de alegria aos menos afortunados.

“Comparecendo aos festivais, você estará contribuindo para um ato de caridade.”⁷⁵

Após a realização da festa que garantiu um momento de felicidade para “diminuir o sofrimento” da comunidade, o Nitro Jornal foi utilizado para mostrar o resultado dessa festa realizada em conjunto entre a fábrica, a Igreja e o Comércio, isso com a finalidade de mostrar que o espírito de solidariedade pertence a todos em conjunto, assim não há como ver hierarquia se a atitude harmoniza o ambiente:

Conforme divulgamos em nosso número anterior, foi realizada, no dia 25-12 p.p., na Praça de Esportes do Clube de Regatas Nitro Química, a distribuição de brinquedos às crianças pobres desta localidade. Como acontece anualmente, tivemos uma frequência enorme e grande entusiasmo por parte da petizada, a qual mercê da boa vontade da população, do comércio e da indústria local, vem conseguindo umas horas de satisfação e alegria, no dia de confraternização universal.

Muitos comerciantes do bairro se uniram na contribuição de dinheiro para a realização das festas religiosas e também ajudaram na construção da Sede do COSMP. Em um bairro onde a maioria da população estava composta por migrantes alguns imigrantes também faziam parte do cenário social de São Miguel. Muitos desses eram comerciantes que vieram do Oriente como, por exemplo, os libaneses e as suas lojas de tecidos e de móveis. Eles foram sócios do Círculo e também dependiam da Paz e da Harmonia miguelense para que os seus negócios não fossem perturbados pelas influências ideológicas externas da região.

A religiosidade fazia parte da vida cotidiana da sociedade miguelense. A cada ano o bairro crescia mais devido as fortes ondas migratórias que não paravam de acontecer, para

⁷⁵ Nitro Jornal, nº 11, novembro de 1953, p.07.

isso a imagem do padre em ser severo e rígido tinha a finalidade de organizar o comportamento dos fiéis na forte urbanização que estava acontecendo desenfreadamente. O inchaço populacional fez com que fosse construído no dia 13 de janeiro de 1952 a Nova Igreja Matriz de São Miguel Paulista que teve como apóio a Nitro Química que doou boa parte do material químico necessário para a construção. O Padre Aleixo assentou a pedra fundamental, mas não conseguiu ver a obra acabada, falecendo em 11/02/1967, anos antes do término da obra.

2.4 – A ideologia nos momentos de lazer: o Clube de Regatas Nitro Química

Uma indústria forte depende de corpos que estejam no mesmo ritmo de produção perante a grandiosidade das máquinas e das caldeiras, para isso o exercício físico foi fundamental para que os operários desenvolvessem melhor, e mais rápido, as suas habilidades e os seus reflexos tão necessários para enfrentarem o cotidiano pesado e perigoso dos setores químicos.

Em uma comunidade operária como a de São Miguel entre os anos 40 a 60, os padrões de lazer estavam claramente condicionados pelas opções culturais e de entretenimento da própria população, daí a preocupação de uma empresa como a Nitro Química diante o ‘tempo livre’ de sua mão-de-obra em se preocupar com essa liberdade. No entanto, foi possível perceber como os moradores do bairro aproveitavam dos espaços e das poucas opções existentes de lazer na região, assim uma gama relativamente variada de divertimentos para seus momentos de folga do trabalho foram fornecidos e incentivados no local.⁷⁶

Segundo a visão dos diretores da fábrica, o local proporcionava poucas opções de lazer, daí o surgimento do *Clube de Regatas Nitro Química* que foi muito utilizado tanto pelos operários como também pelos moradores e um dos grandes momentos de diversão foi o Campeonato de Futebol da LECI (Liga do Comércio e da Indústria) que acontecia entre os trabalhadores da Nitro contra os trabalhadores de fábricas vizinhas:

Tendo o nosso quadro de Juvenil vencido brilhantemente e invictamente o Campeonato da LECI, não podia a Diretoria do Clube deixar passar despercebido esse feito sem tecer os maiores elogios a essa entusiasta rapaziada.

O Juvenil Nitro com galhardia trouxe para o Clube o brilhante título de Campeão invicto da LECI do ano de 1952.

⁷⁶ FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Op. Cit.* p.169.

Disputando 14 partidas, não conheceu adversários que pudessem quebrar a sua invencibilidade.

Dos jogadores do Juvenil que souberam honrar as cores do Clube de Regatas Nitro Química, a Diretoria sente-se cheia de orgulho e congratulou-se com esses jovens que tanto fizeram para a conquista desse tão invejado título, e estimulando-os a continuar sua jornada futebolística.

Fazemos votos portanto, para que no correr do presente ano, esta mesma pleidade de jovens que tão alto elevou as cores do Clube no último campeonato, mantenha seu título de Campeão Invicto, concorrendo assim para maior brilhantismo de nossas atividades esportivas.

77

O nome do time *Nitro Química* que os jogadores carregavam estampado no peito junto ao coração, tinha que ser honrado com suor e amor em suas camisas, isso através de vitórias e de glórias que nem sempre foram alcançadas devido a alguns comportamentos, pois em um jogo de futebol onde o espírito de competição foi muito grande, os jogadores muitas vezes se olhavam como verdadeiros inimigos, conseqüentemente, a pancadaria entre os times acontecia e desestruturava a organização dos clubes e do próprio campeonato:

Afim de apurar os responsáveis por lamentáveis acontecimentos ocorridos entre os visitantes e jogadores do nosso quadro, houve por bem esta Diretoria suspender todos os seus atletas, até segunda ordem.

Após contornar a situação e eliminar os responsáveis, a Diretoria deliberou a volta ao cenário esportivo da nossa representação, sempre dentro das normas sadias do esporte. Dirigirá o time o Snr. Afonso Bruno Neto, veterano das nossas canchas até, poder contar com o diretor efetivo, o popular <<Carlinhos>>, o qual se acha enfermo. Para tanto espera continuar contando com a colaboração de todos para que o Juvenil C.O.S.M. volte às lides esportivas com o prestígio e o bom nome de que sempre foi possuidor.⁷⁸

Mas o time de futebol da Nitro Química sempre foi muito bem estruturado no período a ponto de conseguir ganhar alguns campeonatos como, por exemplo, o da LECI, patrocinado pela Liga do Comércio e Indústria, que foi um dos principais disputado entre os trabalhadores de diversas indústrias. O time após ser campeão e levantar a taça conseguia conquistar o respeito dos outros times que representavam outras fábricas de vários lugares da cidade:

⁷⁷ *Nitro Jornal*, nº 04, janeiro de 1953, p.07.

⁷⁸ *Nitro Jornal*, nº 06, junho de 1953, p.04.

Correspondendo plenamente à expectativa, sagrou-se o C.R.N.Q. campeão de futebol da categoria de aspirantes do certame patrocinado pela Liga do Comércio e Indústria <<Leci>>.

Realmente, o conjunto nitrino no confronto com os seus adversários despontava, no início e no decorrer do campeonato, como o provável vencedor, previsão essa que veio a confirmar-se para gáudio dos diretores, sócios e simpatizantes do Nitro Química. Não foi, no entanto, sem superar grandes obstáculos que os pupilos do técnico Ivo Tossi chegaram à meta final ostentando merecida e orgulhosamente o título de campeões. Êles tiveram pela frente, em jogos sensacionais, os melhores quadros do futebol menor de São Paulo filiados à Leci e, em todos os prêmios, souberam defender com dedicação, desprendimento e classe as gloriosas cores do C.R. Nitro Química para, no final da jornada, enriquecê-lo com mais um título de valor inestimável: Campeão da liga do Comércio e Indústria do ano de 1955.

Congratulamo-nos com a Diretoria do C.R.N.Q. pelo brilhante feito, e apresentamos aos jogadores, lídimois campeões da Leci, as nossas felicitações pela magnífica conquista. São êles os seguintes: Pantera, Zé-Café, Lampeão, Lauro, Julião, Miguel, Julinho, Levy, Humberto, Nelson, Antoninho, Luizinho, Celso e Mineirinho.⁷⁹

O nome e a força da fábrica cresciam de acordo com as conquistas dos campeonatos, isso para propagar o seu alto grau de eficiência, raciocínio e agilidade que aqueles trabalhadores possuíam tanto na produção quanto no lazer. A seriedade e o compromisso com os afazeres foram demonstrados através das glórias e das conquistas no campo para todos, que fazia também representar o poder das máquinas no mercado.

A popularidade do time da Nitro nos campeonatos que participava era muito grande, isso fortalecia a imagem da empresa como grandiosa por ter pessoas que sabiam honrar a bandeira do Clube. O time, segundo a torcedora Maria Fernanda dos Santos Gomes, tinha uma boa imagem perante o público a ponto de ser representado como o “Corinthians de São Miguel”:

O que vinham disputar de lá de cima, da Vila Pedroso é com o pessoal de lá debaixo, tinha aqui na Vila Siqueira porque aqui (...) tinha um monte de time que era uns, tem o mais famoso era a Nitro Química que todo mundo, todo mundo não via a hora de marcar uma partida pra ir jogar lá, é pra ir jogar, pra todo mundo fazer uma caravana pra ver os jogos, assistir o pessoal da Nitro, porque o pessoal da Nitro era o Corinthians hoje, por exemplo, era o Corinthians de São Miguel, então todo mundo ia pra Nitro ver os jogos.⁸⁰

⁷⁹ *Nitro Jornal*, nº 37, janeiro de 1956, p.09.

⁸⁰ Depoimento de Maria Fernanda dos Santos Gomes concedida ao LabDoc – Unicsul.

Um dos jogadores do time, Júlio de Souza Nery, explicou a preparação física e alimentar dos jogadores para agüentar a rotina de jogos, fazendo demonstrar também o esforço para defender a camiseta da empresa onde trabalhavam e tanto se orgulhavam:

Nós não ganhava dinheiro naquela época, nós tinha aí um lanche. Acabava o jogo e nós tomava um lanche, alguma cervejinha, depois nós passamos a ganhar 5 cruzeiros. Naquele tempo era cruzeiro, cinco cruzeiros por jogo e tinha muita arregalia, treinava terça e quinta lá no Clube, eles dava leite com aveia e davam 1 litro, mais ou menos, de leite com aveia, injeções, vitaminas, fazia treinamento, tinha ônibus que carregava a gente, era essas coisas, tinha boa regalia, tinha... sei que Clube foi uma grande coisa.⁸¹

O poder do entretenimento, através do esporte e dos seus campeonatos, preenchia os horários livres dos trabalhadores e dos moradores do bairro em seus finais de semana para a construção de uma grande torcida que levantava a mesma bandeira. As contradições, os baixos salários, o cotidiano em si foram temporariamente esquecidos, justamente nos momentos de torcida e de descontração.

Além do futebol existiam outros modos de diversão, como por exemplo, a natação. Mas um fato da época foi a falta de piscina para os campeonatos, por esse motivo alguns Clubes fabris de várias regiões da cidade de São Paulo dependiam de meios e de lugares alternativos para serem realizadas as provas, como o rio Tietê, assim falou Júlio de Souza Nery que trouxe o processo de crescimento do Clube de Regatas Nitro Química:

É porque o Clube de Regatas Nitro Química foi fundado em 1939. Começou a ter o Clube, tinha basquete, vôlei, natação, não tinha piscina naquela época, o clube e os diretores naquela época eles faziam um “coche” de madeira e amarrado com corda e punha lá e a turma ia nadar naquilo como se fosse uma piscina porque o Clube ali da Nitro Química é cercado todinho em volta do Clube é o Tietê que passa, então vai daqui, começa e vai até a Marginal, vai pra eles fazia esse “coche” e a turma ia lá, mesma coisa que tivesse na piscina. Aí começou a surgir o futebol, boxe, tivemos muita a parte do futebol, boxe aí. Tivemos bons lutadores até como tal de Tim Santana que é o atual, é... atual campeão mundial pesado né, ele foi da Nitro Química, depois ele foi trabalhar na força pública e ali ele se destacou mais (...) e surgiu a parte do futebol, começou a disputa, começou a disputar o Campeonato da Leci. Leci é só disputa, time de indústria aí foi passando o tempo e nesse decorrer do tempo chegou 1955, nós fomos campeões da Leci, depois fomos campeões do Estado de São Paulo da Capital, fomos campeões do Estado de São Paulo amador e aí nós passamos disputar a 2ª divisão.⁸²

⁸¹ Depoimento de Júlio de Souza Nery concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁸² Idem.

Com o tempo a piscina do Clube de Regatas Nitro Química foi construída, mas devido ao desconhecimento cultural por parte de muitos migrantes da sua verdadeira utilidade, as crianças e os adolescentes a usavam como um local de banho público, sujando a água e causando um sério problema higiênico a todos aqueles que se banhava no mesmo lugar:

As piscinas de natação vieram, evidentemente, criar uma série de condições favoráveis à prática de um dos mais completos e salutareos esportes. Vieram também, entretanto, constituir um grave problema higiênico, pela facilidade com que podem se transformar em focos de terríveis infecções.

(...)

A piscina é uma reminiscência do banho público. A sua função, entretanto, transformou-se inteiramente: não é feita para banho, mas para a prática de um esporte. É imprescindível, conseqüentemente, que os que se servem de uma piscina sejam perfeitamente alucinados disso: toma-se banho na banheira ou no chuveiro; nada-se na piscina.

Quem vai à piscina, portanto, precisa antes de mais nada, estar limpo de corpo. Não basta que não apresente moléstia passível de transmissão: é imprescindível que tenha deixado, no banho prévio, que é o que se toma antes de mergulhar na piscina, exatamente aqueles agentes de infecções que se encontram na sua pele e nas suas fezes. E esses agentes podem ser afastados com bastante água e sabão, num banho de corpo, mas nunca com uns pinguinhos de água, sem sabão, que molham ligeiramente o nadador já vestido no seu “maillot”⁸³

O Clube de Regatas Nitro Química possuía várias atividades esportivas e assistencialistas para estar sempre interagindo com o funcionário, motivando-o sempre a ação e eficiência da raça, mas os moradores também foram convidados a participar das festas, dos carnavais, das missas e algumas homenagens. Isso fazia garantir alguns momentos de alegria e de ajuda aos mais necessitados, tentando evitar malefícios ideológicos externos contra o poder hierárquico local mantido no período, como estava acontecendo em outras regiões da cidade, com o comunismo e as greves que devastava o centro da cidade de São Paulo:

Em comemoração à passagem de seu 16º aniversário de fundação, o Clube de Regatas Nitro-Química fez realizar, no dia 12 p.p., em sua majestosa praça de esportes, grandiosas festividades sociais-esportivas, destinadas exclusivamente aos seus associados e beneficiários.

⁸³ *Nitro Jornal*. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Março de 1953. Nº 3. p. 06.

O programa, carinhosamente elaborado, constou de inúmeras provas, as mais interessantes, com farta distribuição de prêmios aos vencedores, culminando com enfusiente baile que se prolongou até às 22 horas. Assim, sob ambiente cordial e festivo, em regozijo à querida data, a população mais uma vez afluíu em massa à praça de esportes, emprestando ao acontecimento, com sua presença e participação nas provas, o êxito que era de se esperar. Hoje, dotado de modernas instalações, com os seus vários departamentos em estético e harmonioso conjunto, o Clube de Regatas Nitro-Química é um monumento à capacidade criadora de uma plêiade de homens, entre os quais os dinâmicos diretores da Cia. Nitro-Química Brasileira, que jamais negaram seu apóio aos grandes empreendimentos, em favor dos trabalhadores.

Fruto do trabalho daqueles que, aceitando a responsabilidades de cargos diretivos, ou colaborando direta ou indiretamente, só o fizeram por vez, na prática do esporte, um dos princípios básicos da evolução de uma raça. Impressionando sobremodo a quantos o visitam, quer pelo trabalho ali realizado, quer pela privilegiada situação geográfica em que se localiza, mercê da oficina portentosa da natureza, o Clube de Regatas Nitro-Química impõe-se, ainda, no campo da luta, pois cultiva inúmeras modalidades esportivas, fazendo-se representar, sempre, por equipes de respeitável e indiscutível poderio técnico, entregues que são à reconhecida competência de homens abnegados...⁸⁴

Segundo José Amaro Sobrinho que trabalhou na Nitro Química neste período, os sócios do Clube de Regatas eram todos os funcionários da própria empresa, e mais, ao entrar para trabalhar já eram obrigados também a fazerem parte dessa sociedade, mas mesmo obrigado acabava gostando por ser considerado o seu lugar de lazer:

Olha, o lazer é o seguinte: eu fui fazer a adaptação de vagarinho porque a gente chega e estranha tudo, tudo é estranho pra gente, mas eu fui descobrindo amigos e fui fazer amizade, que eu tenho uma facilidade de fazer amigos, aliás é um do que todos nós devíamos de fazer (...) com muita sinceridade de fazer essa amizade a gente só tem que enriquecer. Eu nessa época comecei a trabalhar na Nitro Química e logo a gente entra de sócio, era obrigado entrar de sócio na praça de esporte, Clube, e tinha bastante lazer, inclusive era gostoso que todos os domingos a gente ia, dominava as brincadeiras.⁸⁵

Os sócios do Clube participavam dos esportes, dos desfiles e das festas realizadas internamente. Eles eram os próprios trabalhadores que eram obrigados a fazer parte da associação do Clube de Regatas Nitro Química, além de terem as mensalidades todas descontadas em folha de pagamento de maneira direta e automática. O mecanicismo do lazer

⁸⁴ Clube de Regatas Nitro-Química: dezesseis anos de realizações e glórias. In: *Nitro Jornal*, nº 31, julho de 1955, p.07.

⁸⁵ Depoimento de José Amaro Sobrinho concedida ao LabDoc – Unicsul.

“empurrava” burocraticamente o trabalhador à rigidez de um divertimento controlado e vigiado dentro dos próprios muros da empresa.

Ermenegildo dos Santos, que foi um dos sócios, adorava participar dos bailes junto a sua esposa, mas diante tanta diversão apenas uma coisa o incomodava que era a bebedeira de alguns participantes:

Ah sim, bastante vezes, eu, minha mulher, meus familiares sempre freqüentavam e era bastante divertido. Inclusive fui sócio muitos anos do Clube da Nitro, freqüentava com as crianças e freqüentava também sozinho com minha esposa, dançamos muitas vezes nos bailes. (...) É que a Nitro Química promovia, era muito bom naquela época, pois quase não existia violência, existia assim um que ultrapassava na bebida, às vezes arrumava uma arroçaizinha, mas fácil de se controlar.⁸⁶

Em tempo de festa havia também os desfiles onde as mulheres mais bonitas representavam a imagem feminina da fábrica através da votação para a escolha da *Rainha da Primavera* que acontecia justamente, como disse Maria das Graças, no *Baile da Primavera*, que foi muito elogiado pelo público da época. Qualquer mulher que trabalhasse internamente poderia se inscrever para participar, para isso, tinha que passar por uma verdadeira burocracia para ser aceita no concurso:

“Art. 1) Inscrição

Poderão inscrever-se sócias internas e externas, em número ilimitado. Também poderão ser inscritas candidatas por comissão, desde que autorizada por escrito pela candidata. A inscrição poderá ser feita em qualquer um dos membros da Comissão abaixo mencionados. Si uma candidata inscrita desejar cancelar sua inscrição, deverá dirigir um pedido por escrito à Comissão, sem o que a mesma não será cancelada.

§ único) – O clube ou a Comissão encarregada do concurso não terá preferência sobre nenhuma candidata.

Art. 2) Venda dos votos

Os votos, impressos e numerados tipograficamente que serão vendidos a CR\$ 1,00 (um cruzeiro) cada, poderão ser procurados com os membros da Comissão ou com pessoas por ela designada e ainda nas Séses do Clube e do Círculo Operário. Somente concorrerão ao concurso as candidatas inscritas.

Art. 3) Localização das Urnas

As urnas numeradas de 1 a 3 e estarão colocadas nos seguintes locais: Bar do Sr. Mário Rodrigues (antigo do Orfeu), Armazém e Séde do Clube.

Art. 4) Apurações

⁸⁶ Depoimento de Ermenegildo dos Santos concedida ao LabDoc – Unicsul.

As apurações serão públicas e feitas semanalmente (sexta-feira à noite, na Séde do Clube) e seus resultados irão sendo afixados na própria Séde. A essas apurações deverão comparecer as candidatas e representantes, para que haja fiscalização em torno das mesmas. A apuração final será feita uma semana antes do Baile, ou seja, no dia 18 de Setembro de 1953, e seus resultados serão afixados na Séde. Essas apurações serão procedidas por comissão especial, que será nomeada pela Diretoria do Clube de Regatas Nitro Química.

Art. 5) Início das eleições

A venda de votos, bem como as votações, tiveram início em 17 de Agosto de 1953.

Art. 6) Prêmios

A Rainha e Princesas eleitas, serão conferidos valiosos prêmios.

Art. 7) Os casos omissos do presente regulamento serão resolvidos pela Comissão.⁸⁷

A rainha e as princesas eleitas deveriam manter uma postura elegante e vaidosa, mas nem por isso deixavam de se divertir como os demais moradores e trabalhadores, assim relatou Maria Fernanda que foi rainha do clube e que assistiu alguns dos jogos de futebol com a sua turma para se divertir:

Era esse divertimento assistir um jogo de futebol, é eles usavam a linha do trem como arquibancada e assistiam o jogo da Olaria lá embaixo, que eu fui na época, eu tinha 15 anos, eu fui até a Rainha desse clube.⁸⁸

Várias opções de lazer foram estrategicamente organizadas aos funcionários que foram sócios do Clube de Regatas Nitro Química, isso para que passassem seus finais de semana sossegados, ativos e em constante divertimento dentro dos muros da empresa. Em uma região que ainda possuía uma paisagem e uma estrutura rural, esse local passou a ser um meio moderno de lazer e de sociabilidade, por isso muitas pessoas que freqüentaram o local ainda guardam boas lembranças daquele momento, como aconteceu com a moradora Maria das Graças Cancian que participou e conhecia o Clube e a sua diversidade de atividades proporcionadas ao público local:

E ... mais, tinha o Clube que era muito bom, e o que eu mais lembro da minha infância era... tinha o Clube de campo, por sinal muito bonito, um dos melhores que eu conheço, era muito grande, era muito bem cuidado e a gente tinha várias opções de lazer dentro desse Clube de campo, e as piscinas, tinha quadra, campo de futebol, tinha... tinha aqueles ... barcos né? O pessoal pegava, alugava e navegava ali pelo rio Tietê, quando o rio Tietê era limpo, descende e

⁸⁷ Rainha da Primavera. In: *Nitro Jornal*, nº 09, setembro de 1953, p.07.

⁸⁸ Depoimento de Maria Fernanda dos Santos Gomes concedida ao LabDoc – Unicsul.

... então além do Clube de campo tinha o Clube da Sede Social, então a gente, por exemplo, no sábado e no domingo todo mundo tinha lazer, todo mundo ia pro Clube da Nitro, lá embaixo ao Clube de campo, então uns nadavam, outros corriam, tinha até boxe, o ringue, tudo direitinho. Outros Jogavam bola, outros... jogavam tênis., outros jogavam, que dizer, tênis naquele tempo se chamava... Não era tênis, era aquela bolinha, frescobol, frescobol, isso, e quadra de futebol ou salão que eles jogavam muito. À tarde tinha matinê dançante e tinha uma orquestra, do seu Toninho que era empregado da Nitro, morava numa das casas da Nitro que era da Vila Nitro Química, aliás onde eu morei muitos anos e ele tinha uma orquestra, então seu Toninho que alegrava essas tardes nossas. Independente desse Clube de campo tinha o Clube da Sede Social onde se, é... se realizavam os grande Bailes, eram muito bons, então a gente também tinha o Carnaval, a gente tinha o Baile das Bandeiras, o Baile da Primavera, o Reveillon que a gente passava na Nitro lá nesse Clube e era freqüentado pelas famílias mesmo, ia pai, ia mãe, os filhos, as tias e era muito gostoso, todo mundo conhecia todo mundo, todos os domingos, é nesse, nessa Sede tinha a *suare dançante*, a gente até às dez horas. Então às vezes a gente ia ao cinema velho, porque São Miguel tinha dois cinemas que era o “cinema velho”, esse daí eu não freqüentei muito porque logo ele acabou, e o Cine Lapenna, esse eu freqüentei bastante, então a gente ia ao cinema e depois do cinema dava uma passadinha no Clube pra dançar um pouco. Então a gente saía depois, eu tinha muitos irmãos, então ia com meus irmãos, minhas irmãs, era muito bom.⁸⁹

O bairro de São Miguel Paulista aos poucos começou a receber também meios diversificados de lazer para complementar os eventos fornecidos pela fábrica. Um dos grandes locais de encontros entre as pessoas foram os cinemas, como o destacado Cine Lapenna que ficava de frente a Igreja na praça Campos Sales, por isso a moradora Elízia Moreira Cardoso tentou buscar em sua memória alguns personagens dos filmes que marcou a sua infância:

Se acha que eu vou lembrar, aqueles filme é, com... a não vou lembrar dos nomes dos atores, é Oscarito, e aquele outro como é que se chama? Aquele que morreu? Engraçado? (...) Grande Otelo e o outro, não aquele que de vez em quando passa ainda, Charlie Chaplin, também Mazzaropi, esses filmes assim mais antigos, muito bons né?⁹⁰

Maria Fernanda fala sobre o seu gosto pela “telinha” também, mas por ter uma educação rígida e vigiada na infância relatou que existiam algumas formas para ultrapassar as barreiras da vigilância e conseguir assistir os filmes que tanto ouvia o povo comentar nas ruas: ou saía escondida ou implorava para que a mãe a levasse:

⁸⁹ Depoimento de Maria das Graças Cancian concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁹⁰ Depoimento de Elízia Moreira Cardoso concedida ao LabDoc – Unicsul.

É o cinema da rua da Fábrica não era tão bonito, que era o Central né? (...) São Miguel e o Lapenna eram bonitos pra época, é um cinema bonito. (...) Tinha, era comum as matinês, às vezes a gente dava uma fugidinha de casa ia até lá pra ver o pessoal saindo. Sabe as matinês eram assim, sem contar que eu fui algumas vezes quando passava um filme que o pessoal falava: “ah! Aquele filme do Tarzan é bonito”, então a gente pedia pra mãe: “Vamos a senhora também leva”, porque senão a gente não ia. (...) A sim, acho que foi o filme do Mazzaropi que fui umas duas vezes, no Cine Lapenna.⁹¹

Assim como os filmes, muitos deles também foram de produção americana, novas mercadorias começaram a seduzir e ganhar espaço em São Miguel aos poucos, conforme relatou a assustada moradora Elvira Souza de Alcântara após ter visto pela primeira vez uma televisão:

Lá na... Era em um bar lá na Vila Nitro Química. Um colega me ‘chamô’... Um amigo me ‘chamô’, disse: “Elvira, chegue aqui. Aí tem um aparelho ali que parece um cinema. Ou você vai lá comigo pra você ‘vê’... que você... não tem... por aqui não tem. É um aparelho igual a uma tele... igual a um cinema”. Daí eu vou lá vê que aparelho é esse. Era a tal da televisão. Era em um bar e na parede lá no alto. Mas o que tinha... Eu acho que uns dois... quase um quarteirão de gente tudo ali olhando pra aquela televisão.⁹²

Um outro produto que impunha a imagem de progresso e civilização foi o cigarro que possuía uma influência muito grande na vida tanto dos moradores de São Miguel como no mundo inteiro. Por isso, até campanhas de solidariedade, disse Lais Haydeé Romano Assunção, foram realizadas para a doação dessa mercadoria aos soldados da Segunda Guerra Mundial:

Era fila pra poder comprar tudo que a gente precisava viu, porque não tinha nada mesmo. Aquele tempo era difícil. Aqui seria o interiorzão né ? Mas de resto não, assim de medo de guerra, essas coisas não. A gente também não tinha rádio, não tinha, não via nada, ninguém falava nada então deixava pra lá. A única coisa que tinha é que eles punham aqueles sacos grandes nas praças pras pessoas jogar cigarro que era pra mandar pros pracinha, pra ajudar eles naquela... mandar pra guerra. Diz que mandava, sei lá se mandava mesmo.⁹³

⁹¹ Depoimento de Maria Fernanda dos Santos Gomes concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁹² Depoimento de Elvira Souza de Alcântara concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁹³ Depoimento de Lais Haydeé Romano Assunção concedida ao LabDoc – Unicsul.

A fábrica tentou ser o ponto central de todas as atividades físicas e comemorativas para acomodar quase toda a região a plena convivência harmônica de uma civilização disciplinada, feliz e sempre ativa. Mas a cultura nordestina estava se corporificando aos poucos fora dos muros e conseguindo construir a sua própria identidade que foi contrária a essa civilidade institucional.

Para além da fábrica, o bairro foi um espaço fundamental para a articulação de redes sociais e de experiências comuns entre os trabalhadores e os moradores de São Miguel Paulista. Foi no bairro que se situava toda uma gama de relações pessoais com familiares, amigos e conterrâneos, que municiava os migrantes com conhecimentos e contatos essenciais para a sua sobrevivência. Na vizinhança e vilas, nos bares, pensões e ruas, os trabalhadores de São Miguel conservavam suas relações familiares e de amizades trazidas do Nordeste, criavam novas relações e aprofundavam contatos, muitas vezes iniciadas na fábrica. O bairro foi, assim, o lugar decisivo para a ressocialização do migrante na cidade e um espaço de trocas de experiências e “produção de cultura”.⁹⁴

Por ser um bairro praticamente migrante onde o predomínio nordestino estava visível, não poderia faltar no lazer dos operários/moradores do bairro em seus encontros e festas o *forró*. Madrugadas eram varadas para a música e a dança que eram predominantes no bairro considerado nordestino, com isso nem mesmo a luz do lampião e as brigas no salão ou bares incomodavam a diversão de muitos habitantes, como a de Amauri da Cunha:

Ah! Tinha diversão, existia, tinha o Clube da Nitro, forró, lampião. Tinha, tinha melhor do que hoje, pra isso era melhor porque tinha os forrós aí, forró rodava. São Miguel cê sabe é Nortista, aqui tudo Nortista, num faltava forró. (...) Aí, sábado e domingo tinha forró lá, lampião no meio do salão assim e o pau comia viu. Mais lampião de querosene mesmo, num era nem a gás não, era de querosene.⁹⁵

O lazer fora dos muros possuía uma distância das regras do comportamento civilizado da família nitrina ao encontro de uma liberdade totalmente oposta. O limite dos encontros se dava através do próprio corpo em agüentar a dançar e a beber sem se preocupar com horário ou mesmo vigilância. A cultura nordestina se fazia presente em São Miguel Paulista através da realidade que eles construíam e vivenciavam.

Nem todos os trabalhadores fabris gostavam de participar assiduamente só dos bailes oferecidos pela fábrica, muitos moradores nos finais de semana gostavam de descer para a

⁹⁴ FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. Migração Nordestina ... p.383.

⁹⁵ Depoimento de Amauri da Cunha concedida ao LabDoc – Unicsul.

praia de Santos também, mas a cerveja e o forró, para Josué Pereira da Silva, foi um grande divertimento quando não viajava:

Eu já falei no começo um baile né, quando tinha um feriado não tinha Santos, então a gente caia matando no baile e fazia dois, três dias de baile. Aquilo pra nós era o maior divertimento e cerveja bem barato, a gente caia mesmo naquela farra uns três, quatro dias de feriado se tivesse feriado grande e por ali todos que moravam nessa região faziam iguais o baile e a sanfona em qualquer bar você encontrava uma sanfona gemendo, o cara tocando lá com aquele gosto e por aí a fora a gente ia se divertindo e trabalhando.⁹⁶

A sanfona e a dança faziam parte da cultura nordestina em São Miguel Paulista que predominava em cada esquina do bairro. Para a maioria deles aquilo que era festa por estarem livres⁹⁷ para fazerem o que bem entendiam e sem se preocupar com horários, regras e limites para poderem aproveitar o próprio tempo. A moradora Lais Haydeé Romano Assunção se realizava nestas noites varadas pelo entusiasmo de estar com os amigos e juntos fazer a “farra” que tanto gostavam justamente por não haver *ordem* e *vigilância* alguma:

Fazia festa, só que era assim: lampião, alguns amigos tocavam um violãozinho, uma sanfoninha e varava a noite inteira dançando e cantando, não tinha esse negócio de bolo, bolo tinha sim porque eu ganhei o bolo de casamento, mas aí um bolo e pão com carne e varava a noite inteira dançando, fazendo farra. Era assim que era a festa.⁹⁸

Os moradores tinham suas próprias relações pessoais e culturais que lhes davam autonomia e intimidade de se conhecerem e se comunicarem aproveitando o tempo da maneira que bem entendiam, conforme mostrou Amauri da Cunha a sua articulação com os comerciantes do local onde se realizava junto aos seus amigos:

No fundo dela na esquina ali era o André, o mercado dele, um mercadinho, um barzinho de vender pinga e tal aquele mercadinho malandro, mercadinho das marafa. (...) E o Rufino, esse que tem aqui em frente... E nessa região toda aqui tinha três botecos que os caras bebiam aqui sábado e domingo. Era o Rufino, o André e o Baranguzinho lá no fim da Santa

⁹⁶ Depoimento de Josué Pereira da Silva concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁹⁷ A liberdade, segundo Portelli, significa a possibilidade de escolhermos nossas próprias diferenças, mas essa escolha só se torna viável em um estado igualitário. A diferença se transformará em hierarquia e em opressão, a menos que essa liberdade de escolha seja compartilhada por todos, nas mesmas proporções: as diferenças universais têm como base os direitos universais iguais (exceto, é claro, se estivermos nos referindo apenas a “liberdade” individualista e competitiva de fazer prevalecer a diferença de um ser humano sobre os direitos de outros. Ver em: PORTELLI, Alessandro. *Op. Cit.* p.19.

⁹⁸ Depoimento de Lais Haydeé Romano Assunção concedida ao LabDoc – Unicsul.

Rosa. Não tinha mais nada aqui, comércio, só isso, agora compra melhor cê tinha que ir lá naquela esquina que era o mercado do japonês.⁹⁹

Por mais que a Nitro Química tentasse controlar e vigiar os trabalhadores e os moradores para tentar evitar greves ou outros tipos de perturbações contra a sua ordem, a cultura nordestina prevaleceu forte no bairro por ter um outro tipo de pensamento e comportamento, construindo assim o seu próprio espaço a cada dia.

⁹⁹ Depoimento de Amauri da Cunha concedida ao LabDoc – Unicsul.

Capítulo 3

Experiências em novas Experiências: as consequências da exploração

A evolução do homem, sob o ponto de vista do seu progresso material, vem marcada por diversas etapas, caracterizadas nessa escala ascensional pela tecnologia mais desenvolvida durante esse período; assim o homem atravessou Idade da Pedra Lascada, do Bronze e atravessa agora a Idade dos Plásticos. Nesta senda de evolução material, em todas as categorias industriais, o homem-técnico preenche o seu destino de transformar as matérias primas ao seu alcance, em bens de consumo e utilização para melhor desenvolvimento da espécie

Benjamin Solitrenick

Redator do Nitro Jornal

Chefe do Departamento de Custos

3.1 – A modernidade e o trabalho: as dificuldades do progresso

Atualmente, ao observarmos algumas publicações sobre o desenvolvimento ou a “evolução” do passado urbano e industrial, percebemos através das linguagens utilizadas nos veículos de comunicação um conteúdo que demonstra uma grandiosidade sobre a modernidade construída na década de 50.

Como um desses exemplos está a *Revista do Museu da Cidade de São Paulo*¹ que tem na capa o título “Histórias e Memórias da Cidade de São Paulo no IV Centenário”, distribuída em pleno mandato do prefeito Paulo Maluf.

A revista traz as imagens do progresso como o Parque D. Pedro, a Cinelândia dos cines Marrocos, os restaurantes, os bondes elétricos, o Ibirapuera, os automóveis, enfim, o desenvolvimento sentido e vivenciado no período.

O ensaio de Cláudio Willer conseguiu demonstrar um pouco essa euforia do momento que foi a transformação do Brasil, mais especificamente a cidade de São Paulo, após sentir o crescimento e o luxo implantado no cotidiano:

Ruas de terra – é claro que todas as ruas de São Paulo, ou quase todas, em algum momento foram de terra. Apenas no Morumbi e algum outro loteamento de luxo foram primeiro construídas as vias asfaltadas, naqueles meados de anos 50, e depois formou-se o

¹ CIDADE. Revista do Museu da Cidade de São Paulo. *Histórias e Memórias da Cidade de São Paulo no IV Centenário*. Ano I. 1994. Nº1. Esta revista foi publicada e distribuída gratuitamente ao público paulistano.

bairro, ampliando a fronteira que até então chagava ao Jóquei Clube, que, concorridíssimo, também atendia pelo nome de Hipódromo Paulista. Ou nem isso, até o Pandoro, lá mesmo, na confluência da Nove de Julho com Avenida Europa onde está até hoje. (...)²

A palavra Progresso tem história que vem sendo construída desde a Grécia Antiga até os nossos dias, sempre representando a dominação e a violência cultural para a concretização de algum desenvolvimento ou mudança planejada como *moderna*.

Assim, o progresso com suas metamorfoses à consolidação de uma modernidade acabou sendo valorizada e cultuada por parte de uma sociedade como se fosse um verdadeiro mito através das novas artes, arquiteturas, idéias e a ciência.³

A racionalidade aristocrática para a construção desse mito acabou conseguindo envolver a sociedade a uma renovação contínua de seguimento aos novos caminhos e aos novos sonhos objetivando a felicidade⁴. Desta forma, essa cultura se fez ideologia a partir do momento que houve a aceitação da maioria, mesmo que de maneira inconsciente.

Juscelino Kubitschek soube muito bem, assim como Getúlio Vargas, em fazer-se “esperança” em um *Mito* social da transformação da realidade brasileira, tendo no seu discurso a motivação necessária dos eleitores ao imaginário de contínuo crescimento e superação das dificuldades.

Uma nova compreensão sobre a mídia e o apoio de estudos de outras áreas o auxiliaram a entender que essa linguagem “não distorce a realidade”, como era costume pensar, mas sim, participa na constituição dos elementos e fatos que expressa e reflete; passou a entender que narrativas sobre questões tensas ou censuradas funcionam mais como mitos, representado, em forma de narrativa, o que não pode ser resolvido na vida real.⁵

A renovação freqüente do discurso e de suas imagens propagadas pelos meios de comunicação de massa trouxe a sobrevivência e a inovação freqüente da idéia de Progresso à sociedade. O passado deveria ser esquecido e superado como uma simples forma de aprendizagem para um melhor futuro que seria construído e repensado, isso segundo as palavras de Juscelino:

² Idem. Ibidem. p. 07.

³ DUPAS, Gilberto. *O Mito do Progresso: ou progresso como ideologia*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

⁴ GIANNETTI, Eduardo. *Felicidade: diálogos sobre o bem-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁵ KHOURY, Yara Aun. Muitas Memórias, Outras Histórias: cultura e o sujeito na História. In: *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004. p.119.

Nesta hora, tenho a sensação de que vou proceder a colheita de que foi plantado e cultivado durante esses trezentos e sessenta e cinco dias acabam de se tornar, magicamente, de vida presente que o eram ainda há poucos minutos, em tecido da história, em passado. No espaço que alguns minutos, esse ano de 1956 deixou de ser substância palpitante e passou a ser matéria de meditação, de balanço, de aferição, de cálculo.”⁶

As estratégias do capital no trabalho na década de 50 envolveram novas tecnologias para seguirem a velocidade, a produtividade e a capacidade reprodutiva da ação, coisas que sempre foram preocupações constantes aos dirigentes da fábrica Nitro Química.

A racionalidade no controle de um operário visava grandes produções, mesmo com equipamentos e máquinas ultrapassadas, daí o “valor” do operário ao poder institucional, em conseguir superar essa realidade estrutural da empresa através da exploração excessiva da sua mão-de-obra:

“Quanto vale um operário?

Qual é a medida pela qual pode ser aferido o valor de um homem de trabalho?

Para fazer tal verificação, podem-se tomar em consideração quatro condições essenciais:

1ª – a perícia do operário;

2ª – a sua produtividade;

3ª – a economia de tempo na realização da obra; e

4ª – a poupança da matéria prima.

1ª – Da perícia decorrem a qualidade e a perfeição da obra.

2ª – A eficiente produtividade traz como resultado maior quantidade de produto elaborado.

3ª – A economia de tempo na execução da obra conduz, igualmente, à mais copiosa produção.

4ª – A poupança de matéria evita o desperdício de dinheiro, trazendo como resultado maiores lucros para a indústria e também para os operários.”⁷

Com esse discurso impresso e distribuído como um meio de comunicação interno da fábrica, o Nitro Jornal, o operário tinha sempre a preocupação contínua de não falhar para não ser despedido e ficar desempregado. Até mesmo aos que não sabiam ler, os boatos e

⁶ Principais realizações do Governo da República em 1956. Mensagem do Presidente Kubitschek ao povo, na passagem do ano. In: O Estado de São Paulo, 01 de janeiro de 1957, p. 12.

⁷ Nitro Jornal. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano II. São Paulo, Julho de 1954. Nº19. p.05

conversas traziam o conteúdo escrito pela oralidade, assim todos ficavam informados dos acontecimentos.

O reaparelhamento maquinário sempre foi uma necessidade em todas as indústrias da cidade de São Paulo e do país. Os empresários necessitavam de altas produções ao aprimoramento ou *Progresso* de seu capital usando a imagem do país. Para isso, o ensino interno deveria acompanhar a mesma velocidade dessa “evolução” com a construção de escolas técnicas para o aprimoramento e especialização dessa mão-de-obra à seguir exatamente o planejamento institucional.

O Brasil precisava de 20 mil técnicos estrangeiros⁸, por serem especializados, para ensinar os trabalhadores não preparados como produzir adequadamente junto as funções de cada máquina. Um desses meios de comunicação foi a utilização do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI).

Desta forma, particular função dentro da companhia ocupava a escola Senai. A Nitro foi uma das primeiras empresas a aderir ao sistema Senai, criado no governo de Getúlio Vargas em janeiro de 1942. Já em 1943 era instalada uma primeira escola deste órgão em São Miguel. Ministrava cursos principalmente na área mecânica (ajustador, torneiro, fundidor, eletricitista, etc.) A partir de 1948, a empresa instituiu cursos rápidos no período noturno. Em geral os professores destes cursos eram os poucos técnicos e operários especializados da Nitro, responsáveis pela formação de montadores, chumbistas, eletricitistas, encanadores industriais, caldeireiros, entre outros. Anualmente eram concedidas as bolsas de estudo “Dr. Moraes” para os melhores classificados nos concursos de admissão para a escola Senai.⁹

Um dos diretores do jornal e ao mesmo tempo *Chefe dos Serviços Sociais* da fábrica, Paulo Amaral Palmeira, demonstrou bem a necessidade e a preocupação da fábrica em absorver essa mão-de-obra especializada que deveria se dedicar aos estudos com amor, carinho e paixão:

⁸ VIEIRA, Vera Lúcia. *Cooptação e Resistência: um estudo sobre o movimento dos trabalhadores em São Paulo, de 1945 a 1950*. São Paulo: Pontifícia Universidade de São Paulo, 1989. Dissertação de Mestrado. p.192.

⁹ FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Trabalhadores e Cidadãos. Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50*. São Paulo: Annablume, 1997. p.85.

“Outro passo na evolução social, temos na organização “SENAI” pois ha muito vivemos clamando que o Brasil precisa de tecnicos especializados, de um maior aperfeiçoamento da nossa indústria, de nossos métodos de produção e de reequipamento do maquinário nacional.

A criação das Escolas de Aprendizagem Industrial é um começo, si bem que meritório, da grande tarefa que nos cabe levar avante, sem esmorecimento. Estamos nela, preparando os futuros profissionais, ensinando-lhes na juventude a amar a profissão e a se dedicarem com carinho e paixão ao estudo da técnica profissional. Mas, não devemos deixar o nosso trabalhador adulto sem a oportunidade de aperfeiçoar-se e de progredir a par do ensino ministrado aos filhos dos nossos operários deverá ser dado também a oportunidade aos adultos da indústria, de no período noturno, aperfeiçoar sua profissão, seus conhecimentos, de participar dos problemas e dificuldades da sua oficina, recebendo aulas eficientes numa escola SENAI. Outros serviços ainda poderiam e devem ter o campo social; êle está na vanguarda nos problemas de outros trabalhadores em cada dia que passa, graças ao espírito empreendedor de uma bôa administração deve-se ampliá-lo e assim ter em vista, especialmente, planejar, realizar ou operar nas iniciativas que contribuam para o bem social dos trabalhadores, desenvolvendo, cada vês mais a educação moral e cívica e o espírito de solidariedade entre empregador e empregado. A finalidade do serviço social, em uma indústria, se desdobra, principalmente, em providências de bem estar, da melhoria das condições de habilitação, alimentação, higiene e assistência médica hospitalar; ensino, orientação e recreação. E’de seu programa a assistência em relação aos problemas domésticos decorrente das dificuldades de vida, de pesquisas sociais ou econômicas, longo é o programa e só poderá ser desenvolvido ainda mais se contar com a colaboração da administração empregadora mas, precisando também da cooperação espontânea dos empregados e dá então poder com toda a certeza afirmar que o serviço social não está em vão e que estará então emprestando o modesto apoio à elevação do nível técnico, cultural e social do trabalhador praticando a verdadeira função social junto à indústria.¹⁰

Diante desse grande *espírito de solidariedade entre empregador e empregado* em forma de ideologia assistencialista propagada sensivelmente a evolução do trabalhador, a empresa conseguiu através das ações no cotidiano conduzir de maneira sutil muitos trabalhadores ao novo ritmo e mentalidade do período, até mesmo famílias inteiras, como foi o caso da moradora e professora do bairro Maria da Graças Cancian que teve todos os seus irmãos trabalhando na Nitro:

¹⁰ PALMEIRA, Paulo Amaral. A Função Social junto a Industria. In: *Nitro Jornal*. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Junho de 1953. Nº 6. p.01 - 02.

Ah! Foi muito importante, porque a Nitro ofereceu assim... ela é uma indústria muito grande, era, e então ela foi, ó, você vê, a Nitro tinha o Berçário onde o pessoas deixavam os filhos, alguns para trabalhar. Além do atendimento médico que tinha. Tinha também o Hospital Santa Terezinha que era da Nitro, tinha o Senai que o pessoal entrava para estudar, o Senai, e fazia o estágio na Nitro. A hora que acabava ela já era praticamente contratado pela Nitro, então... e tinha um restaurante onde oferecia as refeições para os empregados e tinha o que mais? Eu não trabalhei na Nitro Química, mas todos os meus irmãos trabalharam. Eu não sou a mais nova e não trabalhei, eu estudei, depois eu já comecei dando aula.¹¹

A fábrica oferecia todo o tipo de suporte assistencialista aos seus trabalhadores, principalmente aos mais especializados com o intuito de educá-los à permanência no local e dar continuidade ao trabalho de seus pais. Os diretores carregavam a idéia de “família nitrina” muito a sério e que deveria ser (re)construída permanentemente no cotidiano.

Um outro caso a ser colocado em questão foi a do Miguel Augusto que estudou na escola nos anos 40 e anos depois voltou na década de 50 para estudar e, também, lecionar no local:

Meu primeiro emprego foi na Escola SENAI. Entrei como aluno na escola SENAI em 1947 e me formei em 1949. Fiquei dois anos numa oficina da própria empresa em 1950, eu voltei pro SENAI como instrutor, aproximadamente uns vinte anos fui instrutor da Escola SENAI.¹²

O próprio Miguel complementou depois com palavras de saudades e de boas recordações. Como funcionário e professor, ele tinha os benefícios que a grande maioria não possuía daí o sentido da linguagem saudosa que trouxe pela memória:

A sim, ultimamente quem estudava no SENAI dava a bolsa de estudo, até o que pagava o quinto colocado, nós temos o médico Dr. Assis foi formado pela Nitro Química. Lá dentro oferecia almoço, café, tinha o Clube para turma se divertir, no Natal dava brinquedos para os filhos dos operários, a Nitro Química em si foi muito ótima.¹³

Neste clima de euforia magicamente construída pela harmonia interna, o redator do Nitro Jornal e presidente do Círculo Operário São Miguel Paulista, Pedro Redoschi, fez um discurso hierárquico em um encontro “simpático” e festivo convocando a todos os presentes

¹¹ Depoimento de Maria das Graças Cancian concedida ao LabDoc – Unicsul.

¹² Depoimento de Miguel Augusto concedida ao LabDoc – Unicsul.

¹³ Depoimento de Júlio de Souza Nery concedida ao LabDoc – Unicsul

os agradecimentos do Progresso até ali conquistado pela condução da sociedade de São Miguel Paulista:

Snrs. Diretores da Cia. Nitro Química Brasileira.

Snr. Revmo. Padre Aleixo Monteiro Mafra.

Snrs. Dr. Felipe de Menezes.

Meus Companheiros de Diretoria.

Estimados Diplomandos.

Minhas Senhoras.

Meus Senhores.

Para quem, como nós, trabalha na direção de uma sociedade, é sempre uma satisfação reunirmo-nos para premiar aqueles que sabem aproveitar os nossos esforços nas organizações que procuramos realizar em benefício do povo, cooperando para o progresso de São Miguel (...)

Como consequência desse progresso, vieram as escolas, farmácias, serviços médicos, restaurante, berçário, Escola SENAI, praça de esportes, sede social, tudo isso construído não só para atender aos que trabalham na Fábrica, mas também à coletividade. Não faltou também quem se lembrasse de que São Miguel deveria ter um Círculo Operário, que foi fundado a princípio modesto e tendo hoje sua sede com diversos cursos escolares anexos, quais seja, os de corte e costura, arte culinária, alfabetização, desenho, preparatório ao ginásio, biblioteca, etc.. Como prova de tudo isto, reunimo-nos hoje, para fazer a entrega de diplomas às alunas e alunos que terminaram seus estudos.¹⁴

Até mesmo no discurso podemos perceber pela construção das palavras a organização social vivenciada subjetivamente dentro e fora da empresa. A entrega de um diploma significava a entrada de mais um funcionário qualificado para trabalhar nas máquinas e sofrer com a poluição, com o barulho e com os baixos salários. O diploma era quase um convite festivo para seduzir o trabalhador a “escravidão do cotidiano fabril”.

Os salários da Nitro eram, em geral, muito baixos para garantir a permanência destes profissionais em um mercado carente de mão-de-obra especializado, particularmente a partir da segunda metade da década de 50, com a instalação no Brasil das multinacionais, como a indústria automobilística e de outros setores de ponta.¹⁵

O discurso empresarial da Nitro com o tempo começou a sofrer com as deficiências da própria realidade. Com o tempo, a escrita e a comunicação entre o patrão e o trabalhador começou parecer até mesmo cenas de filme americano diante de tanta comoção e ufanismo ao

¹⁴ *Nitro Jornal*. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Janeiro de 1953. Nº 4. p.04.

¹⁵ FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Ibidem*.

desenvolvimento do Brasil, colocando o operário como o proprietário imaginário dos recursos burgueses a fim de fazê-los defender pelo suor do trabalho:

A estes, os melhores cumprimentos e o nosso estímulo para que estudem cada vez mais para a elevação cultural de nossa gente.

E', pois, com razão que sentimo-nos jubilosos. Sim, todos nós nos ufanamos, quando sabemos que o Brasil conta, no seu seio, com técnicos, para enfrentarem as grandes deficiências, no organismo funcional das Industrias básicas, que são a siderurgia e a mecânica.

Reconhecemos, caros alunos, que com os conhecimentos básicos adquiridos na Escola, pouco podeis fazer diante de tão complexos problemas, que afligem nossa terra, no entanto, dentro de parcela mínima, podeis contribuir, até que vossos conhecimentos se ampliem e concretizem na perseverança do trabalho, no cumprimento do dever, na elasticidade de vossas funções irão dando margem, para que a vossa parcela seja ampliada cada vez mais e, assim tornarmo-nos livres das garras daqueles que pretendem monopolisar conhecimentos técnicos, cultura, maquinarias e até mesmo aquilo que é muito nosso: o minério de ferro.

(...)

E, quando, porventura sentir-vos desalentados, voltai a esse momento e recordai a figura inolvidável do grande Brasileiro, Estadista e Industrial, Dr. José E. de Moraes, ao qual peço seja hoje prestada a nossa homenagem e tenho certeza, guindados nesse nome, haveis de vencer.¹⁶

Com esse culto ao progresso aonde o deus é o *lucro privado*, a imagem do trabalhador novamente se fez presente como a representação da vitória das dificuldades do mercado diante qualquer tempestade, por isso invoca-lo ou mesmo motiva-lo a sentir essas conquistas por ele nunca alcançado, mas apenas servido.

Como um forte complemento assistencialista e industrial do SENAI construiu-se o SESI (Serviço Social da Indústria) no país e em São Miguel Paulista:

Constitui motivo de justo orgulho para todos que laboram no parque industrial brasileiro, constatar a existência em nosso país dessa Organização Social <<sui-generis>>, qual seja o Serviço Social da Indústria, conhecido por todos nós como o SESI.

Para se ter uma idéia rápida de suas realizações é de oportuna leitura o pequeno e despretençioso editorial, sob o título 7.o Aniversário do SESI, publicado no número de junho deste ano, do <<O EDUCADOR SOCIAL>> um dos úteis e interessantes meios de divulgação distribuídos pelo SESI.

¹⁶ Nitro Jornal. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano II. São Paulo, Fevereiro de 1954. Nº14. p.11.

<<Criado em 25 de junho de 1946, o Serviço Social da Indústria iniciou suas atividades no dia 3 de julho do mesmo ano, nos diversos Estados da Federação, espalhando por todo o país seus serviços assistenciais destinados aos trabalhadores da indústria, transportes, comunicação e pesca.>>¹⁷

A racionalidade disciplinar do poder político e econômico vai se incorporando estrategicamente dentro do cotidiano do trabalhador brasileiro¹⁸ a ponto de criar imagens e sensações de satisfação e de momentos de lazer, que na verdade tem um objetivo específico de segura-lo e amarra-lo contra qualquer tipo de manifestação contrária a *ordem* estabelecida, com isso o discurso empresarial inverte ideologicamente a realidade ocultando seus interesses e criando meios específicos para satisfazer as necessidades dos trabalhadores:

O SESI não visa quaisquer fins políticos; não exige qualquer compromisso de carácter econômico, religioso ou social. O SESI pretende apenas que o trabalhador brasileiro não perca a sua condição de cidadão brasileiro, que seja bom chefe de família, consciente de seus deveres e de suas responsabilidades, que tenha maior capacidade técnica e produtiva, que aumente suas possibilidades intelectuais e a de seus filhos e que encontre os meios indispensáveis à satisfação de todas as suas mais urgentes necessidades.¹⁹

Só por terem colocado o trabalhador como *um cidadão chefe de família e consciente de seus deveres e de suas responsabilidades* já trouxe em si a manifestação dos interesses políticos. Ele demonstra a intenção racional burguesa de limitação do ser pelo trabalho assalariado e pela satisfação em consumir a sua liberdade, ou seja, o trabalhador, em sua maioria, acabou vivenciando o planejamento e a estratégia político-ideológica do poder estabelecido através da reprodução e da alienação cotidiana.

Essa limitação do ser em obediência e disciplina se complementa com o próprio texto do Nitro Jornal que expressa muitos dos acontecimentos internos na fábrica e as relações sociais construídas. Para essa relação *familiar* a “paz social” é algo fundamental para que o convívio esteja pleno em um verdadeiro entendimento cordial entre empregado e empregador, tentando evitar dessa maneira conflitos ou distúrbios contra a ordem implantada:

¹⁷ Nitro Jornal. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Agosto de 1953. Nº 8. p.06.

¹⁸ VIEIRA, Vera Lúcia. *Op. Cit.*. p.18.

¹⁹ Nitro Jornal. *Ibidem*.

Agora, quando se comemora mais um ano de vida dessa benemérita instituição é justo render homenagens aos nossos fundadores, pelo idealismo que os animou na criação do SESI, e aos atuais dirigentes, que tudo vêm fazendo, espontaneamente, para a melhoria do padrão de vida e bem estar do trabalhador brasileiro, propiciando um entendimento cordial entre empregados e empregadores à consecução da Paz Social.²⁰

A ligação com os Estados Unidos na década de 50 foi intensa, principalmente pela política de aculturação consumista e pela inovação tecnológica fabril que o Brasil teria que realizar para seguir os novos passos da modernidade.

Uma dessas inovações para a metodologia do trabalho ficar mais rápida e produtiva foi a vinda do método TWI introduzido no Brasil:

Não obstante tenha sido introduzido no Brasil, sistematicamente, há apenas cinco anos, o método “TWI” – “Training Within Industry” – ou na forma portuguesa, “Treinamento Dentro da Indústria” – já vem influenciando, de maneira acentuada, no aumento da produtividade industrial de S. Paulo.

Os cursos do “TWI”, vem sendo ministrados sob a supervisão do Escritório STIC-CIBAL, órgão resultante de convenio celebrado entre a Secretaria do Trabalho, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo e a Comissão Brasileiro-Americana de Ensino Industrial.

A instrução desenvolveu-se em três fases sucessivas, de dez horas cada, e espaçadas de 60 dias, denominadas, respectivamente, “Ensino correto de trabalho”. Já foram treinados até agora, nas várias fases do método, segundo informou o prof. Marcos Pontual, representante do CBAI em S. Paulo e chefe do Escritório STIC-CBAI, exatamente 16.750 supervisores da indústria paulista.²¹

A Nitro Química, por sua vez, assim como a maioria das grandes indústrias, introduziu esse método aos chefes de setores em 1957 conduzindo-os ao melhoramento de suas ações no trabalho, para isso todos deveriam complementar o conhecimento que já tinham junto às novas técnicas a serem implantadas, ou seja, todos os chefes deveriam voltar a estudar:

Iniciamos, no primeiro dia de Agosto, a difusão, na Fábrica, do método de Supervisão T.W.I., sob a direção e o patrocínio do Escritório Conjunto da Secretaria do Trabalho, Indústria e Comércio da Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial, responsável pela ampliação do método no Estado de São Paulo.

I – Origem do T.W.I.

²⁰ Idem. Ibidem.

²¹ O Estado de São Paulo, 20 de janeiro de 1957, p. 23.

Uma das lições da segunda guerra mundial grandemente aceita e desenvolvida nêstes anos de após guerra, nos países industrialmente mais adiantados, é a da importante influência que uma boa supervisão ou condução de trabalho tem na eficiência produtiva, quer da empresa ou fábrica quer seja do trabalhador.

Em consequência disso, tem crescido grandemente o interêsse pela função do Supervisor ou Mestre e, obviamente pelo seu treinamento.

Na Europa e nos Estados Unidos o sistema de recrutamento dos agentes de mestria (Supervisores, Mestres, Contra-Mestres, Capatazes, Encarregados, Feitores etc.) se fazia até há poucos anos simplesmente pelo sistema de promoção dos operários melhor capacitados no seu ofício. No período bélico em que a produção era condição essencial, a investigação científica provou que ordinariamente êsse sistema em si mesmo, era defeituoso, pois o conhecimento seguro do ofício não corresponde necessariamente à capacidade dirigir pessoal e de conduzir a produção. Em consequência, na maioria dos casos, essa promoção simples acarretava dois inconvenientes: a perda de um bom operário e a aquisição de um Mestre ou Supervisor deficiente.

(...)

O treinamento pode ser feito por um ou mais métodos, sendo que o mais simples, rápido e bastante eficiente é o “Treinamento Dentro da Indústria”, mundialmente conhecido pela sigla T.W.I. (Método de Supervisão), iniciais de “Training Within Industry”.

O referido método realizou verdadeiros prodígios no erguimento da produtividade durante a guerra e está hoje difundido por todos os países industriais do ocidente.

Nos Estados Unidos 1.7000.000 de supervisores foram preparados por êsse método e, ainda hoje a “T.W.I. Foundation” em New Jersey, nos Estados Unidos, promove permanente programa de treinamento em tôdas as partes do país. Na França, o instituto científico CEGOS o vem difundindo sistematicamente. Nos países escandinavos e no Japão, o método tem alcançado excelentes resultados. No Brasil, foi êle introduzido de modo sistemático pela “Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial – CBAI” – que o traduziu e adaptou às nossas condições. Em São Paulo, já algumas firmas o haviam aplicado isoladamente, quando a Comissão de Mão de Obra, da Secretaria do Trabalho, Indústria e Comércio o recomendou como medida a ser adotada pelo Govêrno, reafirmando assim o que fizeram anteriormente especialistas que estudaram o assunto no II Congresso Brasileiro de Organização, Científica, promovido pelo I.D.O.R.T. em 1951.

II – Objetivos e conteúdo do método T.W.I.

O método se destina aos agentes de mestria, termo que inclui os vários graus e denominações com que se situam nas diferentes organizações das emprêsas os componentes dos quadros médios: Mestres, Supervisores, Contramestres, Capatazes, Feitores, Chefes de Secções, Encarregados, Divisionais, Líderes etc. Êle é extremamente útil a todos quantos, na

Indústria ou no Comércio, no Transporte ou na Construção Civil, dirigem o trabalho de outros. Compõe-se dos elementos essenciais da capacidade de supervisionar trabalho.²²

A adoção por parte da Nitro do método TWI significava uma mudança de postura em relação ao papel das chefias no chão da fábrica. A antiga valorização da prática como um dos critérios de perfil de uma boa chefia começava a ser questionada. As antigas qualidades de chefes e operários, embora ainda importantes, não eram suficientes. Tornava-se, mais do que nunca, necessário treiná-los.²³

A cultura e os costumes dos empregados da Nitro Química tinham obrigatoriamente que seguir o ritmo da grande e rápida Modernidade construída na década de 50, com isso percebemos que as máquinas “evoluíram” mais rápido do que os seres humanos que estavam nelas trabalhando, não por serem ignorantes no trabalho, mas por não estarem adequadamente preparados a essa nova realidade de vida.

Até mesmo muitos dos chefes dos setores de produção desconheciam o funcionamento dos novos maquinários colocados dentro da indústria, sem contar a má formação institucional que tiveram em instruções técnicas.

Com a implantação da metodologia TWI a esses funcionários e, principalmente, aos chefes que foram obrigados a ferir o seu orgulho por terem que sentar em uma cadeira escolar para aprender o que achavam que sabiam, acabaram sofrendo mais ainda com o aparecimento de jovens mais qualificados que ocupariam os seus lugares.

O temor pela desvalorização do trabalho e do *status de poder* interno dos chefes diante dos trabalhadores tomou conta do cotidiano fabril. Muitos desses homens nunca freqüentaram as aulas em uma escola, alguns deles, por exemplo, nem mesmo sabiam escrever o próprio nome.

Aqui começou, de forma mais visível e drástica, o início das manifestações internas e contrárias às ordens e aos discursos dos diretores da fábrica Nitro Química e de outras empresas em São Paulo.

O ano de 1957 foi o ano em que a São Paulo industrial-empresarial como um todo sofreu com as conseqüências do acúmulo de abusos que construíram com a exploração do proletário, principalmente, pela sua desvalorização cultural. Aos poucos, a classe operária em

²² Nitro Jornal. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano III. São Paulo, Setembro de 1955. Nº33. p.01.

²³ FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Ibidem*.p.92-93.

um mesmo discurso e ideologia “contrária” a ordem vivenciada começaram a se unir, pois, como diz Hobsbawm, *no capitalismo a classe é uma realidade histórica*.²⁴

3.2 – Uma luta cultural: a modernidade industrial e os “velhos” costumes dos trabalhadores

A Nitro Química na década de 50 conseguiu que a sua mensagem de “trabalho e prosperidade” alcançasse quase todo o território nacional²⁵ a ponto de sofrer as consequências desse progresso então proclamado através das formas de mídia no período.

O bairro de São Miguel Paulista sofreu um forte inchaço populacional e uma desestruturalização urbana devido à chegada de várias famílias que vieram à busca do tão propagado emprego, da casa própria e da felicidade citadina.

Com isso, os “puxadinhos” foram crescendo a cada ano que se passava, colocando em um mesmo terreno várias moradias para acomodar toda uma família migrante na busca de sua sobrevivência, com isso, várias pessoas começaram a morar em um mesmo terreno e a dividirem força e tempo para a construção de suas casas.

As vilas operárias, que foram locais melhor planejados e estruturados para a moradia, já possuíam moradores específicos (os chefes, os patrões, os diretores...) estrategicamente colocados dentro dos muros da fábrica, enquanto a mão-de-obra barata se aglomerava a cada dia fora dos muros. Por causa disso, muitos moradores começaram a buscar o emprego no centro da cidade de São Paulo com o auxílio do trem ou do ônibus da CMTC (Companhia Municipal de Transporte Coletivo) que ligava São Miguel à Penha e, depois disso, o morador pegava o bonde elétrico até o bairro Dom Pedro II.

As grandes empresas não limitaram o seu controle ao perímetro da fábrica²⁶, mas a propaganda em alguns meios estratégicos de comunicação começou aos poucos a se tornar insustentável em manter as promessas diante tal realidade que estava se estruturando.

Devido a constante falta de trabalhadores e aos baixos salários, a Nitro tinha um forte ritmo de rotatividade de empregados, ou seja, da mesma forma que era fácil entrar, era também fácil de sair, com isso podemos perceber que a preparação dos chefes e dos operários era uma questão verdadeiramente precária, daí o grande e constante número de acidentes. A

²⁴ HOBBSAWM, Eric. *Mundos do Trabalho: novos estudos sobre História Operária*. São Paulo: Paz e Terra, 2005. p.37

²⁵ VIEIRA, Vera Lúcia. *Op. Cit.*. p.135-136.

²⁶ PERROT, Michele. *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p.71.

fábrica começava a “pegar” os trabalhadores já a partir dos 15 anos, justamente devido ao pagamento de um salário mais baixo, como relatou a ex-funcionária Elizia Moreira:

A um salário, equiparado com o de hoje né? Era uma merrequinha, mas dava pra gente pagar as contas né? Dava pra sobreviver, pagava um aluguelzinho. Aí fiquei lá com meu irmão, quando foi fevereiro, ele nasceu em janeiro, fevereiro, aí eu fui na Nitro Química arrumei, entrei pra trabalhar, aí comecei a trabalhar com quinze anos né? Aí fiquei trabalhando. (...) Só com quinze anos que eles pegavam.²⁷

Após algumas explosões, a empresa se viu pressionada a tomar sérias medidas preventivas. O conselho de segurança contra o fogo e os fiscais de segurança que existiam desde de 1943 foram transformados em uma Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA) e uma série de ações preventivas começaram a ser adotadas.²⁸

Com o intuito de mostrar ao empregado a preocupação interna dos patrões em relação aos acidentes, o *Redator do Clube de Regatas Nitro Química* e *Chefe do Serviço Médico* José de Moraes Leme, tomou a frente do discurso para demonstrar aos funcionários a obra empregada ao bem e a segurança comum a todos da fábrica:

Realmente, antes mesmo que a assistência social ao trabalhador fosse considerada atividade rotineira das atividades laborativas das classes produtoras, muito antes que a lei viesse tornar obrigatória a prevenção do infortúnio do trabalho e a readaptação profissional do acidentado, criando as CIPA (Comissões Internas de Prevenção de Acidentes) – de cujo boletim mensal, distribuindo já há vários anos, constitue este jornal a continuação e o desenvolvimento – já instituía a Nitro na sua fabrica o Serviço Social, e fazia erigir os edifícios primeiros em que a sua atividade se iria desenvolver. Datam, de fato, de 1942 e 1943 os primórdios da obra assistencial desta empresa, e desde então não tem feito ela sinão avantejar-se e estender-se, numa ação calada, porém persistente, profícua e incansável, levando o auxílio e o estímulo a quantos deles se fazem merecedores e necessitados.²⁹

Para concretizar uma plena confraternização interna objetivando a Paz e a Harmonia entre o empregado, o chefe e o empregador, os diretores apelavam muito às charges com a intenção de garantir através de outras linguagens a simplicidade da cooperação sem

²⁷ Depoimento de Elizia Moreira Cardoso concedida ao LabDoc – Unicsul.

²⁸ FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Ibidem*.p.42.

²⁹ LEME, José de Moraes. Nosso Programa. In: *Nitro Jornal*. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Março de 1953. Nº 3. p. 01.

hierarquia. Foi uma das formas de tentar cristalizar a culpa do mau andamento da produção e dos acidentes nas costas do chefe:



NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna.

Ano II. São Paulo, Abril de 1954. Nº16. p.14

Como o Nitro Jornal foi um dos instrumentos de controle interno, publicavam os jantares e as reuniões dos diretores como grandes momentos de união e de igualdade ao sentarem à mesma mesa alguns chefes de setores e poderem comer juntos o mesmo alimento servido, vivenciando a plenitude que foi a CIPA presidida pelo diretor Marcello Kiehl e outros:

Tivemos no dia 19 de Novembro de 1953 p.p., a realização de mais um jantar de confraternização de Diretores e empregados desta Cia.. A exemplo do que ocorre habitualmente, o ambiente era de alegria, camaradagem e igualdade, e dele tomaram parte: além dos 15 superiores e 65 representantes que integram o quadro da nossa CIPA, os seguintes senhores: Dr. Marcello M. Kiehl, Diretor Administrativo e Presidente da CIPA; Cândido Pinto de Almeida, chefe dos Serviços Administrativos; Paulo A. Palmeira, chefe dos Serviços de Previdência Social e Secretário da CIPA; Dr. Salo Loebmann, Sub-Diretor Técnico; Dr. Palle G. Tonsem, engenheiro eletricista da Fábrica; Drs. José De Platô, Irany N. Moraes, José M.

Os jantares, os discursos e os jornais representavam momentos de descontração para que todos percebessem e sentissem a segurança interna construída e vigiada pelos diretores e outros superiores, mas na verdade eles tentavam esconder, ou mesmo amenizar, através das festas a realidade do chão da fábrica.

Com isso percebemos o poder que exercia a representação na cultura de um grupo social. Como complemento das linguagens utilizadas ao controle no trabalho, uma delas não poderia deixar de ser citada para complementar o discurso então difundido que foi a estatística.

Os números acabam possuindo uma forma de persuasão muito grande a ponto de criar a sensação de melhoria e de crescimento, tanto no trabalho como também nas relações cotidianas:

Ao findar mais um ano de labor, é com satisfação que levamos ao conhecimento de nossos amigos leitores os resultados estatísticos do ano de 1953, comparados aos do de 1952, que diga-se de passagem, já haviam melhorado bastante em confronto com 1951.

Tivemos em 1952: 41% dos acidentes com afastamento e 59% sem afastamento; em 1953; 33% dos acidentes com afastamento e 67% sem afastamento.

O comparecimento anual aumentou 4,7% em 1953, sendo que as admissões diminuiram 18,2 % e as saídas 6,4%.

Não tivemos nenhuma morte a lastimar, havendo consequentemente uma diminuição de 100%.

Pelos dados acima fácil será verificar que aumentou a frequência, diminuindo a admissão, bem assim como os acidentes com afastamento apesar do critério médico em forçar o afastamento para cicatrização mais rápida e mais perfeita, o que atesta o interesse de todos na campanha em que a indústria brasileira acha-se empenhada, a fim de que melhorem as condições de vida e de trabalho do nosso empregado.

Não poderíamos finalizar esta nota sem agradecer à Administração da Fábrica, na pessoa dos seus Diretores, graças ao apoio de quem tem sido possível levar avante esta espinhosa missão de prevenir acidentes; êste agradecimento é extensivo aos srs. médicos, engenheiros, químicos e chefes administrativos a quem cabe uma boa parcela deste resultado e

³⁰ MELLO, Fausto C. de. Jantar de Confraternização dos Membros da CIPA. In: *Nitro Jornal*. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Dezembro de 1953. Nº 12. p.01

aos representantes e supervisores da CIPA, que tudo vêm fazendo para se desincumbirem satisfatoriamente de seu patriótico mister.³¹

O discurso empresarial criado pelos diretores em agradecer a eles mesmos pelos “grandes” feitos vivenciados dentro da fábrica é uma forma de comprovação do próprio trabalho. Esses dados ocultam realidades diversas que afetavam a saúde do funcionário como: o despreparo ao serviço realizado, a forte fumaça que encobria todo o ambiente diariamente, o número de horas trabalhadas, a baixa remuneração, etc.

Muitos estavam morrendo vivos, mas o que valia como a representação de uma verdadeira morte seriam as explosões ou outros acidentes trágicos que teriam mais visibilidade. Daí, aos poucos, novas estratégias retóricas vinculadas pelo *Nitro Jornal* aos funcionários foram circuladas a fim de criar um clima político de “vitimização da empresa”, colocando a culpa de muitos erros internos diretamente no funcionário, sendo que muitos deles não foram preparados ao cargo.

Como forma de aproximação desta *culpabilidade dos transtornos da empresa ao empregado e a sua irresponsabilidade*, utilizaram a voz de um dos chefes, bem remunerado por sinal, para dialogar diretamente com os colegas-operários e esclarecer sobre o mau zelo e o descuido perante a utilização das novas máquinas:

Transcrevemos abaixo, em inteiro teor, a colaboração que vimos de receber do nosso empregado Sr. Jerônimo Pires Moraes, chapa 192-46 para o Nitro Jornal:

Aos distintos Senhores operários, meus colegas de serviço. Leiam com atenção este artigo, que é para o bem da Companhia, chefes, encarregados e mais ainda para você.

Uma fábrica de máquinas vende uma instalação com uma garantia. Suponhamos, de 30 anos de vida. Essa mesma instalação, na mão de operários cuidadosos poderá trabalhar mais uns 20. Há vantagens para o patrão e nossos chefes e também para você, eis que se o nosso chefe reconhece, poderá levar o reconhecimento ao patrão e ele a você, que estará sujeito a uma promoção.

Agora a quem você agradece?

Agradeça a vossa idéia, ao vosso cuidado. Portanto vamos zelar. Não deixe que se desperdice material, pois fará falta à produção. O empregador não aumentou seu salário porque não houve renda no caixa. O lucro produzido foi empregado na compra de novas máquinas que o operário descuidado deixou se estragar. A produção grita: viva o patrão, o chefe, o encarregado e vivam os que zelam, que são simples empregados.

³¹ *Nitro Jornal*. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano II. São Paulo, Fevereiro de 1954. Nº14, p.06.

Zelemos pelo interêsse da fábrica. Porque trará harmonia entre os patrões e a todos que tem responsabilidade.³²

As chefias cumpriam assim uma função essencial no disciplinamento de uma mão-de-obra em geral pouco adaptada ao trabalho industrial. Para o pleno funcionamento da produção foi decisivo que se combatessem as “transgressões” às normas da empresa: os jogos, as brincadeiras, o sono e conversas “fora de hora”, etc. Assim, justificava-se o poder conferido aos chefes na gestão e controle dos subordinados.³³

Essa política foi se desenvolvendo internamente com o tempo devido a uma necessidade dos diretores da fábrica para cobrir os erros educacionais e pedagógicos de muitos chefes de seção que eram até mesmo analfabetos. Eles tinham o conteúdo da prática, mas com a mudança dos meios de produção devido a chegada de novas máquinas, esses chefes começaram a não querer seguir o ritmo da tecnologia do período, ficando assim atrasados perante a exigência da modernidade na década de 50. Até mesmo informações simples que poderiam evitar acidentes foram muitas vezes negadas por muitos chefes, daí uma das preocupações dos diretores em utilizar o jornal:



*NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna.
Ano I. São Paulo, Março de 1953. Nº 3. p.05.*

³² *Nitro Jornal*. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Junho de 1953. Nº 6. p.07.

³³ FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Ibidem*. p.89.

A falta de atenção e de interesse no trabalho por muitos desses chefes de setores começou a se agravar com o tempo, isso fez com que o jornal interno fosse também utilizado para mostrar a irresponsabilidade que tinham em não conduzir devidamente os seus operários ao manejo correto das ferramentas e das máquinas:



NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna.

Ano I. São Paulo, Junho de 1953. Nº 6. p.02

Por isso, a posição de muitos chefes começou a ser questionada pela irresponsabilidade no cargo que exerciam:

Um dos assuntos de maior interêsse em Prevenção de Acidentes é o cuidado em que se deve dispensar ao empregado recém-admitido, por ser o mesmo uma vítima fácil dos infortúnios do trabalho.

O grande número de indivíduos que procura emprêgo em nossas indústrias não tem uma profissão definida. Buscam qualquer ocupação que lhes dê o ganho necessário ao seu sustento. Não estão, assim, familiarizados com o manejo das ferramentas, o funcionamento da maquinaria e desconhecem os riscos das várias operações e serviços.

É principalmente para êstes que devemos voltar as nossas vistas e atenções, no que diz respeito à Prevenção de Acidentes.

Cabe ao mestre, ao encarregado, ao chefe da equipe, ao receber o novo empregado, fazer-lhe as recomendações necessárias à segurança do Trabalho que terá que realizar, reforçando o que já lhe foi dito na entrevista coletiva de Segurança.

Compete-lhes indagar do novo empregado, dos seus antecedentes profissionais, de onde veio, onde trabalhou anteriormente, quais as suas habilitações, para dar-lhe serviço compatível com suas aptidões.

É dever ainda dos mestres, encarregados e chefes de equipe chamar a atenção do novo empregado para os acidentes que podem acontecer ao operar a máquina que lhe foi destinada, ao utilizar certas ferramentas ou a manipular determinadas substâncias.

Recomendar-lhe o uso obrigatório dos equipamentos de proteção individual como medida para Prevenção de Acidentes e conciliá-lo a cooperar com a Comissão de Segurança do seu Departamento.

Não devem ser dadas aos empregados recém-admitidos na fábrica, tarefas que devam ser feitas em máquinas perigosas, sem que lhe seja proporcionado um período de adaptação ao ambiente de trabalho e de aprendizagem de serviço.

Neste período de adaptação e aprendizagem o novo empregado conhecerá melhor o serviço, aprender o perfeito funcionamento da máquina recebendo instruções a respeito dos acidentes que possam ocorrer.

Nunca se deve dar ao novo empregado tarefas ou serviços que coloquem em perigo a sua segurança, nem jogá-lo abruptamente, para operar prensas ou serras-circulares, etc.

O resultado desse gesto é sempre desastroso e de resultados lamentáveis, com a responsabilidade daqueles que assim agiram, esquecidos de que também foram aprendizes e de que estão sob as suas ordens e responsabilidade.

Mutilações e ferimentos graves têm por causa falta de atenção mesmo de humanidade para com aqueles que procuram serviços industriais.

Procuremos, pois, olhar com mais interesse para êsse aspecto da Prevenção de Acidentes que é a orientação e o aproveitamento de novo empregado, no ambiente de trabalho.³⁴

Alguns chefes assumiram uma imagem de supremacia no cargo que possuíam negando a sua participação em reuniões e outros tipos de obrigações fundamentais para a condução do ritmo da produção, isso para fugirem de regras ou mesmo por não aceitarem a realidade de terem chefias acima deles na hierarquia interna de trabalho:

No dia 28-1, foi levada a efeito a reunião mensal da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes, que contou com a presença do Dr. Thomson (do Depto. Engenharia) e de 35 representantes. Faltaram com justificção os Srs. Abelardo E. Silva (TNT), Mario A. Martins (03), Juvencio Abranches (TV), José Andrade (32), Rubens Galdino (FF-2), Benedito Correa (01), Antonio Joaquim (61), Antonio Abreu (44), Antonio L. da Silva (37), e Hans J. Frohn (Engen.), e sem justificção: Srns. Benedito P. Eustachio (F-5), Nelson Paes (30), Manoel F.

³⁴ REIS, Dr. Brandão. Uma palavra sobre segurança. In: *Nitro Jornal*. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano II. São Paulo, Abril de 1954. N°16. p.04.

Montenegro e José A. Moreira (A-20), Balduino V. Netto (D-1), Atilio M. Almeida e Antonio Bertini (FSD), Aurides Carini (10), Domingos A. Vincos e Baldino A. Barbosa (BC) – (Circular 28-52 de 17-12-52).³⁵

O diálogo entre a diretoria e os funcionários através das páginas do jornal também serviu estrategicamente como uma forma de suprir essa necessidade educacional e de supervisão aos novos trabalhadores, principalmente, aos que não sabiam utilizar nem mesmo os óculos de proteção. Já outros funcionários não utilizavam os equipamentos de proteção por acharem desnecessários.

O Nitro Jornal, segundo o operário Júlio de Souza, foi também pensado como uma forma de relatório interno dos acontecimentos no cotidiano da fábrica. Ele defende a postura fabril e mostra que muitos acidentes aconteciam por causa dos próprios funcionários:

Teve, teve, porque ali tinha a segurança, eles faziam o jornal de todo acontecimento, tinha um relatório como a pessoa devia ter segurança nesse ponto aí a gente não pode dizer nada porque eu tinha às vezes, a pessoa é que provocava o acidente, não queria usar. Não queria usar o aparelho, então também eles ali não iam ficar em cima, eles não iam chegar em você, você tem que usar isso assim em tal setor a hora que você usar o esmerilho você usa o óculos, a hora que você afiar uma broca tem que usar os óculos, você vai pegar a parte rústica usa luva, não deixa de usar sapato.³⁶

Alguns funcionários preferiam arriscar a própria vida a usar as roupas e os equipamentos de segurança. Isso contribuiu muito para que acontecessem muitos dos acidentes no local.

Por isso o apelo altamente objetivo pelos diretores da fábrica em informar continuamente sobre os setores, os equipamentos e os perigos em praticamente todas as 51 edições ao trabalhador, ou seja, tentavam assumir através das páginas a postura informativa de muitos dos chefes que não informavam ou se dedicavam a realizarem exatamente as suas tarefas do cargo:

³⁵ *Jornal*. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Fevereiro de 1953. N°02. p.08.

³⁶ Depoimento de Júlio de Souza Nery concedida ao LabDoc – Unicsul

Se as máquinas falassem, meu caro amigo, você ouviria coisas desagradáveis sobre a falta de cuidado em seu trabalho. O esmeril, por exemplo, chamaria você de imprudente por utilizá-lo sem óculos de segurança. Diria, até, que, você tem cabeça dura, tão dura quanto a pedra do esmeril. E, para castigá-lo por sua falta de segurança, mandaria para seus olhos fagulhas abrasivas, que cegariam você.

E que diria a serra elétrica, quando você trabalhasse sem a proteção devida? E que fariam contra você dínamos e geradores, cujas correias, fôssem desprotegidas de seus guardas, porque você acha a proteção elemento sem valia no funcionamento da máquina e na segurança do trabalho? E a perfuratriz, que oferecia a falma de suas mãos desprotegidas?

Ah!, meu amigo, se as máquinas falassem elas protestariam o fato de você tingi-las de sangue, sangue que você, inutilmente, derramaria sobre suas partes móveis em acidentes perfeitamente evitáveis! Sim, acidentes perfeitamente evitáveis, porque o acidente decorre muito mais da falta de proteção e do descuido, do que de outras quaisquer causas,. E acidente meu amigo, é prejuízo para você e sofrimentos e luto para você e sua família.

O trabalho sem proteção é caminho para a invalidez, para a dor, para a morte. Ninguém pode fugir às ofensas físicas e materiais do acidente.

Portanto, se o acidente do trabalho resulta de nossa imprevidência , se nós nos acidentamos porque recusamos ou esquecemos a proteção e a segurança que oferecem a máscara, a luva, os óculos, as guarda protetoras de correias, de serras e de partes móveis perigosas de máquinas, cumpre-nos reagir contra o crime da mutilação e da morte por acidentes. Porque é crime trabalhar-se desprotegido, uma vez que, sem a proteção, o acidente não tarda.

Assim, não despreze nem esqueça a proteção. Não peça, mas exija a luva, os óculos, os cinturões de segurança, a bota, a máscara.

Para cada trabalho há proteção adequada e obrigatória por lei.

Não queira confiar sua segurança à força bruta das máquinas, que não tem capacidade para distinguir seu corpo de uma coisa sem vida.

Lembre-se de que o acidente persegue sua valentia e é companheiro do seu esquecimento e de sua falta de atenção no trabalho.

Colabore com aqueles que defendem você do acidente, como essa brilhante equipe de médicos, engenheiros e técnicos da Divisão de Higiene e Segurança do Trabalho, para que você não sofra as dores físicas e morais do acidente, como a mutilação, a invalidez e a falta do chefe de família.³⁷

Percebemos um confronto cultural de costumes entre a empresa com seu padrão de segurança e a sua forma de organização para evitarem os acidentes contra o estilo de trabalho que a maioria desses funcionários possuía no lugar onde moravam. No campo o homem tem a liberdade de trabalhar à sua maneira sem depender de itens de segurança, mas essa

³⁷ GYRÃO, Pedro Poppe . Se as máquinas falassem. In: *Nitro Jornal*. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano V. São Paulo, Outubro de 1957. Nº51. p.15.

privacidade foi negada pelas instituições visando a segurança da empresa, com isso um confronto cultural se fez cotidianamente no chão da fábrica.

Esse confronto cultural se fez nítido internamente através dos sinais que garantiam os ritmos de almoço, entrada e saída. Após qualquer barulho a correria foi algo generalizado entre os empregados, principalmente na hora da saída o que acabava ocasionando acidentes devido ao forte empurra-empurra à liberdade de suas casas:



NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna.
Ano IV. São Paulo, Julho e Agosto de 1956. Nº42. p.02

Júlio de Souza complementa esse clima mostrando a insegurança que havia dentro dos setores, mas principalmente sobre a teimosia de alguns funcionários que ainda continuavam a persistir em não querer utilizar os equipamentos necessários ao trabalho químico:

Já era pequena nossa segurança, era terrível porque tinha departamento que a pessoa precisava usar luvas, óculos para esmerilhar o tornear a peça pra não bater o cavaco na vista, tinha segurança, deram botina, macacão de roupa no vestiário, tinha segurança, foi aperfeiçoando, começou em 1937, até enquadrar ver o que tava errado o que não estava errado, eles procuravam corrigir.³⁸

Nesse sentido, devemos compreender um pouco a necessidade de comunicação direta com o funcionário, principalmente o recém-chegado que na maioria das vezes já era

³⁸ Depoimento de Júlio de Souza Nery concedida ao LabDoc – Unicsul

empurrado para as caldeiras ou para as máquinas que nunca tinha visto antes na vida. Em muitos casos, a precariedade de chefias em auxiliar seus operários era algo preocupante justamente por não saberem passar as instruções adequadas.

Não só dentro da fábrica, mas no cotidiano social como um todo a diferença cultural se fez presente, por exemplo, o desconhecimento dos instrumentos do “mundo moderno” por muitos migrantes, que vieram diretamente do campo para a cidade, assim podemos observar o uso do ferro elétrico por muitas mulheres:

PERIGO DO FERRO ELETRICO: O ferro elétrico constitui, sem dúvida, uma grande conquista da vida moderna, mas no seu uso encerram-se muitos e vários perigos. Um deles é o caso, bem freqüente, de donas de casa ou empregadas que ficam no dever de, ao mesmo tempo, cuidar das crianças e trabalhar com o ferro elétrico, afim de passar fraldas e outros panos. Neste caso, terminado o serviço, a senhora desliga, cuidadosamente, o ferro elétrico, mas muitas vezes se esquece de que êle esfria tão rapidamente quanto seria desejável, constituindo verdadeiro perigo para as crianças, que tendo-o ao seu alcance naturalmente procuram tocá-lo.³⁹

Os choques elétricos foram acontecimentos constantes no cenário doméstico e industrial e, segundo Júlio de Souza, até mesmo corriqueira devido a má preparação e a pouca atenção dos funcionários com as máquinas:

Tinha muitas outras coisinhas que eram corriqueiras, lembra assim, momento é coisa que já passou na oficina onde eu trabalhava. Tinha um colega que trabalhou no torno e tomou uma descarga elétrica torneando uma peça, dessa peça desceu o cavaco como se fosse a casca da laranja e desceu, encostou no motor. Ele estava com o cotovelo no barramento da máquina e com a mão aqui (no rosto) e recebeu uma descarga elétrica e morreu na hora.⁴⁰

A energia elétrica chegou até a periferia por intermédio do Conselho Nacional de Águas e Energia no ano de 1946 no Governo Dutra.⁴¹ Em São Miguel Paulista a energia elétrica já estava instalada na fábrica desde a década de 30, devido a necessidade na produção e na iluminação interna.

Em quase todas as edições a preocupação com a utilização correta da eletricidade, tanto na fábrica como também nas casas, foi algo constante. Os choques elétricos foram vistos

³⁹ *Jornal*. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Janeiro de 1953. Nº 1. p.01.

⁴⁰ Depoimento de Júlio de Souza Nery concedida ao LabDoc – Unicsul

⁴¹ VIEIRA, Vera Lúcia. *Op. Cit.*. p.13-14

e sentidos cotidianamente por todos que ali trabalhavam daí uma das causas de haver sempre medo por onde andavam. O jornal também servia como guia de precaução contra esses acidentes, ensinado até mesmo noções básicas que qualquer um já deveria ter aprendido logo ao entrar na empresa:

Levando em consideração a elevação constante da voltagem em nossa fábrica, deliberamos transcrever uma série de normas e recomendações para evitar acidentes nas cabines de alta tensão, aproveitando para isso um trabalho original da Light e Power Co. Ltda.; chamando portanto a atenção de nossos leitores, principalmente para ultima fase desta publicação, onde abordamos a aplicação da respiração artificial para socorro a vítimas de choque elétrico e asfixias em geral (afogamento, engasgamento ou intoxicação por gases venenosos).

As instalações elétricas devem ser inspecionadas frequentemente. E' o modo mais seguro de evitar acidentes.

Todo contato com condutores ou aparelhos elétricos com fôrça oferece perigo.

Precauções para as manobras usuais

1. Procure concentrar a atenção sôbre o que vai fazer e raciocinar calmamente; antes de executar qualquer manobra tenha certeza de que ela não poderá causar acidentes.
2. Para todas as manobras, mesmo as que são feitas por meio de volante ou alavanca, empregar sempre o estrado isolado e também as luvas de borracha, pois um só destes utensílios de proteção é considerado insuficiente.
3. Antes de usar o material de proteção (luvas de borracha, alicates isolados, estrado isolado ou bancos), verificar primeiramente o estado em que se acham e se são apropriados para o serviço a executar.
4. Nunca desligar chaves de faca, quando houver corrente (carga) nos fios.
5. Para ligar a fôrça, na cabine, começar pela ligação das chaves de faca, depois ligar as chaves a óleo de alta tensão e, por fim, os interruptores de baixa tensão.

Para desligar a fôrça proceder na ordem inversa. (...)⁴²

O despreparo institucional por parte dos diretores e da organização fabril de suas atividades teve como reflexo o despreparo de seus chefes e funcionários que foi algo evidente a cada dia.

O jornal serviu como um meio de conscientizar os leitores/operários a metodologia geral de trabalho, dos equipamentos, das ferramentas e da racionalidade em como realizar determinadas tarefas, como, por exemplo, socorrer um amigo vítima de uma carga elétrica:

⁴² *Nitro Jornal*. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano III. São Paulo, Setembro de 1955. Nº33. p.12

A primeira condição de socorro às vítimas de eletricidade é haver dentro da organização fabril, gente treinada, que haja recebido instruções apropriadas e não fique em pânico (como é comum, mesmo entre os eletricitas), quando assistem desastres produzidos por descargas elétricas. É fácil ver se um operário quando colhido pela corrente elétrica, mesmo estando em lugar elevado, pedir-lhe próprio ou os companheiros o desligamento da corrente. E quando a corrente é interrompida, o trabalhador precipita-se das alturas e vai morrer, não pelo efeito elétrico, porém pela fratura do crânio causada pela queda. É claro que se houvesse uma turma orientada, enquanto uns cuidassem de desligar a corrente, outros tratariam de amparar o operário vitimado, evitando a queda, salvando-o da morte.⁴³

O conflito cultural entre o campo e a cidade foi sentido e vivenciado de maneira muito intensa internamente na fábrica, tanto é que alguns trabalhadores ainda usavam a faca como instrumento para mexer em equipamentos de alta voltagem elétrica. O desconhecimento do equipamento fazia com que ele usasse a criatividade do campo para consertar os problemas à sua maneira diante a modernidade das máquinas.

Infelizmente a “imagem de macho” se fazia presente após algum acidente, pois alguns funcionários se negavam a receber os cuidados médicos essenciais à saúde e a continuidade do trabalho, por isso a fábrica se armava com as leis da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho)⁴⁴ para se ausentar das responsabilidades daqueles que não queriam ajuda médica:

Alguns dos importantes artigos do Decreto Lei 7036, de 10 de Novembro de 1944:

Artigo 13 – Recusando-se o acidentado a submeter-se ao necessário tratamento médico, ou fazendo-o desidiosamente, a responsabilidade do empregador ficará limitada às conseqüências do acidente, e não se estenderá às suas agravações ou complicações.

Parágrafo único – Para o efeito do disposto no presente artigo, o empregador comunicará sempre à autoridade judiciária competente, para a devida verificação, a recusa do acidentado em submeter-se ao tratamento médico indicado, ou a sua negligencia na observância do mesmo.

Artigo 45 – Todo o acidente, do trabalho será obrigatoriamente comunicado ao empregador pelo acidentado ou por qualquer pessoa que dele tenha conhecimento imediatamente, após a ocorrência, não podendo essa comunicação exceder do prazo de 24 horas, salvo impossibilidade absoluta.

Parágrafo único – Se, no caso de inobservância do que dispõe o artigo anterior, resultarem, pelo conseqüente retardamento da prestação de uma conveniente assistência médica, farmacêutica e hospitalar, agravações ou complicações da lesão inicial, por elas não responderá o empregador.

⁴³ *Jornal*. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Fevereiro de 1953. Nº02. p.02.

⁴⁴ FRENCH, John D. Afogados em Leis: a CLT e a cultura política dos trabalhadores brasileiros. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

Artigo 79 – Os empregadores expedirão instruções especiais aos seus empregados, a título de “Ordens de Serviço”, que estes ficarão obrigados a cumprir rigorosamente, para a fiel observância das disposições legais referentes à prevenção contra acidentes do trabalho.⁴⁵

Para que as notícias circulassem perante todos os funcionários, tanto aos analfabetos quanto aos alfabetizados, linguagens simples atraíam as atenções dos trabalhadores a entenderem de formas variadas a mesma mensagem passada por textos ou imagens, por isso dentre elas existiam os ditados como verdadeiras brincadeiras voltadas a interatividade do leitor com o jornal, mas sempre com as mesmas propostas objetivas do discurso que era o cuidado com os acidentes e a produtividade no trabalho:

DITADOS

“Não há eficiencia sem segurança.

O descuido é o himã que atrai os acidentes.

Quem dorme no serviço, acorda no Ambulatório.

0 % acidente, 100 % produção.

Lembre-se que a preservação de acidentes não é só para os outros.

A gravidade dos acidentes não é julgada pela quantidade de acidentes, mas sim pelo tempo perdido por cada acidentado.

A mudança de ambiente e o local do trabalho é fator de observação que muito influe para evitar o acidente, assim como aumenta a produção.

Pense antes de fazer as cousas <<onde está o homem está o perigo>>.

A prudência nunca é de mais.

<<O álcool é inimigo da segurança no trabalho>>. Evitá-lo é evitar acidentes.

Não jogue com a vida. Lembre-se de que <<a sorte tambem falha>>.

Ao deixar o trabalho, lembre-se <<acidentes tambem acontecem lá fora. Cuidado sempre>>.

Cautela e caldo de galinha, não fazem mal a ninguém.”⁴⁶

Uma outra preocupação dos diretores com o cotidiano de trabalho estava no abuso da bebida alcoólica entre os empregados, até mesmo em horário de serviço.

Essa preocupação dos patrões com o alcoolismo vem desde o início do século XX com a instalação das primeiras fábricas no país. Em resposta o controle público higiênico-

⁴⁵ *Nitro Jornal*. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Março de 1953. Nº 3. p. 06.

⁴⁶ *Jornal*. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Fevereiro de 1953. Nº02. p.03.

sanitarista tentava envolver a população em campanhas a uma verdadeira cruzada de combate a esse mal.⁴⁷

A Companhia Nitro Química Brasileira, assim como quase todas as indústrias da cidade de São Paulo, foi um alvo certo desse “mal” reproduzido cotidianamente pelos trabalhadores. Vários acidentes decorreram justamente pelo descuido que tiveram na hora de manejar alguma máquina e tropeços dentro dos setores. Essa preocupação levou a utilização freqüente das páginas como uma forma de alertá-los a essa realidade.

Para saber se o trabalhador tinha uma forte tendência a ser considerado um alcoólatra foram trazidos dos EUA testes e textos que sempre foram utilizados para criar uma sensação de vigilância constante do ser sobre si mesmo. A bebida, os amigos e as conversas dentro da fábrica prejudicavam os objetivos de produção dos diretores, mas eles não tinham a mesma mentalidade justamente por terem ritmos e costumes diferentes da exigida pelo ambiente e suas ordens:

Dezoito perguntas sobre o Alcoolismo

- 1 – Será que você perde tempo de trabalhar, por causa da bebida?
- 2 – A bebida está tornando infeliz a sua vida doméstica?
- 3 – Você bebe porque fica tímido na frente dos outros?
- 4 – A bebida está afetando a sua reputação?
- 5 – Você, alguma vez, sentiu remorsos depois de beber?
- 6 – Você experimentou dificuldades financeiras como resultado da bebida?
- 7 – Você procura companhias <<baixas>> e meio inferior quando bebe?
- 8 – A sua bebida torna-o descuidado da felicidade da família?
- 9 – As suas aspirações decresceram com a bebida?
- 10 – Você sente necessidade de beber numa hora definida, diàriamente?
- 11 – Você deseja uma bebida na manhã seguinte?
- 13 – A sua eficiência decresceu desde que você bebeu?
- 12 – A bebida traz-lhe dificuldades para dormir?
- 14 – A bebida está arriscando seu emprêgo ou negócio?
- 15 – Você bebe para escapar de preocupações?
- 16 – Você sentiu, alguma vez, perda completa de memória em consequência da bebida?
- 17 – O seu médico já o tratou, em qualquer tempo, por causa da bebida?
- 18 – Você já esteve internado num hospital ou em qualquer instituição em virtude do uso da bebida?

⁴⁷ MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de Emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades*. Bauru, SP: Edusc, 2005. (Coleção História). p.63.

De acordo com a apuração da C.N.C.A. dos Estados Unidos, se você responder <<sim>> a uma das perguntas tem tendência para o abuso das bebidas alcoólicas; se disser <<sim>> a duas, tem probabilidades de você ser um alcoólatra e, se você responder <<sim>> a três ou mais perguntas então você é definitivamente um bêbedo.⁴⁸

A fábrica tinha uma necessidade extrema de dependência desses funcionários, como os seus motoristas para fazer o escoamento da produção aos bairros vizinhos ou ao centro da cidade, sem eles toda a produção ficaria parada dentro dos galpões da empresa resultando em prejuízo. Mas muitos motoristas davam “trabalho no trabalho” em relação ao consumo excessivo da bebida e, como consequência disso, os desastres e atropelamentos em acidentes se tornaram acontecimentos rotineiros no bairro.

O automóvel representava uma extensão da imagem e da força do homem ao demonstrar-se superior aos demais seres que não possuíam determinada mercadoria. A ideologia da modernidade⁴⁹ se fazia cotidianamente pela cultura do consumo e da propriedade, assim o usuário trazia a visão de superioridade diante os pedestres fazendo da velocidade a sua força a ser sempre demonstrada aos outros.

Os acidentes com o transporte traziam mortes e prejuízos consideráveis na escoação da produção, por isso alguns meios de aproximação com esse motorista foram realizados com o intuito de motivá-lo a prestar mais atenção ao realizar o trabalho:



NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna.

Ano IV. São Paulo, Outubro de 1956. Nº44. p.19

⁴⁸ *Nitro Jornal*. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Junho de 1953. Nº 6. p.08.

⁴⁹ ORTIZ, Renato. Memória e Sociedade. In: *A Moderna Tradição Brasileira. Cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 2006. p.77-110.

Com o avanço da tecnocracia, do desenvolvimento urbano e a grande produção automobilística, os aventureiros alcoólatras se metiam em enrascadas colocando a vida dele e a dos outros em risco sobre a responsabilidade da empresa, daí um dos motivos da grande preocupação institucional que foi a de preservar-se:

Tanto se tem falado e escrito sôbre os efeitos maléficos do álcool e sôbre seus supostos benefícios à saúde, que a verdade a esse respeito ainda se mantém enublada na mente popular. Eis o grande mal.

A ciência entretanto, tem procurado pôr os pontos nos <<i>>, mostrando que os pequenos e imediatos efeitos estimulantes do álcool são transitórios e paliativos, ao passo que os prejuízos causados pelo seu uso imoderado e continuo são, realmente, tremendos. De fato, é o álcool responsável por grande número de degenerações de órgãos e, principalmente pela depressão moral e pela demência, conduzindo à degradação do indivíduo, com toda a escala de desvios e até de crimes. Ultimamente, porém, nova espécie de malefícios do álcool vem ocorrendo em grande escala. É dessa classe de males que vamos tratar.

O progresso das novas capitais trouxe desmedido aumento de veículos motorizados, que, nas mãos de irresponsáveis, agora em notável proporção, constitui em verdadeiras máquinas de destruição humana. Não há dúvida de que as defeituosas condições urbanísticas da maioria das nossas cidades concorrem para promover os desastres; mas justamente esse fato deve obrigar o condutor do veículo a maior senso de responsabilidade, e, portanto, a maior prudência. (...)⁵⁰

Para tentar evitar o grande número de acidentes foi utilizado o jornal como um meio de preparação aos cuidados que o motorista/empregado deveria ter ao dirigir. Nem mesmo informações básicas alguns deles sabiam, pois o que prevalecia a empresa era o trabalho realizado sob um custo mínimo de mão-de-obra, mas aos poucos começaram a sentir que o barato começava a sair caro diante o despreparo que tiveram em educá-los adequadamente:

Sr. Motorista:

1. Por mais interessante que seja a conversa dos seus amigos no carro, não vire a cabeça para participar dela
2. Não tire as mãos do volante para fazer gestos.
3. Concentre sua mente no manejo.
4. Atenção nos cruzamentos das estradas. Bem pode acontecer ir você em sua mão e o outro carro não.

⁵⁰ *Nitro Jornal*. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano IV. São Paulo, Março de 1956. Nº39. p.10.

5. Obedeça os regulamentos de trânsito e os sinais nas ruas e estradas.
6. Esteja atento quando passar em frente a saída de escolas, oficinas, garagens, etc.
7. Diminua a velocidade antes de chegar a uma curva ou cruzamento e “tóque a buzina” (menos na zona de silêncio).
8. Utilize o espelho de retrovisão e em posição adequada.
9. Não passe adiante de carros nas curvas ou cruzamentos.
10. Mantenha limpo os faróis e parabrisas.
11. Pare o carro, e observe antes de dar uma volta completa.
12. Constate que os freios de seu carro estejam bem ajustados e que a direção não tenha jôgo demasiado.
13. Especialmente quando anoitecer, deve manter a mão. Não ilumine com seus faróis o outro carro que vem em sentido contrário. Faça jôgo com as luzes.
14. Vigie o estado de sua bateria. Recorde que deve manter a um determinado nível a água destilada do acumulador.
15. Vigie a pressão e o estado geral de seu pneumáticos.
16. Esteja atento nos dias de chuva com as patinadas nas curvas.
17. Nunca presuma ser um grande “volante” e como tal “demonstre” suas habilidades à custa dos outros.
18. Nunca realize manobras espetaculares. Você pode ser uma maravilha de precisão, porém o outro condutor pode não saber.
19. Não ande pelo meio das ruas transitáveis.
20. Não passe adiante de outro carro pela direita.
21. Seja prudente; se o caminho estiver mais ou menos bloqueado não tente passar pelo espaço que deixam dois carros entre si.
22. Não passe a toda velocidade adiante de outro carro, lembre-se que si nêsse momento estourar um pneumático você não terá tempo de manobras e evitar uma colisão.
23. Não se distraia olhando a paisagem quando viaja guiando. Se é amigo da natureza, é preferível que pare o carro para admirá-la.
24. Não guie com uma só mão para mostrar que sabe guiar.
25. Não transite contra a mão.
26. Não procure, nem aposte corrida com nenhum veículo.⁵¹

Os diretores da fábrica Nitro Química não tiveram uma noção clara em organizar adequadamente os seus funcionários. O custo de uma mão-de-obra qualificada foi muito alta no período, conseqüentemente sofreram com o despreparo dos funcionários que simplesmente reproduziam o que não sabiam em alguns casos.

⁵¹ *Nitro Jornal*. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Agosto de 1953. Nº 8. p.09.

3.3 - Operários x Patrões: a luta social por melhores condições de vida

A industrialização conseguiu avançar fortemente no país com o apóio governamental às várias empresas multinacionais que se instalaram no território nacional na década de 50.

Trata-se da desnacionalização da indústria nacional, que envolve não apenas novas técnicas de evasão do excedente econômico como também a transformação do Brasil numa nação “associada” do capitalismo internacional. Em outras palavras, ao mesmo tempo realiza-se e frustra-se a revolução burguesa no Brasil.⁵²

Nesse período a dinamização e a diversidade das atividades produtivas requeriam uma mão-de-obra altamente especializada para seguir o mesmo ritmo de produção no trabalho, estamos em pleno cenário desenvolvimentista onde a agilidade e a racionalidade comandavam a expansão da empresa no mercado dependendo intimamente da qualificação do funcionário.

Essa política industrial ou programa nacional-desenvolvimentista, iniciada por Getúlio Vargas na década de 30, foi se desenvolvendo com o tempo pela necessidade de sobrevivência do próprio Estado em ter que acompanhar o mercado, esse era um dos grandes argumentos que os diretores faziam circular constantemente dentro da fábrica, como aqui demonstra o diretor administrativo Marcello Milliet Kiehl:

Serão anos de esforços e sacrifícios antes que esse programa seja realizado.

Precisamos reconquistar os mercados externos, para isso devemos produzir mais e de forma mais racional, a fim de baixar o custo e podermos enfrentar a concorrência de outras nações. É preciso evitar o êxodo do trabalhador rural, dando-lhe maior assistência e proteção; precisamos melhorar e coordenar os transportes para não onerar o custo das mercadorias.

(...)

Sòmente uma ação conjunta do governo, das associações de classe produtoras, no sentido de que, com a colaboração de todos nós. Desde o homem do campo, operários, mestres, oficiais, engenheiros, industriais, etc., firmemente resolvidos a aumentar a produção, a reduzir o custo das utilidades, a fazer economia, especialmente de artigos importados e essenciais, é que venceremos essa batalha que se delinea.

Sòmente assim, seremos capazes de atravessar esses poucos anos que nos separam da vergonha de sermos um país “sub-desenvolvido” para o orgulho de virmos a ser uma das grandes potências mundiais.⁵³

Desde o início da década de 50 uma grande quantidade de migrantes que chegavam “em busca da felicidade” começou a incomodar a política administrativa- ideológica da Nitro,

⁵² IANNI, Octávio. Estado e Capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 2004. p.35.

⁵³ KIEHL, Dr. Marcello Milliet. Aceitemos a Luta. In: *Nitro Jornal*. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Fevereiro de 1953. N°02. p.01.

tanto internamente na fábrica como em todo o bairro. O inchaço populacional trazia certo receio da perda do controle social diante os vários contrastes que se construía e se vivenciavam todos os dias.

Mas a fábrica possuía um grande apoio político de controle social principalmente contra os ativistas que traziam do centro da cidade de São Paulo os efeitos das manifestações grevistas, esse apoio fabril se dava pela união com o Sindicato dos Químicos.

A organização sindical oficial foi criada pela ditadura Vargas (1937-1945) no espírito do corporativismo fascista italiano e dotado de uma articulação rigidamente vertical. A cada setor da produção (indústria, comércio, etc) corresponde, tanto para os patrões como para empregados, uma estrutura hierarquizada de sindicatos (base), federações (nível intermediário) e confederações (cúpula). A organização oficial proíbe a formação de uma central operária, do mesmo modo que qualquer tipo de “frentes” ou “pactos” inter-sindicais. Desde suas origens esta organização foi mais um fato burocrático-assistencial que propriamente uma estrutura sindical efetiva e só começou a ganhar alguma eficácia sobre as bases políticas do populismo dos anos 50.⁵⁴

Esse controle sindical fez de sua força ativista uma força retroativa de controle do operariado. Ele conseguiu articular o movimento sindical/anarquista ao sentimento nacionalista de mobilização, aculturando o operariado em ver o sindicato como um simples meio assistencialista às suas necessidades.⁵⁵

O redator do Nitro Jornal, Eduardo Sabino de Oliveira, colocou essa política de união em suas palavras no sentido de demonstrar os sindicatos e o seu reconhecimento social:

Hoje os sindicatos têm seus direitos reconhecidos e os mesmos tribunais que ontem os condenavam, hoje os defendem.

As indústrias cada vês mais se aparelham para a elevada missão que lhes cabe no mundo moderno que é de produzir cada vês melhor e mais barato, visando um tempo o lucro e a justa retribuição do capital nela empregado, do bem estar dos que nela trabalham e do público que ela serve.⁵⁶

⁵⁴ WEFFORT, Francisco C. *Participação e Conflito Industrial: Contagem e Osasco*. São Paulo: CEBRAP, 1972. (Cadernos CEBRAP,5). p.07

⁵⁵ GOMES, Ângela Maria de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p.246-253.

⁵⁶ OLIVEIRA, Eduardo Sabino. As Nossas Responsabilidades. In: *Nitro Jornal*. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Janeiro de 1953. Nº 1. p.01.

O Sindicato dos Químicos e a Companhia Nitro Química possuía uma grande relação no complemento do controle do operariado, principalmente no sentido de evitar as greves que foram tão temidas pelos empresários.

Em 1953 fortes greves (como a dos 300.000 mil) abalaram algumas indústrias no centro da capital⁵⁷, mas em São Miguel Paulista acordos foram negociados com os funcionários para que evitassem tal constrangimento à sua *imagem*. Com isso, a propaganda institucional passada aos funcionários em ser uma verdadeira empresa-modelo em educação e disciplina constituía a grande imagem de “família nitrina”, isso segundo o redator Ragaine:

Foi para nós motivo do mais intenso júbilo constatar que, enquanto no centro da cidade, milhares de operários estavam em greve, com enormes prejuízos pessoais dos grevistas, com perda dos empregadores, e com atrazo ao progresso de S. Paulo; enquanto se tornava indispensável a intervenção da Polícia para evitar atentados à propriedade particular; enquanto choques ocorriam; violências e arbitrariedades se sucediam de ambos os lados, esta pleidade de empregados da Cia. Nitro Química Brasileira dava, de público, uma lição de ordem, de disciplina, de ponderação, demonstrando alta confiança na Nitro, certos de que a Diretoria desta última, como sempre o fez, compareceria, no devido tempo, com o prêmio justo e merecido a todos os obreiros do progresso da CNQB.⁵⁸

Para expressar-se como uma fábrica “completamente diferente” das outras, por possuir um forte espírito paternalista de trabalho e convivência mais próxima no chão de trabalho, o discurso continuou revelando a felicidade interna construída pelos acordos que tiveram empregados e empregadores, selando assim esse belo momento com uma chopada oferecida pelos diretores, além de anteciparem o jogo de futebol que ia ser realizado no domingo, uma representação perfeita da harmonia geral construída pelos diretores:

Ultimados os entendimentos, na Assembléia Geral, todos contentes, satisfeitos, eis que são obsequiados os empregados novamente, de forma simples, mas que tocou fundo, pela Diretora da Fábrica. Esta ofereceu, na sede de campo do Clube, uma chopada após um jogo de futebol entre Escritório e Fábrica, que seriam realizados no domingo.

Neste dia, numa manhã bela de sol, em festa de confraternização geral, após o jogo, antes da chopada, outra surpresa ocorreu.

Os empregados agradecidos, haviam se cotizado e adquirido dois mimos, que foram entregues, em cerimônia simples, mas enternecedora, aos dois líderes nesse grande movimento:

⁵⁷ WEFFORT, Francisco C. *Ibidem* p.10.

⁵⁸ RAGANE, Álvaro. Evolução da Paz Social no Brasil. In: *Nitro Jornal*. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Maio de 1953. Nº 5. p.01.

um nosso diretor, Dr. Marcello Milliet Kiehl; outro, o Sr. Vinicius R. Bueno, DD. Presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Ind. Quím. e Farm. do Estado de São Paulo.

Encerrando o dia houve a chopada, enormemente concorrida e que selou com fêcho de ouro os entendimentos felizes entre empregados e empregadores, resultando daí uma magnífica lição de quanto vale o respeito mútuo, a harmonia, a boa vontade e a dedicação entre uns e outros.

“Nitro Jornal” se congratula com os empregados; com o Sindicato dos Trabalhadores e com a Diretoria da CNQB augurando que o seu exemplo seja copiado pelos demais.⁵⁹

Com o tempo, os efeitos da propaganda ideológica mantida pela empresa visando o controle dos trabalhadores e dos moradores através de uma racionalidade administrativa dos valores e dos costumes estava começando a sofrer com as constantes mobilizações dos operários em querer ter exatamente aquilo que foi antes prometido.

A conscientização da realidade se fez aos poucos pela própria realidade em que estavam vivenciando. A política assistencialista não mais comportava as necessidades dos funcionários que começaram a reivindicar fortemente a partir de 1956.

O movimento operário não pode ser visto apenas como dependente da história da sociedade mas também como sujeito de sua própria história e, como tal, capaz de influir sobre a sociedade.⁶⁰ Por isso, aos poucos, as fortes contradições começavam a se fazer voz através da própria realidade vivenciada.

Os efeitos dos protestos reivindicatórios contra a fábrica foram sentidos através das páginas do Nitro Jornal, pois a partir de Abril de 1956 a diagramação desse meio de comunicação sofreu uma desestruturalização com os abalos realizados pela pressão da população trabalhadora.

As páginas foram diminuindo. Começaram então, os diretores-redatores, a colocar mais imagens e menos textos político-econômicos direcionados ao progresso nacionalista e desenvolvimentista.

Os jornais começaram a ser usados simplesmente como escudos contra os acidentes internos e os incidentes grevistas e comunistas externos. Como exemplo desse impacto, os diretores circularam algumas manifestações populares tentando ideologicamente ocultar certos acontecimentos, isso com o objetivo de tentar safar-se das manifestações e tentar quebrar o seu sentido de protesto:

⁵⁹ Idem. *Ibidem*.

⁶⁰ WEAFFORT, Francisco C. *Ibidem*.

... - Snr. Presidente, Snrs. Vereadores:

A Nitro Química está tirando sangue dos operários e vendendo aos acidentados!!!

... “- Snr. Presidente, nobres Vereadores:

Pretende-se instalar o Posto de Puericultura numa dependência da Nitro Química, em lugar onde há gases venenosos, apêlo para o Snr. Governador para sustar tal instalação...

“... “- Snr. Presidente, nobres colegas:

A Nitro Química está em seu hospital cobrando as diárias extorsivas de seus operários...

“... “- Snr. Presidente, nobres pares:

A Nitro Química dá “giletes” e etc. para os seus operários comer no seu mal instalado Restaurante...

“... “- Snr. Presidente, Snrs. Vereadores:

A Nitro Química etc. etc.”

Tais e tantas como estas ouviram-se na Câmara Municipal que, vereadores mais conhecedores desta Companhia teleforam-nos:

- Alô... Alô... é da Cia. Nitro Química Brasileira que falam?

.....

Ah! É o Chefe do Serviço Social?

.....

- Aqui é o vereador

.....

- Várias vezes essa Fábrica tem sido citada aqui na Câmara, e como eu, (apesar de superficialmente) conheço vossa organização, sei que injustamente, gostaria de ter a oportunidade de pessoalmente visitá-la e mostrar a alguns colegas a verdade sobre a Nitro. É possível?

- Com grande prazer presado vereador, sempre recebemos com real interêsse a esclarecida visita dos nobres representantes do povo. Pode crer que nos serão bastante úteis as vossas presenças, e reafirmo mais uma vez que aqui estamos sempre às ordens.

- Muito obrigado pela referência, então vou convidar alguns dos meus colegas e oportunamente marcarei a data da nossa visita.⁶¹

Os diretores da fábrica por terem uma proximidade muito grande com os deputados, alguns deles eleitos pelos próprios moradores do bairro, se uniram estrategicamente para tentar consolidar as palavras como verdades, para isso utilizaram alguns meios de comunicação de massa para a divulgação de uma “verdade” institucional como realidade:

⁶¹ Esclarecendo a Verdade. In: *Nitro Jornal*. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano IV. São Paulo, Abril de 1956. Nº40. p.06.

Confirmando plenamente as nossas considerações, tivemos a satisfação de ouvir no mesmo dia, aos microfones da Radio Nacional de São Paulo, o locutor-vereador Snr. Pedro Geraldo Costa que enaltecendo o nosso serviço, foi categórico, dizendo entre outras palavras de elogios. <<**Estão de parabens os empregados da Nitro Química por trabalharem em uma empresa em que o Serviço Social é uma realidade**>>. ⁶²

Aos poucos, algumas manifestações grevistas e comunistas em São Miguel Paulista estavam acontecendo simultaneamente com todo o Estado e em quase todas as grandes empresas. O mundo estava passando pelo período da Guerra Fria, que também foi uma guerra de imagens, de representações, de mercados e de ideologias.

A imagem do socialismo invadia cada vez mais forte o mundo e os setores sindicais de São Paulo que aos poucos se mostravam instrumentos subjetivos de luta, mas também possuíam uma grande afinidade política com as empresas.

O líder soviético Krushev estabeleceu a sua supremacia perante o poder da URSS e disseminou uma representação de líder bondoso, acabando com alguns feitos antes construídos por Stálin, entre eles o esvaziamento dos campos de concentração.⁶³ Esse líder perante o mundo proletário começou a criar um ar de esperança ideológica aos outros países, mas a mídia fazia de tudo para limitar essa esperança:

Em 1956 foi o ano das grandes esperanças, dos grandes sonhos, do otimismo exagerado, da euforia dos que sempre acreditaram na coexistência pacífica e na superação, por caminhos pacíficos, dos obstáculos que vem mantendo a humanidade, dos que se obstinavam em não encarar a realidade procurando no refugio precário da credulidade excessiva a segurança que a realidade inquietante dos fatos jamais poderia proporcionar. O mundo cansado e deprimido, desesperado de ver resolvidos os problemas que a segunda guerra mundial nos legou, consolava ante a perspectiva enganadora de, pelo menos, não ter de enfrentar novas convulsões violentas desde que o medo, o medo físico absurdo, antinatural e, sobretudo, imoral por sacrificar os direitos legítimos de milhões de pessoas submetidas pela força, o meio de prolongar uma “paz” que foi, sem duvida, a maior conquista da propaganda soviética. O primeiro semestre de 1956 parecia justificar os crentes, principalmente depois da espetacular oração de Kruchev, perante o XX congresso do PC soviético, por meio da qual procurou acalmar ainda mais as consciências pesadas dos que tinham renunciado ao direito de reagir contra a monstruosidade de um regime mil vezes mais execrável que o nazista, atirando sobre

⁶² Idem. p.01.

⁶³ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos...* p.239.

os ombros de um morto a responsabilidade completa pelos crimes desse regime que já nenhuma máquina de propaganda conseguia esconder.⁶⁴

No âmbito interno de cada uma destas concepções, o padrão de racionalidade estaria dado por juízos, supostamente objetivos, sobre a realidade do mundo “desenvolvido”, “moderno” ou “capitalista”, e aparentemente – nada teria a ver com a crença em valores políticos ou morais que se busca defender ou que se aspira realizar. Diante dos manifestos contrastes entre “países avançados” e “países atrasados” parece embotar-se a sensibilidade ideológica em geral para adquirir relevo uma “sensibilidade moderna” que se pretende fundada puramente em juízos racionais e científicos.⁶⁵

A discussão sobre os problemas dos trabalhadores nas empresas e as ações do sindicato para enfrentá-los praticamente inexistiam nas reuniões da diretoria química. A prática de assembléias por empresa autorizando a abertura do dissídio coletivo foi mantida, relegando as ações por melhoria salarial e de condições do trabalho exclusivamente ao aspecto jurídico por intermédio do advogado do sindicato. Algumas vezes eram concedidas ajudas monetárias a associados em dificuldades financeiras, no entanto, nenhuma discussão era feita sobre problemas coletivos da categoria.⁶⁶

Os funcionários começaram se unir a fim de criar suas próprias reivindicações contra os abusos da Nitro Química, para isso foram guiados pelo sindicato e criaram um jornal próprio para circular entre eles chamado “O Reivindicador”, com o propósito de unir as atenções contra os patrões com a força ideológica comunista partidária, relatando todos os acontecimentos e desastres dentro fábrica:

Noticiando o lamentável acidente ocorrido em nossa fábrica no dia 27 de agosto último, o número inicial do periódico “O Reivindicador” – órgão do Conselho Distrital desta localidade – fez algumas considerações que não correspondem à verdade, e que por isso precisamos retificar.

A primeira informação errônea é de que “... o sr. Comendador Ermirio de Moraes mandou oferecer à viúva a ínfima importância de Cr\$ 5.000,00, como indenização pela perda da vida do seu esposo, tendo a mesma, recusado esta proposta da Nitro Química, entregando o caso a um causídico”.

Inicialmente, devemos informar que a viúva não recusou a aludida importância; recebeu-a, e dela deu recibo. Mas não se trata da indenização pelo acidente: tal importância

⁶⁴ O Estado de São Paulo, 01 de janeiro de 1957, p. 16.

⁶⁵ WEFFORT, Francisco C. *Classes Populares e Política (Contribuição ao estudo do “populismo”)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1968. Tese de doutorado. P.16

⁶⁶ FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Trabalhadores e Cidadãos*. p.126.

representou apenas um donativo, oferecido à família para as despesas de luto; a Companhia, apesar de nada a isso obrigar, vai conceder uma pensão mensal à viúva e bolsas de estudos a dois de seus filhos, isso tudo levando em conta os serviços prestados pelo empregado falecido.
(...)⁶⁷

Os operários se sentiram representados através de outras ideologias e lideranças políticas que traziam na bandeira de luta algumas palavras voltadas por melhorias das condições de vida e de salário. Mesmo sem os sindicatos e a presença do comunismo partidário, como o PCB, muitos empregados já estavam dando a resposta reivindicatória aos chefes-diretores pelo próprio cotidiano de trabalho.

Alguns funcionários ligados a Nitro Química acabavam relatando todos os desastres e imprudências do empregador ao empregado, desta forma também aproveitavam para espalhar a ideologia partidária sindical contra os chefes-diretores. Segundo Elizia Moreira, os patrões tentavam de qualquer jeito segurar seus funcionários dentro da empresa através da repressão salarial:

Acho que eles queriam aumento. Eles queriam aumento e uns iam trabalhar e os outros iam escondidos e eles prendiam o povo lá dentro pra ficar trabalhando que as máquinas, têm máquinas que não podiam parar né? Era dia e noite ficar rodando, não podia parar de jeito nenhum.⁶⁸

Uma greve pode ser considerada espontânea quando a massa operária decide e realiza, por si própria, um movimento de defesa de interesses econômicos e sociais. Os operários, nestes casos, contam certamente com líderes, embora desconhecidos do público e das autoridades, e com alguma forma circunstancial e elementar de organização, mas não com uma organização corporativa (ou política).⁶⁹

O que essas ideologias trouxeram de novo as suas reivindicações foi a vivência da manifestação com o auxílio da justiça, que por sua vez representa o Estado na intermediação entre o capital e o trabalho, que é morosa e cheia de artimanhas quando se trata da defesa do trabalhador e ágil quando se refere ao capital; mas que sabe agir sumariamente, quando trata de penalizá-lo.⁷⁰

⁶⁷ Nitro Jornal. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano IV. São Paulo, Outubro de 1956. Nº44. p.01

⁶⁸ Depoimento de Elizia Moreira Cardoso concedida ao LabDoc – Unicsul.

⁶⁹ WEFFORT, Francisco C. *Participação e Conflito Industrial: Contagem e Osasco*. p.22

⁷⁰ VIEIRA, Vera Lúcia. *Op. Cit.*. p.20

Reuniões foram agendadas para discutir as formas que iriam dar as manifestações ou mesmo continuar as que começaram até encontrarem um acordo (não uma solução definitiva) salarial para todos os empregados:

Dirigentes da Federação e do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem, do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias, Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico, do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas e do Sindicato dos Mestres e Contra-Mestres na Indústria de Fiação e Tecelagem, e associados de todas essas entidades reuniram-se ontem para tratar do problema do reajustamento salarial.

Depois da reunião, distribuíram o seguinte comunicado à imprensa, no qual expõe as diretrizes que, doravante, nortearão sua campanha em prol do aumento dos salários:

“A Federação dos Trabalhadores Têxteis e os Sindicatos dos Trabalhadores Textéis, Metalúrgicos, Gráficos e dos Mestres e Contra-Mestres da Fiação e Tecelagem reunidos, após analisarem a atitude que vem sendo tomada pelos empregadores, concluíram que continuam eles demonstrando a mais absoluta intransigência. Assim, usam os patrões as mais variadas manobras para protelar os empreendimentos e não assumem qualquer compromisso. Sabem os trabalhadores, os estudantes e o povo de São Paulo que os empregadores argumentam com acumulação de estoques e em outras dificuldades da indústria, mas sabem também que grande número de empresas trabalha horas extras e que os lucros dos empregadores crescem de mês em mês (...)”⁷¹

A pressão social e sindical fez com que os diretores se manifestassem através do Nitro Jornal a fim de “amenizar a dor” daqueles que estavam precisando urgentemente de auxílio, para isso, os seus contatos políticos se fizeram necessários com o intuito de persuadir a população revoltada a esperança imediata de soluções rápidas. Um desses meios foi a comunicação que os diretores tiveram com o prefeito do Município de São Paulo:

Srs. Empregados:

Para conhecimento geral temos o prazer de transcrever abaixo o ofício que esta Companhia acaba de receber da Prefeitura da Capital, sobre o Programa de Melhoramentos Públicos de São Miguel Paulista, melhoramentos esses solicitados por comissão composta de funcionários desta Cia. E que depois de reiterados pedidos, foram agora despachados pelo M. D. Prefeito Municipal:

“São Paulo, 11 de março de 1954.

Ofício N.º 1012

Proc. 13.052/51

⁷¹ Ameaça de greve em importante setor da indústria paulista. In: *O Estado de São Paulo*, 04 de Outubro de 1957, p. 12.

Senhor Diretor:

Tenho a satisfação de encaminhar a Vossa Senhoria, anexas ao presente, cópias das diversas determinações constantes do Programa de Melhoramentos Públicos de São Miguel Paulista, que esta Administração pretende levar a efeito na vizinha localidade.

E´ evidente que, para a concretização dêsse Programa, se torna indispensável a colaboração de todos, maximo da Companhia Nitro Química Brasileira.

Nessas condições, apelo desde já, para Vossa Senhoria, a fim de que o esforço desta municipalidade seja eficientemente auxiliado pela iniciativa particular, bem representada por essa Indústria.

Valho-me do ensejo para apresentar-lhe os protestos de minha mais alta consideração.

a) Jânio Quadros

Prefeito

Para melhor conhecimento de todos, damos abaixo os itens relativos às melhorias, segundo as cópias dos ofícios recebidos:

- a) - Construção do Grupo Escolar.
- b) - Ajardinamento da rampa existente diante da fábrica, desde os trilhos da Estrada de Ferro.
- c) - Instimação aos proprietários p/ executarem pesseios, construirem muros de fecho e limpeza de terrenos não construídos.
- d) - Reparação de calçamentos.
- e) - Despêjo irregular de águas servidas na via pública.
- f) - Despejo ou remoção do Parque de Diversões.
- g) - Criação de Cemitério.
- h) - Instalação de mais aparelhos telefônicos ou subestação geral.
- i) - Regulamentação e oficialização do Pronto Socorro.
- j) - Funcionamento do Posto de Puericultura.
- k) - Extensão dos serviços de Limpeza Pública.
- l) - Ajardinamento dos principais logradouros públicos.
- m) - Iluminação Pública.
- n) - Emplacamento numérico e nomenclatura das ruas.
- o) - Instalação de água e esgotos.
- p) - Ofícios ao Departamento de Saúde do Estado p/ melhorar o estado sanitário de São Miguel.
- q) - Ofício à Secretaria da Segurança Pública p/ intensificar o policiamento.
- r) - Ofício à Guarda Noturna p/ destacar alguns homens para reforço do policiamento noturno.
- s) - Criação do Mercado Distrital em São Miguel.
- t) - Atribuições da Agência Municipal de São Miguel.

- u) – Unidades do Convênio Escolar programados para São Miguel.
- v) – Linha de ônibus da CMTC, partindo do Parque D. Pedro II.
- w) – Abuso de Ruídos.
- x) – Poço Profundo

Além dos itens acima, deve ser incluída a Pavimentação das principais Ruas e a inclusão de outras no Plano de Emergência.⁷²

Os comícios faziam parte desse plano de amortecimento do clima grevista social, pregando melhorias rápidas e necessárias ao bem comum dos moradores do bairro de São Miguel, assim relatou o morador Nélson Dias sobre essa propaganda nesse período que tanto marcou a sua vida:

Marcante que achei, foi uma espécie de comício, a inauguração da rede de água, só a rede que a caixa d'água não tinha em São Miguel, depois de muitos anos que foi ter a rede. A água em geral, era água de poço, então os políticos fizeram aquela propaganda toda, que a caixa d'água era na Cruzeiro do Sul; uma caixa d'água pequena que tinha, que formava a rede dali pra lá, mas vinha mais não chegava até as casas. Não, não só ali, era mais alguma casa de comércio daquela gente, mais ou menos que tinha, e a água que tinha mais, era na beira da fábrica mas só pra casas da Nitro Química era assim, Cooperativas, açougues, farmácias...⁷³

As promessas demoraram muito para serem cumpridas a ponto de darem espaço às interligações entre os bairros periféricos e o centro para se articularem politicamente contra essas promessas empresariais e políticas nunca cumpridas. A tentativa de progresso para a sociedade passou do trabalho fabril para a sua representatividade enquanto grevista com o intuito de alcançar as suas melhorias de vida:

Chegou ao conhecimento da Diretoria do Serviço de Trânsito que alguns motoristas profissionais do centro estão percorrendo os bairros periféricos a fim de arregimentar os colegas para a greve, que pretendem iniciar contra as enérgicas medidas que estão sendo tomadas por aquela repartição, objetivando moralizar a classe e pôr cobrar aos abusos até aqui praticados.⁷⁴

Em março de 1957, pela primeira vez desde os anos 40, a diretoria começava a estruturar uma nova campanha de sindicalização procurando aproximar mais a categoria da

⁷² *Nitro Jornal*. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano II. São Paulo, Abril de 1954. Nº16. p.13.

⁷³ Depoimento de Nélson Dias concedida ao LabDoc – Unicsul

⁷⁴ Motoristas ameaçam entrar em greve contra exigências da DST. In: *O Estado de São Paulo*, 04 de janeiro de 1957, p. 10.

vida sindical e ampliar o número de sócios. Temas da conjuntura política, até então nunca debatidos nas assembléias, passaram a ter importância crescente nas reuniões dos trabalhadores químicos. Logo no início de 1957, a diretoria propunha a adesão do sindicato ao Pacto de Unidade Intersindical (PUI) sob o argumento da necessidade de ampliar e unificar a luta dos trabalhadores. A proposta foi aprovada por unanimidade em assembléia.⁷⁵

Em outubro de 1957 as vozes dos trabalhadores paulistanos faziam-se ouvir mais altas, questionando o aparente consenso e estabilidade que pretensamente o governo do presidente Juscelino Kubitschek trouxera para o país. Durante dez dias, várias categorias profissionais alteraram a rotina da cidade paralisando suas atividades num amplo movimento grevista que ficou conhecido como “Greve dos 400 mil”.⁷⁶

O efeito dessa grande greve que mobilizou toda a cidade de São Paulo chegou até São Miguel, como disse em entrevista Néelson Dias:

A greve foi em 57. Sim, na Nitro mesmo, chegou até a parar o comércio de São Miguel nessa época porque foi muito violenta. Os três primeiros dias, aí veio a cavalaria, veio a polícia, veio tudo, foi uma confusão tremenda, chegou até a pararem ônibus que ia de uma vila pra outra. Quem dependia de passar na parte da fábrica, então os piqueteiros não deixava as pessoas passar.⁷⁷

A insustentabilidade da greve pelo poder fabril fez com que a polícia tomasse a frente para impor a ordem e a disciplina a todos aqueles que estavam perturbando o patrimônio privado de realizar as suas funções produtivas.⁷⁸ Somente nesse momento é que os patrões encararam seus funcionários como seres rebeldes por estarem desrespeitando suas regras e por estarem quebrando a harmonia da “família nitrina”.

A violência se tornou o meio de diálogo entre os empregadores e os empregados para a imposição da ordem perdida, desta maneira, a polícia utilizou como um instrumento de controle a cavalaria, assustando e machucando a todos no bairro e, segundo Luis Gerônimo, até mesmo mulheres grávidas:

O fato que marcou a minha vida foi o seguinte: quando eu tava com quatro anos de serviço dentro da firma, a Nitro Química, aí o nosso Sindicato e fez uma preparação de greve, é

⁷⁵ Apud. Livro de Atas das Assembléias Gerais do STIQFSP, nº2, 24 de janeiro de 1957, folha 18a. In: FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Trabalhadores e Cidadãos*. p.145

⁷⁶ Idem. Ibidem; p.148.

⁷⁷ Depoimento de Néelson Dias concedida ao LabDoc – Unicsul

⁷⁸ CANCELLI, Elizabeth. *O Mundo da Violência: a polícia da era Vargas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994. p.17-47

o seguinte, uma preparação de greve, porque o patrão não chegava a querer dar um salário melhor para nós trabalhadores, então estourado uma greve espantosa, eu nunca tinha visto aquilo e para mim ficou marcado na vida porque eu vi muito movimento, coisas que eu nunca tinha visto no Norte e aí a polícia, a cavalaria, os homens do governo, tudo correndo atrás da gente e descendo a borracha de vez em quando, quando precisava na Rua da Fábrica ali na Arlindo Colaço. A cavalaria chegou ao ponto de se jogar em cima de mulher, até grávida, mulher que trabalhava na firma e pra mim isso daí ficou marcado, pra mim foi um evento na minha vida.⁷⁹

As mobilizações deram resultados satisfatórios, mas não a solução dos problemas. Os trabalhadores migrantes por falta de uma consciência plena da realidade a ponto de se unirem racionalmente, acabaram procurando representantes e ideologias distantes que fizessem isso por eles, o que demonstrou a fragilidade do movimento operário em São Miguel Paulista e em muitos outros lugares.

Essa fragilidade vinha da necessidade extrema do assistencialismo construído e mantido pela fábrica, isso, pois muitos funcionários dependiam do restaurante para fazer suas refeições, pois não tinham outro lugar. Essa vontade revolucionária foi aos poucos sendo vencida, como lembrou Néelson Dias, pelas necessidades dos trabalhadores para a sua simples sobrevivência:

Assim, a turma com o Sindicato queria uma quantidade de aumento e a fábrica não queria dar, como de fato não deu, então a greve ficou mais ou menos 15 dias, a greve então, a greve por si foi fracassando porque a companhia jogou com a cabeça, muita gente dependia da cooperativa para sobreviver e a turma que era solteira, como a maioria era solteira, eu e muitos outros era solteiro, dependia, aquele que não almoçava na pensão dependia do restaurante para almoçar e tudo. Até o café na parte da manhã, aí o que é que ela fez, fechou a cooperativa, fechou a farmácia, criou um açougue e um restaurante, o restaurante, só aquele que tava trabalhando. Então ali completamente deixou a turma toda sem recurso nenhum pra poder continuar a greve, aí fomos, terminou e a gente ia voltando ao serviço sem aumento nenhum. (...) Os dias foram descontados e muita gente foi mandada embora.⁸⁰

A direção sindical acabou sendo vista com grande desconfiança por muitos trabalhadores da Nitro. A intervenção e os acontecimentos posteriores haviam deixado marcas profundas. As suspeitas em relação ao sindicato reforçavam ainda mais a imagem cultivada pelos patrões de grandiosidade da empresa. A Nitro Química seria tão poderosa que

⁷⁹ Depoimento de Luís Gerônimo Ferreira concedida ao LabDoc – Unicsul

⁸⁰ Depoimento de Néelson Dias concedida ao LabDoc – Unicsul

controlava até o próprio sindicato dos trabalhadores. Embora permanecesse com a maior base de associados, o número de sócios da Nitro diminuiu no início dos anos 50.⁸¹

A propaganda que ajudou a trazê-los ao caminho dos sonhos acabou novamente iludindo-os ao caminho das reivindicações ideológicas e partidárias. O controle social se manteve forte perante a burocratização do mecanismo dos sindicatos:

Realiza-se hoje, às 20 horas, na sede do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de São Paulo, à rua do Carmo, 171, uma reunião dos principais sindicatos filiados ao Pacto de Unidade Intersindical para debates do Programa de “Mobilização Geral dos Trabalhadores para o Aumento Salarial”. Deverão estar presentes, entre outros, os representantes do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos, dos Metalúrgicos, dos Têxteis, dos Trabalhadores em Carnes e Derivados, dos Bancários etc.

No próximo dia 6 estarão reunidos os membros da Comissão de Propaganda dos vários sindicatos do Pacto de Unidade, quando então será enviado a cada diretoria das entidades o programa de ação, inclusive a da designação da comissão de Greve, formada pelos principais sindicatos de São Paulo.⁸²

Após alguns anos de protestos, a fábrica Nitro Química sofreu muito para conter essas manifestações, mas a política e a força da polícia salvaram-na desse desastre. Os patrões se entenderam com os sindicalistas que logo se entenderam com os operários.

O capitalismo se torna cada vez mais forte e preciso perante a fragilidade e inconsciência do ser na realização dos seus atos e reflexões. O progresso intelectual se faz poder através da realização cultural de domínio e se transformando a cada dia.⁸³

O ex-funcionário Amauri da Cunha resumiu a força da propaganda ideológica e da política assistencialista da fábrica em sua observação sobre o passado vivido, com isso podemos perceber que ao mesmo tempo em que ele critica também sente saudades através da memória:

Ah! Deixou, a Nitro Química acabou com o pessoal, cê vê que a maior parte desse pessoal que saiu da Nitro não trabalha mais, não consegue emprego. Tão tudo parado esse pessoal mais velho. É, tudo acabou. Cê vê os meus filhos se formaram tudo aí na Nitro, no Senai. O meu filho mais velho, o terceiro. (...) Fizeram estágio, fizeram tudo, começaram a vida deles aí, então acabou com a vida de muita gente. A Nitro acabou, foi uma destruição, cê vê que não tem Senai, não tem berçário, não tem hospital, não tem mais nada, não existe mais

⁸¹ CANCELLI, Elizabeth. Ibidem p.129.

⁸² O Estado de São Paulo, 01 de outubro de 1957, p. 16.

⁸³ HOBBSBAWM, Eric J. *A Era do Capital 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p.77.

nada, não tem restaurante, não tem cooperativa, não tem nem mais clube, já vai demolir também.⁸⁴

A Nitro Química Brasileira é lembrada por muitos funcionários com carinho e saudades daquele tempo, ela representou a vida em funcionamento de muitos trabalhadores, justamente àqueles que construíram as suas no bairro de São Miguel Paulista.

O próprio Amauri resumiu bem o sentimento de muitos moradores ao dizer que não tem mais nada nos dias de hoje como tinha antes, realmente a partir do final da década de 50 em diante a fábrica passou por uma história não tão grandiosa como foi à construída até ali. Até hoje o bairro e seus moradores sofrem com as consequências do passado, mas o capitalismo conseguiu refazer-se constantemente com outras estratégias de poder sempre seduzindo novos trabalhadores ao contínuo caminho do Progresso.

O sonho de Horácio Láfer ao atravessar pelas ruas de São Miguel Paulista e observar o progresso nas casas novas que se espalharam, o movimento contínuo do bairro, o seu ritmo de atividades foi se acabando de acordo com o desenvolvimento da cidade, assim a oficina do progresso que tanto imaginou se desfez diante um bairro desestruturado que junto com os outros diretores da fábrica ajudou a construir.

⁸⁴ Depoimento de Amauri da Cunha concedida ao LabDoc – Unicsul.

Considerações Finais

Foram alguns anos de pesquisa para a construção deste trabalho, e somente após esse caminho é que conseguimos perceber o universo que é a história quando observadas as fontes e o seu conteúdo oferecido, com isso o que antes parecia pequeno e simples tornou-se algo gigantesco e com uma grande profundidade.

Aos poucos, as fontes foram se interligando umas com as outras como verdadeiras teias, se encorpando com a bibliografia e com isso criando um diálogo do conteúdo consigo mesmo, isso trouxe uma dimensão tão grande que acabou fazendo do pesquisador um simples aluno do próprio trabalho.

O que era uma simples cidade se tornou um verdadeiro palco de acontecimentos e relações diversas que trouxeram conseqüências múltiplas à construção de uma realidade vivenciada por todos no período e sentidas até os dias de hoje pelos atores sociais que na verdade representaram os agentes construtores da própria história.

Interessante foi perceber o progresso industrial e empresarial que criaram estratégias diversas para seduzir os novos trabalhadores migrantes ao sonho de prosperidade e de crescimento rápido, assim como foi propagada a imagem da cidade de São Paulo para todo o país.

A política para a sua própria sobrevivência acabou necessitando de fortes relações que envolveram sempre a satisfação dos seus objetivos próprios enquanto políticos para sobreviverem da reprodução do próprio poder. Não foi por menos que Horácio Láfer, um dos representantes da burguesia industrial e também empresário, sempre esteve grudado ao Governo Federal junto às leis e as suas reivindicações de empréstimos contínuos à produção fabril e ao reaparelhamento maquinário, ou seja, uma re-organização dos meios particulares com a utilização de fins públicos.

Os meios de comunicação foram essenciais para que essa divulgação ideológica se expandisse, para isso foram utilizadas imagens poderosas como a de Getúlio Vargas e a do “amigo” nordestino José Ermírio de Moraes para atrair novos trabalhadores ao caminho do sonho de enriquecimento fácil.

A modernidade que vinha sendo construída desde a década de 30 se fazia gradativamente pela tecnologia industrial, pela rapidez na produção, pela mão-de-obra especializada, por novos métodos educacionais e pedagógicos, tudo isso a fim de criar uma identidade local e nacional de trabalho à reprodução de sua própria cultura fabril operária passada de geração para geração.

A utilização do Nitro Jornal como um meio de comunicação interno entre os empregadores e os empregados na tentativa de tentar criar um “laço” familiar e não apenas um cotidiano hierárquico de ordens, horários e produção foi construído pelos diretores, além também de ter sido uma estratégia empresarial em tentar evitar custos dando informações contra os acidentes e outros danos institucionais, tentando assim através de diversas linguagens (escrita, iconográfica, charges, piadas...) trazer o trabalhador ao seu ideal de vivência e de ritmo de trabalho capitalista e civilizado.

Aos poucos, o bairro de São Miguel Paulista começou a crescer e a perder o seu formato agrário e estático de subsistência e tranquilidade de início de século para se apresentar como uma extensão territorial-suburbano do centro da cidade, uma posição muito diferente de muitos outros bairros que estavam ao seu redor. O progresso trouxe a indústria, a água encanada, o asfalto, o trem, o ônibus, as casas construídas de maneira desorganizada, trouxe uma nova realidade na vida de muitas pessoas que fugiram de um sofrimento para sonharem em progredir em outro. A necessidade trouxe-os ao caminho dos sonhos, como disseram os próprios entrevistados.

A geografia do local sentiu essas rápidas transformações, a começar pelo rio Tietê e a sua gradativa poluição pelos dejetos químicos jogados em suas águas. A especulação imobiliária foi um outro acontecimento no período que ficou marcada na memória de muitos moradores, principalmente quando descobriram que as casas construídas pela empresa já possuíam donos específicos.

A estratégia assistencialista como manutenção do poder fabril foi essencial em medicamentos, mantimentos e diversão em datas comemorativas como o Natal. A Igreja e o comércio sempre estiveram unidos à fábrica nesse sentido para que juntos mantivessem uma satisfação mínima dos desejos dos moradores e dos trabalhadores da região, foi uma verdadeira tentativa em tentar aculturar as necessidades culturais internas dos migrantes nordestinos e mineiros.

O padre Aleixo Monteiro Mafra teve uma participação fundamental no andamento dessas relações fábrica-Igreja-bairro com o Círculo Operário São Miguel objetivando o controle social para e permanência contínua da ordem social contra manifestações externas que pudessem colocar em risco a organização social criada.

A ideologia fabril também proporcionou alguns momentos de lazer, principalmente aos seus funcionários, com o Clube de Regatas Nitro Química, a Rainha da Primavera, o time de futebol, os campeonatos e suas choppadas, além das piscinas, almoços, enfim, meios

estratégicos criados para envolver as pessoas a sentirem-se unidos num ambiente familiar, além de segura-los no próprio local para a continuidade do serviço no dia seguinte.

Mas um confronto cultural foi construído e mantido durante todo esse tempo também, pois a Nitro Química representou um meio social civilizado e moderno, mas a maioria dos trabalhadores que viviam do lado de fora dos muros não gostavam muito desse ritmo de diversão, desta forma, os bailes foram trocados pelas cervejadas e noitadas no bar embalados pelo forró. As culturas, interna e externa dos muros da fábrica, começaram a dar sinais de diferenças em gosto e ritmos, isso também atingiu diretamente na produção industrial por não darem o mesmo valor na produção e rapidez da mercadoria produzida como muitos chefes e diretores davam e queriam.

Acidentes internos fizeram parte do cotidiano fabril com máquinas ultrapassadas, chefes irresponsáveis e sem o preparo adequado para tal função, funcionários acidentados por não saberem manejar os instrumentos, enfim, o diálogo cultural e valorativo dos mundos e suas mentalidades não estavam na mesma sintonia de trabalho.

As consequências foram sentidas pelos diretores da Nitro Química já na metade do ano de 1956 até a greve geral em São Paulo no segundo semestre de 1957, com a presença ideológica de movimentos sociais dos sindicalistas e socialistas, que com o decorrer da paralisação da produção acabou piorando a situação em alguns pontos, fazendo com isso a vinda da polícia e a sua cavalaria para trazer a ordem novamente com a utilização da violência na cidade e, lógico, São Miguel Paulista estava inclusa.

Com isso a ordem voltou a ser instalada, a maioria dos trabalhadores voltaram ao trabalho forçado e assalariado, mas a fábrica sentiu os efeitos das manifestações e da modernidade ao ter que aumentar o salário dos funcionários e a perder a sua mão-de-obra especializada para outras empresas do centro da cidade.

Enfim, São Miguel Paulista é um simples bairro localizado na Zona Leste da capital paulistana, mas traz dentro de si uma história viva e fácil de ser sentida através dos seus moradores que sorridentes contam e choram ao trazer para presente alguns fatos vivenciados no passado. Há 28 anos moro nesse local, mas somente hoje consegui perceber que não sabia praticamente nada sobre o chão em que pisava.

Fontes e Bibliografia

I. Fontes

A - Imprensa

a) Nitro Jornal

1953

JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Janeiro de 1953. Nº 1.

JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Fevereiro de 1953. Nº 2.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Março de 1953. Nº 3.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Abril de 1953. Nº 4.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Maio de 1953. Nº 5.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Junho de 1953. Nº 6.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Julho de 1953. Nº 7.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Agosto de 1953. Nº 8.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Setembro de 1953. Nº 9.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Outubro de 1953. Nº 10.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Novembro de 1953. Nº 11.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, Dezembro de 1953. Nº 12.

1954

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano II. São Paulo, Fevereiro de 1954. Nº14.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano II. São Paulo, Março de 1954. Nº15.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano II. São Paulo, Abril de 1954. Nº16.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano II. São Paulo, Maio de 1954. Nº17.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano II. São Paulo, Julho de 1954. Nº19.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano II. São Paulo, Agosto de 1954. Nº20.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano II. São Paulo, Outubro de 1954. Nº22.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano II. São Paulo, Novembro de 1954. Nº23.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano II. São Paulo, Dezembro de 1954. Nº24.

1955

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano III. São Paulo, Janeiro de 1955. Nº25.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano III. São Paulo, Fevereiro de 1955. Nº26.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano III. São Paulo, Março de 1955. Nº27.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano III. São Paulo, Abril de 1955. Nº28.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano III. São Paulo, Maio de 1955. Nº29.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano III. São Paulo, Junho de 1955. Nº30.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano III. São Paulo, Julho de 1955. Nº31.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano III. São Paulo, Agosto de 1955. Nº32.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano III. São Paulo, Setembro de 1955. Nº33.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano III. São Paulo, Outubro de 1955. Nº34.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano III. São Paulo, Novembro de 1955. Nº35.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano III. São Paulo, Dezembro de 1955. Nº36.

1956

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano IV. São Paulo, Janeiro de 1956. Nº37.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano IV. São Paulo, Fevereiro de 1956. Nº38.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano IV. São Paulo, Março de 1956. Nº39.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano IV. São Paulo, Abril de 1956. Nº40.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano IV. São Paulo, Maio e Junho de 1956. Nº41.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano IV. São Paulo, Julho e Agosto de 1956. Nº42.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano IV. São Paulo, Setembro de 1956. Nº43.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano IV. São Paulo, Outubro de 1956. Nº44.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano IV. São Paulo, Novembro de 1956. Nº45.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano IV. São Paulo, Dezembro de 1956. Nº46.

1957

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano V. São Paulo, Janeiro de 1957. Nº47.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano V. São Paulo, Fevereiro de 1957. Nº48.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano V. São Paulo, Março, Abril, Maio de 1957. Nº49.

NITRO JORNAL. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano V. São Paulo, Outubro de 1957. Nº51.

b) - Arquivo do Estado de São Paulo:

O Estado de São Paulo, 01 de janeiro de 1954

O Estado de São Paulo, 04 de janeiro de 1954

O Estado de São Paulo, 05 de janeiro de 1954

O Estado de São Paulo, 07 de janeiro de 1954

O Estado de São Paulo, 25 de janeiro de 1954

O Estado de São Paulo, 26 de janeiro de 1954

O Estado de São Paulo, 01 de janeiro de 1957

O Estado de São Paulo, 04 de janeiro de 1957

O Estado de São Paulo, 20 de janeiro de 1957

O Estado de São Paulo, 04 de outubro de 1957

B - Entrevistas

a) Laboratório de Documentação da Universidade Cruzeiro do Sul – LabDoc

Depoimento de Augusto Caldini concedida ao LabDoc – Unicsul.

Depoimento de Aloízio Vieira dos Santos concedida ao LabDoc – Unicsul.

Depoimento de Amauri da Cunha concedida ao LabDoc – Unicsul.

Depoimento de Cícero Antônio Pereira concedida ao LabDoc – Unicsul.

Depoimento de Elvira Souza de Alcântara concedida ao LabDoc – Unicsul.

Depoimento de Elizia Moreira Cardoso concedida ao LabDoc – Unicsul.

Depoimento de Ermenegildo dos Santos concedida ao LabDoc – Unicsul.

Depoimento de Francisco José Bizaco concedida ao LabDoc – Unicsul.

Depoimento de José Amaro Sobrinho concedida ao LabDoc – Unicsul.

Depoimento de Josué Pereira da Silva concedida ao LabDoc – Unicsul.
Depoimento de Júlio de Souza Nery concedida ao LabDoc – Unicsul.
Depoimento de Laís Haydeé Romano Assunção concedida ao LabDoc – Unicsul.
Depoimento de Luiz Gerônimo Ferreira concedida ao LabDoc – Unicsul.
Depoimento de Maria das Graças Cancian concedida ao LabDoc – Unicsul.
Depoimento de Maria Fernanda dos Santos Gomes concedida ao LabDoc – Unicsul.
Depoimento de Miguel Augusto concedida ao LabDoc – Unicsul.
Depoimento de Néelson Dias concedida ao LabDoc – Unicsul
Depoimento de Sebastião Adriano Mesquita concedida ao LabDoc – Unicsul.

b) Entrevistas feitas pelo autor

Entrevista concedida ao autor por Antônio Batista Neto em 14 de janeiro de 2008.
Entrevista concedida ao autor por Benedito Leone Nicodemus em 15 de janeiro de 2008
Entrevista concedida ao autor por Dionísio do Nascimento em 17 de janeiro de 2008.

II. Bibliografia

- ANTUNES, Ricardo. (Org.) *A Dialética do Trabalho: escritos de Marx e Engels*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- AVELINO, Yvone Dias e FLÓRIO, Marcelo (Orgs.) *Polifonias da Cidade*. São Paulo: D'Escrever Editora, 2009.
- AZEVEDO, Aroldo de. *Subúrbios Orientais de São Paulo*. Tese de concurso à cadeira de Geografia do Brasil (XXV^a) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1945.
- BETHELL, Leslie e IAN, Roxborough (Orgs.). *A América Latina: entre a Segunda Guerra mundial e a Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BOMTEMPI, Sylvio. *O Bairro de São Miguel Paulista*. São Paulo: Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, 1970. (Coleção História dos Bairros de São Paulo).
- _____. *Origens Históricas de São Miguel Paulista*. São Paulo: Unicsul, 2000.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, s.d.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos; 13).
- _____. *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez, 2007.
- _____. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. (Coleção História do Povo Brasileiro).
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A Política dos Outros. O cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo: brasiliense, 1984.
- CANCELLI, Elizabeth. *O Mundo da Violência: a polícia da era Vargas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.
- CARBONI, Florence e MAESTRI, Mario. *A Linguagem Escravizada: língua, história, poder e luta de classes*. São Paulo: Expressão Popular, 2003.
- CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CIDADE. Revista do Museu da Cidade de São Paulo. *Histórias e Memórias da Cidade de São Paulo no IV Centenário*. Departamento do Patrimônio Histórico/Secretaria Municipal de Cultura/Prefeitura do Município de São Paulo. Ano I. 1994. Nº1.

CUNHA, Célio da. *Educação e Autoritarismo no Estado Novo*. São Paulo: Cortez, 1989.

DECCA, Maria Auxiliadora Dias Guzzo. *A Vida Fora das Fábricas: cotidiano operário em São Paulo – 1927-1934*. Campinas, SP: Unicamp. Dissertação de Mestrado, 1983.

DE DECCA, Edgar. *1930: o silêncio dos vencidos. Memória, história e revolução*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

DEL PRIORE, Mary. *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.

DIAS, Romualdo. *Imagens de Ordem: a doutrina católica sobre autoridade no Brasil (1922-1933)*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. – (Prismas).

FAUSTO, Boris (Dir.). *O Brasil Republicano. 1. Estrutura de Poder e Economia (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____ (Dir.) *O Brasil Republicano. 3. Sociedade e Política (1930 – 1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____ (Dir.) *O Brasil Republicano. 4. Economia e Cultura (1930 – 1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____ *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

FARIAS, Damião Duque de. *Em Defesa da Ordem: aspectos da práxis conservadora católica no Meio Operário em São Paulo (1930-1945)*. São Paulo: HUCITEC, 1998.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. *Olhar Periférico*. São Paulo: Edusp, 1999.

FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Trabalhadores e Cidadãos. Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50*. São Paulo: Annablume, 1997.

_____. *Comunidade Operária, Migração Nordestina e Lutas Sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)*. Campinas: Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2002.

_____ *Migração Nordestina e Experiências Operárias. São Miguel Paulista nos anos 50*. In: *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

_____ e DUARTE, Adriano. *O Populismo Visto da Periferia: adhemarismo e janismo nos bairros da Mooca e São Miguel Paulista, 1947 – 1953*. Texto retirado da internet: <http://lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/vrp/fontes.pdf>

FONSECA, Pedro César Dutra. *Vargas: o capitalismo em construção*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

FRENCH, John D. *Afogados em Leis: a CLT e a cultura política dos trabalhadores brasileiros*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

FURTADO, Celso. *A Fantasia Organizada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. *Análise do Modelo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1982. (Coleção Perspectivas do Homem; Volume 92).

_____. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GARCIA, Nelson Jahr. *O que é propaganda ideológica*. São Paulo: Brasiliense, 1990. (Coleção primeiros passos; 77).

GIANNETTI, Eduardo. *Felicidade: diálogos sobre o bem-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GOMES, Ângela Maria de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

HOBBSBAWM, Eric J. *A Era dos Impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. *Era dos Extremos. O breve século XX 1914 – 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Mundos do Trabalho: novos estudos sobre História Operária*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOGGART, Richard. *As Utilizações da Cultura.1. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

IANNI, Octávio. *Estado e Planejamento Econômico no Brasil (1930-1970)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. (Coleção Retratos do Brasil; volume 83).

_____. *Estado e Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas: Papirus, 1986.

MAAR, Wolfgang Leo. *O que é política*. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos; 54).

MATOS, Maria Izilda de. *Trama e Poder: a trajetória e a polêmica em torno das indústrias de sacaria para o café*. Brasília: SESI-DN, 1994.

_____. *A Cidade Que Mais Cresce no Mundo*. In: *São Paulo: uma nova história*. São Paulo: CIEE. (Série Nossa História).

- _____. *Âncora de Emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades*. Bauru, SP: Edusc, 2005. (Coleção História).
- MARTINS, José de Souza. *O Poder do Atraso: ensaios de sociologia da história lenta*. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- MARX, Karl. O fetichismo da mercadoria: seu segredo. In: *O Capital: crítica da economia política. Livro1. O processo de produção capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s.d.
- MÉSZÁROS, István. *O Poder da Ideologia*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- MUNAKATA, Kazumi. *A Legislação no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1984 (Coleção Tudo é História; 32).
- NASCIMENTO, Benedicto Heloiz. *A Ordem Nacionalista Brasileira*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.
- ORTIZ, Renato. Memória e Sociedade. In: *A Moderna Tradição Brasileira. Cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- PERROT, Michele. *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. (Coleção Oficinas da História).
- PICCARDI, Tatiana. *A Construção do Sentido em Textos Empresariais Institucionais: confronto de vozes e ideologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, 1999. Mestrado em Letras.
- PINTO, Geraldo Augusto. *A Organização do Trabalho no Século 20: taylorismo, fordismo e toyotismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- PORTELLI, Alessandro. Sonhos Ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. In: *Projeto História*. Revista do programa de estudos pós-graduados em História e do departamento de História. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1993. Nº 10.
- _____. O Massacre de Civitella Val di Chiana. In: *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.
- _____. A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: *Tempo*. Revista do Departamento de História Federal Fluminense. Rio de Janeiro. Vol.I. nº2,1996.
- _____. Tentando Aprender um Pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: *Projeto História*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997. Nº15.

RAGO, Maria Aparecida de Paula. *A Práxis Política de José Ermírio de Moraes: nacionalismo sem nacionalistas*. Campinas, SP: Unicamp. Tese de Doutorado. 2004.

SALLES, Iraci Galvão. *A Política a Caminho da Civilização*. In: *Trabalho, Progresso e a Sociedade Civilizada*. São Paulo: Hucitec, 1986.

SILVA, Hélio. *1934 – A Constituinte. (O ciclo de Vargas – Volume VII)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. (Coleção Documentos da História Contemporânea).

SOUZA MARTINS, Heloísa Helena Teixeira de. *Igreja e Movimento Operário no ABC: 1954-1974*. São Paulo: HUCITEC; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1994.

STEIN, Leila de Menezes. *Trabalhismo, Círculos Operários e Política: a construção do sindicato de trabalhadores agrícolas no Brasil (1954 a 1964)*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008. (Coleção Trabalho e Contemporaneidade).

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

TOTA, Antonio Pedro. *A Locomotiva no Ar: rádio e modernidade em São Paulo 1924-1934*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/PW, 1990.

_____. *O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TORRES-LONDONÔ, Fernando. *Imaginária e Devoções no Catolicismo Brasileiro*. In: *Projeto História*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, 2000. nº 21.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *A Formação da Classe Operária Inglesa. I. A árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VARGAS, Getúlio. *A Nova Política do Brasil. V. O Estado Novo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

VIANA, Myrna Therezinha Rego. *São Miguel Paulista. O chão dos Desterrados. (Um estudo de migração e de urbanização)*. São Paulo. 1982. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

VIEIRA, Vera Lúcia. *Cooptação e Resistência: um estudo sobre o movimento dos trabalhadores em São Paulo, de 1945 a 1950*. São Paulo: Pontifícia Universidade de São Paulo, 1989. Dissertação de Mestrado.

WEFFORT, Francisco C. *Participação e Conflito Industrial: Contagem e Osasco*. São Paulo: CEBRAP, 1972. (Cadernos CEBRAP,5).

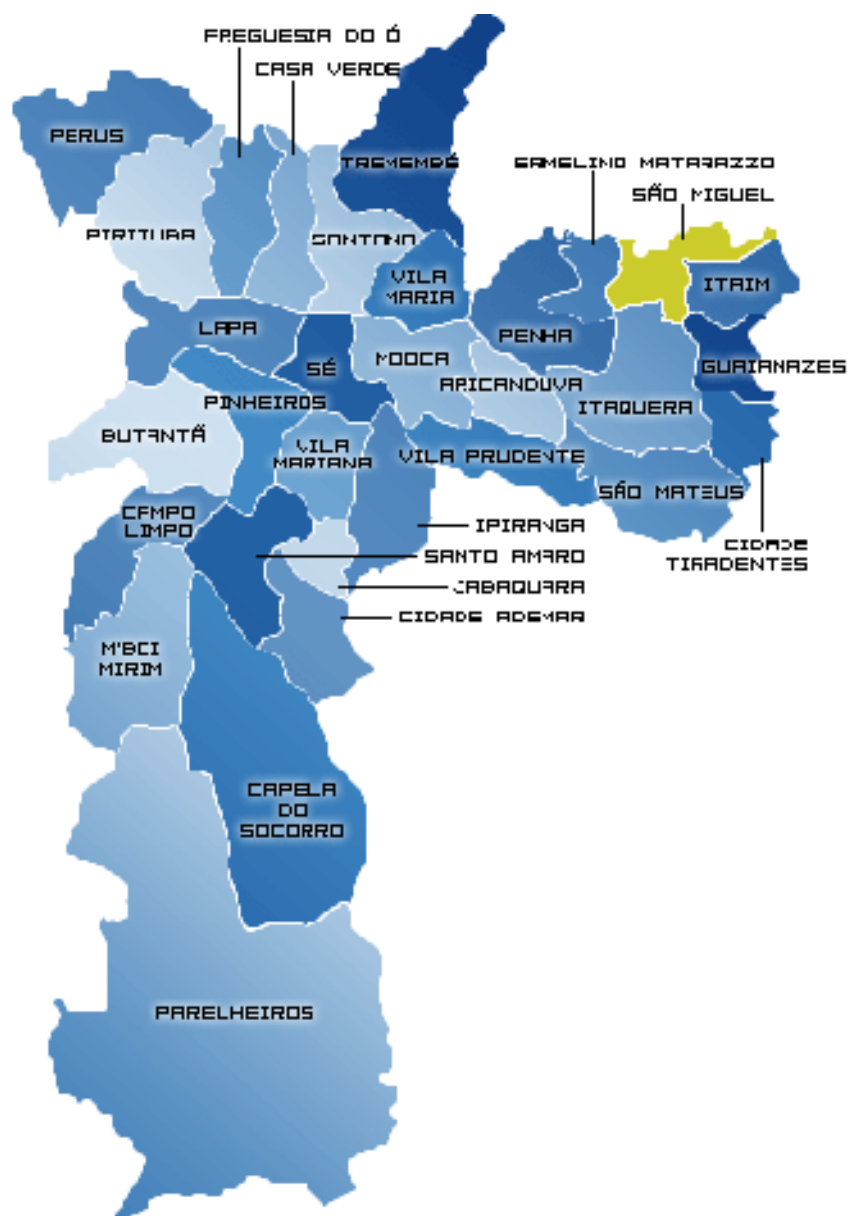
_____ *Classes Populares e Política (Contribuição ao estudo do “populismo”)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1968. Tese de doutorado.

ZAMPIERI, Wilson João e IMAMURA, Avelar Cezar. *Padre Aleixo Monteiro Mafra: o pastor de almas de São Miguel Paulista*. São Paulo: Universidade Cruzeiro do Sul, 2000.

ANEXOS

Mapa

Localização do bairro de São Miguel Paulista



Retirado de: www.mudancasbrasil.com.br/imagesmap_34.gif

NITRO JORNAL
Distribuição Integrada

MARK R. L. ALLEN, LONDON

See also 100-101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737, 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761, 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769, 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809, 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825, 826, 827, 828, 829, 830, 831, 832, 833, 834, 835, 836, 837, 838, 839, 840, 841, 842, 843, 844, 845, 846, 847, 848, 849, 850, 851, 852, 853, 854, 855, 856, 857, 858, 859, 860, 861, 862, 863, 864, 865, 866, 867, 868, 869, 870, 871, 872, 873, 874, 875, 876, 877, 878, 879, 880, 881, 882, 883, 884, 885, 886, 887, 888, 889, 890, 891, 892, 893, 894, 895, 896, 897, 898, 899, 900, 901, 902, 903, 904, 905, 906, 907, 908, 909, 910, 911, 912, 913, 914, 915, 916, 917, 91

250

2017年11月15日

H

Avante, Brasil

2000年12月29日

There are plenty of good reasons for developing a more complete understanding of the world's population. The world's population is growing rapidly, and the world's resources are being depleted. The world's population is also becoming more diverse, and the world's needs are becoming more complex. The world's population is also becoming more mobile, and the world's needs are becoming more complex. The world's population is also becoming more mobile, and the world's needs are becoming more complex.

It is true, as we have seen, that the *Journal of the American Medical Association* has been the most vocal of the medical journals in its opposition to the use of the word "gay" in the medical literature. But the *Journal* is not alone in this. Other medical journals, such as the *Annals of the New York Academy of Medicine*, the *Journal of the American Psychiatric Association*, and the *Journal of the American Geriatrics Society*, have also expressed their opposition to the use of the word "gay" in the medical literature. The *Journal of the American Medical Association* has been particularly vocal in its opposition to the use of the word "gay" in the medical literature. It has published numerous articles and editorials expressing its opposition to the use of the word "gay" in the medical literature. It has also published numerous letters to the editor expressing its opposition to the use of the word "gay" in the medical literature. The *Journal of the American Medical Association* has been particularly vocal in its opposition to the use of the word "gay" in the medical literature. It has published numerous articles and editorials expressing its opposition to the use of the word "gay" in the medical literature. It has also published numerous letters to the editor expressing its opposition to the use of the word "gay" in the medical literature.

Avante, Brasil



© 2004 Blackwell Publishing Ltd, *Journal of Internal Medicine* 255: 103–110

biochemical and physiological responses to the various 10-100% HF2010F, and examine the effects of HF2010F on the growth and physiological condition of the two grasshoppers. The objectives of the study are:

[illegible]

the first time in 1999, the number of people who have been convicted of a crime in the last 10 years has increased by 10% compared with the previous year. This is a significant increase, especially given the fact that the number of people who have been convicted of a crime in the last 10 years has been declining since 1990. The increase in convictions is likely due to a number of factors, including a decline in the number of people who are released on parole, a decline in the number of people who are released on probation, and a decline in the number of people who are released on bail. The increase in convictions is also likely due to a decline in the number of people who are released on parole, a decline in the number of people who are released on probation, and a decline in the number of people who are released on bail.

The white, fluffy, low-lying clouds are 100% cotton wool, and the fluffy white, low-lying clouds are 100% cotton wool. The white, fluffy, low-lying clouds are 100% cotton wool, and the fluffy white, low-lying clouds are 100% cotton wool.

U.S.

1. NAME OF THE PARTY

2.2.2)

mas não destruiu a unidade, ali
/ e ali, dentro representamos
nosso. Toda vez que alguém,
há de, não se sente mais
e continua não, mas não

Dono de uma casa em Waco, no Texas, onde vive com sua esposa e dois filhos, ele também é presidente do Conselho Administrativo Nacional do Conselho Nacional de Defesa e da Associação Nacional de Defesa. É também presidente do Conselho Nacional de Defesa e da Associação Nacional de Defesa. É também presidente do Conselho Nacional de Defesa e da Associação Nacional de Defesa.



Hauptstadt: Berlin
Landeshauptstadt: Bonn

NITRO JORNAL

Distúrbio INTEGRA



INDÚSTRIA NITRO AGRIKOL, PAULISTA

EDITORAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

ANO IV

N.º 100 - 1.º de Maio de 1950

P. 12

CONJUNTURA ECONÔMICA-SOCIAL DO BRASIL

Adolfo L. Gomes

A conjuntura econômica e social do Brasil, no período de 1945 a 1950, foi marcada por uma série de fatores que influenciaram profundamente a vida econômica e social do país.

Entre os principais fatores, destacamos a inflação, a escassez de produtos básicos, a instabilidade política e a intervenção do Estado na economia.

Esses fatores, combinados, geraram uma situação de crise econômica e social, que se refletiu em todos os setores da vida nacional.

No entanto, apesar das dificuldades, houve um crescimento econômico significativo, especialmente no setor industrial, o que abriu perspectivas para o futuro.

Assim, a conjuntura econômica e social do Brasil, no período de 1945 a 1950, foi caracterizada por uma transição de uma situação de crise para uma situação de desenvolvimento econômico e social.

Essa transição foi possível graças à intervenção do Estado na economia, que permitiu a implementação de políticas econômicas e sociais que favoreceram o crescimento do país.

Portanto, a conjuntura econômica e social do Brasil, no período de 1945 a 1950, foi marcada por uma série de fatores que influenciaram profundamente a vida econômica e social do país.

Esses fatores, combinados, geraram uma situação de crise econômica e social, que se refletiu em todos os setores da vida nacional.

Entre os principais fatores, destacamos a inflação, a escassez de produtos básicos, a instabilidade política e a intervenção do Estado na economia.

Esses fatores, combinados, geraram uma situação de crise econômica e social, que se refletiu em todos os setores da vida nacional.

No entanto, apesar das dificuldades, houve um crescimento econômico significativo, especialmente no setor industrial, o que abriu perspectivas para o futuro.

Assim, a conjuntura econômica e social do Brasil, no período de 1945 a 1950, foi caracterizada por uma transição de uma situação de crise para uma situação de desenvolvimento econômico e social.

Essa transição foi possível graças à intervenção do Estado na economia, que permitiu a implementação de políticas econômicas e sociais que favoreceram o crescimento do país.

Portanto, a conjuntura econômica e social do Brasil, no período de 1945 a 1950, foi marcada por uma série de fatores que influenciaram profundamente a vida econômica e social do país.

Esses fatores, combinados, geraram uma situação de crise econômica e social, que se refletiu em todos os setores da vida nacional.

Entre os principais fatores, destacamos a inflação, a escassez de produtos básicos, a instabilidade política e a intervenção do Estado na economia.

Esses fatores, combinados, geraram uma situação de crise econômica e social, que se refletiu em todos os setores da vida nacional.

No entanto, apesar das dificuldades, houve um crescimento econômico significativo, especialmente no setor industrial, o que abriu perspectivas para o futuro.

Assim, a conjuntura econômica e social do Brasil, no período de 1945 a 1950, foi caracterizada por uma transição de uma situação de crise para uma situação de desenvolvimento econômico e social.

Essa transição foi possível graças à intervenção do Estado na economia, que permitiu a implementação de políticas econômicas e sociais que favoreceram o crescimento do país.

Portanto, a conjuntura econômica e social do Brasil, no período de 1945 a 1950, foi marcada por uma série de fatores que influenciaram profundamente a vida econômica e social do país.

Esses fatores, combinados, geraram uma situação de crise econômica e social, que se refletiu em todos os setores da vida nacional.

Esses fatores, combinados, geraram uma situação de crise econômica e social, que se refletiu em todos os setores da vida nacional.

Entre os principais fatores, destacamos a inflação, a escassez de produtos básicos, a instabilidade política e a intervenção do Estado na economia.

Esses fatores, combinados, geraram uma situação de crise econômica e social, que se refletiu em todos os setores da vida nacional.

No entanto, apesar das dificuldades, houve um crescimento econômico significativo, especialmente no setor industrial, o que abriu perspectivas para o futuro.

Assim, a conjuntura econômica e social do Brasil, no período de 1945 a 1950, foi caracterizada por uma transição de uma situação de crise para uma situação de desenvolvimento econômico e social.

Essa transição foi possível graças à intervenção do Estado na economia, que permitiu a implementação de políticas econômicas e sociais que favoreceram o crescimento do país.

Portanto, a conjuntura econômica e social do Brasil, no período de 1945 a 1950, foi marcada por uma série de fatores que influenciaram profundamente a vida econômica e social do país.

Esses fatores, combinados, geraram uma situação de crise econômica e social, que se refletiu em todos os setores da vida nacional.

Esses fatores, combinados, geraram uma situação de crise econômica e social, que se refletiu em todos os setores da vida nacional.

Esses fatores, combinados, geraram uma situação de crise econômica e social, que se refletiu em todos os setores da vida nacional.

Esses fatores, combinados, geraram uma situação de crise econômica e social, que se refletiu em todos os setores da vida nacional.

Esses fatores, combinados, geraram uma situação de crise econômica e social, que se refletiu em todos os setores da vida nacional.

Esses fatores, combinados, geraram uma situação de crise econômica e social, que se refletiu em todos os setores da vida nacional.

Esses fatores, combinados, geraram uma situação de crise econômica e social, que se refletiu em todos os setores da vida nacional.

Esses fatores, combinados, geraram uma situação de crise econômica e social, que se refletiu em todos os setores da vida nacional.

Esses fatores, combinados, geraram uma situação de crise econômica e social, que se refletiu em todos os setores da vida nacional.

Esses fatores, combinados, geraram uma situação de crise econômica e social, que se refletiu em todos os setores da vida nacional.

Esses fatores, combinados, geraram uma situação de crise econômica e social, que se refletiu em todos os setores da vida nacional.

Esses fatores, combinados, geraram uma situação de crise econômica e social, que se refletiu em todos os setores da vida nacional.

Esses fatores, combinados, geraram uma situação de crise econômica e social, que se refletiu em todos os setores da vida nacional.

Esses fatores, combinados, geraram uma situação de crise econômica e social, que se refletiu em todos os setores da vida nacional.

Esses fatores, combinados, geraram uma situação de crise econômica e social, que se refletiu em todos os setores da vida nacional.

Esses fatores, combinados, geraram uma situação de crise econômica e social, que se refletiu em todos os setores da vida nacional.

PAGINA



CIRCULISTA

FUNDADO EM 1946

Formatura no Circulo Operário de S. Miguel

Grande entusiasmo marcou esta noite, a que se realizou a formatura dos alunos do curso de formação de líderes sindicais, promovido pelo Circulo Operário de S. Miguel.



O Sr. Antônio Desiderio, Presidente da Federação dos Indústrias, recebendo os diplomas.

Realizada em 1946, a noite de formatura dos alunos do curso de formação de líderes sindicais, promovido pelo Circulo Operário de S. Miguel, contou com a presença de representantes de diversas entidades sindicais, além de autoridades locais. O curso, que teve duração de seis meses, foi ministrado por professores experientes e contou com a participação ativa dos alunos. A formatura foi presidida pelo Sr. Antônio Desiderio, Presidente da Federação dos Indústrias, que entregou os diplomas aos formandos.

A noite foi marcada por um grande entusiasmo, com a presença de muitos convidados. O curso de formação de líderes sindicais, promovido pelo Circulo Operário de S. Miguel, teve como objetivo preparar os alunos para a atuação em cargos de liderança nas entidades sindicais. Durante o curso, os alunos receberam aulas teóricas e práticas, além de participar de atividades de grupo. A formatura foi um momento importante para os formandos, que receberam seus diplomas e se tornaram líderes sindicais.

Uma das principais atividades do curso foi a elaboração de um plano de trabalho para o ano de 1946. Este plano, que foi discutido e aprovado pelos alunos, prevê a realização de diversas atividades, incluindo a organização de reuniões, a realização de campanhas e a participação em eventos sindicais. O plano também prevê a criação de comissões de trabalho, com o objetivo de melhorar a atuação das entidades sindicais.

A noite de formatura foi marcada por um grande entusiasmo, com a presença de muitos convidados. O curso de formação de líderes sindicais, promovido pelo Circulo Operário de S. Miguel, teve como objetivo preparar os alunos para a atuação em cargos de liderança nas entidades sindicais. Durante o curso, os alunos receberam aulas teóricas e práticas, além de participar de atividades de grupo. A formatura foi um momento importante para os formandos, que receberam seus diplomas e se tornaram líderes sindicais.



A noite que precedeu a formatura, quando foram entregues os diplomas aos formandos, no Salão Parquet de S. Miguel.

Uma das principais atividades do curso foi a elaboração de um plano de trabalho para o ano de 1946. Este plano, que foi discutido e aprovado pelos alunos, prevê a realização de diversas atividades, incluindo a organização de reuniões, a realização de campanhas e a participação em eventos sindicais. O plano também prevê a criação de comissões de trabalho, com o objetivo de melhorar a atuação das entidades sindicais.

A noite de formatura foi marcada por um grande entusiasmo, com a presença de muitos convidados. O curso de formação de líderes sindicais, promovido pelo Circulo Operário de S. Miguel, teve como objetivo preparar os alunos para a atuação em cargos de liderança nas entidades sindicais. Durante o curso, os alunos receberam aulas teóricas e práticas, além de participar de atividades de grupo. A formatura foi um momento importante para os formandos, que receberam seus diplomas e se tornaram líderes sindicais.



A noite que precedeu a formatura, quando foram entregues os diplomas aos formandos, no Salão Parquet de S. Miguel.



Rilsan Brasileira S. A.

Notas sociais

Anticorrupção de mãos de fiscal

1. José Carlos...
2. José Carlos...
3. José Carlos...
4. José Carlos...
5. José Carlos...
6. José Carlos...
7. José Carlos...
8. José Carlos...
9. José Carlos...
10. José Carlos...
11. José Carlos...
12. José Carlos...
13. José Carlos...
14. José Carlos...
15. José Carlos...
16. José Carlos...
17. José Carlos...
18. José Carlos...
19. José Carlos...
20. José Carlos...
21. José Carlos...
22. José Carlos...
23. José Carlos...
24. José Carlos...
25. José Carlos...
26. José Carlos...
27. José Carlos...
28. José Carlos...
29. José Carlos...
30. José Carlos...
31. José Carlos...
32. José Carlos...
33. José Carlos...
34. José Carlos...
35. José Carlos...
36. José Carlos...
37. José Carlos...
38. José Carlos...
39. José Carlos...
40. José Carlos...
41. José Carlos...
42. José Carlos...
43. José Carlos...
44. José Carlos...
45. José Carlos...
46. José Carlos...
47. José Carlos...
48. José Carlos...
49. José Carlos...
50. José Carlos...
51. José Carlos...
52. José Carlos...
53. José Carlos...
54. José Carlos...
55. José Carlos...
56. José Carlos...
57. José Carlos...
58. José Carlos...
59. José Carlos...
60. José Carlos...
61. José Carlos...
62. José Carlos...
63. José Carlos...
64. José Carlos...
65. José Carlos...
66. José Carlos...
67. José Carlos...
68. José Carlos...
69. José Carlos...
70. José Carlos...
71. José Carlos...
72. José Carlos...
73. José Carlos...
74. José Carlos...
75. José Carlos...
76. José Carlos...
77. José Carlos...
78. José Carlos...
79. José Carlos...
80. José Carlos...
81. José Carlos...
82. José Carlos...
83. José Carlos...
84. José Carlos...
85. José Carlos...
86. José Carlos...
87. José Carlos...
88. José Carlos...
89. José Carlos...
90. José Carlos...
91. José Carlos...
92. José Carlos...
93. José Carlos...
94. José Carlos...
95. José Carlos...
96. José Carlos...
97. José Carlos...
98. José Carlos...
99. José Carlos...
100. José Carlos...

"Clube dos Harbinger"

Trabalho de mãos unidas para vencer que não desistam, mas que desafiam seus desafios, no entanto, alguns desafios são...

Com o mesmo espírito de...



União que em Brasília, teve...

Plano de trabalho...

Até que chegou...

SE VOCÊ TIVER QUE MANTER TRES LAMPADAS ACESSAS, PODEE REMEDIAR COM APENAS UMA, ECONOMIZANDO ENERGIA, AGORA PARE O SEU PLANO DE...

REPORTES NA RILSAN

REPORTES

Uma das principais...

Uma das principais...

Uma das principais...

Uma das principais...

Uma das principais...

Uma das principais...

Uma das principais...

Uma das principais...

Uma das principais...

Uma das principais...

Uma das principais...

Conteúdo julgadora dos julgadores

Na última sessão...

Após a sessão...

Como a sessão...



Comissão de...